

MARIE JEANNE BRALLION CALASANS

**AS REPRESENTAÇÕES DE HENRI DOUBLIER NO TEATRO
MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**



2010000410

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Artes

Orientador: Prof. Dr. Reynuncio Napoleão de Lima

São Paulo
2000

T/UNESP
792.09
C143e

Acompanha
CD2767



DADOS PESSOAIS

Nome: _____

Matrícula: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Assinatura do(a) _____

Assinatura do(a) _____

BANCA EXAMINADORA

1) _____

2) _____

3) _____

DADOS PESSOAIS

MARIE JEANNE BRALLION CALASANS

Naturalidade: Paris, França, naturalizada brasileira.

Formação: *Cours Supérieur de Langue et Littérature Française*, Universidade de Nancy.

Complementação Pedagógica, Faculdade Oswaldo Cruz.

Curso de Pedagogia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Machado.

Pós-Graduação em Artes. Nível Mestrado.

Área de Concentração: Artes Visuais.

Linha de Pesquisa: Elementos de Identidade das Artes Visuais no Brasil.

Instituto de Artes.

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho".



Portrait

Ce qui m'étonne toujours, c'est la limpidité de son front et la clairvoyance de son regard, parfois aux yeux clairs, bleutés, tirant sur les chemises qu'il aime porter dans les bleus, à carreaux ou à rayures.

Ses cheveux argentés, naturellement gonflés, accompagnent les contours de la tête et de légers favoris annoncent des oreilles bien accrochées, comme des coquillages aux rochers. Le menton volontaire est surmonté d'une bouche toujours disposée au sourire, et les coins, malgré l'âge, tendent à se relever, signe de vitalité. Pendant dix ans, pas de moustaches! A

présent, celles-ci, poivrées, bien fournies, lui donnent un air plus compénétré... Le nez, bien dessiné, est volontaire et exprime le flair que cet artiste a toujours eu le long de sa vie. Mais, revenons au regard. Il illumine le visage. Il est chargé de bonté et d'intérêt envers son interlocuteur et aussi pour ce qui l'entoure. On se sent vraiment contemplé, compris... Il y a dans ce regard toutes les choses que la voix ne peut exprimer (ou avec difficulté en raison de la maladie). Ce regard questionne, explique, raconte, caresse... C'est le grand atout de Henri Doublier et il le sait!

*Ce travail est dédié à Henri Doublier et son fidèle ami, Roger Cotte.
Marie Jeanne B. Calasans, 2000.*

Retrato

O que sempre me surpreende é a limpidez de sua fronte e a acuidade de seu olhar, por vezes límpido, azulado, estimulado pelas camisas xadrez ou listadas, puxando no azul, que ele aprecia. Seus cabelos prateados, naturalmente ajeitados, acompanham os contornos da cabeça e leves costeletas anunciam orelhas bem fixadas, tais quais conchas nos rochedos. Acima do queixo uma boca sempre disposta ao sorriso e os cantos, apesar da idade, tendem a se erguer, símbolo de vitalidade. No decorrer de dez anos, sem bigodes! Agora, acinzentados, densos, dão-lhe um semblante compenetrado... O nariz bem traçado é requintado e revela um fôro que o artista sempre teve ao longo de sua vida. Contudo, voltemos ao olhar. Este ilumina o semblante e está impregnado de bondade e de simpatia para com o seu interlocutor e aquilo que o envolve. A pessoa a quem ele olha sente-se realmente contemplada e compreendida... Existe nesse olhar tudo o que a voz deixa de expressar em consequência da doença. Este olhar questiona, relata, afaga.... Isto é o trunfo de Henri Doublier e ele sabe disso. (trad. da autora) . Eu dedico esse trabalho a Henri Doublier e seu fiel amigo, Roger Cotte. Marie Jeanne B. Calasans, 2000.

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de pesquisa não se faz sozinha..... Meu carinho e reconhecimento a todos que ajudaram...favoreceram o meu caminho....

França Albert Lance, André Falcon, Bernard Demigny, Bibliothèque de l'Arsenal, Bibliothèque de l'Opéra de Paris, Carole Weisweiler, Cécile Demay, Elisabeth J. Monnédière, Guy Etiévent, Henri Claudel, Henri Doublier, Henri Murgier, Jacques Pernoo, Jean Laforge, Laurent Terzief, Louis Fournier, Madame Chamousset, Madeleine Milhaud, Maria d'Apparecida, Marie R. Carlié, Médiathèque de Chambéry, Mireille Védrine, Pascale de Boisson.

Rio de Janeiro Cléofe P. de Mattos, Dante Viggiani, Dias Gomes, Jocy de Oliveira, Maria A. Fraga, Maria Luíza Andrade, Orlando Miranda, Osmar Ferreira (i.m.).

São Paulo Meus professores Prof. Dr. Antonio M. dos Santos Silva, Prof. Dr. Vilmo G. Melo, Profa. Dra. Dirce T. Ceribeli, Profa. Dra. Neide A.M. de Faria, Profa. Dra. Urquiza M. Borges, Profa. Dra. Yolanda L. dos Santos. *Meus amigos e colegas* Ana Maria Rodrigues, Ana Paula e Juraci (biblioteca IA/UNESP), Antonio Takao, Cleuza Baruffaldi, Elisa Rocha, Giacomo Bartoloni, Helena Machosvili, Irineu Bastos, Prof. Dr. José Viegas, Lina Noronha, Lurdes Garcés, Magda Sadalla, Rosângela Canassa, Prof. Dr. Roger Cotte (i.m.), Valdo Rezende.

Um agradecimento especial e profundo ao meu orientador Prof. Dr. Reynuncio Napoleão de Lima e às Profas. Dras. Claudete Ribeiro, Maria de Lourdes Sekeff Zampranha, Maria Trench Fonterrada, e ao Prof. Dr. José de Almeida Prado.

A minha família pelo estímulo e principalmente ao meu esposo Pedro Henrique Calasans que sempre me apoiou em todos os momentos.

*Et ne jamais oublier que la Tragédie c'est du Théâtre.
C'est à dire, une convention toujours nouvelle à créer.
Et jamais d'artifice, bien sûr, mais si possible de l'art toujours...*

Henri Doublier, Provins, 1967.

E nunca esquecer que a Tragédia é Teatro. Isto é, uma convenção sempre nova a ser criada. E nunca artifício, com certeza, porém, se possível arte sempre... Henri Doublier, Provins, 1967. (trad. da autora)



SUMÁRIO

Lista de fotos

8

Lista de programas

Programa de abertura

13

Programa de encerramento

30

Introdução

31

Programa de abertura de 1961 e 1962 com informações e notícias para o público

32

A inauguração de Henri L. Gagne

33

Programa de abertura de 1963 e 1964 com informações e notícias para o público

34

Programa de abertura de 1965 e 1966 com informações e notícias para o público

35

Programa de abertura de 1967 e 1968 com informações e notícias para o público

36

Programa de abertura de 1969

37

Programa de abertura de 1970 e 1971 com informações e notícias para o público

38

Programa de abertura de 1972 e 1973 com informações e notícias para o público

39

Programa de abertura de 1974 e 1975 com informações e notícias para o público

40

Programa de abertura de 1976 e 1977 com informações e notícias para o público

41

Programa de abertura de 1978 e 1979 com informações e notícias para o público

42

Programa de abertura de 1980 e 1981 com informações e notícias para o público

43



Lista de fotos
Lista de programas

SUMÁRIO

Lista de fotos	9
Lista de programas	
Resumo/Abstract/Résumé	13
Apresentação	16
Introdução	23
O teatro francês de 1900 à 1950 e as influências recebidas pelo artista	26
A formação de Henri Doublier	38
As atividades artísticas na França e no exterior	41
<i>Opéra de Paris</i> , turnês na Europa e na África do Norte, Henri Doublier diretor de festivais Henri Doublier na <i>Opéra Comique</i> de Paris	
As encenações no Brasil	70
Apresentações de obras líricas inéditas sob a forma de concerto no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: <i>Jeanne au bûcher</i> , <i>Le roi David</i> , <i>La danse des</i> <i>morts</i> , <i>Les Choéphores</i> , <i>Villegagnon</i> , <i>Thérèse l'amour de Dieu</i> Encenações de obras líricas inéditas (<i>Saison Lyrique Française</i>) no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: <i>Le martyr de Saint Sébastien</i> , <i>Dialogues des</i> <i>carmélites</i> , <i>Jeanne au bûcher</i> , <i>Le fou</i> , <i>Saint Louis, roi de France</i> Encenações de obras líricas já apresentadas no Brasil (<i>Saison Lyrique</i> <i>Française</i>) no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: <i>Carmen</i> , <i>Manon</i> , <i>Faust</i> , <i>Werther</i> , <i>La damnation de Faust</i> <i>Recital Baudelaire</i> em turnê pelo Brasil <i>O avaro</i> , de Molière no Teatro Princesa Isabel do Rio de Janeiro	
As apresentações de autores brasileiros por Henri Doublier no exterior	169
<i>Recital Manuel Bandeira</i> Apresentação de <i>Jef à l'âne ou la parole donnée</i> (<i>O pagador de promessas</i>) de Dias Gomes	
Conclusão	183
Referências bibliográficas	186
Bibliografia geral	193

Anexos

202

Entrevistas

Depoimentos

Levantamento da presença francesa no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1914-1990)

Levantamento da discografia e gravações de Henri Doublier

Levantamento das participações em oratórios ou direções ou obras de Henri Doublier na América do Sul

Condecorações de Henri Doublier

Lista de faixas do C.D.



LISTA DE FOTOS

1. *Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Anos 60.p.24.
2. Encenação de *Pélleas et Mélisande* no *Opéra Comique* em Paris. 1962.p.34.
3. Encenação de *Renaud et Armide* nas ruínas de Baalbeck, no Líbano. 1962.p.36.
4. Encenação de *Le jeu de l'amour et du hasard*. Anos 50.p.43.
5. Henri Doublier e colaborador preparando espetáculo para o *Festival International du Théâtre Religieux*, em Annecy. Anos 60.p.48
6. Encenação de *Les Choéphores* no *Festival de Provins*, na França, com Laurent Terzieff e Pascale de Boisson. 1967.p.50.
7. Apresentação de *Villegagnon* na *Collégiale Saint-André* em Chartres com Henri Doublier, Cécile Demay e José de Almeida Prado. 1971.p.52.
8. José Almeida Prado e Victoria Kerbauy, a soprano especializada nas obras do compositor.
Marie Jeanne Calasans e o compositor. As duas fotos em ocasião do concerto de José Almeida Prado com Lelo Nazário interpretando *Cartas Celestes*, de Almeida Prado, no Espaço Cultural Banco Itaú, São Paulo, 11/06/2000.p.95
9. Chegada ao Rio de Janeiro de Henri Doublier (diretor), Georges Wakhevitch (Cenógrafo) e Jeanne Renucci (figurinista). Anos 60.p.98
10. Cenário de Georges Wakhevitch para *O martírio de São Sebastião*. 1965.p.102.



11. Cena final de *O martírio de São Sebastião* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.p.105.
12. Cena final de *Os diálogos das carmelitas* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965. p.111.
13. Encenação de *Jeanne au bûcher* com cenários de Felix Labisse no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1967.p.115.
14. Cenário de Georges Wakhevitch de *Le fou* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1973. p.121.
15. Darius Milhaud e Henri Doublier, na França. 1972.p.126.
16. Encenação de *Saint Louis roi de France* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.1972.p.128.
17. Encenação de *Saint Louis roi de France* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1972.p.131.
18. Cenário de Georges Wakhevitch para *Carmen* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.p.136.
19. Maria d'Apparecida e André Turp em *Carmen* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.p.139.
20. Encenação de *Faust* com Albert Lance (Fausto) e Suzanne Sarroca (Margarida) no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1967.p.147.



21. *Recital Baudelaire. Les fleurs du mal* no *Festival des Jeux de Théâtre de Sarlat*, na França, com Henri Doublier e Marpesa Dawn. 1972.p.157.
22. Encenação de *O avaro*, no Teatro Princesa Isabel, com Procópio Ferreira. 1969.p.167.
23. *Recital Manuel Bandeira* no *Festival de Provins*, na França, com Henri Doublier, Cécile Demay, Michel Simon e Maria d'Apparecida. 1967.p.171.
24. Cartaz de *Jef à l'âne ou la parole donnée (O pagador de promessas)* apresentado pelo *Théâtre de L'Imagerie* no Centro Cultural Francês de Brazzaville no Congo. 1995.p.176.
25. Henri Doublier, Eduardo Escalante, Dias Gomes e a autora deste trabalho, festejando o término da ópera *O pagador de promessas*. 1992.p.182.
Eduardo Escalante, Marie Jeanne Calasans, Samuel Kerr reunidos. Ajustes para a ópera *O pagador de promessas*. 25/08/2000.p.182.
26. *Maison Henri Doublier*, em Annecy. Doublier com Henri Murgier, diretor do *Centre de Pratique Musicale d'Annecy*. Classe de violão. Sala de Artes Cênicas. Junho 2000.p.185.

LISTA DE PROGRAMAS

1. *Jeanne d'Arc au bûcher*, 1961. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.74.
2. *Le roi David*, 1962. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.77.
3. *La danse des morts*, 1964. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.79.
4. *Villegagnon ou les Isles Fortunées*, 1973. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.81.
5. *Thérèse l'amour de Dieu*. 1975. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.90.
6. *O martírio de São Sebastião*.1965. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.100.
7. *Diálogo das carmelitas*, 1965. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.109.
8. *Jeanne d'Arc au bûcher*, 1967. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.113.
9. *Le fou*, 1970. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.118.
10. *Saint Louis roi de France*, 1972. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.124.
11. *Manon*, 1971. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.142.
12. *Fausto*, 1967. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.p.145.
13. *Recital Baudelaire. Les fleurs du mal*, 1968. Teatro Princesa Isabel.p.162.
14. *O avaro*, 1969. Teatro Princesa Isabel.p.164.
15. *Recital Manuel Bandeira*, 1967. Provins, França.p.169.



O presente trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de modernização da agricultura brasileira, com ênfase no setor da cana-de-açúcar. Para isso, foram coletados dados secundários de fontes confiáveis, como livros, artigos científicos e documentos oficiais. A metodologia utilizada foi a análise documental e estatística descritiva. Os resultados indicam que a modernização da agricultura brasileira ocorreu de forma gradual e desigual, com avanços significativos em algumas regiões e setores, mas com grandes desigualdades em outras. A conclusão é que a modernização da agricultura brasileira é um processo complexo e multifacetado, que envolve a interação de diversos fatores, como tecnologia, capital humano e infraestrutura.



RESUMO

Nossa pesquisa versa sobre Henri Doublier, encenador, cenógrafo, ator e autor, eminente artista dos anos 50/70 na Europa e no Brasil. Dirigiu a *Temporada Lírica Francesa* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro entre 1960 e 1973. Acompanhado de Jacques Pernoo (regente), de Georges Wakhevitch e de Félix Labisse (ambos cenógrafos), dos cantores da Ópera de Paris, trabalhava também em parceria com os músicos, cantores e atores brasileiros. Apresentou ao público carioca obras inéditas (no Brasil) do teatro lírico francês, entre elas, *La danse des morts*, *Les choéphores*, *Le martyre de Saint Sébastien*, *Dialogues des carmélites*, *Le fou*, *Saint Louis roi de France* e várias outras óperas consagradas do repertório francês. Por outro lado, Henri Doublier apresentou autores brasileiros no exterior: Manuel Bandeira, em recital poético-musical em 1967 e Dias Gomes, traduzindo para o francês e divulgando *O pagador de promessas* em versão radiofônica em 1973, e em forma teatral em 1975. Como autor trabalhou com o compositor brasileiro José de Almeida Prado na criação de dois oratórios: *Villegagnon ou les Isles Fortunées*, em 1971, e *Thérèse l'amour de Dieu*, em 1973 e também com Darius Milhaud na ópera oratório *Saint Louis roi de France*, em 1972. Dirigiu o ator Procópio Ferreira em *O avaro*, no Teatro Princesa Isabel no Rio de Janeiro, em 1969. Pareceu-nos relevante salvar do esquecimento essa experiência de intercâmbio França/Brasil, assim como a obra significativa deste artista.¹

¹ Palavras chaves: intercâmbio cultural França/Brasil, direção teatral, teatro lírico francês, ópera, encenação.
Área de Conhecimento: 8030500-8 (Teatro) Sub-área: 8030502-4 (Direção Teatral)



ABSTRACT

Our research is about Henri Doublier, producer, stage director, actor and author, a well-known actor in Brazil and Europe, from the fifties/seventies. He directed the *Temporada Lírica Francesa* at the Municipal Theater of Rio de Janeiro between 1960/1973. Accompanied by Jacques Pernoo (regent), Georges Wakhevitch and Félix Labisse (both stage directors), by singers of the *Opéra de Paris*, he also worked together with musicians, singers and Brazilian actors. He presented to the public in Rio de Janeiro original works from the French lyric theater, among which, *La danse des morts*, *Les Choéphores*, *Le martyr de Saint Sébastien*, *Dialogues des carmélites*, *Le fou*, *Saint Louis roi de France* and many other operas from the French repertoire. Henri Doublier also presented Brazilian authors abroad: Manuel Bandeira – in a poetical and musical recital in 1967 – and Dias Gomes, translating into French and turning it well known, *O Pagador de Promessas* in a radio and theater version in 1973 and 1975. As an author, he worked with the Brazilian composer José de Almeida Prado, creating two oratorios: *Villegagnon ou les Isles Fortunées*, in 1971, and *Thérèse l'amour de Dieu*, in 1973. He also worked with Darius Milhaud in the opera oratorio *Saint Louis roi de France*, in 1972. He directed the actor Procópio Ferreira in *O Avaro* at the *Princesa Isabel Theater* in Rio de Janeiro, in 1969. It seemed to us important to save from forgetfulness this experience of exchange between France and Brazil as well as the important work of this artist.²

² Key words: cultural exchange between France/Brazil, theater stage direction, french lyric theater, opera, production. Área de Conhecimento: 8030500-8 (Theater) Sub-área: 8030502-4 (Stage Direction)

RÉSUMÉ

Notre recherche porte sur la vie de Henri Doublier, metteur en scène, décorateur de théâtre, acteur e auteur, éminent artiste des années 50/70 en Europe et au Brésil. Il a, entre autres, dirigé la Saison Lyrique Française au Théâtre Municipal de Rio de Janeiro entre 1960 et 1973. Accompagné de Jacques Pernoo (chef d'orchestre), de Georges Wakhevitch et Félix Labisse (tous deux décorateurs), et des artistes de l'Opéra de Paris, il a aussi travaillé avec des musiciens, des chanteurs et des acteurs brésiliens. Il a présenté au public de Rio de Janeiro des œuvres inédites, au Brésil, du théâtre lyrique français, parmi lesquelles, *La danse des morts*, *Les choéphores*, *Le martyre de Saint Sébastien*, *Dialogues des carmélites*, *Le fou*, *Saint Louis roi de France* et des opéras reconnus du répertoire français. D'autre part, Henri Doublier a présenté des auteurs brésiliens à l'étranger: Manuel Bandeira, dans un récital poético-musical en 1967 et Dias Gomes, en traduisant en français et en faisant connaître, la pièce *O pagador de promessas* (*Jef à l'âne ou la parole donnée*) en version radiophonique en 1973, et en forme théâtrale en 1975. En tant qu'auteur, il a travaillé en collaboration avec le compositeur brésilien José de Almeida Prado dans l'élaboration de deux oratorios: *Villegagnon ou les Isles Fortunées*, en 1971, et *Thérèse l'amour de Dieu*, en 1973, et aussi avec Darius Milhaud dans l'opéra-oratorio *Saint Louis roi de France*, en 1972. Il a dirigé l'acteur Procópio Ferreira dans *L'avare* au Théâtre Princesa Isabel à Rio de Janeiro, en 1969. Il nous a paru intéressant de faire connaître cette expérience d'échange culturel France/Brésil, ainsi que l'œuvre significative de cet artiste.³

³ Mots clefs: échange culturelle France/Brésil, direction théâtrale, théâtre lyrique français, opéra, mise en scène. Secteur de connaissance : 8030500-8 (Théâtre). Secteur subordonné : 8030502-4 (Direction Théâtrale).



APRESENTAÇÃO

Em dezembro de 1987 conhecemos Henri Doublier na casa do professor Roger Cotte, que tinha muito apreço por ele, pois o conhecia de longa data e tinham trabalhado juntos, pouco tempo antes de Henri Doublier ser acometido de um derrame cerebral que destruiria sua carreira artística. No ano seguinte, na França pudemos revê-lo e começamos a nos interessar por seu trabalho, pois ele gostava de mostrar seu acervo artístico: discos, partituras, peças, programas, fotos... e pouco a pouco estávamos descobrindo um vasto material até então esquecido.

Em 1989, pudemos participar como recitante de um programa com o grupo de instrumentos antigos do I.A. - UNESP, do professor Cotte, tendo direção cênica de Henri Doublier⁴.

Em 1990, Doublier nos escolheu para fazer uma turnê, em três cidades dos Alpes, para um espetáculo similar, *Jeux d'amour des trouvères et troubadours*, sob a direção musical de Auguste Augustin e direção cênica de Henri Doublier⁵.

Em 1991, o professor Cotte sugeriu que fizessemos uma dissertação de mestrado sobre a vida artística do ator e homem de teatro que tinha caído no esquecimento do público. A partir desse momento, no I.A. - Unesp, sob a orientação do professor doutor Reynúncio Napoleão de Lima, começamos a organizar nossas pesquisas, considerando a área de concentração - **Artes Visuais** e a linha de pesquisa do orientador- **Elementos de identidade das artes visuais no Brasil** (reflexão sistematizada sobre a contribuição crítica das Artes Visuais para o desenvolvimento do pensamento estético no Brasil). Nos meses de julho de 1992, 1993 e 1994, estivemos na casa de Doublier, em Chambéry, o que nos permitiu fazer buscas e organizar em dossiês as críticas em jornais de seus espetáculos, a sua correspondência, suas fotos, seus discos e outros pertences. Isto

⁴Espectáculo de poesia e música medieval *Jeux d'amour des trouvères et troubadours* apresentado na Casa da Cultura Francesa - Aliança Francesa (27/3) e Museu de Artes de São Paulo (28/3), em São Paulo.

⁵Espectáculo *Jeux d'amour des trouvères et troubadours* realizado em Rumilly, Annecy, Chambéry - França (julho)

o levou a redescobrir a sua vida artística, esquecida, desde 1973. Descobrimos por acaso uma partitura manuscrita de Francis Poulenc para a peça *Renaud et Armide*, de Cocteau, montada em Baalbeck (Líbano), em 1962, pelo diretor Doublier. Aconselhada por ele, começamos a pesquisar junto a instituições especializadas. Conhecemos diversas pessoas com quem ele havia trabalhado: Jacques Pernoo (regente) que em fevereiro de 1995 narrou, com detalhes, seu convívio artístico com Henri Doublier de 1960 a 1973 e o trabalho minucioso do *metteur en scène* com os artistas; Marie Rose Carlié (atriz), esposa de Louis Fournier (crítico e jornalista) que deram cartazes, programas e fotos das peças e recitais dos quais Marie Rose participou na *Compagnie Henri Doublier* durante muitos anos em turnês nacionais e internacionais; Jean Laforge (diretor do coro da *Opéra de Paris*) que se referiu aos cantores líricos do período 1950-1970 e suas particularidades; Bernard Demigny e Albert Lance (cantores líricos), o primeiro que participava das turnês nacionais e internacionais das J.M.F. (*Jeunesses Musicales de France*) junto com Doublier, esposa e Marie Rose Carlié; o segundo, que Doublier trouxe ao Brasil para o papel de Fausto, em 1967; Laurent Terzief e sua esposa Pascale de Boisson (atores) que trabalharam com o diretor em 1966, em *L'échange* de Claudel, no *Festival International du Théâtre Religieux* e em 1967, na montagem de *Les Choéphores* de Claudel/Milhaud no *Festival National de Provins*; André Falcon que participou de várias peças dramáticas como jovem ator nos anos 50; a família Claudel no Castelo de Brangues, onde estivemos com Doublier em julho de 1994. O filho de Paul Claudel, Henri, comentou o impacto que causou a apresentação da obra *Saint Louis* em 1972 e o esquecimento após a doença do Doublier em 1973 e o falecimento, em 1974, de Milhaud, pois nunca mais foi tocada, nem no centenário de seu nascimento em 1992. Por telefone conversamos com Madeleine, esposa de Darius Milhaud, interessadíssima na retomada de *Saint Louis*, tão pouco conhecida. Com Maria d'Apparecida (cantora lírica) falamos sobre a sua participação em inúmeros espetáculos dirigidos por Doublier. No Brasil, estivemos com frequência em contato e através de correspondência com o autor Dias Gomes, Cleofe Person de Mattos (presidente da Associação de Canto Coral)

que muito falou do trabalho do Doublier e entregou documentação sobre a associação, Orlando Miranda (diretor do Teatro Princesa Isabel) que comentou a criatividade do ator em seu recital *Les fleurs du mal*, num cenário de uma peça que estava sendo apresentada naquela época, fomentando um clima muito especial e poético. Contou que isto promoveu o convite que fez a Doublier para realizar a montagem de *O avaro* no ano seguinte. Jocy de Oliveira (teatróloga e musicista) ex-esposa do maestro Eleazar de Carvalho afirmou que, a seu convite, Henri Doublier realizou uma performance durante uma de suas conferências, recebendo a admiração de todos pelo seu desempenho, Dante Viggiani (empresário teatral) no Rio de Janeiro abriu seus ricos arquivos, permitindo escolher e copiar a documentação sobre o trabalho do artista. Almeida Prado (compositor) em São Paulo narrou detalhes, pessoalmente e por correspondência, suas obras junto com Doublier e deu-nos a partitura de *Thérèse l'amour de Dieu*. Em julho de 1990, conhecemos a primeira esposa de Henri Doublier, Cécile Demay (nome artístico) que foi dirigida por ele, em várias peças a partir dos anos 50 e que participou das turnês na Europa e no estrangeiro. Atriz de excelente dicção, pudemos aperfeiçoar junto a ela a arte de recitar em *Jeux d'amour des trouvères et troubadours*, na turnê realizada em 1990, e no espetáculo *Hommage à Henri Doublier*, do qual fomos co-autora e intérprete em 1992, no *Théâtre Charles Dullin*, em Chambéry. Em julho de 1992, fomos apresentadas a sua segunda esposa, Elisabeth Jaquier, colaboradora na tradução de *O pagador de promessas*, de Dias Gomes (*Jef à l'âne ou la parole donnée*), transmitida na Radio France-Culture (Paris, 1973). Elisabeth Jaquier participa ainda da elaboração do espetáculo em *Jeux d'amour des trouvères et troubadours* com Henri Doublier e Roger Cotte, vertendo poemas da época medieval para o francês moderno. Foi apresentado em Dijon no festival *Nuits de Bourgogne* (1973) e no *XXIV Festival International de Wiltz*, Luxemburgo (1975).

Em 1996, prestamos uma homenagem a Henri Doublier (70 anos) a José de Almeida Prado (53anos) por ocasião de seus aniversários, reunindo em nossa casa, em 7 de fevereiro, amigos, familiares e apreciadores dos dois artistas. Na ocasião, a cantora Victoria Kerbaux cantou, em primeira



audição, *Três poemas de amor*, de Doublier, com música de Almeida Prado, que a acompanhava ao piano. Um mês antes, o compositor mandara a Doublier a seguinte carta.

Campinas le 09 janvier 1996. Très cher ami et frère Henri. Je suis si heureux d'avoir fini de composer, trois de tes poèmes que Marie-Jeanne m'avais envoyés l'année dernière. J'ai choisi trois: Je veux, Chanson, Je dis je t'aime. J'ai conçu pour soprano ou tenor et piano. Je crois avoir bien réussi. J'ai pensé à l'amour dans des climats très différents: 1) La première chanson, le poème m'a donné l'idée d'une passion dévorante, intense, totale, impossible, mystique, ou tout ou rien. 2) La seconde chanson, le poème est tout à fait provençal, courtois, j'imagine des couples de jeunes, les fleurs du printemps, et comme une danse villageoise, tout est joie et rires, même si quelques larmes y entrent: la Belle, le Prince. 3) La troisième j'ai pensé à l'amour carioca, aux belles plages de Rio, aux fruits parfumés, aux orchidées, à cette sensualité de la chaleur d'été, et aux Isles Fortunées. Le rythme de la Bossa Nova y est, une douce présence du génial Tom Jobim, et tout à coup, un petit Chorinho de la Lapa parvient très rapidement, le regard de Noël Rosa... Henri, je suis plein de cette joie de voir une oeuvre très travaillée, réussie et spontanée. Elle a été composée très vite dans un élan, comme Villegagnon et Thérèse. Très inspiré. Je crois que les Rois Mages m'ont aidé. Tu vas recevoir la partition originale, manuscrite à la main, c'est à toi, un souvenir de Noël. J'ai aussi envoyé deux exemplaires d'un bon et clair xerox, pour toi et Marie Jeanne. J'ai dédié à notre ami Marie Jeanne, avec beaucoup de tendresse. Elle le mérite bien! Victoria va recevoir aussi un exemplaire, car on veut créer chez Marie Jeanne le jour de ton anniversaire! Cher grand ami, que Dieu et la petite Thérèse te donnent beaucoup de joie et de succès pour 96! Quelle chance si Villegagnon et Thérèse pourraient être créés

*en France en 96/97! A bientôt et beaucoup de "saudades" Ton frère José.*⁶

A emoção de Doublier foi intensa. Era a última vez que vinha para o Brasil fugindo do inverno francês. Sua frágil saúde não lhe permitiria mais voltar ao país que tanto amava. Porém, os laços de amizade, respeito e admiração nunca deixaram de existir. Em julho 1996, no jornal francês editado no Brasil, *Tropical Infos*, Yann Le Houelleur publicava..

Arts & Lettres. Il a fêté ses 70 ans chez Marie-Jeanne Calasans. Hommage à Henri Doublier, génie des planches. Il a présenté, dans les années 60 et 70, des spectacles grandioses au Brésil. Filant vers ses 60 ans avec une éternelle jeunesse dans le coeur, Marie-Jeanne Calasans fait partie de ces innombrables Français du Brésil qui, loin des cercles huppés, travaillent au rapprochement de la France et du Brésil. Professeur de français, elle a convié, récemment, une cinquantaine de personnes chez elle, à São Paulo. Soirée très émouvante, qui gravitait autour d'un homme de théâtre, Henri Doublier, dont c'était le 70ème anniversaire. Parler d'Henri Doublier, c'est ouvrir le livre jauni, d'une époque, les années 60, où Brésil et France éprouvaient le coup de foudre l'un pour l'autre à travers une effervescence de festivals, d'expositions, d'oeuvres en tous genres. Marie-Jeanne rappelle que Henri Doublier, qui vit à Chambéry, a découvert le Brésil em 1960, lorsqu'il a présenté Jeanne au bûcher aux Cariocas "avides de culture

⁶ Caro amigo e irmão Henri. Estou muito feliz por ter acabado de compor três de seus poemas que Marie Jeanne me mandou o ano passado. Escolhi três: *Eu quero*, *Canção*, *Eu digo que te amo*. Eu os concebi para soprano ou tenor e piano. Creio ter tido um bom resultado. Pensei no amor em climas muito diferentes: 1) a primeira canção me deu a impressão de uma paixão devoradora, intensa, total, impossível, mística, tudo ou nada. 2) na segunda canção, o poema é todo provençal, cortês, imagino casais de jovens, as flores da primavera e como uma dança camponesa, tudo é alegria e risos, apesar de algumas lágrimas: a Bela e o Príncipe. 3) a terceira, pensei no amor carioca, nas belas praias do Rio, nos frutos perfumados, nas orquídeas, na sensualidade do calor de verão e as *Isles Fortunées*. O ritmo da Bossa Nova está presente, a doce presença do genial Tom Jobim, e de repente, num Chorinho da Lapa aparece rapidamente, o olhar de Noel Rosa... Henri, estou pleno de alegria de ver essa obra muito trabalhada, bem sucedida e espontânea. Foi composta rapidamente, num ímpeto como com *Villegagnon* e *Thérèse*. Muito inspirada. Creio que os Reis Magos me ajudaram. Você vai receber a partitura manuscrita. É para você, uma lembrança de Natal. Mande também dois exemplares em xerox de qualidade, para você e Marie Jeanne. Dediquei essa obra à nossa amiga Marie Jeanne com muito carinho. Ela bem o merece! Victoria também vai receber um exemplar, porque queremos fazer a criação na casa da Marie Jeanne no dia de seu aniversário! Caro amigo, que Deus e a pequena *Thérèse* lhe dêem alegria e sucesso para 96! Seria sorte se *Villegagnon* ou *Thérèse* fossem criadas na França e 96/97. (trad. da autora)

française". Ensuite, il revint au Brésil chaque année pour la Saison Lyrique Française avec les chanteurs de l'Opéra de Paris. Pour le 70ème anniversaire de Henri Doublier, Marie-Jeanne avait invité le compositeur Almeida Prado. Celui-ci a présenté trois poèmes d'amour signés...Doublier. Un poignant cadeau! Les deux artistes se sont connus lors d'une soirée à l'ambassade du Brésil à Paris en 1971. Alain Peyrefitte, maire de Provins, avait commandé à Doublier un spectacle, Villegagnon ou les Iles Fortunées, en hommage à ce Provinois qui, avant les Portugais, avait débarqué à Rio pour y créer la France Antartique. Doublier cherchait un compositeur et, justement au cours de cette soirée, il rencontra Almeida Prado, avec lequel il se noua d'amitié. Les deux compères élaborèrent, ensemble, bien d'autres spectacles... Quelques années plus tard, l'éclatante carrière de Henri Doublier fut interrompue par une hémiplegie. Marie-Jeanne l'invite chaque année à se reposer dans son havre de paix paulista.⁷

Em fins de 1998, o *Centre de Pratique Musicale (CPMA)*, dirigida por Henri Murgier, adquiriu um outro imóvel, uma casa no estilo da Savóia e a dedicou ao artista. Essa casa, *Maison Henri Doublier*, já em funcionamento desde setembro 1999, será inaugurada oficialmente em 5 de dezembro de 2000, no Castelo de Annecy, com uma obra composta por Almeida

⁷ Artes/Letras. Ele festejou seus 70 anos na casa de Marie Jeanne Calasans Homenagem à Henri Doublier, gênio do palco. Ele apresentou nos anos 60 e 70, grandiosos espetáculos no Brasil. Caminhando em direção de seus 60 anos com uma eterna juventude no coração, Marie Jeanne Calasans faz parte destes inumeráveis franceses do Brasil que, longe das rodas sociais, trabalham para a reaproximação da França e do Brasil. Professora de francês, ela convidou, recentemente umas cinquenta pessoas em sua casa, em São Paulo. Sarau emocionante que gravitava em volta de um homem de teatro, Henri Doublier que festejava seus 70 anos. Falar de Henri Doublier, é abrir um livro antigo, de uma época, os anos 60, onde o Brasil e a França vivenciavam o amor à primeira vista através de uma efervescência de festivais, exposições, obras de todo tipo. Marie Jeanne recorda que Henri Doublier, que vive em Chambéry, descobriu o Brasil em 1960, quando ele apresentou *Jeanne au bûcher* aos cariocas "ávidos de cultura francesa". Depois, ele voltou ao Brasil cada ano para a *Saison Lyrique Française* com cantores da Ópera de Paris. Para seu septuagésimo aniversário, Marie Jeanne convidou o compositor Almeida Prado. Este último apresentou, musicado, três poemas de amor de... Doublier. Um pungente presente! Os dois artistas se conheceram numa *soirée* na Embaixada do Brasil em 1971. Alain Peyrefitte, prefeito de Provins, tinha encomendado um espetáculo ao Doublier, *Villegagnon ou les Isles Fortunées*, em homenagem a este homem natural de Provins que, antes dos portugueses, desembarcaria no Rio para fundar a França Antártica. Doublier procurava um compositor e durante esta *soirée*, conheceu Almeida Prado de quem ficou amigo. Os dois compadres elaboraram juntos outras obras... Alguns anos mais tarde a magnífica carreira de Henri Doublier foi interrompida por uma hemiplegia. Marie Jeanne o convida cada ano, para descansar, em seu refúgio de paz paulista. (trad. da autora)

Prado em outubro de 1999 e intitulada *À Henri Doublier, une amitié* (balada para cordas) acompanhada da seguinte carta.

*Campinas le 15 octobre de 1999. Très cher ami Henri! Je viens de composer une Ballade pour cordes, un hommage à toi, vieil ami, à notre amitié de 28 ans! J'ai pensé à un geste sonore très lyrique et passionné, comme je te vois, un homme plein de passion, amour, lyrisme pour la vie, pour l'art, pour la musique. Tu es, Henri, un exemple de vie, d'inspiration, de courage pour nous tous. Un chevalier de la Beauté. De l'Art! J'espère que tu aimeras cette Ballade. Mille pensées à toi, à Cécile. Ton vieil ami. José!*⁸

Acreditamos que os leitores darão o devido crédito ao trabalho conjunto Doublier/Almeida Prado.

Todos esses contatos fomentaram maiores esclarecimentos sobre a vida profissional e pessoal de Henri Doublier e contribuíram para a elaboração desta dissertação.

⁸ Caro amigo Henri! Acabo de compor uma balada para cordas, uma homenagem a você, velho amigo, à nossa amizade de 28 anos! Pensei um gesto sonoro muito lírico e apaixonado, como te vejo, um homem cheio de paixão, amor, lirismo para a vida, para a arte, para a música. Você é, Henri, um exemplo de vida, de inspiração, de coragem para todos nós. Um cavaleiro da beleza. Da arte! Espero que gostes desta balada. Mil pensamentos para você e Cécile. Teu velho amigo. José. (trad. da autora)

INTRODUÇÃO

Henri Cartier-Bresson nasceu em Chantilly, na França em 1908. Foi discípulo de Louis Juchet após o fim da 1ª Guerra (1918-1919) quando sua família deslocou-se para o Egito, em 1923 e voltou ao Egipto de Paris, em 1929, para assumir o papel de Fred Goetz após seu falecimento devido aos efeitos da tuberculose e foi a bordo do navio a vapor para o Brasil em 1934, para assumir o posto de diretor geral da Kodak e do cargo de chefe de expedição de reportagem fotográfica.

A partir de 1934, foi publicado o *Henri Cartier-Bresson* de autoria de Henri Cartier-Bresson, com fotos de Henri Cartier-Bresson e de outros fotógrafos.

Em 1935, foi publicado o *Henri Cartier-Bresson* de autoria de Henri Cartier-Bresson, com fotos de Henri Cartier-Bresson e de outros fotógrafos. Em 1936, foi publicado o *Henri Cartier-Bresson* de autoria de Henri Cartier-Bresson, com fotos de Henri Cartier-Bresson e de outros fotógrafos.

Henri Cartier-Bresson nasceu em Chantilly, na França em 1908. Foi discípulo de Louis Juchet após o fim da 1ª Guerra (1918-1919) quando sua família deslocou-se para o Egito, em 1923 e voltou ao Egipto de Paris, em 1929, para assumir o papel de Fred Goetz após seu falecimento devido aos efeitos da tuberculose e foi a bordo do navio a vapor para o Brasil em 1934, para assumir o posto de diretor geral da Kodak e do cargo de chefe de expedição de reportagem fotográfica.



INTRODUÇÃO

Henri Doublier, eminente diretor artístico, dos anos 50 aos anos 70, na Europa e no Brasil, nasceu em Chambéry, na França em 1926, foi discípulo de Louis Jouvet após a 2ª Guerra (1939-1945). Iniciou sua carreira artística no Teatro do Odeon, em 1948, e entrou na Ópera de Paris, em 1950, para atuar no papel de Frère Dominique, no oratório *Jeanne au bûcher*, de Arthur Honegger e Paul Claudel. Criou a *Compagnie Henri Doublier*, em 1954, com a qual percorreu diversos países da Europa e do norte da África, apresentando peças clássicas do repertório francês.

A partir de 1960, foi convidado a dirigir vários festivais de teatro, entre eles os de Provins, Sarlat, Metz e Saint Malo.

Em 1961, foi idealizador do *Festival International de Théâtre Sacré*, em Annecy, onde apresentou peças do repertório francês e estrangeiro, com artistas consagrados, entre eles, Louis Seigner, Jacques Charon, Georges Chamarat, Maurice Escande, Eves Francis, Claude Nollier, Silvia Monfort...

Veio ao Brasil a convite de Cleofe Person de Mattos, presidente da Associação Canto Coral, para participar, junto com Claude Nollier, como recitantes, da apresentação do oratório *Jeanne au bûcher*, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A partir deste momento, com a colaboração do Ministério da Cultura e da *Association d'Action Artistique*, na França, dos serviços diplomáticos dos dois países, do apoio dos diretores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, dando-se destaque a Murilo França e Antônio Vieira de Mello, tem início um intercâmbio cultural entre os dois países, permitindo que um jovem diretor francês pudesse concretizar a descoberta, pelo público carioca, de obras consagradas ou inéditas do teatro lírico francês.

Em contrapartida, Doublier divulgou autores brasileiros na França, como Manuel Bandeira em 1967, num recital no *Festival de Provins* e em 1973, traduziu e montou em peça radiofônica, no programa *France Culture*, a peça de Dias Gomes, *O pagador de promessas*, (*Jef à l'âne ou la parole donnée*).

Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Anos 60.



Em 1969, dirigiu *O avaro*, de Molière, com Procópio Ferreira, no Teatro Princesa Isabel do Rio de Janeiro.

A temporada lírica francesa tem seu desenlace em setembro de 1973, quando Henri Doublier é acometido de um derrame cerebral que aniquila a sua carreira artística.

Com essa pesquisa procuramos demonstrar a relevância de um expressivo trabalho cultural entre a França e o Brasil que recebeu o aplauso do público e da crítica dos dois países e fizemos um registro dos que trabalharam com Henri Doublier: regentes, cenógrafos, cantores e artistas franceses e brasileiros. Justifica-se também o grande valor da colaboração artística França-Brasil, assim como a qualidade do trabalho de Henri Doublier.

Para tanto, consultamos os arquivos pessoais do artista, entrevistamos e colhemos depoimentos de pessoas que vivenciaram o seu trabalho e sua vida, pesquisamos junto às bibliotecas da *Opéra de Paris*, do *Arsenal*, de Chambéry, da UNESP, da USP, da biblioteca particular de Henri Doublier e do professor doutor Roger Cotte, nos arquivos do empresário Dante Viggiani, da *Associação de Canto Coral*, do *Teatro Municipal do Rio de Janeiro* e do regente Jacques Pernoo. Pesquisamos também sobre a dramaturgia e o teatro francês desde 1900, o teatro brasileiro a partir dos anos 50, as técnicas de teatro, a arte do ator, cenografia, a presença francesa no repertório do *Teatro Municipal do Rio de Janeiro* desde 1909, as óperas montadas pelo artista. Consultamos a correspondência, programas, críticas, artigos, gravações, textos, fotos, cartazes e discos de Henri Doublier.

Passados quarenta anos (chegou pela primeira vez no Brasil em 1960), julgamos que é preciso rever e divulgar esse trabalho, pouco ou nada conhecido das jovens gerações e dos pesquisadores de teatro dramático e lírico, razão pela qual este assunto estimulou a nossa curiosidade.

O TEATRO FRANCÊS DE 1900 A 1950 E AS INFLUÊNCIAS RECEBIDAS PELO ARTISTA

Para se entender a inserção de Henri Doublier no teatro francês e a assimilação ou a recusa de aspectos e influências dos vários homens de teatro que o antecederam, é necessário fazer um retrospecto sucinto do teatro francês de 1900 a 1950.

O teatro moderno francês nasce com André Antoine (1858–1943), ao dirigir o *Théâtre Libre*, em 1887, onde apresenta autores pouco conhecidos como Henrik Ibsen (1828-1906), August Strindberg (1849-1912) e outros. Seu objetivo é recriar a vida no teatro, dar uma impressão de verdade; pede aos atores para se comportarem como na vida real e introduz em cena objetos como pedaços de boi... De 1906 a 1916, dirige o Teatro do Odeon e apresenta peças de jovens autores, entre outros, Jules Romains (1885-1972) e Georges Duhamel (1884-1966). Seu público é composto de convidados e assinantes, coisa nova para a época.

A partir de 1913, surge um inovador, Jacques Copeau (1879-1949), que escreve uma adaptação de *Os irmãos Karamazov*, de Fiódor Dostoiévski (1821-1881), obtendo grande sucesso. Com a ajuda do editor Gallimard e do homem de teatro Charles Dullin (1885-1948), nativo de Chambéry como Henri Doublier, Copeau inaugura uma nova sala, o *Théâtre du Vieux Colombier*, fazendo apelo a um público jovem, aos intelectuais e a todos em geral, praticando uma política de preços acessíveis e levando ao palco peças estrangeiras e francesas.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) fecha-se o teatro, que é reaberto em 1920, com obras de autores como Charles Vildrac (1882-1971), Jules Romains (1885/1972), Tristan Bernard (1866-1947). Na mesma época, no *Théâtre des Champs Elysées*, a peça de Luigi Pirandello (1867-1936), *Seis personagens em busca de um autor*, é montada por Georges Pitoëff (1884-1939), nascido na Rússia e muito influenciado pelo trabalho de Constantin Stanislávski

(1863-1938), pedagogo e reformador da arte do ator, com quem tinha trabalhado na juventude, e de Adolphe Appia (1862-1928), que lhe tinha ensinado a valorizar a luz e o cenário, dando uma concepção idealista de obra de arte à peça de Pirandello.

Porém as dificuldades financeiras são muitas para os encenadores e levam Charles Dullin, Louis Jouvet (1887-1951), Gaston Baty (1885-1952) e Georges Pitoëff a se agruparem numa associação com o nome de Cartel (SIMON, 1970, p.106): fundado em 06/07/1926 para a defesa dos interesses profissionais do grupo e que se extingue nas vésperas da Segunda Guerra Mundial. Eles têm objetivos comuns: manter o texto como núcleo do espetáculo, considerar o *metteur en scène* como um leitor profissional, dar a máxima importância ao trabalho do ator e às luzes e preservar uma sobriedade de encenação. Apresentam obras pouco conhecidas de Piotr Tchékov (1840-1893), Eugène O'Neill (1888-1953) e André Gide (1869-1951). Concebem que ao autor só cabe escrever e ao encenador encenar, novidade para a época, pois os autores sempre queriam participar da encenação. Gaston Baty inova também, dedicando-se a adaptar vários romances para o teatro como *Madame Bovary*, *Crime e Castigo* etc... Ele é o único do Cartel a não dar primazia ao texto. Valoriza, porém, os cenários, as luzes e a música, criando um ambiente que encanta seu público, deixando o texto em segundo plano, a tal ponto que falavam de seu trabalho como *l'école du silence*. Cria também um repertório de marionetes e em 1947, monta *O amor das três laranjas*.

A originalidade do Cartel era seguir uma política teatral comum, textos escolhidos e lidos pelo grupo, publicidade, projetos e viagens elaboradas pela própria associação. Algumas inovações e regulamentos iguais para os quatro teatros. Convites nominais e acesso às salas, somente no começo do espetáculo.

Em 1927, Roger Vitrac (1899-1952) e Antonin Artaud (1896-1948) criam o *Théâtre Alfred Jarry*. Para eles, o texto é essencial, não o é pelo seu sentido e sim pelo choque físico que ele pode causar, isto é, o texto é um instrumento para uma liberação de energia física. Nesse mesmo ano, realiza-se o primeiro filme falado e cantado, *Un chapeau de paille d'Italie*, de René Clair

(1898-1981), adaptado de uma obra de Eugène Labiche (1815-1888). Chegou o momento do teatro redefinir suas concepções diante do sucesso do cinema.

Charles Dullin passa o período da Primeira Guerra nos Estados Unidos da América (1914-1918). Em 1921, funda *L'Atelier* e trabalha com Jean Cocteau (1889-1963), Michel Achard (1899-1974), Jules Romains e Armand Salacrou (1899-1989). Durante a ocupação alemã da Segunda Guerra, monta, em Paris, *Les mouches*, do conhecido existencialista, Jean Paul Sartre (1905-1980). Dullin sonha em trazer para o teatro um público mais popular e nisso influencia Artaud, Jean Louis Barrault (1910-1994) e Jean Vilar (1912-1971), anos mais tarde.

Jouvet passa parte das duas guerras fora do país. De 1917 a 1919, em Nova York, e de 1941 a 1945, na América do Sul e na América Central; apresenta-se com seu grupo no Rio de Janeiro e em São Paulo, na Argentina, no Uruguai, no Chile, no Peru, no Equador, na Venezuela, em Cuba, no México, nas ilhas Martinica e Guadalupe, e em alguns outros países (quinze no total), percorrendo em quarenta e seis meses, sessenta e sete mil quilômetros, com quarenta e sete cenários e um repertório de vinte peças. Durante esta longa viagem, ele representa trezentos e setenta e seis vezes para aproximadamente setecentos mil espectadores (JOUVET, 1945, p.18-9).

Torna-se célebre com a sua montagem de *Dr. Knock*, de Jules Romains, atuando no papel principal durante vários anos. Descobre Jean Giraudoux (1882-1944), de quem monta *Siegfried* (1928) e *La guerre de Troie n'aura pas lieu* (1937), às vésperas da guerra que todos os pacifistas tendem a refutar que ela acontecerá. Depois do conflito, apresenta *Les bonnes*, de Jean Genet (1910-1986) e *Le diable et le bon Dieu*, de Jean Paul Sartre.

Os animadores de teatro, desde o começo do século, desejam criar uma arte popular, inspirados na obra de Romain Rolland (1866-1944), *Le théâtre du peuple* (1901), que poria fim ao monopólio que os burgueses impunham desde o século XIX. Os soviéticos e os alemães dos anos vinte já o tinham conseguido, mas num outro contexto: a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) marca o coletivismo e, na Alemanha, as associações de

espectadores (*volksbühnen*) tinham resolvido o problema do público. Na França, porém, tudo é centralizado em Paris, os acontecimentos artísticos convergem para a capital e tudo o que se faz fora dela é considerado sem valor.

O ano de 1929 marca dois fatos importantes, a queda da bolsa de Nova York e a tradução de *Ulysses*, de James Joyce (1882-1941), para o francês, obra que vai revolucionar o contexto teatral pela sua linguagem. Ele gostava de denominá-la sua "catedral de prosa" (PETIT ROBERT, 1990, p.949).

Nessa época, algumas companhias partem para turnês na Inglaterra e são feitas as primeiras encenações para crianças. Em 1930, André Breton (1896-1966) publica seu segundo manifesto surrealista a serviço da revolução. Em 1936, Federico Garcia Lorca (1899-1936) é fuzilado e Pirandello morre aos sessenta e nove anos. Uma nova vida começa na França com o advento político do socialismo com o *Front Populaire*, nome dado aos partidos de esquerda da França que chegam ao poder em junho de 1936. Essa coalizão origina-se na crise econômica mundial que afeta o país de 1930 a 1931. Dura até fins de 1938, sob a presidência de Léon Blum. Milhares de franceses saem pelas estradas para gozar de suas primeiras férias pagas. Mas será necessário esperar ainda dez anos para o teatro se popularizar com o *Festival d'Avignon*. Porém duas publicações vão influenciar os homens de teatro: *A formação do ator*, de Stanislávski e *Le théâtre et son double*, de Antonin Artaud. Apesar de diferentes, eles têm pontos em comum, querem vida, verdade e violência e que tudo passe pelo corpo, que o teatro tenha uma experiência própria. Dos dois, Artaud é o mais extremista. Sua última obra, *Pour en finir avec le jugement de Dieu*, é apresentada no rádio e logo censurada. Morre pouco depois.

Sob a ocupação alemã (1940-1945) o teatro francês, por incrível que pareça, adquire uma nova dinâmica. O público, com poucas opções de distração, lota as salas, assim como o invasor. Em 1941, Jean Louis Barrault encena *Le Cid*, de Pierre Corneille (1606-1684) e, em 1942, *Phèdre*, de Jean de Racine (1639-1699) com a atriz Marie Bell; em 1943, *Le soulier de satin*, de Paul Claudel (1868-1955), peça escrita para quatro dias, reduzida para quatro horas e acompanhada de música de Arthur Honegger (1892-1955). É nessa época que

Claudiel vira celebridade, ele tem setenta e cinco anos quando é descoberto pelo público. Em 1944, é encenada *Antigone*, de Jean Anouilh (1910-1987). O público delira às barbas do ocupante, que não se dá conta que Antigone representa a Resistência e Créon, a Colaboração (com os inimigos nazistas).

Terminada a guerra a partir de 1946 começa a descentralização do teatro francês. Os primeiros centros dramáticos são criados e financiados pelo Estado nas cidades de Rennes, Toulouse, Strasbourg, Aix en Provence. Os atores dirigidos pelos animadores de teatro procuram sensibilizar as populações das cidades do interior da França. As jovens companhias são encorajadas pelos concursos e prêmios outorgados pelo governo. Jean Vilar se distingue, em 1947, como um grande animador, quando aceita o convite do poeta René Char (1907-1988) e do marchand Christian Zervos, que estavam organizando uma exposição no *Palais des Papes* em Avignon, e que lhe propõem apresentar a sua montagem de *Meurtre dans la cathédrale*, de Thomas Stearns Eliot (1888-1965). Está criado o famoso *Festival de Avignon* que até hoje, durante todo mês de julho, abriga espetáculos vindos de todas as partes do mundo,

Jean Vilar cria também uma associação de espectadores, tal como os alemães, provoca reuniões, contatos com o público jovem, os estudantes e os operários, que comprem assinaturas por intermédio dos "Comitês de Empresas". Nessa época, florescem pequenos teatros em Paris, com jovens atores como Georges Vitaly (1917-?), Jacques Mauclair (1919-?), Jean Marie Serreau (1915-1973) e jovens autores como o romeno Eugène Ionesco (1912-1994), que no seu livro *L'expérience du théâtre*, manifesta sua surpresa diante de situações cômicas que aconteciam na escola de inglês onde ele estudava, entre a banalidade de certas expressões e o palavrear solene dos professores, que o leva a escrever uma "anti peça", para divertir seus amigos, *La cantatrice chauve*, em 1950. Jacques Audiberti (1899-1965), influenciado por Stéphane Mallarmé (1842-1898), e pelo Surrealismo (a partir de 1924), cria um texto impregnado de lirismo em que palavras e imagens criam um universo dramático e encantam o público: *Pucelle* (1950), *Cavalier seul* (1963) e outras obras. Arthur Adamov (1908-1970), de origem russa, é obcecado pela alienação do homem na sociedade capitalista, o

tema principal de suas obras: *Tous contre tous* (1953), *Le printemps 1871* (1963). O irlandês Samuel Beckett (1906-1989), cria personagens solitárias, fechadas em seus pensamentos, verdadeiros fracassados; para elas, a ação não tem mais sentido; e param para procurar a lembrança em si mesmas: *En attendant Godot* (1953) e *Oh, les beaux jours* (1963). Jean Tardieu (1935) brinca e joga com o sentido e o poder das palavras: *Un mot pour un autre* (1950), *Théâtre de chambre* (1955-1960) entre outras obras.

Pouco a pouco o teatro francês se internacionaliza. Após 1950, peças de Albert Camus (1913-1960), Anouilh, Ionesco, Genet são apresentadas no mundo todo, os festivais começam a proliferar. Em 1947, Edimburgo cria um festival internacional do teatro no mesmo ano do *Festival d'Avignon*. Em Paris, o *Théâtre des Nations* convida trupes de todos os países, inclusive de países da África e da Ásia. Em 1947, Georges Vitaly encena *Les épiphanies*, de Henri Pichette (1924) com Gérard Philippe e Maria Casarès. Em 1948, Barrault encena *Le partage de midi*, de Claudel e *Le maître de Santiago*, de Henri de Montherlant (1895-1972). A partir dos anos 50, *La cantatrice chauve*, de Ionesco, começa o seu longo sucesso. O ano de 1952 marca a criação de *Dialogues des carmélites*, de Georges Bernanos (1888-1948) no *Théâtre Hébertot*.

É nessa época que desponta a carreira artística de Henri Doublier. Citaremos alguns homens de teatro e autores que tiveram influência na formação do artista. Entre os já citados, podemos destacar Copeau que define direção “*l'ensemble des mouvements, des gestes et des attitudes, l'accord des physionomies, des voix et des silences, c'est la totalité du spectacle scénique, émanant d'une pensée unique qui le conçoit, le règle, l'harmonise*” (BALAZARD, 1989, p.36).⁹ Henri Doublier segue essa linha de trabalho e a explica em sua montagem de *Pelléas et Mélisande*, em 1962 no *Opéra Comique*. Sua ação junto aos cantores ou atores é muito minuciosa, dando destaque ao conjunto de movimentos em acordo com as fisionomias e as vozes, pois para ele o **natural**, a **lógica** e a **descrição** suprimem ou acrescentam algo à obra. Quanto a

⁹ “como conjunto dos movimentos, dos gestos, das atitudes, a harmonia das fisionomias, das vozes, dos silêncios dos atores, é a totalidade do espetáculo cênico, originando-se de um pensamento único que o concebe, o dirige, o harmoniza.” (trad. da autora)

Dullin, seu conterrâneo, que considera um mestre do teatro, Doublier assimila a concepção de “*dépouillement tragique, non par austérité mais par le sens de l’âpreté et de la grandeur.*” (DHOME, 1959, p.161).¹⁰ Como Dullin nos anos 30, monta também *La vie est un songe*, de Calderón, em 1964, no *Festival de Annecy*, que ele dirige. De seu mestre **Jouvet**, adquire o sentimento de que “*Il n’y a au théâtre que du surnaturel, du merveilleux, sous l’apparence la plus naturelle. C’est le lieu où le réel et l’irréel se conjuguent, un lieu de magie auquel président des lois humaines encore inconnues.*” (MOCH, 1989, p.12).¹¹ Jouvet sabia transmitir aos seus discípulos a paixão pela profissão de ator, que ele mesmo possuía, tanto que Doublier abandona seus estudos de Direito em Paris, para dedicar-se exclusivamente ao seu aprendizado, no teatro. E se torna um ator eficiente e um espectador rigoroso. Aplica-se na arte da dicção e da modulação da voz que lhe valeria, nos anos 50, a definição de Bernard Gavoty: “*Henri Doublier est un des meilleurs diseurs de notre époque.*”¹² **Baty** é o único do Cartel que não dá primazia ao texto. Doublier discorda, pois como diretor é muito fiel à obra do autor. Temos como exemplo sua tradução e sua montagem de *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. A peça *Sainte Jeanne*, do irlandês Bernard Shaw, essencialmente política e artística, montada por **Pitoëff**, dava relevância à missão divina da personagem. Doublier, extremamente religioso, dirige e atua em *Jeanne au bûcher*, de Honegger/Claudé, com alguma influência de Pitoëff.

Porém **Claudé** tem maior ascendência sobre o jovem ator de 24 anos, que começa a atuar, no papel de “*Frère Dominique*”, em *Jeanne au bûcher*, em 1950, na *Opéra de Paris*. Claudé sempre muito presente na *mise en scène* e na interpretação de suas obras; impõe sua visão na atuação e no modo de dizer o texto. Considera o ator como prolongamento e desenlace da obra. Doublier inspira-se no mestre na sua tarefa. Jacques Pernoo, na presença de Doublier, em janeiro 1995, comenta o seu trabalho de “*ourives*”, sua habilidade em orientar

¹⁰ “despojo trágico, não por autoridade, porém pelo senso do rigor e da grandeza” (trad. da autora)

¹¹ “No teatro existe somente o sobrenatural, o maravilhoso, sob a aparência a mais natural. É o lugar onde o real e o irreal se conjugam, um espaço de magia, onde presidem as leis humanas ainda desconhecidas” (trad. da autora)

¹² Citado na programação do IV Festival International de Metz, de 20/09 a 1/10/1961 em que Doublier dirige e atua em *Dialogues des carmélites*, de Georges Bernanos. “Henri Doublier é um dos melhores recitantes de nossa época” (trad. da autora)

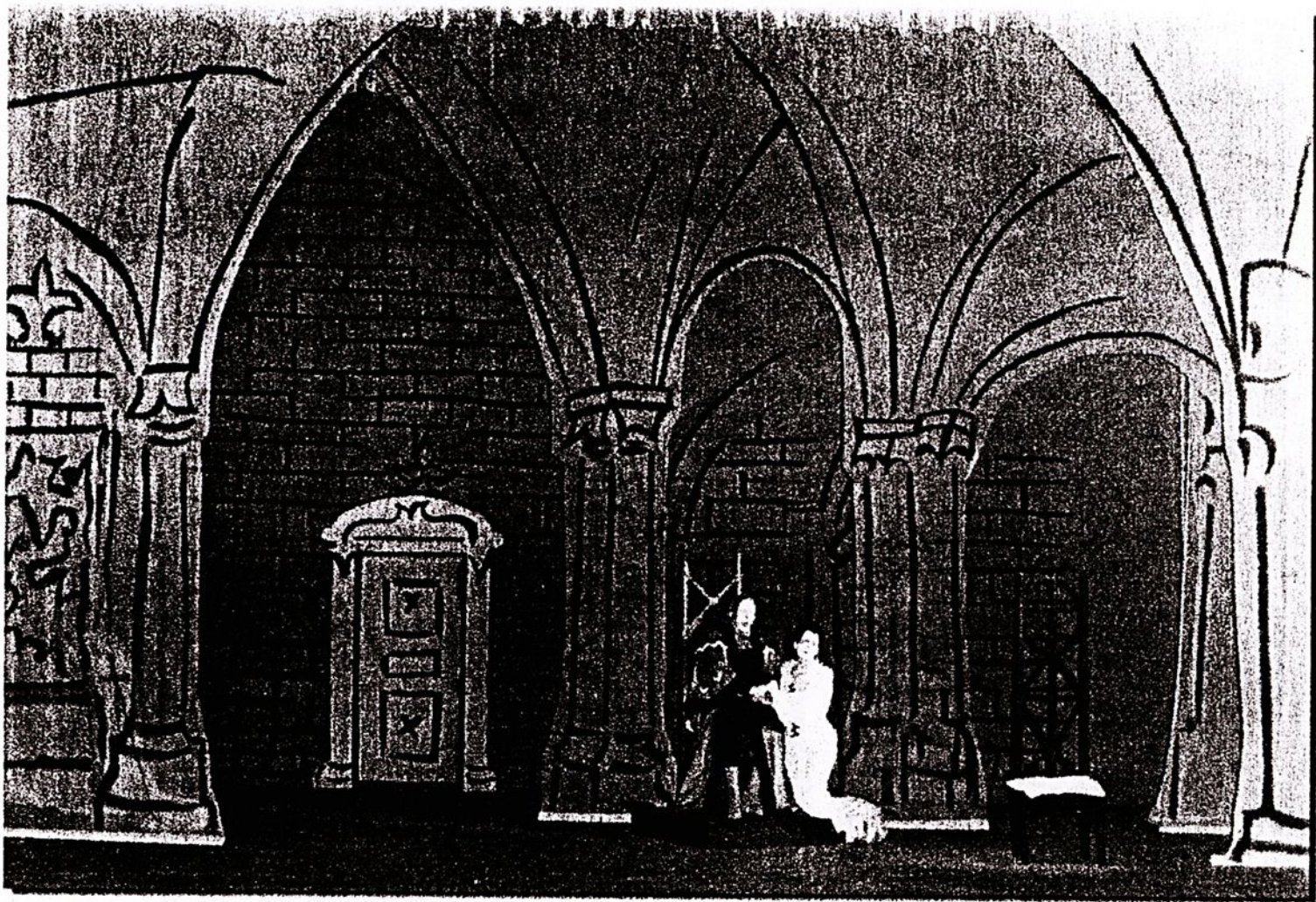
atores e cantores no palco. Acrescenta que os dois sempre atuam em harmonia. Como Claudel, Doublier sonha com “*un spectacle total, auquel le décorateur, le metteur en scène, l'acteur, mais aussi le danseur, et le compositeur, et le cinéaste prêteraient leur concours, apportant au poète l'aide et leur art.*” (CLAUDEL, 1966, p.10).¹³ Doublier torna evidente o seu apreço pelo mestre, promovendo a apresentação e participando como recitante de dois oratórios cênicos, no *Teatro Municipal do Rio de Janeiro: La danse des morts*, de Honegger/Claudel em 1964, em que atua sozinho como recitante e *Les Choéphores* de Milhaud/Claudel, em 1969, segundo a sua adaptação, tendo Claude Nollier no papel de Electra e ele no de Oreste. O teatro lírico de Claudel é muito apreciado por Henri, satisfazendo a sua aspiração de uma liturgia que conduz o ser humano à Graça Divina.

Com **Bernanos** (1888-1948), Doublier é colocado face a face com o Medo e a Morte na peça *Dialogues des carmélites*, que ele dirige em versão dramática e lírica. Estuda a obra de Bernanos a fundo e ela o deixa transtornado quando a assiste no *Théâtre Hébertot*, pela primeira vez, em 1952. Quando monta essa peça, cita nos programas, a frase da jovem carmelita Constance: “*On ne meurt pas chacun pour soi, mais les uns pour les autres, ou même les uns à la place des autres, qui sait?*” (BERNANOS, 1961, p.1613).¹⁴ Com Bernanos, aprende que o Mal e a Dor se aceitam com simplicidade e que a oração dá um sentido espiritual ao sofrimento, levando ao amor de Deus e à Graça. Nessa época, aos 34 anos, confirma sua inclinação para o teatro espiritual e seu apego a autores como Claudel, Bernanos e Péguy, e declara sua admiração por Sófocles e Calderón. Todos serão encenados no *Festival de Théâtre Religieux*, promovido por ele a partir de 1960, em Annecy. Chega ao ápice a religiosidade do artista no teatro, em 1973, com a criação, em parceria com o compositor Almeida Prado, de *Thérèse l'amour de Dieu*.

Um outro artista tem ascendência em sua ação teatral: **Cocteau** (1889-1963). Apesar do tempo limitado em que trabalharam juntos (1962-1963),

¹³ “um teatro total, onde o cenógrafo, o diretor, o ator e também o bailarino, o compositor, o cineasta ofereceriam a sua participação levando ao poeta a sua contribuição artística” (trad. da autora)

¹⁴ “não morreremos para nós mesmos, porém uns pelos outros, ou até, uns no lugar dos outros, quem sabe?” (trad. da autora)



Encenação de *Pelleas et Mélisande* no *Opéra Comique* em Paris. 1962.

esses contatos tem grande alcance no aperfeiçoamento profissional do diretor. Jacques Pernoo, diretor artístico do *Festival International de Metz*, programa, para o centenário de Claude Debussy (1862-1918), a montagem da ópera *Pelléas et Mélisande*, sob a direção cênica de Doublier, que convida Cocteau a elaborar cenários e costumes. Os dois artistas desenvolvem laços de amizade e admiração rapidamente, pois o seu entendimento é total. Doublier refere-se a Cocteau e diz à Nadia Dawalibi, da revista *Cinés d'Orient* de Beirute, Líbano (25/08/1962, "L'ambassadeur des poètes, Henri Doublier"):

*vous avez pu vous rendre compte non seulement de son génie (et je n'exagère pas le mot) mais aussi de son originalité, de son don indiscutable de poète. A part ses dons uniques d'auteur, c'est un grand peintre, décorateur émérite... il a une vision très particulière du théâtre. Pour lui, tout devient symbole. Il accroche tout ce qui est fuyant, impalpable, tout ce qui est du domaine du rêve, de la chimère. C'est en même temps un grand prophète et un être humain très sensible et très près de la réalité.*¹⁵

Pelléas et Mélisande é apresentada em Metz e Marselha (França) em 1962, e na Ópera Cômica de Paris, em 1964. Doublier assina ainda a direção de *Renaud et Armide*, de Cocteau com uma música de Francis Poulenc, em Metz e nas ruínas do templo de Baalbeck, no Líbano, em 1962. Em todas as montagens, segue com cuidado os anseios do poeta. Em 11 de outubro de 1963, no dia seguinte da morte de Cocteau, comenta em seus escritos o quanto o entusiasmo, a confiança, as críticas e elogios construtivos do artista tinham sido benéficos para ele e o tinham ajudado a realçar, com efeitos de luzes e indicações na *mise en scène*, o sonho e a irrealidade das obras e respectivos cenários e costumes. Claude Rostand em *Le Figaro Littéraire*, de Paris (25/09/1962, "Un rêve dessiné par Jean Cocteau") confirma a comunhão artística dos dois:

¹⁵ é indiscutíveis a sua genialidade e sua originalidade. Além de seus dons únicos de autor, é também um grande pintor e decorador emérito... ele tem uma visão muito particular do teatro. Para ele, tudo é símbolo. Ele toca em tudo que é fugaz e imaterial, tudo que pertence ao sonho ou a quimera. É um grande profeta e um ser humano muito sensível. Ao mesmo tempo é muito perto da realidade. (trad. da autora)



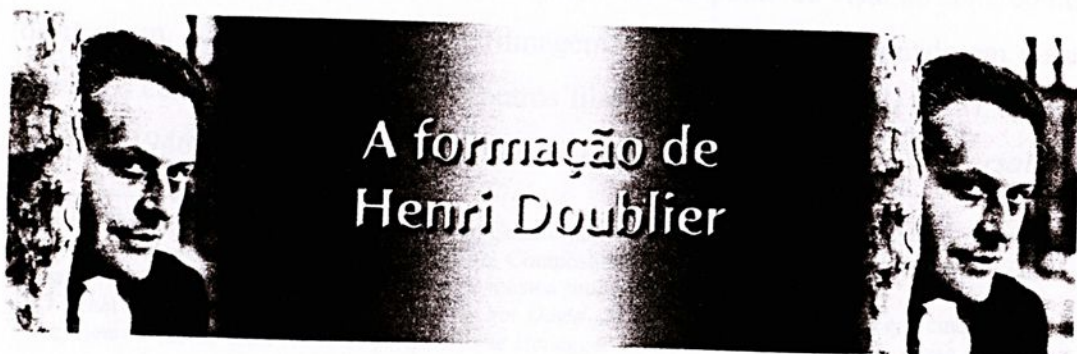


Encenação de *Renaud et Armiide* nas ruínas de Baalbeck, no Líbano. 1962.

*Deux hommes ont coordonné tout cela: Henri Doublier, metteur en scène, et Jacques Pernoo, chef d'orchestre. Dans le cadre qui lui est fourni par Jean Cocteau, le premier n'a pas recherché des solutions révolutionnaires ni agressivement originales. Il a opéré avec simplicité, intelligence, un remarquable sens dramatique et poétique, et surtout en dehors de toute routine. Sa mise en scène est excellente dans les moindres détails. Elle permet à l'émotion humaine de l'oeuvre ainsi qu'au climat de rêve instauré par le décorateur de s'épanouir en toute liberté, preuve de plus qu'il faut introduire des hommes de théâtre à l'opéra.*¹⁶

É mister ressaltar que o gosto de Doublier pelos festivais, pelas associações de espectadores, pelo contato com o público jovem, tudo comunga diretamente com **Jean Vilar** com quem atua em fins dos anos 40 no *Théâtre National de l'Odéon*. É sua admiração pela criação do *Festival d'Avignon* que o leva, em 1960, a produzir o *Festival International du Théâtre Religieux de Annecy* que dura até 1967.

¹⁶ Dois homens coordenaram tudo isto: Henri Doublier, diretor e Jacques Pernoo, regente. No cenário que lhe é fornecido por Jean Cocteau, Henri Doublier não procurou soluções revolucionárias, nem agressivamente originais e operou com simplicidade, inteligência, com um senso dramático e poético, acima de qualquer rotina. Sua direção é excelente nos mínimos detalhes e permite a emoção humana da obra e ao clima de sonho, instaurada pelo cenógrafo, em desabrochar em toda sua liberdade... Isto prova que devemos introduzir homens de teatro na Ópera. (trad. da autora)



FORMAÇÃO DE HENRI DOUBLIER

Nascido em Chambéry-Savóia, filho de um serralheiro artístico, Henri Doublier faz os seus estudos secundários no *Lycée Vaugelas* (1937-1942) e entra no conservatório da cidade, onde conclui um *baccalauréat* em Filosofia (1942-1944). O diretor do conservatório, André Thiriet,¹⁷ o escolhe para ser o recitante do oratório *O Rei David*, de Honegger, no Teatro Charles Dullin; Doublier tem dezesseis anos.¹⁸ Conhece Cécile Demay, refugiada com a família das perseguições nazistas em Metz-Lorena. Ela se aperfeiçoava no estudo do piano no Conservatório de Chambéry e com Doublier começa a estudar os poetas e autores franceses e a declamá-los com ele.

Em 1944, partem juntos para Paris, onde Henri Doublier prossegue seus estudos de Direito e de Letras, porém, é de Teatro que ele gosta. Paralelamente aos estudos de Direito, entra no Conservatório de Arte Dramática de Paris, onde estuda com Louis Jouvet e também com René Simon, formador de jovens atores, de 1946 a 1948.

Em 20 de julho de 1945, é convidado como estagiário no Teatro do Odeon, durante a temporada de 1945-1946, percebendo o salário de três mil francos mensais. Atua nos papéis de jovem ator romântico (*jeune premier romantique*), em várias peças de autores clássicos franceses: Corneille, Racine, Molière (1622-1673), Marivaux (1688-1763), Alfred de Musset (1810-1857), Victor Hugo (1802-1885). Em 1949, é convidado por Abel Gance dos *Films Cariatides* para fazer o papel principal do filme *La divine tragédie* (*Vida de Cristo*), que teria várias inovações técnicas, tanto do ponto de vista do som, como da imagem. Após vários meses de filmagem, o projeto foi abandonado em vista dos altos custos. Ele faz pontas em outros filmes: *Les Roquevillard* (1943), *Coeur de coq* (1946), *Les happe chair* (1947), *Un grand patron* (1951), *Si Versailles*

¹⁷ André Thiriet, nascido em 1906, foi diretor do Conservatório Nacional de Chambéry, de 1937 a 1947, onde criou um movimento musical de primeira ordem. Compositor e regente, foi autor de 180 obras musicais de câmara, vocal e coral, obras para o teatro lírico e música sinfônica.

¹⁸ O jornal *Le Dauphiné-Libéré* (18/11/99, "Le roi David, 50 ans plus tard!") comenta que cinquenta anos antes, Henri Doublier era o recitante do oratório de Honegger no Teatro Charles Dullin. Convém acrescentar

m'était conté (1955), *Lyon, ville romantique* (1959) e *Savoie* (1960).

Até 1949, anota num diário íntimo todos os seus contatos com atores da época e o que cada um lhe traz como experiência e ensinamentos. Ele conhece Jean Hervé, Henri Rollan e Vera Korène. Com ela grava textos da Idade Média e participa da montagem da ópera-oratório *Le martyre de Saint Sébastien*, de Claude Debussy (1862-1918) e Gabriele d'Annunzio (1863-1938), no *Théâtre Antique d'Orange*, onde faz o papel de um dos dois mártires (1948).

Ele anota ainda as qualidades que crê primordiais para vencer na vida teatral: saúde, audácia e memória, bem como as qualidades suplementares: a observação pela curiosidade, a assimilação pela sensibilidade e a transmissão pela técnica. Para esse jovem ator de 22 anos, "... *l'homme fort est l'homme d'une idée en et non pas de mille projets...*"¹⁹ Pensa ainda que a sinceridade é um sentimento essencial ao teatro (anotação de 10/05/1948).

Dessa época, só conseguimos achar alguns programas:

- de dois espetáculos de gala em benefício dos prisioneiros de Chambéry, na Alemanha, em 1944, no Teatro de Chambéry. Programa de curtos textos poéticos e teatrais.

- da peça de Charles Vildrac, *Le paquebot Tenacity*, em 1945, no *Théâtre National de l'Odéon*, na qual Doublier faz o papel de um jovem operário.

- da peça *On ne badine pas avec l'amour*, de Alfred de Musset, em 1946, no *Théâtre National de l'Odéon*, na qual Henri Doublier faz parte do coro.

- da peça de Brice Hilaire, *Juana de Granada*, em 1947, numa sala paroquial de Paris, na qual Henri Doublier faz o papel de Don Juan.

- de um recital poético, *Soirée poétique*, em 1949, no Teatro de Valenciennes, em que declama poemas de Baudelaire, Verlaine e Victor Hugo, junto com Marie Rose Carlié.

É convidado também pela *Radio Diffusion Française* para

que, no coro, ainda havia um senhor que tinha cantado em 1942 e que relatou este fato, pois na época homenageavam os cinquenta anos de Honegger.

¹⁹ "...o homem forte é o homem de uma idéia e não de mil projetos.." (trad. da autora)

emissões muito conhecidas, naquela época, de *Prestiges du Théâtre*, *Théâtre de minuit*, *Poésie et Musique*, com programas de música e poesia, da Idade Média ao Romantismo.

Curiosamente, durante o ano 1951, escreve contos para o *Journal du Centre*. Achamos quatro deles assinados por Henri Doublier dos quais o artista não se lembra mais, contos inéditos e divertidos: *Le Martien avait un oeil de boeuf*, *Il avait le coeur trop tendre*, *Le nain doux était un hindou*, *Bravo monsieur le directeur*.

Casa-se, em 1947, com Cécile Demay que partilha da vida artística do marido como atriz e que lhe dá um filho, Dominique, em 1951.

ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA FRANÇA E NO EXTERIOR

Opere de Fama, 1906, de Lampa e de Africa do Norte, 1908, tirada
diretor de teatro.

Em agosto de 1900, Cassini é convidado pelo Opéra de
Paris para o papel de José Bonaparte, o primeiro francês do século, na
"Luz de Fama", e, em 1906, na "Luz de Fama", e, em 1908, na "Luz de Fama",
que marcou a história.

Para o papel de "Luz de Fama", Cassini é convidado pelo Opéra de
Paris para o papel de José Bonaparte, o primeiro francês do século, na
"Luz de Fama", e, em 1906, na "Luz de Fama", e, em 1908, na "Luz de Fama",
que marcou a história.

Em agosto de 1900, Cassini é convidado pelo Opéra de
Paris para o papel de José Bonaparte, o primeiro francês do século, na
"Luz de Fama", e, em 1906, na "Luz de Fama", e, em 1908, na "Luz de Fama",
que marcou a história.

Para o papel de "Luz de Fama", Cassini é convidado pelo Opéra de
Paris para o papel de José Bonaparte, o primeiro francês do século, na
"Luz de Fama", e, em 1906, na "Luz de Fama", e, em 1908, na "Luz de Fama",
que marcou a história.



Para o papel de "Luz de Fama", Cassini é convidado pelo Opéra de
Paris para o papel de José Bonaparte, o primeiro francês do século, na
"Luz de Fama", e, em 1906, na "Luz de Fama", e, em 1908, na "Luz de Fama",
que marcou a história.

ATIVIDADES ARTÍSTICAS NA FRANÇA E NO EXTERIOR

Opéra de Paris, turnês na Europa e na África do Norte, Henri Doublier diretor de festivais

Em dezembro de 1950, Doublier é convidado pela Ópera de Paris, para o papel de Frei Dominique, do oratório *Jeanne au bûcher*, de Claudel/Honneger, substituindo Jean Vilar, e atuando ao lado de Claude Nollier, que interpreta a heroína.²⁰

Pierre Dufour do *Dauphiné Libéré* de Chambéry (1951,s/d, *Un chambérien à l'Opéra*) comenta:

*De passage à Paris...il était difficile de ne pas succomber à la tentation de retrouver sur la première scène de France, dans le premier rôle masculin, le jeune tragédien Henri Doublier que nous avons vu débiter au lycée...Il révèle une diction impeccable, servie par un timbre agréable... il s'impose littéralement et cette épreuve le révèle comme un comédien de valeur... lorsque le rideau est tombé, ce sont d'interminables rappels pour saluer l'interprétation magistrale. Claude Nollier et Henri Doublier doivent revenir devant pour être longuement ovationnés.*²¹

Parte em turnês pela Europa: Alemanha, Bélgica, Inglaterra, Espanha e África do Norte, totalizando 63 cidades. Essas turnês são organizadas pelas *Jeunesses Musicales de France* (J.M.F.)²², dirigidas, desde 1942, por René

²⁰ A partir desse momento podemos considerar que Henri Doublier se torna um profissional de teatro. Em nossas pesquisas junto a Biblioteca da Ópera de Paris, pudemos verificar o número de vezes que ele se apresentou em *Jeanne au bûcher*: 1950 (2), 1951 (32), 1953 (6), 1954 (11), 1955 (7), 1956 (7), 1957 (7), 1958 (2), 1959 (3), 1962 (7), totalizando 98 vezes somente em Paris.

²¹ De passagem por Paris... era difícil não sucumbir a tentação de voltar a ver, no palco número um da França, no primeiro papel masculino, o jovem ator Henri Doublier que nos vimos nos seus primórdios no colégio... Ele revela uma dicção impecável, com um timbre agradável... ele se impõe literalmente e essa prova revela-o como um comediante de valor... quando a cortina se fechou, intermináveis chamadas do público para ovacionar a interpretação magistral. Claude Nollier e Henri Doublier tinham que voltar para serem aplaudidos. (trad. da autora)

²² As *Jeunesses Musicales de France* (Juventudes Musicais da França) foram desenvolvidas por René Nicolý, fazendo parte do *Comité National de Propagande pour la Musique*. Após a libertação da França, o

Nicolý, na França. Proporciona a jovens atores e músicos apresentações para um público jovem de vários países. É curioso notar, na imprensa alemã, o sucesso que faz a passagem da jovem *Compagnie Henri Doublier* (criada em 1954), levando a cultura francesa, no pós-guerra, para os alemães de 15 a 25 anos de idade. As turnês são efetuadas em 1953, 1955 e 1956, quando são montadas as peças *Le jeu de l'amour et du hasard*, de Marivaux, e *Hommage à Jean Giraudoux*, com textos diversos do autor.

H.R.G. do Jornal *Centre Matin* de Limoges (25/10/1955 "*Le premier Gala J.M.F. a été d'une qualité exceptionnelle avec Le jeu de l'amour et du hasard*") comenta:

*Les artistes de la Compagnie Henri Doublier sont par une curieuse coïncidence, chacun dans son rôle respectif, d'un âge en rapport avec les personnages de la pièce. Il nous paraît inutile de citer particulièrement le jeu de chacun d'eux. Ils sont tout simplement éblouissants. Toutes les finesses de l'intention de l'auteur sont traduites avec un rare bonheur et beaucoup de talent. Les rôles féminins tenus par Cécile Demay et Marie Rose Carlié, sont empreints de tendre poésie, de charme, de gaieté et d'entrain. Henri Doublier, Gabriel Sardet, René Bergil et Jacques Marchand savent tirer profit des multiples et spirituelles ressources qu'offre le théâtre de Marivaux. Notons que la pièce était agrémentée de la musique originale de Pierre Maillard Verger.*²³

Paralelamente às turnês internacionais, a companhia se apresenta em várias cidades francesas: Caen, Bourg en Bresse, Charville, Sablons,

movimento se expandiu muito, contando-se cinquenta mil adesões na região de Paris. Em 1969, contavam-se duzentos e cinquenta mil em toda França, divididos em cento e oitenta delegações. Esse movimento criado na Bélgica, em 1935, por Marcel Cuvelier estendeu-se para vários países e regiões: Luxemburgo, Suíça, Itália, Canadá, África do Norte e se constituiu em federação internacional. René Nicolý foi também o administrador da *Réunion des Théâtres Lyriques Nationaux*, de 1969 a 1971, quando veio a falecer

²³ Os artistas da Companhia Henri Doublier são por uma curiosa coincidência, cada um em seu papel respectivo, de uma idade em relação com as personagens da peça. Parece-nos inútil citar o jogo cênico de cada um. São simplesmente, maravilhosos. Todas as finessas intencionadas do autor são reveladas com muito apreço e talento. Os papéis femininos de Cécile Demay e Marie Rose Carlié são impregnados de doce poesia, charme, alegria e animação. Henri Doublier, Gabriel Sardet, René Bergil e Jacques Marchand sabem tirar proveito dos múltiplos e espirituosos recursos que o teatro de Marivaux oferece. Notamos que a peça estava adornada com a música original de Pierre Maillard Verger. (trad. da autora)



DISTRIBUTION

Monsieur ORGON, père de Marie et de Silvia	Gabriel SANDET	LISETTE femme de chambre de Silvia	Marie-Rose CARLIE
MARIO	René BERGIL	DORANTE	Henri DOUBLIER
SILVIA	Cécile DEMAY	ARLEQUIN, valet de Dorante ..	Jacques MARCHAND

LE JEU DE L'AMOUR ET DU HASARD fut représenté pour la première fois par les Comédiens Italiens, le lundi 23 janvier 1730, à Paris. La Compagnie Henri Doublier a créé LE JEU DE L'AMOUR ET DU HASARD, avec la musique originale de Pierre Maillard-Verger, le mardi 30 novembre 1954, au Grand Théâtre de Tunis.

La sonorisation est assurée par SUPERTONE.

Tours, Brest etc... e *Jeanne au bûcher* excursiona por vários países europeus, alcançando, em 1962, a sua centésima apresentação.

René Dumesnil do *Jornal Le Monde de Paris* (18/10/1962 *Reprise de Jeanne au bûcher*) fala sobre a retomada do oratório na *Opéra de Paris*:

*...on en est d'autant plus heureux que l'on retrouve M^{lle} Claude Nollier, créatrice de l'oeuvre sur cette scène...et dont la parfaite interprétation, si intelligente et si sensible, qu'elle lui donna, a largement contribué au succès de l'oeuvre dans ce théâtre... la distribution d'ailleurs était bien cohérente et faite pour assurer le succès de la reprise avec M. Henri Doublier dans le Frère Dominique...*²⁴

Doublier trabalha com atores de renome como Vera Korène, René Faure, Lise Delamare, Maurice Escande, Louis Ségnier, Jacques Charon, Georges Chamarat... Conta ainda com a participação dos cenógrafos Yves Bonnat, Roger Haart, Jacques de Pindray e com a colaboração dos músicos Pierre Maillard-Verger, Monique Rollin, Michel Debost e o cantor Bernard Demigny. Em 1959, já tem gravados vários discos: *Le jeu de l'amour et du hasard*, *Les fleurs du mal*, *Un caprice*, *La palette orchestrale*, *Le malade imaginaire*, *Poésie et musique de 1850 à nos jours*, *L'épreuve*, com a participação de sua esposa, Cécile Demay, de Marie Rose Carlié e outros. Em julho de 1995, Marie Rose Carlié deu o seguinte depoimento sobre o trabalho do jovem encenador:

Les mises en scène d'Henri Doublier, belles, claires et intelligentes, partaient selon moi, d'un grand respect du texte. Henri Doublier avait toujours attaché au "Verbe" et à la langue française une grande importance. Il s'agissait donc de servir un auteur qu'il admirait et non pas de "plaquer" une mise en scène ostentatoire qui nuirait au dialogue. Par contre tout état mis en oeuvre pour rendre l'action la

²⁴ ...estamos, sobretudo, felizes de rever Senhorita Claude Nollier, criadora da obra nesse palco... e da qual a perfeita interpretação, tão inteligente e sensível, que ela deu a essa obra, contribuiu muito ao sucesso de *Jeanne au bûcher* neste palco... a distribuição, aliás, era bem coerente e feita para assegurar o sucesso da retomada deste oratório com Henri Doublier no papel de *Frère Dominique*... (trad. da autora)

*plus réelle possible et la plus vivante. D'où l'importance qu'il attachait aux éclairages par rapport aux décors, costumes, entrées et sorties des personnages etc... Donc, grand admirateur du langage et du verbe (ses interprétations poétiques le prouvent), Henri Doublier est toujours allé vers le plus haut théâtre, ce qu'on appelle le théâtre noble et n'a jamais monté, à ma connaissance, la moindre pièce de boulevard. A partir d'une langue superbe (qu'il s'agisse de Marivaux, de Giraudoux ou de Claudel) son but était, je pense, de donner **vie** et **action** à la pièce, de lui insuffler le meilleur. D'où une transcendance et une beauté dans la mise en scène, où classicisme et modernisme se mêlaient, ayant fait parfois de lui, un précurseur (exemple, *Pelléas et Mélisande* à l'Opéra Comique, décors et costumes de Jean Cocteau). Si le Festival d'Art Sacré d'Annecy a eu tant de succès et a entraîné tant de foules, c'est que toutes les caractéristiques que j'essaie d'énumérer ci-dessus, étaient réussies. N'oublions pas le choix des acteurs (et souvent de grands acteurs) qui lui incombait, et qu' il faisait avec grand discernement. Pour Henri Doublier il fallait que ses collaborateurs attachent autant que lui, une grande importance aux plus petits détails, dans un souci de perfection. C'est Cécile Demay qui fut certainement son bras le plus efficace et le plus complet dans tous les aspects de sa vie de réalisateur et de comédien, durant de longues années. Assistants, régisseurs, techniciens faisaient équipe au service de grandes oeuvres sous l'autorité très forte et douce de Henri Doublier.*²⁵

25 As montagens de Henri Doublier, belas, transparentes e inteligentes começavam, na minha opinião, de um grande respeito ao texto. Ele sempre deu ao *Verbo* e a língua francesa uma grande importância. Tratava-se, então, de servir a um autor que ele admirava e não de abandonar a peça numa encenação ostentatória que prejudicaria o diálogo. Por outro lado, tudo era feito para tornar a ação mais real possível e mais vivaz. Daí a importância que ele dava a iluminação em relação aos cenários, figurinos, entradas e saídas das personagens etc... Grande admirador da linguagem e do verbo, (como provam suas interpretações poéticas), Henri Doublier sempre caminhou junto com o que há de grande no teatro, o que chamamos de teatro nobre, nunca montou, a meu ver, uma peça de *boulevard* (de comédia). A partir de uma linguagem soberba (se tratando de Marivaux, Giraudoux ou Claudel) seu objetivo era, eu penso, de dar **vida** e **ação** à peça, e de lhe insuflar o que há de melhor. Daí uma transcendência e uma beleza na encenação em que o classicismo e o modernismo se misturavam, tornando-o às vezes um precursor (ex. *Pelléas et Mélisande* no *Opéra Comique* com cenários e figurinos de Jean Cocteau). Seu *Festival d' Art Sacré* de Annecy teve tanto sucesso e trouxe tanto público, foi porque, todas essas características que tento enumerar texto acima, estavam reunidas. Não podemos esquecer que a escolha dos atores (e frequentemente de grandes atores), feita com muito discernimento, era realizada pessoalmente. Para Henri Doublier era necessário que seus colaboradores dessem, tanto quanto ele,

Em fins dos anos cinquenta, a era dos festivais está em franca expansão. Em 1958, Charles de Gaulle, eleito Presidente da República, nomeia, em 1959, André Malraux, Ministro da Cultura (cargo que exerce até 1969) e começa uma nova fase para as artes e as letras na França, graças ao nítido apoio do governo. Henri Doublier começa a participar desses festivais como ator, *metteur en scène* e logo como diretor artístico:

Festival de Wiltz (Luxemburgo) em que apresenta *Le jeu de l'amour et du hasard* (1958), *L'avare* (1959) *Le malade imaginaire* (1960), *Le martyr de Saint Sébastien* (1968), *L'otage* (1973), *Jeux d'amour des Trouvères et Troubadours* (1975).

O Festival de Wiltz procurava apresentar um programa muito variado (teatro, música, poesia...) e tendo como objetivo, contribuir para a difusão dos valores culturais. É em 4/09/1973 que Henri Doublier encena *L'otage*, de Paul Claudel, com: Paul Ecoffard, Alexandre Rignault, François Beaulieu, Jean Davy, Bérandère Dautun, (a maioria da *Comédie Française*), figurinos de Georges Wakhevitch, elementos decorativos de Michel Juncar, sonoplastia do disco de Henri Doublier, *L'otage* (*Grand Prix du Disque de l'Académie Charles Cros* 1965).²⁶ Nessa ocasião Henri Doublier concebera uma nova encenação para o festival. No programa apresentava a concepção de Claudel e a análise da peça, primeira de uma trilogia com *Le pain dur* e *Le père humilié*.

Festival International de Metz (França) em que apresenta *Jeanne au bûcher* e *L'annonce faite à Marie* (1960), *Dialogues des carmélites* (1961), *Renaud et Armide* (1962), *Pelléas et Mélisandre* (1962), *Les fleurs du mal* (1963).

O *Festival International de Metz* criado em 1958 por um comitê de organização da cidade, com direção artística de Jacques Pernoo, diretor do Conservatório e da Orquestra Municipal, reunia a cada ano, com sucesso, grupos de música e de teatro vindos de diversos lugares. Paralelamente aos espetáculos,

uma grande importância aos menores detalhes, numa preocupação de perfeição. É Cécile Demay que foi certamente o seu braço direito. Na vida de diretor e de ator de Henri Doublier, ela foi a mais eficaz e a mais completa durante muitos anos. Assistentes *Régisseurs*, técnicos compunham uma equipe a serviço de grandes obras sob a autoridade muito forte e suave de Henri Doublier. (trad. da autora)

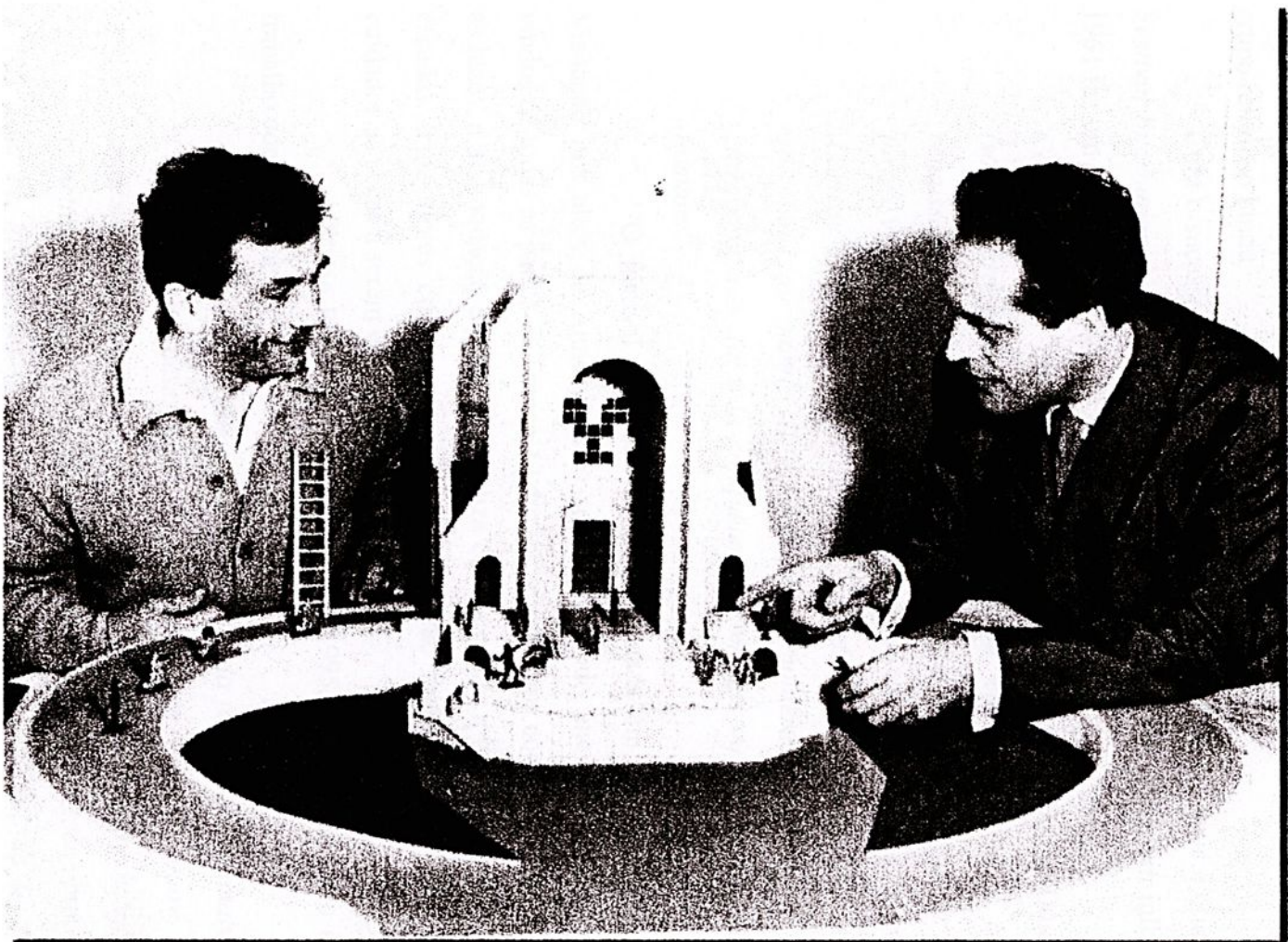
²⁶ Henri Doublier recebeu esse prêmio em 1965 com disco gravado por ele desta peça.

conferências, exposições, projeção de filmes antigos e modernos eram programados nos Museus e na Academia de Arte de Metz. Henri Doublier começa a participar de festival a partir de 1960, convidado por Jacques Pernoo. A partir deste momento, os dois artistas desenvolvem um trabalho conjunto e uma grande amizade que os levariam até o Brasil, durante anos seguidos. Em 1962, para os festejos o centenário de Claude Debussy (1862-1918), Doublier convida Jean Cocteau para elaborar o cenário e os figurinos de *Pelléas et Mélisande*, ópera que em 1902, revolucionara a música e escandalizara o público. Esse drama lírico, composto de cinco atos e treze quadros, com texto do poeta Maurice Maeterlinck (1862-1949), tem encenação nova com Henri Doublier, que dá primazia ao movimento cênico, à mímica, ao gesto de cada cantor lírico. Na ocasião Jean Cocteau comenta:

*Henri Doublier est un ambassadeur des poètes. Voilà bien des années qu'on me demandait les décors et les costumes de Pelléas et Mélisande, bien des années qu'on voulait reprendre ce Renaud et Armide, opéra parlé, créé jadis par la Comédie Française. J'hésitais et refusais toujours. Mais on résiste mal à Doublier, surtout s'il nous apporte Denise Duval, Jacques Pernoo et Francis Poulenc. Des spécialistes du spectacle vous énuméreront les entreprises courageuses qui jalonnent sa route.*²⁷

Festival International du Théâtre Religieux de Annecy (França) em que apresenta *L'annonce faite à Marie* (1960), *Dialogues des carmélites* (1961), *Jedermann* e *Polyeucte* (1962), *Le maître de Santiago* e *L'otage* (1963), *Antigone* e *La vie est un songe* (1964), *Electre* e *La dévotion à la croix* (1965), *La grande pitié du royaume de France* e *L'échange* (1966),

²⁷ Henri Doublier é um embaixador dos poetas. Havia muitos anos já que diretores me pediam os cenários e os figurinos de *Pelléas et Mélisande*, vários anos que queriam encenar de novo *Renaud et Armide* ópera falada, criada pela *Comédie Française* há muitos anos. Eu hesitava e recusava sempre. Porém é difícil resistir ao Doublier, sobretudo quando ele nos traz Denise Duval, Jacques Pernoo e Francis Poulenc. Especialistas do espetáculo lhe dirão os trabalhos corajosos que se sucedem em seu caminho. As duas encenações de Henri Doublier, *Pelléas et Mélisande* e *Renaud et Armide* tem tal sucesso em Metz que a primeira tomará o caminho de Paris e a segunda, o de Baalbeeck, no Líbano. (trad. da autora)



Henri Doublier e colaborador preparando espetáculo para o *Festival International du Théâtre Religieux*, em Annecy. Anos 60.

L'Évangile Salésien (1967); ele traz ao Festival, no mesmo ano o *Kathakali*, grupo religioso hindu.

Com o sucesso da apresentação de *L'annonce faite à Marie* é criado o *Festival International du Théâtre Religieux d'Annecy*. Roland Cluny em julho de 1961 faz um retrato do diretor do festival, Henri Doublier:

*Ce n'est qu'un premier pas dans la carrière où Henri Doublier (soutenu ardemment par ceux qui croient, comme moi-même, à une renaissance prestigieuse du théâtre inspiré, et veulent y consacrer leurs forces vives), confirmera sa jeune maîtrise et accomplira sa vocation d'artiste et d'apôtre. Il croit à ce qu'il fait, et le réalise mieux que quiconque au monde. Il ira très loin., montera très haut, en nous entraînant avec lui à la conquête des sommets où resplendit le génie humain.*²⁸

O festival se passa na praça situada em frente à igreja da Visitação nos altos de Annecy, onde se reúnem todo ano 5000 espectadores vindos de todas as partes da França. O diretor se preocupa como melhorar o som, as luzes, a acomodação do público. Utiliza como cenário a igreja, os pórticos, as escadas. Traz atores consagrados, de interpretação impecável e escolhe com cuidados as peças a serem encenadas.

Marie Rose Carlié, em julho de 1995, comenta conosco o seu trabalho como diretor:

Un metteur en scène se doit d'avoir à la fois l'esprit d'analyse et l'esprit de synthèse. Henri Doublier avait l'un et autre. Son professionnalisme était " rigoureux", ne laissant rien au hasard, et remettait l'ouvrage cent fois sur le métier. Il travaillait scène par scène et ne laissait les acteurs que lorsqu'il était satisfait de la scène, entrevue par lui dans un ensemble dont il avait les clefs. Sa courtoisie naturelle et son humour, rendait le travail agréable. Mais nous savions

²⁸ Isto é somente um primeiro passo na carreira onde, Henri Doublier (assistido por aqueles que acreditam, como eu, num renascimento prestigioso do Teatro inspirado, e querem dedicar as suas forças) confirmará sua jovem maestria e cumprirá sua vocação de artista e apóstolo. Ele acredita no que faz e o realiza melhor do que ninguém no mundo. Ele irá longe, subirá bastante, levando-nos com ele à conquista dos picos com genialidade. (trad. da autora)



Encenação de *Les Choéphores* no *Festival de Provins*, na França,
com Laurent Terzieff e Pascale de Boisson. 1967.

*tous que sous ce gant de velours se cachait une main de fer. Et sa conscience professionnelle était telle que je l'ai vu en tournée, suivre la pièce, des coulisses, tous les soirs pour qu'elle ne se "décale" pas et dans le respect du public, qu'il s'agisse d'une grande ou d'une petite ville, d'un public très cultivé ou plus populaire, il était là, et suivait le déroulement de la mise en scène, des coulisses; il rectifiait, ensuite, auprès de l'acteur, tels ou tels détails, ou le félicitait si cela "avait bien marché", selon l'expression consacrée. Rien ne lui échappait, et cette rigueur professionnelle fut, certainement, un de ses grands atouts. Car il avait ce même regard pour les décors, costumes, musique et éclairages, et savait où il voulait aller.*²⁹

Infelizmente, com os distúrbios de maio 1968 e as dificuldades financeiras que assolam a Prefeitura da cidade, o festival, apesar de seu sucesso, não pode continuar. Até hoje encontramos pessoas que se lembram do festival e sentem seu desaparecimento. Esse ano marca o tributo feito a Henri Doublier com a inauguração da *Maison Henri Doublier* do C.P.M.A. (*Centre de Pratique Musicale d'Annecy*), dirigido por Henri Murgier.

Festival International de Provins (França) em que apresenta *La grande pitié du royaume de France* (1966), *Les fleurs du mal*, *Recital Manuel Bandeira* e *Les Choéphores* (1967) e *Villegagnon* (1971).

Provins é uma cidade medieval situada a uma hora de Paris com uma população que não chega a 100.000 habitantes. Ela é rica em monumentos e envolta por muralhas dos séculos XII e XIII o que a torna o lugar ideal para palco de festival. De 1965 a 1998, Alain Peyrefitte, ministro francês, empenhou-se a

²⁹ Um diretor de teatro deve ter, ao mesmo tempo, o espírito de análise e o espírito de síntese. Henri Doublier tinha os dois, seu profissionalismo era "rigoroso", não deixando nada ao acaso, ele retomava a obra cem vezes se necessário. Trabalhava cena, por cena e só deixava os atores quando estava satisfeito com cada cena, vista por ele num conjunto do qual tinha as chaves. Sua cortesia natural e seu bom humor fazia com que o trabalho fosse agradável, porém nos todos sabíamos que embaixo dessa luva de pelica se escondia uma mão de ferro. A sua consciência profissional era tal, que cheguei a vê-lo, durante as turnês, seguir o desenrolar da peça nos bastidores todas as noites para que não houvesse uma "defasagem" e por respeito ao público; fosse de grande ou pequena cidade, de um público muito culto ou mais popular, ele estava presente e seguia o desenrolar da peça dos bastidores; em seguida fazia alguma retificação junto ao ator, nesse ou naquele detalhe, ou então felicitava-o se a peça "tinha caminhado bem". Segundo a expressão que utilizava. Nada lhe escapava, e esse rigor profissional foi certamente um dos seus grandes trunfos, porque tinha este mesmo olhar para os cenários, os figurinos, a música e a iluminação, e sabia onde queria chegar. (trad. autora)



Apresentação de *Villegagnon* na *Collégiale Saint-André* em Chartres com Henri Doublier, Cécile Demay e José de Almeida Prado. 1971.

oferecer à cidade espetáculos de qualidade, atraindo um público interessado. Henri Doublier participa do festival durante três anos. A primeira vez com *La grande pitié du Royaume de France* que tem uma surpreendente repercussão. A obra é de Maurice Clavel que relata o período confuso da história da França entre 1380-1430 quando o país está praticamente nas mãos dos ingleses e o povo começa a vislumbrar uma tênue esperança com o advento de *Jeanne d'Arc* que a partir de 1429, levanta o estandarte contra o inimigo, leva o delfim para ser coroado rei sob o nome de Charles VII na catedral de Reims, continua a frente das tropas até ser presa e morrer queimada em 29/05/1431. O autor define assim sua obra, no programa do festival em junho de 1966.

*En effet, par un de ces paradoxes les chrétiens voient le christianisme, dans l'abjuration, la solitude, l'abîme, la mort rattrapée par caprice ou hasard sous le prétexte dérisoire de l'habit d'homme, les cris sans réponse sur le bûcher, moi, je crois discerner la sainteté de Jeanne non pas dans les bannières, les cortèges, la gloire... Je rappelle seulement qu'elle sentait l'herbe et fut brûlée.*³⁰

O espetáculo é apresentado em três quadros no *Théâtre des Remparts*.³¹ José Berghmans, compositor de música gravada com a *Orchestre Philharmonique de l'O.R.T.F.* (Orquestra da Rádio Televisão Francesa), procura integrar sua música à ação. Henri Doublier a define como obra lírica e se esmera para dar ao público uma beleza plástica acompanhada de um trabalho detalhado na entonação, mímica, deslocamento dos atores realçando a qualidade do verbo, da língua, da poesia e a psicologia de cada personagem.

No ano seguinte Doublier apresenta três espetáculos. Falaremos apenas de *Les Choéfores* pois abordaremos os outros em outra parte do trabalho.

Essa obra de Ésquilo, traduzida e adaptada por Paul Claudel é apresentada também no *Théâtre de Remparts* com cenografia e figurinos de

³⁰ Com efeito, por um desses paradoxos os cristãos vêem o Cristianismo, na abjuração, na solidão, no abismo, na morte recapturada como por um capricho ou acaso, sob o pretexto irrisório da vestimenta masculina, nos gritos sem respostas na fogueira, porém creio discernir a santidade de Jeanne não nos estandartes, nos cortejos, na glória... quero lembrar somente que ela cheirava à pastagens e apesar disto, foi queimada.

³¹ Teatro das Muralhas, espaço cênico ao ar livre na parte melhor conservada das muralhas que circundam a cidade. Henri Doublier sempre utilizava este espaço com grande sucesso visto a atmosfera mágica do lugar.

Douking. A coreografia é de Jean Guelis. Música de Darius Milhaud com os coros e a O.R.T.F. (Orquestra da Rádio Televisão Francesa) dirigida por Charles Bruch. No elenco, Laurent Terzieff, Claude Nollier, Tânia Balachova, Pascale de Boysson e outros atores. Henri Doublier teve a idéia de montar essa peça em 1964, quando apresentava *Jeanne au bûcher* em Atenas, aos pés da Acrópole, no teatro ao ar livre de Heródoto. As muralhas de Provins lhe lembram as ruínas gregas e ele se entusiasma pela montagem. Já trabalhava desde 1950 com Paul Claudel e já tinha apresentado várias obras dele na França e no exterior, inclusive no Brasil, *Jeanne au bûcher* (1960, 1961) e *La danse des morts* (1964). Comenta no programa, em 1967:

*...J'étais atteint... une révélation m'acheva: le grec que j'avais entendu à Epidaure n'était pas du grec ancien. C'était une transposition moderne qui soulevait même de vives querelles et des gens autorisés m'affirmaient que le français était aussi valable que le grec d'aujourd'hui pour retrouver la vérité d'un Sophocle ou d'un Eschyle... et nous avons Claudel... c'est la vie, c'est la poésie; c'est l'homme avec sa chair et son âme.*³²

No programa, uma foto tomada no Rio de Janeiro, apresenta Paul Claudel e Darius Milhaud, sentados, lado a lado, numa banquetta, na dianteira de uma locomotiva. É para nos lembrar que o primeiro era o embaixador e o segundo, seu secretário na Embaixada do Brasil na referida cidade, fins de 1916 ao fim da Primeira Guerra Mundial em 1918. Naquela época Darius Milhaud tinha 24 anos e Paul Claudel, 48. Enquanto Claudel traduzia a obra de Ésquilo, Milhaud compunha a música para *Les Choéphores* em 1915-1916 e para *Les Euménides* em 1917-1922. Já influenciado com a música brasileira e a politonalidade como assinala Lina Maria Ribeiro Noronha:

Inicialmente estimulado pelas experiências harmônicas do período e principalmente pela música de Stravinsky, Milhaud encontrou na

³² ...eu tinha sido atingido... uma revelação pôs fim a minha dúvida: o grego que eu tinha ouvido em Epidauro não era grego antigo. Era uma transposição moderna que levantava discussões vigorosas e pessoas dignas de crédito, me afirmavam que a língua francesa é tão válida quanto o grego de hoje para reencontrar a verdade de um Sófocles ou de um Ésquilo... e nos temos Claudel... ele é a vida, a poesia, é o homem com sua carne e sua alma.

politonalidade a solução para os problemas harmônicos do século XX. Após um período de pesquisa politonal, ele integrou a referida técnica na sua escrita de um procedimento natural. Estabelecendo o seu uso em *Les Choéphores*, em *Saudades do Brasil* ele ressalta de forma significativa a sua importância. (NORONHA, 1998, p.26).

Neste espetáculo Doublier trabalha os elementos da tragédia tais quais os concebia Paul Claudel. Douking o decorador interpreta com liberdade as indicações do poeta, utilizando o espaço cênico das muralhas: o túmulo onde descansa Agamemnon em frente do qual Electra e Oreste vão se reencontrar, algumas colunas erguidas em cima dos muros, dando um toque helenístico ao recinto. Os atores: Laurent Terzieff é um Oreste grandioso e ao mesmo tempo despojado, Pascale de Boysson é uma Electra vibrante e ao mesmo tempo muito religiosa, Tanis Balachova cria uma Clytemnestre de uma grandiosidade funesta e Claude Nollier em *La Coryphée* é equilibrada e pura...

Henri Doublier sempre desejou reunir os dois homens novamente no Rio de Janeiro. E o fez. Em 1969 apresenta *Les Choéphores* no Teatro Municipal como já foi evocado na apresentação deste trabalho.

Festival des Jeux du Théâtre de Sarlat (França) em que apresenta *Antigone*, *Ruy Blas* e *L'avare* (1969), *Le maître de Santiago*, *La dévotion à la croix* e *L'école des femmes* (1970), *La reine morte*, *Henri VI*, *George Dandin*, *Le médecin malgré lui* e *Les fleurs du mal* (1971), *Ballet Théâtre Contemporain*, *Le malade imaginaire* e *Les fleurs du mal* (1972).

Em 1952, o *Festival des Jeux de Sarlat* inicia sua programação. O objetivo é transformar a cidade, rica em arquitetura dos séculos 16 a 18 em um palco aberto. Sarlat está situada na região do Périgord, no sudoeste da França. Henri Doublier é convidado para ser o diretor artístico durante quatro anos de 1968 à 1972. Isso lhe convém, pois o festival de d'Annecy findou no ano anterior. Cada ano, ele apresenta ao *Comité du Festival* uma programação que pode ser modificada. Procura sempre apresentar peças clássicas e modernas do repertório francês. Em 1971, apresenta o seu *Recital Baudelaire* como um jogo dramático e coreografia inspirada nos escritos do poeta, com a participação do

grupo de balé de Dominique Dupuy e, ao piano, Jack Diéval, com música inspirada na obra de Baudelaire. Doublier explica sua *mise en scène* no programa do vigésimo festival de Sarlat, em 1971, com as seguintes palavras:

*Nous avons essayé de construire nos Fleurs du mal autour de deux idées très simples: les grands thèmes baudelairiens en seconde partie et avant, les trois pôles de l'inspiratoín amoureuse chez Baudelaire, symbolisés par la personnification que nous avons faite des trois femmes qu'il a le plus aimées; Madame Sabatier (Françoise Dupuy), Marie Daubrun (Delphine Rybinsi) et Jeanne Duval (Marpesa Dawn), la "Vénus Noire".*³³

Em vista do sucesso do espetáculo, ele foi reapresentado no ano seguinte. Em 1971, também, Doublier apresenta uma obra estrangeira, coisa rara da parte dele. Trata-se de *Henri IV*, de Pirandello. É a primeira vez que a peça é apresentada na região. O diretor sabe que, com ela vai obrigar o público a refletir sobre o universo assombroso da loucura. A obra fala de um homem de nossa época, que, após uma queda de cavalo fica louco e pensa que é Henrique IV. Seus familiares e amigos alimentam essa convicção... Porém o falso Henrique IV recobra a razão, mas mantém o engano sem o deixar perceber. É ele agora que vai dirigir o jogo. Georges Ras, do Jornal *Sud-Ouest* de Bordeaux/França (05.08.1971 "*Une bouleversante variation sur la folie*") comenta:

*Jacques Eyser, étonnant dans ses crises de folie comme dans ses moments de lucidité, entraîne toute une troupe parfaitement homogène, mise en valeur par des costumes magnifiques et par des éclairages nuancés d'Henri Doublier. Après une exposition difficile, la pièce nous empoigne. C'est que les fous sont toujours parmi nous. Ou même en nous. C'est peut être cela qui nous terrifie le plus. Ou qui, du moins, nous force à réfléchir*³⁴

³³ Tentamos construir nossas *Fleurs du mal* a partir de duas idéias muito simples: os grandes temas baudelairianos na segunda parte e na primeira, os três pólos da inspiração amorosa do poeta, simbolizados com personificação que fizemos das três mulheres que ele mais amou: Madame Sabatier (Françoise Dupuy), Marie Daubrun (Delphine Rybinski) e Jeanne Duval (Marpessa Dawn), a Vênus Negra.

³⁴ Jacques Eyser, surpreendente em suas crises de loucura como nos seus momentos de lucidez, leva consigo toda trupe perfeitamente homogênea, valorizada pelos figurinos magníficos e pela iluminação matizada de

Festival International de Baalbeeck (Líbano) em que apresenta *Renaud et Armide* (1962).

Doublier apresenta *Renaud et Armide*, de Jean Cocteau, em 18 e 20/08/1962 no Templo de Bacchus (em ruínas), no Líbano, para o *VII Festival International de Baalbeck*, com figurinos de Christian Bérard, no elenco Geneviève Page (que virá em 1965, ao Rio de Janeiro, para interpretar São Sebastião), Jacques Dacqmine e ele mesmo, na terceira personagem, Olivier, companheiro do rei Renaud. Francis Poulenc compõe para essa ocasião uma música de cena. Esta composição fica desconhecida, pois desaparece, e o compositor falece pouco tempo depois. Temos a sorte de achar o manuscrito no porão de Doublier em 1995). Claude Sarraute, do jornal *Le Monde*, Paris (29/08/1962, *Renaud et Armide au Festival de Baalbeck*) publica:

*De cet enchantement de Renaud et Armide, ce sont des images plus visuelles que littéraires que nous emporterons. Henri Doublier le metteur en scène avait choisi la vraie difficulté: nous faire errer dans les jardins d'Armide, alors que nous étions enfermés... dans la rigide majesté de pierre qu'est le temple de Bacchus. Il a splendidement gagné en jouant de la lumière, de la couleur des costumes... et de la voix des interprètes. Il a inventé des harmonies nouvelles et sur la muraille lisse du poème, il a projeté son spectacle.*³⁵

Festival d'Art Dramatique Saint Malo (França) em que apresenta *L'avare* e *Le jeu de l'amour et du hasard* (1969), *Le maître de Santiago* e *Henri IV* (1970).

O *Festival d'Art Dramatique de Saint Malo* apresentava os seus espetáculos no pátio do castelo da cidade, na *Chapelle de la Victoire* e utilizava também o *Casino Municipal*. Desde 1955, as peças clássicas e modernas eram levadas ao público que cada ano vinha mais numeroso. Para o vigésimo quarto

Henri Doublier. Depois de considerações difíceis... a peça nos captura. É porque os loucos estão sempre no meio de nós. Ou mesmo em nós. Isto é talvez o que mais nos enche de terror.

³⁵ Deste encantamento de *Renaud et Armide* são imagens mais visuais que literárias que levaremos. Henri Doublier, o diretor, escolheu a verdadeira dificuldade: fazer-nos passear nos jardins de Armide enquanto, na verdade, estávamos cercados... na majestosa rigidez das muralhas do templo de Bacchus. Ele conseguiu com esplendor apostando nas luzes, nas cores dos figurinos... e nas vozes dos intérpretes. Ele inventou harmonias novas e sobre a muralha lisa do poema, ele projetou o seu espetáculo. (trad. de autora)

festival, Doublier é convidado como diretor artístico apresentando *L'avare*, de Molière, em 22 e 24 de julho, com três atores da *Comédie Française*, Georges Chamarat, Alain Pralon e Nicole Calfan, e alguns outros, como sua esposa, Cécile Demay³⁶ (no papel de Frosine), e com elementos cênicos de Douking. A peça *Le jeu de l'amour et du hasard*, em 23 de julho, tem no elenco Maurice Escande, Jacques Toja, Alain Pralon da *Comédie Française* e ainda, Michel Clainchy, Danièle Lebrun, Nicole Gueden, com elementos cênicos de Douking e música de Pierre Maillard Verger. Essa peça é considerada o ponto alto da carreira do jovem diretor, pois nos anos 50, foi a que fez mais sucesso em suas turnês, na França e no exterior e foi gravada no *Club National du Disque*, na coleção *Les chefs d'oeuvre de la littérature*, com música de Pierre Maillard Verger; no elenco, Henri Doublier (Dorante), Cécile Demay (Silvia), René Bergil (Mario), Marie Rose Carlié (Lisette), Loic Volard (Arlequin) e Gabriel Sardet (Monsieur Orgon). Não é de se surpreender que essa peça, freqüentemente era escolhida para ser apresentada em festivais. Quanto a *L'avare*, Doublier tinha acabado de montá-la no Rio de Janeiro e em Sarlat. Comentário de redação no jornal *Ouest France* de Rennes (7/7/1969, M.Henri Doublier, *Au revoir Copacabana... Bonjour Saint Malo!*):

*...il a fêté la 200^{ème} représentation de la célèbre comédie de Molière, mise en scène par ses soins pour les acteurs de Copacabana. L'avare joué en portugais, depuis six mois au Teatro Princesa Isabel remporte un succès tel que M. Doublier a été chargé de réaliser un disque du chef d'oeuvre, dans la langue lusitanienne. Molière, même en portugais, demeure Molière et l'on doit se féliciter de l'attention que lui porte le Brésil ainsi qu'à son talentueux introducteur, M. Doublier.*³⁷

³⁶ Esposa de Henri Doublier e atriz participou de boa parte dos espetáculos que ele dirigiu em papéis muito diferentes: Silvia em *Le jeu de l'amour et du hasard*, Elise em *L'avare*, Madame de Léry em *Un caprice*, Madame de Bondy em *Charles de Foulcauld*, Béline em *Le malade imaginaire*, Gisèle em *Nous sommes tous des prisonniers*, Toinette em *Le malade imaginaire*. A sua qualidade de voz, seu dinamismo e sua segurança no palco a ajudaram no teatro dramático e no teatro lírico em *Jeanne au bûcher* e *Le martyr de Saint Sébastien*. Gravou vários discos com seu marido e participou de vários turnês das J.M.F. (*Jeunesses Musicales de France*) e também com a *Compagnie Henri Doublier*, na França e no Exterior.

³⁷ ...ele festejou a ducentésima representação da célebre comédia de Molière dirigida por ele com os atores de Copacabana. *O avaro*, encenada em português completa seis meses de cartaz no Teatro Princesa Isabel e tem tido um sucesso tal que Doublier foi encarregado de gravar um disco desta obra prima, na língua

Festival D'Athènes (Grécia) em que apresenta *Jeanne au bûcher* (1964).

Festival Lyon Charbonnières (França) em que apresenta *Jeanne au bûcher* (1956).

Festival de Dieulefit (França) em que apresenta *Le malade imaginaire* (1960)

Festival International de Lausanne (Suiça) em que apresenta *Jeanne au bûcher* (1964)

Participa de alguns outros festivais com menos intensidade e será visto adiante o evento que ocupa mais tempo e mais importância em sua vida artística, a *Saison Lyrique Française*, no Rio de Janeiro.

Em entrevista a um jornalista, George Ras, no *Jornal Sud-Ouest* de Bordeaux (3/8/1970 *Henri Doublier metteur em scène à Sarlat*), Henri Doublier explica como trabalha para manter um festival, as dificuldades que ele encontra e como se desvia delas:

Il faut d'abord qu'on vienne me chercher au moins un mois à l'avance...je propose un certain nombre d'oeuvres qui me paraissent convenir au cadre du festival...quant elles sont choisies, j'entre en contact avec la Société des Auteurs pour les accords, pour protéger les oeuvres... ensuite c'est la distribution, pour chaque pièce, pour chaque rôle il faut se demander qui sera le meilleur...c'est là que les qualités d'un metteur em scène doivent se manifester. Si vous vous trompez dans le choix des comédiens, l'erreur est irréparable... La difficulté est d'ailleurs double: il faut, évidemment que les acteurs soient disponibles aux dates prévues pour les représentations et pour les répétitions... pour choisir 50 comédiens, je dois prendre contact avec près de 200... pour qu'une pièce marche, il est indispensable qu'une harmonie s'établisse entre tous les acteurs. Si les circonstances m'obligent à changer les rôles, je dois tout revoir. Louis Jouvet m'expliquait un jour

portuguesa. Molière, mesmo em português, continua sendo Molière e devemos ficar feliz pelo respeito que o Brasil tem com Molière e com o talentoso Doublier.

"Si je prends Michel Simon pour jouer Sganarelle, je prends le rôle de Don Juan. Mais si Gérard Philippe est là, tout change: c'est lui qui aura le rôle de Don Juan et moi, je jouerai Sganarelle"... Je mets quatre mois pour élaborer un festival, généralement de janvier à mai... les répétitions se passent dans mon appartement, tous les jours, horaires variés.. il faut s'adapter car quelques-uns travaillent à la radio ou au théâtre, ou à la télévision... certains préparent une tournée... Je dois aller sur place étudier les lieux, le cadre et tous les détails scéniques... les éclairages, le matériel à commander... au moment du festival, j'arrive une semaine à l'avance pour les répétitions techniques le matin, avec les acteurs l'après midi et on reprend tout le soir... parfois après minuit, nous reprenons tous les éclairages, les effets de lumière, un par un... ma femme Cécile Demay est ma collaboratrice de tous les instants, mon assistant René Brun, m'aide énormément et les gens sont d'une extrême gentillesse et facilitent bien des choses..."³⁸

Os anos sessenta vêem a criação dos *Centres Dramatiques Nationaux*, de Bourges, de Villeurbanne, de Montpellier, da Normandia, assim como das *Maisons de la Culture* (a primeira, em 1961, no Havre, e em outras cidades francesas) que permitem a descentralização das obras culturais. A vida

³⁸ é necessário, antes de tudo, que o comitê de organização do festival me procure com um ano de antecedência ... proponho um certo número de obras que me parece convir ao quadro do festival ... e quando são escolhidas, entro em contato com a sociedade de direitos autorais para fazer os devidos acordos, para proteger as obras... depois, cuido da distribuição dos papéis, momento delicado, pois penso que é nesse momento que as qualidades de um *metteur en scène* se manifestam. Se errarmos na escolha dos atores, o erro é irreparável ... a dificuldade, aliás, é dupla, pois os atores escolhidos devem estar liberados também, não só para as datas de apresentações como para aquelas de ensaio ... é um trabalho desgastante, pois, para escolher 50 atores, temos que entrar em contato com 200 ... ademais para que uma montagem funcione, é necessário que uma harmonia se estabeleça entre todos os atores e se as circunstâncias me obrigam a modificar alguns papéis, devo revisar todo o trabalho ... Louis Jouvet me dizia ... "Se pego Michel Simon para o papel de Sganarelle, eu mesmo represento Don Juan; porém se trabalho com Gérard Philippe, ele será Don Juan e eu Sganarelle" ... levo quatro meses para elaborar um festival, geralmente de janeiro a maio ... os ensaios acontecem em meu apartamento, todos os dias, em horário variado, conforme a disponibilidade de cada um ... é necessário adaptar-se, pois alguns trabalham na televisão ou em teatros ou preparam turnês ... devo ir também ao local do festival, onde estudo o espaço e todos os detalhes cênicos, assim como as luzes, os materiais a serem encomendados ... no momento do festival, chego uma semana antes, para os ensaios técnicos de manhã, com os atores à tarde retomando tudo à noite ... às vezes depois da meia noite, repasso tudo com os técnicos, os efeitos de luzes detalhadamente ... felizmente tenho a colaboração constante de minha esposa e atriz, de meu assistente René Brun e as pessoas, de modo geral, são muito gentis e facilitam as coisas. (trad. da autora)

teatral em Paris floresce. Em 1962, são criados o *Festival du Marais* e o *Festival Mondial du Théâtre Étudiant*, em 1963, (nos quais *Vida e Morte Severina* e *Macunaíma* foram premiadas mais tarde.) Georges Wilson sucede a Jean Vilar no *Théâtre National Populaire*, em 1963. Uma comissão consultiva governamental organiza a ajuda aos animadores em 1964. No mesmo ano, é criada a *Compagnie du Soleil*, de Ariane Mnouchkine, e em 1970, surge *Le Grand Magic Circus*, de Jérôme Savary. Algumas obras de grande importância são publicadas: *Notes et contre notes*, de Eugène Ionesco (1962), *Théâtre complet*, de Jean Anouilh (1963) *Ici et maintenant*, de Arthur Adamov (1964), *Mes idées sur le théâtre*, de Paul Claudel (1966), *L'entreprise théâtre*, de R. Temkine (1967), *Théâtre public*, de Bernard Dort (1967), *Théâtre*, de Jean Genet (1968).

Henri Doublier na *Opéra Comique* de Paris

Henri Doublier é convidado para as temporadas 1962/63 e 1963/64, como *metteur en scène*, na *Salle Favart - Opéra Comique*. O repertório do pós-guerra é de qualidade, graças a seus diretores Georges Hirsch e Georges Auric, que dão um lugar preponderante aos compositores contemporâneos.

Pelléas et Mélisande (em 1963 e 1964)

Em 1963, Georges Auric administrador geral dos teatros nacionais, convida Hervé Dugardin para tomar a direção do *Opéra Comique*. Este deseja trazer mais vida ao teatro, atrair um público de qualidade, dar mais ênfase a criações novas sem negligenciar obras do repertório há muito não apresentadas. É assim que Doublier inicia, aos 37 anos, sua carreira de diretor de óperas. Sobre os motivos de seu sucesso nas montagens de óperas, ele declara para o *Journal Musical Français* de Paris (18/10/62 “*La mise en scène de Pelléas au Festival de Metz*”) são:

Mes principaux objectifs sont: le naturel: je demande à mes chanteurs de jouer comme des artistes et non comme des artistes lyriques traditionnels...la logique: le moindre mouvement, le moindre geste, le regard le plus discret, doivent être nécessités par l'action ou la psychologie du personnage, tout déplacement non motivé, est élément de destruction et crée, consciemment au non, une gêne, voire une cassure dans le déroulement normal de la sensibilité du spectateur...la discrétion: il faudrait donc que le profane ne sente jamais la mise en scène, que l'oeil du spectateur ne gêne jamais son oreille, qui a tant à entendre...la vie: tout comme le cinéma nous a habitués à des changements de plans, pour pallier à une lassitude visuelle, de même les scènes les plus longues et les plus statiques doivent être animées avec naturel, logique et discrétion par le rythme renouvelé de tableaux différents, voire de plans différents car il est possible, même au théâtre,

*de passer d'un plan général à un gros plan... la poésie: l'attitude la plus simple et le geste le plus quotidien doivent être transcendés sur un plan poétique, fuyant toujours ce qui pourrait être ordinaire... l'éclairage: doit contribuer puissamment à l'envoûtement recherché, pour transposer dans un monde de légende ce drame très humain, vécu par des personnages entre rêve et terre.*³⁹

Salientamos o sucesso de *Pelléas et Mélisande* em Metz, Marselha, Barcelona, agora em Paris. Hervé Dugardin declarou à Jean Rollot do *Jornal de Nouvelles Littéraires* (20.06.1963, "Comment sauver l'Opéra Comique"): *Le succès de Pelléas parle de lui-même. Si l'on veut ramener l'Opéra Comique à sa mission première: l'art et, ne s'occuper que de cela, la Maison ne demande qu'à revivre...*⁴⁰

Na montagem em Paris, existem algumas mudanças no elenco. Denise Duval continua como *Mélisande*, porém, Jacques Jansem substitui Henri Gui no papel de *Pelléas*; Gérard Souzay no papel de *Golaud*, em vez de Michel Roux. Isto para os papéis principais. Jean Cocteau continua a assumir os cenários e os figurinos e Jacques Pernoo permanece na regência.

Na sua criação em 1902, a obra suscitara reações diversas e apaixonadas, sendo que Debussy (1852-1918) assumiria o que se tornaria o *debussysme* em reação a onda do *wagnérisme* que o havia precedido. O ano de 1962 marcava os cem anos do nascimento do compositor, como já assinalamos, e revelava um retorno à discussão sobre a música de Debussy. Entretanto a dupla Jacques Pernoo/Henri Doublier teria a cada montagem o êxito essencial para

³⁹ Meus principais objetivos são: o **natural**, peço aos cantores interpretarem como artistas dramáticos e não como se faz tradicionalmente ...; o **lógico**, o menor movimento, gesto ou olhar devem ser feitos, por uma necessidade de ação ou da psicologia da personagem, qualquer movimentação indevida é elemento de destruição e cria conscientemente ou não uma perturbação ou mesmo uma fissura no desenrolar normal da sensibilidade dos espectadores ... a **discrição**, é imprescindível que o público não sinta a *mise-en-scène*, e que o olhar não constranja o ouvido do espectador que tem tanto a captar ... a **vida** como no cinema, nos acostumou a mudanças de planos como paliativo a uma fadiga visual assim os momentos mais estáticos ou longos devem ser movimentados com espontaneidade natural, lógica e sobriedade pelo ritmo renovado de quadros diferentes, mesmo de planos diferentes pois é possível mesmo no teatro de passar de um plano geral a um plano menor... a **poesia**, a atitude a mais simples, o gesto mais banal deve ser veiculado, num plano poético, fugindo sempre do mediocre ... a **iluminação** deve contribuir sempre ao encanto para transpor a peça a um mundo de lenda, esse drama muito humano, vivido pelos personagens entre sonho e terra. (trad. da autora)

⁴⁰ O sucesso de *Pelléas* fala por si. Se quisermos trazer de novo o *Opéra Comique* a sua missão numero um: é preciso arte e somente isso, a casa não pede nada mais do que reviver...(trad. da autora)

continuar. Doublier por sua direção sóbria e discreta, realçando o simbolismo da obra na precisão dos gestos e Pernoo, muito apreciado dos músicos e dos cantores, permitindo que eles se entregassem sem reticências à emoção, porém, não usando de exagero ou de afetação. A comunicação do maestro com os músicos é clara nessa consideração: “A regência, quando comunicada com perfeição e clareza, não necessita explicações de como ela deve ser entendida. A regência é ou não é, e os músicos captam a sua decodificação, revestida com elementos ligados à obra.” (VIEGAS M. NETO, 1993, p.59) Henri Doublier tentaria, nos anos 60, trazer *Pelléas et Mélisande* ao Rio de Janeiro, a pedido de Murilo Miranda, o diretor do Teatro Municipal. Infelizmente isto foi impossível, pois o *Opéra Comique* e os herdeiros se recusariam a emprestar os cenários e os figurinos de Jean Cocteau...

***Le Libertin* (em 1963)**

The Racke's Progress ou *Le Libertin*, de Igor Stravinski (1882-1971) com texto de Wystan Auden e Chester Kallman, foi criado em Veneza, em 1951. Ópera em três atos e nove quadros. A versão francesa é de André de Badet. Na apresentação na *Opéra Comique*, em maio e junho de 1963, tem cenários e figurinos de Georges Wakhevitch, direção cênica de Henri Doublier, direção dos coros de Jack Callin e regência de Manuel Rosenthal. No principais papéis: Jean Giraudeau em *Tom Rakewell*, Xavier Depraz em *Nick Shadow*, Jacques Mars em *Trulove*. Nos papéis femininos: Jacqueline Silvy em *Anne*, Denis Scharley em *Baba la Turque* e outros... Jean Rollot, do jornal *Les Nouvelles Littéraires*, de Paris (20/06/1963, “*Comment sauver l'Opéra Comique*”) transcreve as palavras de Hervé Dugardin:

J'étais à Venise lors de la création en septembre 51; j'ai assisté à la première, conduite par Stravinsky et aux deux autres représentations de cet ouvrage inspiré aux librettistes Auden et Kalmann par les gravures de William Hoggart et que le compositeur a traité en drame lyrique selon la formule de chant et de récitatifs qu'illustra Mozart. Un an

*après The Rake's Progress était donné en français. C'est en 1953 que l'Opéra Comique l'a créé à son tour: André Cluytens était au pupitre. Aujourd'hui on devait le reprendre en hommage à Stravinsky au moment où le maître de la musique moderne est en Europe.*⁴¹

Henri Doublier nos mandou por fax um comentário sobre o seu trabalho de direção na ópera *Le libertin*, editado em um jornal, sem data e sem título. Achamos, porém, importante transcrever esse trecho: *Henri Doublier ne s'est pas contenté de la reconstituer purement et simplement, il y a ajouté des touches personnelles non négligeables. Surtout, il s'est à nouveau montré comme déjà pour "Pelléas" un incomparable magicien de la lumière....*⁴²

***Les noces de Figaro* (em 1964)**

Les noces de Figaro, de W. A. Mozart (1756-1791), com libreto de Lorenzo da Ponte, adaptação da obra francesa de Beaumarchais (1732-1799), foi apresentada pela primeira vez no ano de 1786 em Viena, Áustria.

Henri Doublier toma a direção da ópera no intuito de renovar a *mise en scène* e colocar em cartaz essa obra tão apreciada pelos mozartianos.

Ela é apresentada em janeiro 1964, com cenários e figurinos de Georges Wakhevitch, balé dirigido por Constantin Tcherkas e regência de Jacques Pernoo. No elenco: Michel Roux no papel do *Conde Almaviva*, Julien Giovanetti como *Fígaro*, André Vessières como *Bartholo* e outros. No elenco feminino, Berthe Monmart em a *Condesa*, Liliane Berton em *Suzana*, Jane Berbie no papel de *Querubino* e outras...

⁴¹ Eu estava em Veneza, no momento da criação em setembro de 51. Assisti à primeira mundial dirigida pelo Stravinsky e também as outras duas representações dessa obra de inspiração dos libretistas Audin e Kalmann sobre as gravuras de W. Hoggart e que o compositor tratou como drama lírico segundo a fórmula de canto e recitativos que o Mozart ilustrou. Um ano depois *The Rake's Progress* estava apresentado em francês. Em 1953 a Ópera Cômica a criou também com André Cluytens. Atualmente devíamos retomá-la em homenagem a Stravinsky, mestre da música moderna, que está por hora na Europa. (trad. da autora)

⁴² Henri Doublier não se contentou em reconstituir a ópera puramente e simplesmente, ele acrescentou toques pessoais que não devemos negligenciar. Sobretudo, ele se mostrou novamente, como já era em "Pelléas", um incomparável mágico da luz...

***Mignon* (em 1964)**

Mignon, de Ambroise Thomas (1811-1896), com libreto de Michel Carré e Jules Barbier, ópera cômica em dois atos e quatro quadros, foi apresentada pela primeira vez em 1866, no *Opéra Comique*.

Hervé Dugardin desejou retomar essa obra do repertório como o fez com *Le Libertin*. Entregou a Henri Doublier a tarefa de “*présenter dans de nouveaux décors et dans une nouvelle conception scénique dépoussiérée*” de Pierre Ferjac do jornal *Cols Bleus* de Paris (28/12/1963 “*Eloges et Critiques*”)⁴³ essa ópera um pouco esquecida do público. O encenador recorreu aos cenários e figurinos de Georges Wakhevitch, novamente. Michel Rayna na coreografia, Jean Claude Hartemann, na regência. Vozes: Rémy Corazza em *Wilhelm Meister*, Gérard Serkoyan em *Lothário* e outros; e como cantoras, Andrée Gabriel no papel de *Mignon* e Andrée Esposito, em *Philine*. Ambroise Thomas inspira-se da obra de Goethe, *Wilhelm Meister*, para compor seu *Mignon*, porém lhe dá um final feliz. Ferjac, em seus elogios, comenta: *Le peintre Wakhevitch a brossé de très beaux décors pour servir de cadre à la mise en scène rénovée et habile de Henri Doublier qui rehausse l'éclat d'une représentation dont la direction musicale a été assurée impeccablement par J. C. Hartemann.*⁴⁴

***Dialogues des carmélites* (em 1963 e 1964)**

Essa ópera de Francis Poulenc (1899-1963), com adaptação da peça de Georges Bernanos (1888-1948), foi apresentada em italiano pela primeira vez no *Scala de Milão*, em 26 de janeiro de 1957, e na *Opéra de Paris*, em 21 de junho do mesmo ano, em francês. A obra de Bernanos era originária de um escrito de Gertrude Von Le Fort sobre um fato verídico com as Carmelitas de Compiègne (perto de Paris), guilhotinadas durante a Revolução Francesa, em 1794. Essa obra

⁴³...apresentar com cenários novos e numa nova concepção cênica “sem poeira”. (trad. da autora)

⁴⁴ O decorador Wakhevitch pintou bonitos cenários para servir de moldura à direção renovada e hábil de Henri Doublier que realça o esplendor de uma apresentação da qual a direção musical foi assegurada de uma maneira impecável. (trad. da autora)

fora encomendada a Bernanos com objetivo de um filme a ser realizado por Philippe Agostine e R.V. Bruckberger. O autor da peça voltaria para a França no fim da guerra. Estava doente e vislumbrava a morte próxima. Passara no Brasil os anos de 1940 a 1945, no estado do Rio de Janeiro e vivenciaria muitas dificuldades de ordem material e de saúde. Sua obra colocava o ser humano face à Morte e ao Medo. Apresentava uma jovem carmelita atormentada como o Cristo no jardim das Oliveiras, que após se rebelar contra o destino da morte na guilhotina, chegava à resignação heróica e enfrentava o suplício. Já dissemos sobre o impacto dessa obra na vida do jovem Doublier, quando assistiria à peça, em 1952, aos 26 anos, no *Théâtre Hébertot*. Montou a peça, com sucesso, em 1961 no *Festival International du Théâtre Religieux d'Annecy*. A sua gravação da peça receberia o *Grand Prix du Disque Français*, em 1963. Compreende-se, sem dúvida, que Henri Doublier estava apto e pronto para a montagem da ópera de Poulenc/Bernanos, na *Opéra Comique*.

É uma ópera em três atos e doze quadros, com cenários e figurinos de Suzanne Laliue, direção cênica de Henri Doublier, regência de Jacques Bazire. No elenco: Denise Duval, *Blanche*. Solange Michel, *Première Prieure*. Berthe Monmart, *Nouvelle Prieure*. Geneviève Serres, *Mère Marie*. Liliane Bertou, *Soeur Constance*. Michel Roux *le Marquis*. André Turp, *le Chevalier de la Force*. Louis Rialland, *l'Aumônier* e outros...

A apresentação é aclamada pelos críticos. Claude Rostand, do jornal *Figaro Littéraire de Paris* (15/04/1964 "*Les Carmélites*" *entrent à l'Opéra Comique*") registra:

*J'aurais parié. J'aurais perdu. C'est Poulenc qui avait raison. Voici la meilleure, et la plus émouvante, et la plus musicale représentation du Dialogues des carmélites à laquelle j'ai assisté depuis la création à la Scala de Milan en janvier 1957.*⁴⁵

Comenta Bernard Gavoty (assina Clarendon), do jornal *Le Figaro de Paris* (09/04/1964 "*A l'Opéra Comique, Dialogues des Carmélites*"):

⁴⁵ Se eu tivesse apostado, teria perdido. Poulenc tinha razão. Eis a melhor, a mais emocionante, e a mais musical apresentação do *Dialogues des carmélites* a qual eu assisti desde a criação na *Scala* de Milão em janeiro 1957.(trad. da autora)

*La ferveur contagieuse de Sébastien, sa maîtrise, l'amour qu'il porte à l'ouvrage donnent à celui-ci tout son rayonnement... Henri Doublier a bien traduit le caractère recueilli et l'ambiance mystique de l'ouvrage... Denise Scharley donne à la première prieure un relief puissant et elle s'y montre une comédienne remarquable... Liliane Berton est une délicieuse Soeur Constance... le chevalier de la Force trouve en André Turp un intèrète de grande race... Denise Duval est Blanche de la Force, de toute son âme, de toute l'ardeur de ses grands yeux dilatés par la peur...*⁴⁶

Esse trabalho de Henri Doublier precede e anuncia da sua apresentação de *Dialogues des carmélites* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 1965...

Zoroaste (abril e maio 1964)

A obra de Jean Philippe Rameau (1683-1764) foi criada em 1749. Seu sucesso foi considerado em vista do luxo dos cenários e da belíssima “*mise en scène*”. Em 1756, foi retomada numa segunda versão. Depois foi somente retomada em 1903. Correu muito tempo até que a *Opéra Comique* decidisse montá-la em 1964. Coube a Claude Arieu a adaptação musical e a Henri Doublier a versão cênica moderna da ópera em duas partes e seis quadros. Esse trabalho lhes valeu o *Prix de la Critique: Meilleur Spectacle Lyrique 1964* (Prêmio da Crítica: Melhor Espetáculo Lírico 1964) e a obra foi apresentada em abril, na *Opéra Comique* e no mês seguinte no *XV^e Mai Musical de Bordeaux*, em ambos teatros, com muito sucesso. Comemorava-se em 1964 o bicentenário do falecimento do compositor que marcaria o século XVII com obras famosas até hoje, *Les Indes Galantes* (1735), *Castor et Pollux* (1745) e outras, totalizando

⁴⁶ O fervor contagioso de Sébastien, sua maestria, o amor que ele tem pela obra dão a esta todo o seu prestígio... Henri Doublier soube revelar o caráter compenetrado e a atmosfera mística da obra... Denise Scharley dá à primeira superiora um relevo poderoso e se mostra uma atriz notável... Liliane Berton faz uma Irmã Constance encantadora... o cavaleiro de *La Force* acha em André Turp um intérprete de qualidade... Denise Duval é uma Blanche de la Force, com toda a sua alma com todo o ardor de seus olhos dilatados pelo medo...(trad. da autora)

trinta e duas óperas. Considerou-se que Rameau era muito moderno para a sua época e já anunciava a música de Gluck e Mozart. Em 1962, fora retomado *Les Indes Galantes*, na Opéra de Paris, a qual pudemos assistir com grande deslumbramento. Era a vez de *Zoroastre*. Hervé Dugardin, nesse novo espetáculo, confirmava a sua intenção em trazer do esquecimento obras de real valor. Pierre Clayette compôs cenários e figurinos muito aplaudidos pela sua riqueza e bom gosto. A ópera estava realçada com a coreografia de Michel Rayme e seus vinte seis bailarinos. Na direção de coro, Jack Collin; no cravo, Odette Chaynes e na regência Manuel Rosenthal. Nos principais papéis: Eric Tappy, *Zoroastre*. René Bianco, *Abramene*. Georges Vaillant, *Zopire*. Jean-Pierre Laffage, *Oromazès*. Christiane Eda-Pierre, *Amélite*. Hélia Thezan, *Erinice*. Denise Scharley, *La Vengeance* (a Vingança). Colette Herzog, *Céphie*, e outros cantores. René Dumesnil, do Jornal *Le Monde* de Paris (04/06/1964 “*Le Zoroastre de Rameau Salle Favart*”) comenta:

*M. Pierre Clayette et Simonini ont réussi une tâche difficile en présentant des décors fort beaux. M. Henri Doublier peut être félicité pour une mise en scène particulièrement difficile. Il s'agit là en effet d'une oeuvre dont l'action est fort embrouillée. Le livret de Cahusac est pourtant construit sur une idée simple que reprendra Schikaneder pour la flûte enchantée: C'est la lutte du bien et du mal, de l'esprit des ténèbres et de l'esprit de la lumière...*⁴⁷

Todos os críticos foram unânimes em afirmar que, depois de cento e cinquenta anos a genialidade de Rameau, estava, enfim, proclamada na França, com a apresentação em menos de dois anos de obras de qualidade do compositor, pouco conhecidas e aplaudidas com sucesso pelo público. E no ano seguinte, Henri Doublier poderia mostrar as suas qualidades de “*metteur en scène*” ao povo carioca, durante as festividades do IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁷ Pierre Clayette e Simonini alcançaram um trabalho difícil apresentando cenários muito bonitos. Henri Doublier deve ser cumprimentado por sua direção particularmente complicada. Se trata, com efeito, de uma obra da qual a ação é bastante embaralhada. O libreto de Cahusac está, entretanto, construído sobre uma idéia simples que o próprio Schikaneder retomou para *La flûte enchantée*: é a luta entre o bem e o mal, o espírito das trevas e o espírito da luz... (trad. da autora)



AS ENCENAÇÕES NO BRASIL

Em 1960, o Presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek inaugura Brasília. A economia está em plena efervescência. A política também. O Brasil se torna o país de mais rápido crescimento industrial de América Latina. As artes não deixam por menos. A música brasileira experimenta uma projeção internacional com o grupo de Música Viva, propulsionado, nos anos 40, com Hans Joachim Koellreutter e Egídio de Castro e Silva e nos anos 60 com César Guerra Peixe, Edino Krieger e Cláudio Santoro. Este último iria se distinguir com suas turnês como regente nas principais capitais européias e com suas composições significativas. Ficaria exilado na França durante o governo militar e nos disse, por telefone, que foi regente da *Orchestre de l'Ile de France* durante um período, em Paris. A música popular estouraria com o advento da *Bossa Nova* e seus representantes como João Gilberto, Tom Jobim e Vinícius de Moraes. O *Cinema Novo* em franca expansão receberia, pela primeira vez em 1962, a *Palma de Ouro* do Festival de Cannes pelo filme dirigido por Anselmo Duarte, *O pagador de promessas*, peça de sucesso internacional de Dias Gomes. É uma época de ouro do teatro brasileiro com o autor citado acima, Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Viana Filho, Ariano Suassuna, Jorge Andrade e outros. O teatro universitário se destaca com a representação do poema dramático de João Cabral de Melo Neto *Morte e Vida Severina* com música de Chico Buarque de Hollanda, no Teatro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (TUCA), que ganharia logo depois o prêmio de melhor espetáculo no *Festival International de Théâtre Universitaire*, em Nancy, França. O Teatro de Arena de São Paulo apresenta *Arena conta Zumbi* e o Teatro Opinião do Rio de Janeiro, o show *Opinião*, dirigidos por Augusto Boal que, tempos depois, partiria para o exílio na França...Na mesma década, José Celso Martinez desenvolveria um importante trabalho de encenação, montando obras como *Os pequenos burgueses* e *Os inimigos*, de Máximo Górkí, *Andorra* de Max Frisch, *O rei da vela* do marxista Oswald de Andrade, *Roda Viva*, de Chico Buarque de Hollanda *Galileu Galilei* e *Na selva das cidades*, de Brecht. Aliás este



dramaturgo político teve numerosas peças suas encenadas em todo país por grupos profissionais, amadores e de estudantes, sendo muito grande a sua influência sobre dezenas dramaturgos brasileiros que abraçaram a idéia do teatro épico, narrativo, sociológico, conforme nos esclareceu nosso orientador, professor doutor Reynuncio Napoleão de Lima, em sua dissertação de Mestrado, *Teatro Oficina: da encenação realista à épica*, realizada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1980, p.5. Ele expõe claramente a posição desta geração dos anos 60:

Reivindica-se uma arte inconformista, até atingir o protesto mais veemente. Participação, engajamento, reforma, revolução são palavras de ordem dessa ânsia de transformação profunda que se reflete nos ensaios de sociologia, filosofia e política, nas artes plásticas e na música popular, no cinema e no teatro, na literatura, no jornalismo e em todo o movimento editorial.

É nesse momento que Henri Doublier chega ao Brasil pela primeira vez.

Entretanto, o enfoque sociológico não será o nosso, por duas razões: a preocupação do artista Henri Doublier não é o de referir-se à realidade imediata ou ao momento social ou político; sua ênfase está na psicologia individual e na essência atemporal do homem, no sentido de uma religiosidade da Mãe Natureza. Além disso, não nos interessa a colocação do momento social brasileiro dos anos 60 e 70, já suficientemente conhecido de todos, marcado pela renúncia do Presidente Jânio Quadros, a ascensão de João Goulart, o Golpe Militar de 64, os atos institucionais e o período repressivo.

**Apresentações de obras líricas inéditas sob a forma de concerto no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro: *Jeanne au bûcher*, *Le roi David*, *La danse des morts*, *Les Choéphores*, *Villegagnon*, *Thérèse l'amour de Dieu*.**

Em entrevista para o *Journal Musical Français* de Paris (18/10/1962 “*La mise en scène de Pelléas au Festival de Metz*”) Henri Doublier declara:

C'est en 1960 que, pour la première fois, j'ai été appelé en Amérique du Sud pour donner en oratorio Jeanne au bûcher au Théâtre Municipal de Rio de Janeiro. Il existe à Rio une remarquable chorale l'Associatoin de Canto Coral. Sous l'active présidence de M.Moacir Pinto Villas Boas et la direction artistique de Mlle Cleofe Person de Mattos; l'association présente chaque année au public brésilien des oeuvres musicales françaises de haute qualité. En mai 1962, Claude Nollier, Jacques Pernoo et moi-même, avons organisé avec eux et grâce à l'aide de l'Association Française d'Action Artistique, le Festival Français de Rio de Janeiro, dont le programme comportait Le roi David de Honegger et Le Martyre de Saint Sébastien, de Debussy. Il est extrêmement émouvant pour des artistes français de retrouver à l'autre bout du monde un enthousiasme aussi grand pour notre musique et une compréhension de notre langue aussi parfaite. J'avais eu déjà la même impression en 1960 avec Jeanne du bûcher: les 120 choristes avaient préparé avec tant d'ardeur pendant près d'un an la partition d'Honegger et le texte de Claudel, qu'à peine une pointe d'accent était, par moment, perceptible. Le succès fut éclatant. Quatre représentations, à bureau fermé.⁴⁸

48 Foi em 1960 que pela primeira vez fui convidado ao Brasil para apresentar *Jeanne d'Arc au bûcher* sob forma de oratório, com Claude Nollier, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na cidade do Rio de Janeiro, existe um notável coral, a Associação de Canto Coral, sob direção artística de Cleofe Person de Mattos, que apresenta a cada ano, ao público brasileiro, obras musicais francesas de qualidade. A partir de maio desse ano, Claude Nollier, Jacques Pernoo e eu organizamos com eles, graças à ajuda da *Association d'Action*

O oratório nasceu em Florença no início do século XVII sendo difundido paralelamente com outra forma lírica, a ópera. Inicialmente de inspiração religiosa, o oratório aborda, hoje, qualquer tema, mantendo apenas o caráter formal. Enquanto a ópera é teatro musicado, o oratório reveza o uso do narrador com o recitativo, que é narração cantada. O oratório se compõe de corais, árias e combinações vocais de solistas, em duos, trios, quartetos, etc... O nome vem das primeiras composições sobre temas bíblicos, apresentadas por São Filipe Néri, na célebre igreja de Santa Vallicella, onde funcionava a Congregação do Oratório, em fins do século XVI. Mas o estilo somente se impôs independentemente em 1600, com *La Rappresentazione di Anima e di Corpo*, de Emilio del Cavalieri, e com o *Oratorio della Purificatione*, de Pietro Della Valle, por volta de 1640. O gênero evoluiu nas partituras com grandes nomes como Scarlatti, Carissimi e outros. Decaiu na Itália com a ascensão da ópera. Na Alemanha, foi introduzida por Schutz, chegando ao máximo com Bach. Floresceu na Áustria com Haydn e na França com Jean François Le Sueur (no século XVIII) que compôs vários oratórios, entre eles, *La Résurrection*, *Deborah*, *Rachel*... No século XIX, o oratório evolui com Hector Berlioz em *L'enfance du Christ*, e César Franck com *Ruth* e *La tour de Babel*. Frank Martin, suíço, compõe uma obra encomendada pela *Radio-Genève*, transmitida no dia do armistício entre os beligerantes da *Segunda Guerra Mundial*. Denomina-se *In terra Pax* (1944). Na França, a tradição se mantém com Honegger a quem devemos vários oratórios, *Le roi David* (1924), *Judith* (1925), *Jeanne au bûcher* (1934), *La danse des morts* (1938). Os dois primeiros com libreto de René Morax, os dois seguintes com texto de Paul Claudel.

Darius Milhaud (1892-1974) e Paul Claudel, durante sua estadia no Brasil, elaboram *Les Euménides* (1917) e *Les Choéphores* (1915-17), esta

Artistique, o Festival Francês do Rio de Janeiro do qual o programa continha *Le roi David* de Honegger e *Le martyre de Saint Sébastien* de Debussy.. É extremamente comovente para os artistas franceses reencontrar, do outro lado do mundo, um entusiasmo tão grande pela nossa música e uma compreensão de nossa língua tão perfeita. Tive essa mesma impressão em 1960: cento e vinte cantores do coral tinham preparado com tanto ardor, durante um ano, a partitura de Honegger, com texto de Claudel, que apenas uma pontinha de sotaque, às vezes, era perceptível. O sucesso foi enorme e as apresentações lotadas. (trad. da autora)



ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Regente-Titular Eleazar de Carvalho

1961 — VIGESIMA PRIMEIRA TEMPORADA — 1961
SOB O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

PRIMEIRO CONCERTO DA SÉRIE SOCIAL

Sábado, 27 de maio de 1961 — 16,30 horas

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

«Jeanne d'Arc au Bûcher»

Oratório Dramático de

ARTHUR HONEGGER

Texto de PAUL CLAUDEL

- I — Vozes do Céu
- II — O Livro
- III — As Vozes da Terra
- IV — Joana Exposta às Feras
- V — Joana Prêza no Poste
- VI — Os Reis ou a Invenção do Jogo de Cartas
- VII — Catarina e Margarida
- VIII — O Rei Que Vai a Rheims
- IX — A Espada de Joana
- X — Trinaço
- XI — Joana d'Arc em Chamas

INTERPRETES

Jeanne d'Arc	CLAUDE NOLLIER
Frère Dominique	HENRI DOUBLIER
Pescos	ZACCARIA MARQUES
Sa Margarida	LEDA COELHO DE FREITAS
Sa Catarina	CARMEN PIMENTEL
A Virgem	ARACY BELAS CAMPOS
O Padre	IZAULO CAMINO
Arauto I	
Uma voz e Arauto II	EDSON CASTILHO

RECITANTES:

La Mère aux Tonnaux	SIMMONNE COX
Arauto III	CLAUDE HAGUENAUER
L'Âne	
Jean de Luxembourg	
Heurtelise	
Perrot	
L'Appariteur	MICHEL GUILLOU
Regnault de Chartres	
Guillaume de Flavy	
Bedford	

CORO DOS CANARINHOS DE PETRÓPOLIS (Dir.: Frei Biennias Leto)
ASSOCIAÇÃO DE CANTO CORAL (Dir.: Cleide Person de Mattos)

Regente — JACQUES PERNOD

última da qual já falamos. Milhaud/Doublier trabalhariam juntos na ópera oratório *Saint Louis roi de France* em 1971-72.⁴⁹

Devemos citar ainda como oratórios, *Le mystère des Saints Innocents* (1946), de Henry Baraud, *Saint François d'Assise* (1936), de Manuel Rosenthal, *La Vérité de Jeanne* (1956), de André Jolivet, *La transfiguration de Notre Seigneur Jésus-Christ* (1965), de Olivier Messiaen.

***Jeanne au bûcher* (em 1960 e 1961)**

Esse oratório dramático de Arthur Honegger (1892-1955) e de Paul Claudel (1868-1955) foi apresentado em Bâle, Suíça, em 12/05/1938. Era a primeira vez apreciada no Brasil em forma de concerto. Clêofe Person de Mattos, presidente da *Associação de Canto Coral* do Rio de Janeiro⁵⁰ tinha ido pessoalmente a Paris para convidar como recitantes Claude Nollier no papel de *Jeanne d'Arc* e Henri Doublier como *Frère Dominique*. No elenco os cantores brasileiros, Aracy Bellas Campos, a *Virgem*. Leda Coelho de Freitas, *Santa Margarida*. Carmen Pimentel, *Santa Catarina*. Zacaria Marques, *Porcus* e outros. Com participação do *Coro dos Canarinhos de Petrópolis*, da *Associação Canto Coral* e da *Orquestra Sinfônica Brasileira*, com regência de Lamberto Baldi.

⁴⁹ Alias, é mister apontar o erro frequente que achamos em vários livros sobre música, na França e no Brasil, apontando o Paul Claudel como autor do libreto. O autor é Henri Doublier, que utilizou em parte o poema *Saint Louis* da obra *Feuilles des Saints*, escrita no Rio de Janeiro em 1917 e com o acordo do filho do poeta, Pierre Claudel, de quem se acha o depoimento sobre o libreto nos anexos deste trabalho.

⁵⁰ Fundada em 1941, está com 59 anos de existência. Foi fecunda em realizações sérias e de alto teor artístico. Começou como conjunto feminino. Sua finalidade foi contribuir para o desenvolvimento artístico através do canto coral, apresentado um vasto repertório, tanto "a cappella" como coral-sinfônico. Deve-se à sua diretora artística e regente titular, Clêofe Person de Mattos, a vinda de Henri Doublier e Claude Nollier em 1960 para a primeira audição, em concerto de *Jeanne au bûcher* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Durante os anos seguintes apresentaram também com os artistas citados acima: *Le roi David*, *La danse des morts*, *Le martyre de Saint Sébastien* sob a regência e Jacques Pernoo, bem como outras obras consagradas, entre elas *O Messias* de Haendel, a *Sinfonia dos Salmos*, o *Canticum Sacrum*, a *Missa* de Stravinsky... O coral cantou sob a direção de vários maestros e compositores nacionais e estrangeiros, como Villa Lobos, Erich Kleber, Florent Smith, Kurt Thomas, Stravinsky... e recebeu inúmeros prêmios por sua atuação. Clêofe Person de Mattos se consagrou como pesquisadora da música brasileira particularmente da obra do Padre José Mauricio Nunes Garcia sobre quem fez um doutorado. Fundadora da Associação do Canto Coral, do Rio de Janeiro, que ofereceu centenas de concertos memoráveis, inclusive em Chartres. Ela escreveu também dois livros monumentais: o *Catálogo temático* (1970) e *José Mauricio: biografia*, editado pela Biblioteca Nacional, em 1997, com amplo aplauso da crítica. Clêofe foi presidente da Sociedade Brasileira de Musicologia, recebeu o Prêmio nacional da Música, da FUNARTE, e é membro da ABM.

Em 1961, o mesmo elenco porém com regência de Jacques Pernoo.⁵¹

Ayres de Andrade, em *O Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* (04/10/1960, "*Um acontecimento Jeanne au bûcher do Municipal*") comenta:

foi um verdadeiro acontecimento a primeira execução no Brasil, na sua versão para concerto, em forma de oratório de *Jeanne au bûcher*. Como realização artística e como repercussão. Acompanhada por um Municipal literalmente cheio e visivelmente empolgado, a execução se desenrolou de modo a permitir que a obra se desvendasse em todo o seu esplendor e que nada se perdesse das razões a que ela deve a posição singular que ocupa no repertório moderno do gênero.

Não fica despercebida, na França, também as apresentações de *Jeanne au bûcher* na América do Sul. A redação do jornal *Le Dauphiné Libéré*, França (20/04/1961 "*Henri Doublier présente Jeanne au bûcher en Argentine et au Brésil*") registra: *...l'excellent comédien Henri Doublier s'est envolé hier soir pour Buenos Aires... après sa présentation au Théâtre Colon, le 12 mai, Jeanne au bûcher sera ensuite présentée sur la plus grande scène du Brésil à Rio de Janeiro...*⁵²

***Le roi David* (em 1962)**

⁵¹ Jacques Pernoo é dotado de um vasto repertório, entretanto sempre quis dedicar uma parte importante de sua atividade ao ensino da música. Foi diretor de vários Conservatórios Nacionais, entre eles, de Metz e de Bordeaux. Foi professor de regência durante quatro anos na Academia de Weikersheim e Wurtemberg na Alemanha e também na Academia Internacional de Nice. Foi o fundador do Festival Internacional de Metz e da Academia Internacional de verão de Saint Jean de Luz. É ainda membro dos júris de concursos internacionais em Paris, Barcelona, Genebra, Santander e outros. Regente de orquestras francesas e européias, foi convidado em numerosos países inclusive na América do Sul (no Teatro Colon em Buenos Aires e no Teatro Municipal do Rio de Janeiro), também na Ópera de Sofia, Ópera de Bucarest, no Liceo de Barcelona, etc... É um apaixonado pelo teatro lírico e dirigiu a criação de várias óperas. Diretor de música no Teatro de Metz e no Teatro de Bordeaux. Dirigiu várias óperas na *Opéra Comique* em Paris. É presidente fundador do *Centre National de Musique de Chambre d'Aquitaine* (C.N.M.C.A.) e fundou com Charles Imbert a *Ecole de Bordeaux* a qual se deve mais de dez criações de obras líricas para o palco e a televisão. Tem as condecorações de *Chevalier de la Légion d'honneur* e *Officier de l'Ordre des Arts et Lettres*.

⁵² ...o excelente comediante, Henri Doublier tomou o voo ontem a noite para Buenos Aires... depois de sua apresentação no Teatro Colón, em 12 de maio, *Jeanne au Bûcher* será apresentada no maior palco do Brasil no Rio de Janeiro...(trad. da autora)

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

Fundada em 11 de julho de 1948

Subvencionada pelo Governo Federal

Sede: Avenida Rio Branco 135 — Salas 917/20

Telefones: 22-4592 e 22-5842 Rio de Janeiro

— I —

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente — Desembargador *Eduardo Espinola Filho*
Dr. *Luiz Mac-Dowell da Costa*
Dr. *Luiz Ferreira Guimarães*
Dr. *Oswaldo Rêen*
Dr. *José Gonçalves Bandeira*
Dr. *Alberto Pucheu*
Dr. *Edgard Souto de Oliveira*
Dr. *Erico Lima de Veiga*
Maestro *Eleazar de Carvalho*
Professor *Arnaldo Estrella*
Sr. *Fritz da Câmara Luchinsger*
Dr. *David Hugnoter*
Dr. *Ivo de Magalhães*

DIRETORIA

Presidente de Honra — Dr. *Aracêdo Guimarães*
Presidente — Dr. *Luiz Ferreira Guimarães*
1.º Vice-Presidente — Dr. *José Marciano Bastos*
2.º Vice-Presidente — Dr. *Alberto Pucheu*
1.º Secretário — Dr. *José Gonçalves Bandeira*
2.º Secretário — Dr. *Otto Miller*
1.º Tesoureiro — Sr. *Fritz da Câmara Luchinsger*
2.º Tesoureiro — Sr. *Jorge de França Barreto*

— II —



ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

1962 — VIGÉSIMA SEGUNDA TEMPORADA — 1962

SOB O PATROCÍNIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Regente-Titular Maestro *Eleazar de Carvalho*

Regente-Assistente Maestro *Alceu Bocchino*

TERCEIRO CONCERTO DA SÉRIE SOCIAL

Sábado, 19 de maio de 1962 — às 16,30 horas

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

PROGRAMA

Le Roi David

(Ritmo Sinfônico)

de *Arthur Honegger*

Narrador — *HENRI DOUBLIER*

Solistas:

Soprano — *Aracy Belas Campos*

Contralto — *Carmen Pimentel*

Tenor — *Assis Pacheco*

CORO MISTO DA ASSOCIAÇÃO DE CANTO CORAL

(Diretor: *Cleofe Pessoa de Mattos*)

Regente: Maestro *JACQUES PERNOU*

SABADO - 26-5-62 - GUIOMAR NOVAES para o quadro social (ingresso n.º 4)

Salmo sinfônico de Arthur Honegger e René Morax (1873-1963) foi apresentado pela primeira vez em 11 de junho de 1921, em Mézières, na Suíça.

Para comemorar os 50 anos de Honegger, a obra foi apresentada no *Théâtre Charles Dullin* em Chambéry, em 1942. Nessa ocasião Henri Doublier, com 16 anos de idade, foi escolhido pelo diretor do Conservatório Nacional de Chambéry, André Thiriet, como recitante. Ele repetiria esse papel inúmeras vezes na França e no exterior. A obra é dividida em duas partes e o recitante conta a vida do rei David. Morax se inspirou nos textos bíblicos e é ele que convidou o jovem Honegger de 19 anos a compor a música. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi apresentado em 19/05/1962, com a participação dos cantores Aracy Bellas Campos, Carmen Pimentel, Assis Pacheco e Henri Doublier como recitante. Coro da Associação Canto Coral dirigida por Clêofe Person de Mattos, e a Orquestra Sinfônica Brasileira com regência de Jacques Pernoo.

La danse des morts (1964)

O oratório de Arthur Honegger, com texto de Paul Claudel, foi composto em 1938 e apresentado pela primeira vez em Bâle, na Suíça, em 1940. O texto é dividido em sete partes. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro, foi apresentado em 13/10/1964 com Henri Doublier, recitante. Os cantores líricos Maria Riva Mar, Carmen Pimentel e Hermelindo Castelo Branco. Participação do Coro da Associação Canto Coral e da Orquestra do Teatro Municipal com regência de Jacques Pernoo.

Terça-feira, dia 13 de outubro de 1964, às 21 horas

CONCÉRTO
do
CÓRO MISTO DA ASSOCIAÇÃO DE CANTO CORAL
e
ORQUESTRA DO TEATRO MUNICIPAL

Regente: M.^{te} *Jacques Perren*

Sob os auspícios do Itaramati, Embaixada da França e do Teatro
Municipal do Rio de Janeiro.

P r o g r a m a

W. A. MOZART

— Vesperae Solennes de Confessore - K 339-1780

- a) Dixit Dominus
- b) Confitebor
- c) Beatus Vir
- d) Laudate Pueri
- e) Laudate Dominus
- f) Magnificat

Solistas: Maria Riva Mar (soprano)
Carmen Pimentel (contralto)
Boyd Sutton (tenor)
Wladimir de Kanel (baixo)

A. HONEGGER

— La Danse des Morts (Texte de Paul Claudel)

- 1) Dialogue
- 2) Danse des Morts
- 3) Lamento
- 4) Sanglots
- 5) La réponse de Dieu
- 6) L'espérance dans la Croix
- 7) Affirmation

Solistas: Maria Riva Mar (soprano)
Carmen Pimentel (contralto)
Hermelinda Castela (tenor)
(barítono)

Recitante: *Henri Dublier*

La danse des morts, 1964. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Les Choéphores (em 1969)

Composição de Darius Milhaud (1892-1974), com tradução e adaptação de Paul Claudel (da obra de Ésquilo), quando ambos estiveram no Brasil, durante a Primeira Guerra Mundial, conforme comentamos anteriormente. Não conseguimos achar o programa dessa apresentação, porém (em Brito Chaves Jr, 1971, p.142) consta a programação do dia 19 de setembro de 1969 que transcrevemos:

Concerto da Orquestra do Teatro Municipal e Associação de Canto Coral sob regência de Jacques Pernoo: Berlioz, *Sinfonia Fantástica*; Milhaud e Claudel, oratório cênico *Les Choéphores* sendo solistas: *Electra*, Claude Nollier; *Orestes*, Henri Doublier; soprano Aracy Bellas Campos, barítono Fernando Teixeira e uma voz no coro, Cecília Borgerth.

Conta Milhaud sobre a composição de *Les Choéphores*:

*Pendant que j'écrivais ma partition, Claudel imaginait les moindres détails de sa chorégraphie chez notre amie Mrs. Audrey Parr qui, sur les indications de Claudel faisait notre décor. Elle avait une charmante habitation à Petrópolis où nous venions, pour nous reposer des chaleurs de l'été tropical, passer le week-end. (Milhaud, 1998, p.63)*⁵³

Um jornal do Rio de Janeiro (s/n), em 19/09/1969, no artigo “*As Coéforas. Estréia hoje no Municipal*”, comenta:

O espetáculo que será apresentado hoje no Teatro Municipal faz parte da tragédia grega e conta a história do assassinato de Agamenon, por sua esposa, após o seu regresso vitorioso da guerra contra Tróia. E a vingança de seus filhos Orestes e Electra, assassinando a própria mãe, Clitenestra, e o amante. O Sr. Vieira de Melo, diretor do Municipal, afirmou que o diálogo entre Orestes e Clitenestra só vai encontrar parêntese em certas cenas de Shakespeare. O espetáculo será todo em

⁵³ Enquanto eu escrevia minha partitura, Claudel imaginava os detalhes de sua coreografia na casa de Sra. Audrey Parr que, com as indicações de Claudel elaborava o cenário. Ela tinha uma encantadora casa em Petrópolis onde vínhamos descansar do calor do verão tropical passando o fim de semana. (trad. da autora)

GOVERNO DO ESTADO DA GUANABARA
SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTO E TURISMO
TEATRO MUNICIPAL

apresentam

VILLEGAGNON OU LES ISLES FORTUNEES

texto de HENRI DOUBLIER
música de ALMEIDA PRADO

Personagens

O Canto da Selva – Índia Maria
Viúvas da Corte

Villegagnon

Consciência de Villegagnon
Rainha de Portugal

O Velho Índio

Intérpretes

MARIA D'APPARECIDA

ROBERT MONCADE (narrador)

CÉCILE DEMAY

GERALDO WANGLAER

Esta crônica lírica tem 2 partes com 13 cantos

ORQUESTRA E CORO DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Regente

Maestro do Coro

JACQUES PERNOO

SANTIAGO GUERRA

Colaboração do Plano de Ação Cultural do DAC-MEC
Teatro Municipal do Rio de Janeiro e do
Ministério das Relações Exteriores da França

Espectáculos realizados dia 19 de Outubro de 1973 às 21 horas e dia 21 às 18 horas.

Villegagnon ou les Isles Fortunées, 1973. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

francês, contando com a participação de um coro, na peça, representando o povo. Desse coro, fazem parte o barítono Fernando Teixeira e o soprano Aracy Bellas Campos. Darius Milhaud é o compositor, enquanto Paul Claudel é o autor do texto. O coral está a cargo da maestrina Clêofe Person de Mattos.

Villegagnon ou Isles Fortunées (em 1973)

A parceria José de Almeida Prado⁵⁴ e Henri Doublier merece maior destaque. Deixemos o compositor contar seu encontro com o artista, em carta para nós endereçada em 22/09/1992:

J'ai connu Henri Doublier vers le mois de mars 1971. C'était à Paris, pendant un vernissage à l'Ambassade du Brésil. C'était l'année où on fêtait le IV^{ème} centenaire de Nicolas de Villegagnon, et la ville de Provins se préparait à de grandes commémorations. A cause de cela,

⁵⁴ Nascido em Santos estudou no Brasil com Dinorah de Carvalho, Camargo Guarnieri e Osvaldo Lacerda. Premiado no Festival Guanabara em 1969 recebeu um bolsa, no mesmo ano, para se aperfeiçoar em Darmstadt com Giorgi Ligeti e Lukas Foss e em Paris com Nadia Boulanger e Olivier Messiaen. Em conversa com Lauro Machado Coelho em setembro 2000 Almeida Prado faz uma síntese de sua carreira, contando que sua primeira peça para piano *Adeus* foi escrita há cinquenta anos e que a guarda como um bibelô. Faz um balanço de sua carreira "É difícil ter um recuo para ver a própria obra como se ela estivesse exposta num mural. Mas o meu estilo é a resultante de fases diferentes em minha formação. Primeiro houve a nacionalista, na época em que estudei com Camargo Guarnieri. Ele era extremamente ortodoxo, anti-serial, não queria de jeito nenhum saber de musical atonal. Depois, veio a fase européia, quando estive na França estudando com Nadia Boulanger, que me deu uma base harmônica sólida, e com Olivier Messiaen, que me ampliou os horizontes rítmicos, me fez conhecer a escrita modal, me fez descobrir a escrita orientada, música indiana. E finalmente, entre 1965/69, os estudos informais que fiz com Gilberto Mendes. Eu ia para a casa dele, ficávamos conversando, e ele me fez tomar contato com as pesquisas mais recentes, as composições de Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen, a obra de Charles Ives. O Gilberto é uma pessoa fascinante, extremamente acessível. Mas, sobretudo, é uma pessoa muito livre, nada ortodoxo, e a principal coisa que aprendi com ele foi a não me prender, a deixar a minha inventividade correr livremente. E essa sopa foi extremamente eficaz. Não rejeitei nada, acabei fazendo uma síntese de tudo, do nacionalismo de Guarnieri às idéias "ecológicas" de Messiaen, que era profundamente ligado à natureza. Isso rendeu as *Cartas Celestes* (de 1974), por exemplo, que é música universal, sem se preocupar em saber se o tema é nordestino, ou seja, lá o que for. Assim como a *Sinfonia n° 1*, com a qual ganhei o prêmio Lili Boulanger, em Paris. Em seguida, entrei numa fase pós-moderna, de releituras chopinianas, nos meus *Noturnos* e *Prelúdios*. E agora, pratico o tonalismo livre que, de resto, é uma tendência geral que está sendo praticada no mundo inteiro, em vista do esgotamento das possibilidades de escrita do século XX. Procuro situar o olhar no passado mas trazê-lo para o presente." Acrescenta que como trabalho mais recente, terminou uma sinfonia concertante para violino e orquestra, *Oré-Jacytatá* (nossas estrelas em tupi-guarani), que é sua *Carta Celeste* n°8 e comenta ter-se inspirado nas constelações que aparecem na bandeira brasileira. Como projetos para o futuro, Almeida Prado almeja compor uma ópera, talvez sobre Antonio Conselheiro na guerra de Canudos ou transformar em ópera *Macunaima* de Mario de Andrade, ou ainda do mesmo autor, o *Aprendiz e turista* em que esse fala de suas viagens pela América do Sul. Porém Almeida Prado comenta "O projeto de compor uma ópera é sedutor, mas é uma coisa que dá um trabalho enorme, e não vale a pena você fazer para depois ficar na gaveta..." (Concerto, set. 2000, p.15).

*Doublier a écrit un superbe texte sur Villegagnon, que j'ai mis en musique, et l'oeuvre a été créée en juillet à Provins, en octobre, à Chartres et puis, en octobre 1973, à Rio de Janeiro.*⁵⁵

Nessa época, Almeida Prado é discípulo de Nadia Boulanger e Olivier Messiaen. Doublier está a procura de um compositor brasileiro para sua obra *Villegagnon*. Na Embaixada, Almeida Prado põe-se ao piano, toca alguns acordes e Doublier descobre que está ali seu compositor.

É a pedido do prefeito de Provins, Alain Peyrefitte⁵⁶, para as comemorações dos quatrocentos anos da morte do *provinois*, o almirante Nicolas Durand de Villegagnon, fundador do Forte Coligny, do Rio de Janeiro, que Doublier escreve um texto, uma gesta franco-brasileira, tendo estudado a fundo os textos de Jean de Léry⁵⁷, os escritos de Villegagnon e a língua dos tupinambás. A nova obra é enriquecida pela música de Almeida Prado e se apresenta em treze cantos em duas partes.

*Des sept chants de la premiere partie I. De l'irrésistible appel des Isles Fortunées. II. Du départ en haute mer sur trois vaisseaux du Roy, de Villegagnon et de ses compagnons. III. De l'arrivée des Français en l'heureuse terre du Brésil. IV. Du panegyrique de Villegagnon par Thévet, Heullard, Braibant, Gaffarel, de Billy et quelques autres. V. Du magnifique parfum des Orchidacées et de l'envoutement enchanteur de la nuit. VI. De l'aspect physique des Toïoupinambaoults et de certains comportements d'iceux-là avec leurs épouses. VII. Du traitement qu'ils usent en leurs maladies et des grands pleurs qu'ils font après mort.*⁵⁸

⁵⁵ Algumas linhas sobre Henri Doublier por volta do mês de março de 1971. Foi em Paris, durante uma vernissage na Embaixada do Brasil. Naquele ano, festejava-se o quarto centenário do *Nicolas de Villegagnon* e a cidade de Provins prepara-se para grandes festejos. Por esse motivo Doublier escreve um soberbo texto sobre Villegagnon que eu musiquei e a obra foi criada em julho na cidade de Provins, em outubro em Chartres e em outubro de 1973 no Rio de Janeiro. (trad. da autora)

⁵⁶ Alain Peyrefitte (1925-1998) Homem político, ministro da Informação (1962-1966), da Pesquisa Científica/Questões Atômicas e Espaciais (1966-1967), da Educação Nacional (1967-1968), prefeito de Provins de 1965 até sua morte, ministro das Reformas Administrativas (1973), das Relações Culturais e Meio Ambiente (1974), da Justiça (1978-1981), autor de vários livros, entrou na Academia Francesa de Letras (1977) e Academia das Ciências Morais e Políticas (1987).

⁵⁷ Léry, Jean de (1534-1613), protestante francês, viajou com Villegagnon para o Brasil e escreveu um livro onde descreve a vida, língua e costumes dos índios brasileiros (*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, 1578)

⁵⁸ Primeira Parte: I. Do irresistível apelo das ilhas afortunadas. II. Da partida em alto mar, em três navios do Rei Villegagnon. III. Da chegada dos franceses na feliz terra do Brasil. IV. Do panegírico de Villegagnon por

*Des six chants de la seconde partie (prélude avec un climat mystique) VIII. D'une prière prononcée par Villegagnon le 21 mars 1557. IX. D'un exemple, bien que sous forme très primitive d'amour courtois et de la communion des races qui se pourrait faire en l'édénique terre du Brésil (aria de Maria). X. Des cérémonies rituelles de la mise à mort des prisonniers et de l'aspect sacré de l'anthropophagie de ces Bons Sauvages. XI. Des bestes et oyseaux, des arbres, herbes, racines et fruits que nourrit cette terre. XII. D'un départ qui précipite l'unification du Brésil. XIII. De la grande élégance de Mem de Sá et de la joye inextinguible au coeur des Isles.*⁵⁹

Pierre Dufour, no jornal *Dauphiné Libéré*, de Chambéry/França (18/07/1971, "Henri Doublier a écrit et créé à Provins une geste franco-brésilienne") comenta:

*Le sujet était vaste et multiple: portrait d'un chevalier de Malte, rigoriste, qui ne transigeait pas avec la religion, la morale et la discipline, néanmoins (ou par surcroît) fin lettré, linguiste, poète, philosophe, théologien ayant eu commerce avec tous les grands esprits de son temps... Doublier a découpé son oeuvre en douze chants, il a évoqué l'aventure de son héros et a décrit les moeurs des bons indiens Toupinambaout qui peuplaient la baie de Rio de Janeiro... La langue s'inspire de celle de l'époque. Les Indiens s'expriment en petit entrecoupé d'onomatopées barbares... La musique des mots a inspiré le compositeur qui a écrit une partition riche, colorée, rythmée, avec des explosions dissonantes comme le plumage d'un ara.*⁶⁰

Thevet, Heullard, Braibant, Gaffarel, de Billy e outros. V. Dos tatús, dos tamanduás, dos sagüís, do mágico perfume das orquídeas e do feitiço encantador da noite. VI. Do aspecto físico dos Tupinambás e de algumas maneiras deles com suas esposas. VII. Do tratamento que eles usam nas suas doenças e dos grandes lamentos que fazem nos funerais. (versão do programa no Brasil)

⁵⁹ Segunda parte se inicia com um prelúdio com clima místico: VIII. De uma oração pronunciada por Villegagnon em 21 de março de 1557. IX. De um exemplo de amor cortês e da comunhão de raças que se poderia fazer na terra edênica do Brasil. X. Das cerimônias rituais dos prisioneiros e do aspecto sagrado da antropofagia desses bons selvagens. XI. Dos bichos, dos pássaros, das árvores, legumes, frutos que possui esta terra. XII. De uma partida que precipita a unificação do Brasil. XII. Da grande nobreza de Mem de Sá e da alegria inextinguível no meio das ilhas. (versão do programa no Brasil)

⁶⁰ O tema era vasto e múltiplo: retrato de um cavaleiro de Malta, rigoroso que não transigia com a religião, a moral e a disciplina, porém, letrado, linguista, poeta, filósofo, teólogo, tendo tido contatos com todos os grandes homens de sua época ... Doublier recortou sua obra em doze cantos: evoca as aventuras do herói,

No programa do *Festival National de Provins, Villegagnon ou les Isles Fortunées*, apresentado no *Caveau du Saint Esprit*, em 04/07/1971 Henri Doublier define a obra, desta maneira:

Ce n'est pas une oeuvre dramatique
Ce n'est pas un livret d'opéra
Ce n'est pas un récit
Ce n'est pas un poème
C'est une geste comme au Moyen Age
Il y a le poème, il y a le récit
Il y a des paroles pour des airs comme à l'Opéra
Et des répliques parfois comme au théâtre
Il y a la poésie et la réalité
La légende et la vérité
Il y a surtout la vérité qui est légende
*Et le réel qui est poésie et musique*⁶¹

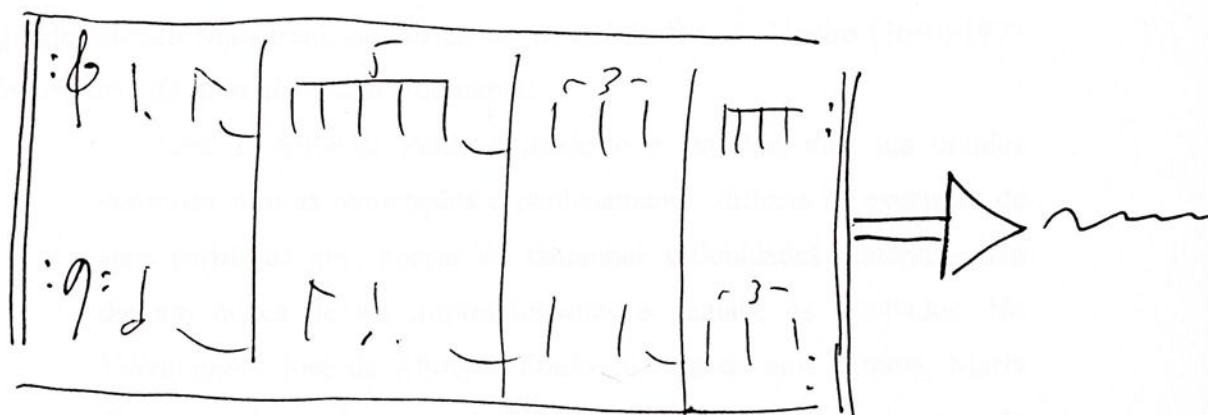
Como pedimos explicações ao compositor sobre as suas inovações musicais em *Villegagnon*, escreveu-nos:

Campinas, 25/09/2000. Esta carta que lhe envio, é para tentar esclarecer alguns pontos interessantes que consegui criar para a música de *Villegagnon* e *Thérèse l'amour de Dieu*, que tive a honra de compor, com o único e genial Henri Doublier. Trabalhar com ele, foi como lhe disse inúmeras vezes, um privilégio imenso, pois Henri com sua imaginação feérica, dava estímulo tremendo ao meu trabalho musical. Renovei-me como compositor. Ao iniciar a composição do *Villegagnon*, em 1971, me deparei com um problema de ordem prática.

descreve os costumes dos índios Tupinambás que povoaram a baía do Rio de Janeiro ... A língua utilizada pelo autor inspira-se no estilo o século XVI e no linguajar dos índios... Entrecortado de onomatopéias bárbaras... A música das palavras inspirou o compositor que compõe uma partitura rica, colorida e ritmada, com explosões dissonantes como a plumagem de uma arara. (trad. da autora)

⁶¹ Não é uma obra dramática. Não é um libreto de ópera. Não é um conto. Não é um poema. É uma gesta, como na Idade Média. Há o poema, há o conto. Há palavras como para uma ópera. E réplica às vezes, como no teatro. Há a poesia e a realidade. A lenda e a verdade. Sobretudo a verdade que é lida. E o real que é poema e música. (trad. da autora)

Como conciliar os momentos da narração falada, com a música? Pois no caso, o narrador deveria ter toda uma autonomia no falar, sem a preocupação do ritmo, da frase musical, e o regente e a orquestra, também não deveriam estar preocupados com a narração. Então me surgiu a idéia de uma faixa de fundo, um *ruban de fond*, espécie de música paisagem, ou música que daria um clima para o texto falado. Criei um tipo de organização sonora, que ficaria circulando, em alguns compassos fixos, se repetindo várias vezes, geralmente numa dinâmica “pianíssimo”, para não dificultar a compreensão do texto falado, e o regente, cortaria essa faixa de fundo, no momento que o narrador terminasse o texto. A grafia que me pareceu a mais clara e objetiva do ponto de vista musical foi por exemplo:



Compassos que se repetiam “a libitum”, até o corte feito pelo regente. Esse processo, pela primeira vez realizado em minha música, foi creio eu, excelente para esse propósito. Em *Thérèse l'amour de Dieu*, utilizo também, e acho que o usarei sempre que houver necessidade com um texto falado... Creio que esta pequena explicação lhe dará algum esclarecimento sobre o *ruban de fond*. Abraço-a fraternalmente. Almeida Prado.

Em Provins, a obra tem a participação de Maria d'Apparecida (cantora), Cécile Demay e Henri Doublier (recitantes), do conjunto vocal

"*Musique Nouvelle*", dirigido por Stéphane Caillat e a Orquestra do Festival de Provins, sob direção de Roland Douatte.

Retomada em Chartres, França em 09/10/1971, na *Collégiale Saint André*, com os mesmos participantes e com a *Orchestre de Chambre de l'O.R.T.F.* (Orquestra da Radio e Televisão Francesa), sob a direção de Jean Jacques Werner. É dessa apresentação de que se tem a gravação transmitida pela *Radio France Culture*, em 02/12/1971 e Rádio Cultura de São Paulo, em 1993.

Henri Doublier sofre o derrame cerebral em 23/09/1973 e não veria a encenação que tinha preparado com todo cuidado. Na nova versão composta por Almeida Prado, que Doublier deveria dirigir e nela atuar, os recitantes são os mesmos, porém ele é substituído por Robert Moncade, no papel de Villegagnon. Participa também a cantora Maria d'Apparecida. A orquestra e o coro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro são regidos por Jacques Pernoo. Segundo Renzo Massarani, do *Jornal do Brasil* do Rio de Janeiro (16/10/1973 "Um oratório de Almeida Prado") comenta:

José de Almeida Prado é modesto e humilde, mas sua timidez contrasta com as renovações espantosamente difíceis na execução de suas partituras que, apesar de tamanhas dificuldades materiais, não deixam nunca de ser impressionantes e geniais, os resultados. No *Villegagnon*, José de Almeida Prado se vale de uma cantora, Maria d'Apparecida, de dois narradores Robert Moncade e Cécile Demay, da grande orquestra e coro do Teatro Municipal (este, preparado por Santiago Guerra). A música usa todas as velhas e novas possibilidades oferecidas pela orquestra atual, inclusive as aleatórias; é extremamente colorida e tratada de maneira inteiramente pessoal, sensível e expressiva, rica de explosões dramáticas e impressionantes. Na orquestra e no coro, nada de artifícios e concessões de fácil efeito. Ao coro, que chega a ser dividido em dezesseis vozes reais, é confiado um papel pitoresco e rico de efeitos onomatopaicos. Tratando-se de um oratório, nada de cenários e costumes. Conclusão, vocês conhecerão uma música bem brasileira, revolucionária, mas cheia de novas

sugestões, que logo prenderá o público carioca, tão musical e sensível.

Em 04/03/1992, a Rádio Cultura de São Paulo, em homenagem aos cinquenta anos do compositor, transmite a obra que tinha sido gravada em Chartres. Em carta endereçada a nós, em 22/09/1992, Almeida Prado diz: "de fato *Villegagnon* poderia ter sido uma ópera. Na ocasião que eu remodelei a obra (1973), a desenvolvi mais, me ocorreu a idéia de fazê-la uma ópera, tal as idéias contrastantes do texto, as situações dramáticas, mas a obra ficou sendo um oratório, ou melhor, como batizou o próprio Henri Doublier, uma gesta"

Em 1996, a obra é retomada na França, em Chambéry, no *Théâtre Charles Dullin*, no dia 6 de dezembro. É produzida pela *Association Philomène*, no seu programa *Traverse 1996*, tendo como recitantes, Alain Carré e Delphine Aldag, soprano Sylviane Genty, com a *Orchestre et Choeur du Centre de Pratique Musicale d'Annecy (C.P.M.A.)* e do *Conservatoire de Chambéry*, com regência de Simon Baggio, direção cênica de Alain Carré, iluminação de Emmanuelle Vérité. A *Médiathèque*, de Chambéry, simultaneamente, organiza uma exposição e um audiovisual durante o mês de dezembro, sobre Villegagnon e sua epopéia e sobre os autores da obra José de Almeida Prado e Henri Doublier.

Pierre Gotteland do jornal *Le Dauphiné Libéré* de Chambéry (12/1996, "*Une belle fête de l'art lyrique*") comenta:

*Le texte de Doublier utilise les locutions du français d'époque et reprend presque mot à mot les récits contés... du XVI^e siècle. On apprend beaucoup sur les rites, moeurs et tempéraments des indigènes. Ces textes très intéressants et captivants sont savamment mis en forme et orchestrés telle une chanson sur la musique de Almeida Prado... une orchestration de musique très illustrative, c'est une sorte de film dans lequel les images seraient seulement suggérées avec force par la voix et le discours des instruments... Henri Doublier était là en spectateur assidu, invité pour l'occasion par Traverse 96. Il fut abondamment félicité par ses admirateurs...*⁶²

⁶² O texto de Doublier utiliza locuções do francês da época e retoma quase que palavra por palavra os relatos do século XVI. Aprende-se muito sobre os ritos, costumes e temperamentos dos indígenas. Esses textos muito interessantes e cativantes são sabiamente formulados e articulados qual uma canção sobre a música de

Gostaríamos que o leitor deste trabalho conhecesse a verdadeira história da vida do nosso herói Villegagnon. Foi em Provins, cidade que teve seu esplendor nos séculos XI, XII e XIII e que guarda intactas as suas muralhas fortificadas, que nasceu em 1510, Nicolas Durand de Villegagnon. Segundo a placa comemorativa na fachada de sua casa natal, foi o mais famoso marinheiro francês do seu tempo, Vice-Almirante da Bretanha, Comendador da Ordem de Malta. Participou, em 1541, da expedição de Carlos V contra Alger. Em 1548, executa a missão de buscar Maria Stuart em Dunbarton e trazê-la à França para casar-se com o futuro Rei Francisco II. Pouco depois, vai lutar em Tripoli, porém a cidade cai em poder dos turcos. Em 1552, vai dirigir as obras de defesa de Brest e começa a ouvir falar do imenso continente descoberto, do outro lado do Atlântico, pelos marinheiros que voltavam trazendo carregamentos de pau-brasil (usado para fabricação de tintas). Concebe então o projeto de fundar uma colônia francesa na América do Sul. Consegue o apoio de Coligny, chefe dos protestantes franceses, acenando-lhe com a idéia de um mundo onde os protestantes pudessem cultuar Deus sem serem perseguidos. Consegue juntar umas 600 pessoas, entre elas o frade André Thevet, que escreveu depois *As singularidades da França Antártica*, e parte do Havre em 12 de julho de 1554. É o começo de uma odisséia que começa logo em alto mar e se vê obrigado a parar em Dieppe, de onde desertam parte de seus homens. Só consegue partir em 14 de agosto, com 80 homens somente. É repellido em Tenerife, na altura de Nova Guiné. Irrompe a bordo uma epidemia de escorbuto e ele tem que conter a tripulação revoltada com a falta de víveres e de água. A 10 de novembro de 1554, chega na Baía de Guanabara e instala a sua tripulação no Ilhéu de Ratier, que hoje se chama Lage. O forte de Ratier só dura até a primeira maré e ele tem que se transferir para a Ilha de Sergipe, a atual Villegagnon, sede da Escola Naval. Aí constrói a sua fortaleza. Desde o princípio, Villegagnon conta com a simpatia e a ajuda dos índios que passam a chamá-lo *Pai Corá*. Ajudam-no também a erguer as casas, trazendo

Almeida Prado... uma orquestração de música muito ilustrativa, tal qual um filme no qual as imagens seriam somente sugeridas com força pela voz e o discurso dos instrumentos... Henri Doublier estava presente como espectador assíduo, convidado para esse evento por *Traverse 96*. Ele foi muito aclamado e cumprimentado pelos seus admiradores. (trad. da autora)

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA

TEMPORADA DE CONCERTOS DE 1975

69º Concerto de Assinatura

Sábado, 5 de julho às 16.30 horas

Programa

JOSÉ DE ALMEIDA PRADO

Oratório "Thérèse, l'Amour de Dieu"

- I - A Vocação
- II - A Cruz
- III - O Dom

(1ª audição mundial.)

Em homenagem ao Ano Santo.

Solistas: LENICE PRIOLI, *soprano*
— VICTORIA KERBAUY, *soprano*

Narradores: SÉRGIO BRITTO
MARIA HELENA PADER

CORAL ARTIS CANTICUM

Director: NELSON DE MACEDO

Participação Especial
ao piano: ALMEIDA PRADO

Regente: ISAAC KARABTCHEVSKI

Próximos Concertos

Sala Cecília Meireles
Sábado, 12 de julho, às 16.30 hs.
Regente: I. KARABTCHEVSKY
Solista: A. GUEDES BARBOSA, piano
Programa: J. Mauricio-Abertura em Ré
CHOPIN - Concerto nº 2, p/ piano e orq.
MOZART - Pequena Serenata Noturna e
Sinfonia nº 39

Teatro Municipal
Sábado, 19 de julho às 16.30 hs.
Regente: JOHN CAREWE
Solista: MOREIRA LIMA, piano
Programa: PURCELL-Chaconne
RACHMANINOFF- Concerto nº 3, p/ piano e orq.
NEPOMUCENO - Abul (Interlúdio)
MUSSORGSKY-RAVEL - Quadros de uma
exposição.

Thérèse l'amour de Dieu. 1975. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

madeira e água, apanhada no Rio Carioca, cuja foz fica na Praia do Flamengo. Ao castelo que ergue na Ilha de Sergipe dá o nome de Forte Coligny e com o correr do tempo mura todo o contorno da pequena ilha de 14.000 metros quadrados. Depois os franceses abrem uma cisterna com capacidade para armazenar água para seis meses. Escreve a Coligny pedindo reforços; a 7 de março de 1557 chegam três navios que tinham partido de Honfleur em 19/11/1556. A bordo há umas 300 pessoas, entre eles 14 calvinistas, um dos quais, Jean de Léry que, em 1561, escreveria *Histoire des mémorables choses advenues en la terre du Brésil*. O sobrinho de Villegagnon, Bois-le-Comte, comandava essa expedição que era realmente colonizadora visto que havia artesãos, seis crianças e cinco mulheres. Infelizmente, as divergências religiosas dividem os colonizadores e oito meses depois, os ministros protestantes voltam para a Europa, em 4 de janeiro de 1558. Cinco calvinistas, porém, desistem da viagem. Os cinco são acusados por Villegagnon de conspirar contra a sua vida, sendo que três são condenados à morte e dois a trabalhos forçados. Pouco depois, o grande aliado de Villegagnon, Jean de Bolès, é expulso da fortaleza, sob a alegação de que é inútil. Despeitado, viaja para a Bahia à procura de Mem de Sá, que vem, em 1560, desalojar os franceses. Quando o Forte Coligny foi tomado, Villegagnon não estava mais no Brasil. Partira em 1559, a fim de obter mais recursos para consolidar e expandir a colonização francesa. Em 1562, entra em contato com o governo português cobrando uma indenização de 400 mil escudos pelo que perdera com a destruição do Forte Coligny... Morre em 1571. Tinha sido, porém, o primeiro fundador do Rio de Janeiro e a ilha passou a chamar-se Villegagnon.

***Thérèse l'amour de Dieu* (em 1975)**

Almeida Prado e Henri Doublier teriam outra oportunidade em trabalhar juntos. Em começos de 1973, por ocasião do centenário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus (1873/1897), o governo francês encomenda novamente, uma obra a Doublier, que pesquisa os escritos dela, suas cartas e as páginas da *Novíssima Verba*, que registram suas últimas palavras.



Em sua carta de 22/09/1992 Almeida Prado comenta:

*En 1973, pour le centenaire de la naissance de Sainte Thérèse de L'enfant Jésus, Henri a réuni plusieurs textes de Sainte Thérèse, et a fait un génial livre. L'oeuvre a été aussitôt mise en musique par moi, et on lui a donné le titre de Thérèse l'Amour de Dieu. L'oeuvre a été créée à Rio de Janeiro en juillet 1975, à l'occasion de l'Année Sainte. Travailler avec Henri, c'était pour moi un immense privilège. Une joie. Son génie, son pouvoir poétique, sa manière d'orchestrer les mots, m'ont donné les idées musicales, toutes spontanées, seulement en lisant son texte. C'était déjà la musique unie au texte, une seule unité. Ces moments de ma vie, ont été très importants, et je remercie mon ami Doublier, l'honneur qu'il m'a donné, de pouvoir travailler avec son immense talent! J'envoie mes voeux chaleureux, pour sa fête, les 50 ans de sa carrière!*⁶³

Thérèse Martins (Teresinha do Menido Jesus) é uma das mais populares santas do Brasil e foi canonizada em 17/05/1925. Henri Doublier dividiu a obra em três partes:

La vocation I. *Prélude*. II. *L'appel*. III. *La possession*. IV. *L'Alliance*. V. *A celui qui possède*. VI. *La volonté de Dieu*. **La croix** VII. *La possédée de Dieu*. VIII. *Jamais l'amour ne trouve d'impossibilité*. IX. *J'espère en lui*. X. *La souffrance*. XI. *Une sainte*. XII. *Je choisis tout ce que vous voulez*. XIII. *Le doute et l'abandon*. **Le don** XIV. *L'arrivée de l'époux*. XV. *L'amour ne se paye que par l'amour*. XVI. *Je ne manquerai de*

⁶³ Em 1973, no centenário do nascimento da Santa Teresa do Menino Jesus, Henri conseguiu reunir vários textos de Santa Teresa e fez um genial libreto, obra que logo foi musicada por mim e demos o título de *Thérèse l'amour de Dieu*. A obra foi criada no Rio de Janeiro em julho de 1975 durante o ano Santo. Trabalhar com Henri foi para mim um imenso privilégio. Uma alegria. Sua genialidade, seu poder poético, sua maneira de orquestrar as palavras me deram idéias musicais, espontâneas, somente com a leitura de seu texto. Já era a música unida ao texto, uma só unidade. Estes momentos de minha vida foram muito importantes e agradeço ao meu amigo Doublier a honra que ele me deu de poder trabalhar com seu imenso talento! Mando para ele meus votos calorosos para sua comemoração do cinquenta anos de sua carreira! Almeida Prado. (trad. da autora)

*rien, XVII. Le don. XVIII. Si le grain de blé ne meurt. XIX. La mort. XX. La vérité. XXI. Je reviendrai.*⁶⁴

O autor cria um texto que reúne o essencial, em que o apelo especial, que percorre a obra toda, é o "Amor de Deus", a loucura desse "Divino Amor", que faz de uma carmelita obscura a santa mais popular de nosso tempo. Almeida Prado suscita também, na orquestração, um clima místico, de vibração interior intensa, com grande economia de meios e perfeita transparência na utilização das vozes, corais e solistas. As presenças de uma narradora, Maria Helena Pader, no papel de Santa Teresa, e de um narrador, Sérgio Britto, que representa a Igreja, o Cristo e o Pai, exprimem também, ora a contradição, ora a consciência e conferem significado dramático à obra. As vozes das solistas, a soprano Victoria Kerbauy e a contralto Lenice Prioli, constituem as duas faces da personalidade de Teresa, a mística contemplativa (soprano) e a guerreira missionária (contralto). O coro simboliza a comunidade, em que vive a carmelita.

No programa há uma análise da obra musical de Almeida Prado que transcrevemos:

O compositor utiliza, na primeira parte, somente as cordas, vibrafone, coro, soprano e narradores. Denomina-se essa parte: A vocação. É o apelo místico, o chamado a uma ascensão interior. Tudo translúcido, contido, fluido. A segunda parte intitula-se: A cruz. Não há participação das cordas. Apenas piano, sopros, metais, percussão, coro, solistas e narradores. É o mistério terrível do sofrimento e da participação nele, em comunhão com o Cristo Crucificado. Thérèse é atraída por esse abismo da dor e quer salvar almas, como ela mesma repete várias vezes. Há ainda a tentação de negar a Fé, qual antro escuro contra o qual ela luta. Redobra então a sua consciência do Mal e seu apoio na Misericórdia Divina, forças em conflito que criam uma grande tensão

⁶⁴ **A vocação:** I. Prelúdio. II. O apelo. III. A possessão. IV. A aliança. V. Ao possuidor. VI. A vontade de Deus. **A cruz:** VII. A possuída por Deus. VIII. Para o amor não existe o impossível. IX. Espero nele. X. O sofrimento. XI. Uma santa. XII. A escolha. XIII. A dúvida e o abandono. **A doação:** XIV. A chegada do esposo. XV. Amor só se paga com amor. XVI. Nada me faltará. XVII. A doação. XVIII. Se o grão de trigo não morre. XIX. A morte. XX. A verdade. XXI. Eu voltarei. (versão do programa no Brasil)

dramática. Em meio a esse espesso combate, o coro repete suavemente: *Deus é Amor, Deus á Amor*. Na última parte há o Dom, a oferta de Thérèse em holocausto ao amor Misericordioso. Temos aí o mesmo ambiente musical do começo, agora reforçado pelos sopros e metais. Thérèse morre e o coro canta ao longe: Ave Maria, gratia plena... Thérèse inicia sua missão, como ela própria repetiu várias vezes: *Eu quero passar o meu Céu a fazer o bem sobre a Terra*. O último movimento é canto de Amor e as palavras são de grande densidade. Tudo resplandece numa atmosfera paradisíaca, um quase Ré Maior com interferências de harmônicos e ressonâncias. Thérèse, o amor de Deus é uma obra que vale por um Diário. Folha por folha vai revelando a grandeza da Santa, que na humilde e breve existência soube falar a linguagem do Amor.

Devemos acrescentar que a obra foi traduzida por Maria Helena Kosinski de Cavalcanti e Padre Carlos Alberto Navarro.

Em carta, a nós dirigida em 21/03/1993, o compositor comenta: Trabalhar com Henri Doublier em *Villegagnon* foi uma experiência única, um milagre, *une réussite extraordinaire*. Quando fizemos *Thérèse* eu já estava integrado no espírito do trabalho de Henri Doublier, a música simplesmente fluía, sem nenhum momento de dúvida ou hesitação.

Em seu livro Vasco Mariz dedica um capítulo inteiro ao Almeida Prado o primeiro colocado entre os compositores de sua *Segunda geração independente*. Nele destaca o trabalho conjunto com o Henri Doublier em Paris no começo dos anos 70:

Outras obras merecem citações... *Villegagnon ou les Isles fortunées*, para soprano e orquestra... estreada em 1971 no *Festival Internacional de Provins*, na França, por Maria d'Apparecida e tendo por narrador o nosso conhecido Henri Doublier... finalmente, o oratório *Thérèse o amor de Deus*, com duração de duas horas, no qual o compositor aproveitou a colaboração de um soprano e um contralto (Victoria



José Almeida Prado e Victoria Kerbaux, a soprano
Especializada nas obras do compositor.

Marie Jeanne Calasans e o compositor. As duas fotos em ocasião do concerto de
José Almeida Prado com Lelo Nazário interpretando *Cartas Celestes*, de Almeida
Prado, no Espaço Cultural Banco Itaú, São Paulo, 11/06/2000.

Kerbaux e Lenice Priole). O texto de Santa Terezinha foi adaptado por Henri Doublier e a obra foi encomendada pelo Ministério da Cultura Francesa e estreada no Rio de Janeiro em 1975 pela OSB, dirigida por Isaac Karabtchevsky (MARIZ, 2000, pg.398)

Nós temos em mente colaborar para a montagem, um dia, das duas obras que Doublier sempre quis encenar e não pode por ter ficado muito doente em 1973. Trata-se de *Villegagnon et les Isles Fortunées* e *Thérèse l'amour de Dieu*. Lamentamos que ninguém se lembrasse disto para os 500 anos do descobrimento para a primeira obra, e em 1987 ano em que se celebrava o centenário do falecimento da santa, tão apreciada no Brasil. Queremos acrescentar que Almeida Prado foi homenageado com o *Troféu Guarani*, do *Prêmio Carlos Gomes* em 12 de setembro do corrente ano!

**Encenações de obras líricas inéditas (*Saison Lyrique Française*) no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro: *Le martyre de Saint
Sébastien, Dialogues des carmélites, Jeanne au bûcher, Le fou,
Saint Louis, roi de France***

***Le martyre de Saint Sébastien* (em 1965)**

É a partir de 1965 que o trabalho de Henri Doublier passa a ter maior destaque. Já conseguira o que almejava, criar uma *Saison Lyrique Française* no Rio de Janeiro, onde sempre imperou a ópera italiana.

Esse sucesso era devido à vários fatores:

- a vontade férrea do diretor em exportar a cultura francesa, principalmente o teatro e a música. Já o tinha conseguido nos quinze anos anteriores, após a guerra, quando a juventude ansiava por um intercâmbio cultural entre as nações européias. Compreende-se, desse modo, o sucesso das *Jeunesses Musicales de France (J.M.F.)*, já citadas. A companhia Henri Doublier salvaguardava uma unidade artística de qualidade que permitia a um público estrangeiro jovem estar em contato com artistas em início de carreira.

- a aspiração de criar laços entre o mundo artístico francês e o brasileiro, por meio de um trabalho conjunto, e valorizar o potencial dos artistas brasileiros apresentando obras de qualidade e inéditas.

- o seu desejo de desenvolver, entre as autoridades franco-brasileiras e os organismos culturais, um verdadeiro intercâmbio em prol da concretização dos projetos. Deve ser lembrado que o Ministério da Cultura, encabeçado então por André Malraux, de 1959 a 1969, seguia uma política de "exportação" da cultura francesa, sob os auspícios do Presidente De Gaulle que, em 1964, visitaria o Brasil durante o governo de Castelo Branco, simpatizante desse intercâmbio entre os dois países.

- sua intenção de estimular o gosto do público brasileiro de



Chegada ao Rio de Janeiro de Henri Doublier (diretor), Georges Wakhevitch (Cenógrafo) e Jeanne Renucci (figurinista). Anos 60.

apreciar obras inéditas do teatro lírico francês, de qualidade e pouco conhecidas, pois esse público era mais voltado para a ópera italiana que aqui se apresentava freqüentemente, desde o século XIX.

- a recordação os laços de certos artistas franceses com a terra brasileira.

Sobre este último aspecto lembramos, como já dissemos, os artistas: Paul Claudel (escritor/dramaturgo) e Darius Milhaud (compositor), o primeiro embaixador e o segundo secretário na Embaixada Francesa do Rio de Janeiro, em 1917; Georges Bernanos (escritor/dramaturgo) que viveu na cidade de Cruz das Almas do Rio de Janeiro e em Minas Gerais, durante os anos da Segunda Guerra, até 1944; e Marcel Landowsky (compositor), cujo pai tinha sido o escultor do Cristo Redentor da cidade do Rio.

Henri Doublier abre os festejos do IV Centenário do Rio de Janeiro, com a montagem de *O martírio de São Sebastião*, de Debussy/d'Annunzio (inédita no Brasil), em homenagem ao padroeiro da cidade. O encenador enfrenta alguns problemas de ordem religiosa, pois a obra escandaliza os fiéis. Ele é recebido pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara a quem explica a sua nova adaptação e consegue entusiasamá-lo com a montagem.

Doublier, no programa apresentado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (10/01/1965, *Le martyre de Saint Sébastien*), esclarece sua adaptação da obra:

Representar um mistério medieval na sua forma integral, em nossa época, seria um erro. O ritmo de vida da Idade Média era tão diferente dos nossos dias, que permitiria a apresentação de obras que hoje parecem, à simples leitura, lutas intermináveis, e cuja audição, sem cortes, se apresenta impraticável para o público moderno. Gabriele d'Annunzio se inspirou tão perfeitamente nas obras-primas da literatura religiosa antiga, que conseguiu realizar esse *tour de force* de escrever em versos octossilábicos, e num francês impecável, na linguagem arcaica de há quatro séculos. Inspiração tão fecunda, que seu mistério atinge quase à proporções de seus modelos; cinco horas seriam

PROGRAMA NÚMERO 4 MARTIRIO 1965.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

El material de este programa fue elaborado por el Centro de Estudios de la Universidad de São Paulo.

Domingo, dia 10 de janeiro de 1965, às 16 horas

Récita Extraordinária

Inauguração da Temporada do IV Centenário

"O MARTÍRIO DE SÃO SEBASTIÃO"

Mistério de GABRIELE D'ANNUNZIO

Música de CLAUDE DEBUSSY

Primeira representação mundial da nova versão de

HENRI DOUBLIER

Côro declamado de JACQUES PERNOO

Distribuição

Partes declamadas

Homens { O Santo GENVISVE PAGE
A Mãe Dolorosa SIMONE DE MOURA
A Donzela Doente de Febre CÉCILE DEMAY
Homens { O Imperador HENRI DOUBLIER
O Prefeito CLAUDE HAGENAUER
Marcos MICHEL GUILLOU
Basile
Marcelino ROBERTO VASCONCELOS

Partes cantadas

Virgem Erigone (LEDA COELHO DE FREITAS
Vox Sola (
Vox Coelestis (ARACI BELAS CAMPOS
Anima Sebastiani (
Os Gêmeos (CARMEN PIMENTEL
..... (NELI MARY

CÓRO DA ASSOCIAÇÃO DE CANTO CORAL
sob a direção da Profa. CLÉOFE PERSON DE MATTOS

CORPO DE BAILE E ORQUESTRA DO
TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Regente Maestro JACQUES PERNOO
"Metteur en scène" HENRI DOUBLIER
Cenografia GEORGE WAKHEWITCH
Cenotécnica MARIO CONDE
Coreografia TATIANA LESKOVA
Maestros Preparadores ROBERTO SCHLAEFFER e
CLAUDIA MORENA

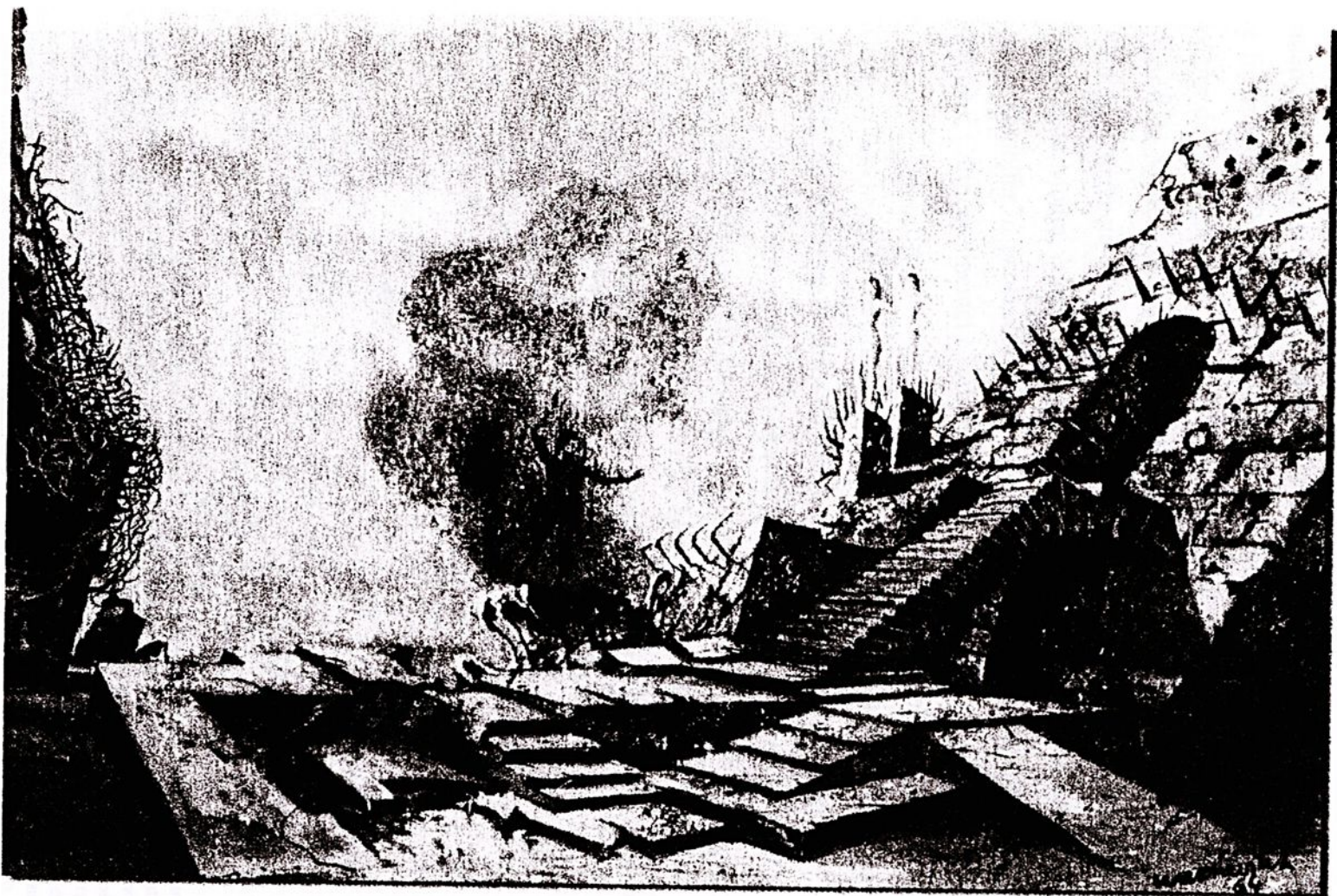
Auxiliar de Direção: ERNESTO DE MARCO — Iluminação: JOSE
BERTELLI — Maquinaria: JOSE GONÇALVES — Ateliê de sapato:
JOAQUIM COELHO — Ateliê fotográfico: CLAUDIO M. DE
ALBUQUERQUE — Contraregra: JORGE NADER — Cabeleireiro:
GALVÃO — Arquivista: GENTIL DIAS — Companheira: ANTONIO
SKIBIN — Inspetora dos Corpos Estáveis: IVETE ROSELEM.

necessárias para representar *O Martírio de São Sebastião* tal como foi escrito ... Esta é a mais importante inovação que eu me permiti muito respeitosamente executar na construção dramática dessa nova versão. A alteração oferece também a vantagem de dividir o espetáculo em duas partes, perfeitamente equilibrado sob o ponto de vista de duração, progressão dramática e ilustração musical. Entretanto, se eu tivesse conservado a *mise-en-scène* tradicional do terceiro quadro, haveria o risco de dar a impressão de um falso final, de significação muito pagã: Sebastião deixando-se comparar ao belo Adônis e morrendo coberto de flores. Ocorreu-me, então, fazer o Imperador pronunciar a ordem de ser o Santo conduzido ao Bosque de Apolo e trespassado de flechas. Esse recurso bastou para criar a continuidade necessária e preservar a tradição histórica da venerável morte do Mártir, sob as flechas de seus arqueiros. Criamos, assim, para terminar a primeira parte, uma nova ação cênica, que segue perfeitamente as palavras do esplêndido coro final: "*Il est mort le bel Adonis. Il descend vers les noires portes. L'Hadès morne l'emporte*", o que contentará a consciência cristã mais intransigente. ... Espero que esta versão de *O Martírio de São Sebastião* possa significar uma dupla e fiel homenagem prestada a Debussy e a D'Annunzio.

Le martyre de Saint Sébastien construído como *Mistério* pelos autores, foi criado no Teatro *Châtelet*, Paris, em 1911. É composto de cinco *mansions*⁶⁵, com música de Claude Debussy (1862-1918) e texto poético, em francês, de Gabriele d'Annunzio (1863-1938). Desde o prelúdio, o espectador fica mergulhado numa atmosfera pagã com muita orgia e pouco a pouco a obra se transforma no forte misticismo da primeira era cristã. Essa obra causou escândalo e foi imediatamente condenada pelo arcebispo de Paris e colocada no *Index*,⁶⁶ apesar do envio de uma carta da parte dos autores afirmando sua boa fé e negando sua intenção de sacrilégio. Pode-se compreender a reação do Cardeal do Rio de

⁶⁵ Cada parte da encenação na Idade Média. Expressão usada pelos autores.

⁶⁶ Relação de livros proibidos pela Igreja.

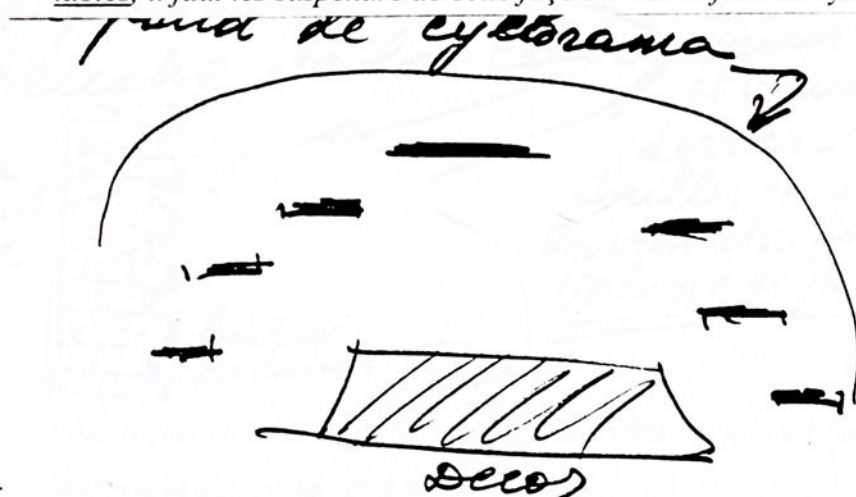


Cenário de Georges Wakhevitch para *O martírio de São Sebastião*. 1965.

Janeiro que Henri Doublier conseguiu convencer, explicando-lhe a sua nova adaptação da obra. Foi apresentada em começos de janeiro de 1965, com cenários e figurinos de Georges Wakhevitch⁶⁷, coreografia de Tatiana Leskova, direção cênica de Henri Doublier, coro da Associação de Canto Coral dirigido por Clêofe Person de Mattos, Corpo de Baile e Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e regência de Jacques Pernoo. No elenco: Geneviève Page *o Santo*, Simone de Moura, *a mãe dolorosa*, Cécile Demay, *a donzela doente de febre*, Henri Doublier, *o imperador* e as cantoras Leda Coelho de Freitas, Araci Belas Campos, Carmen Pimentel e Neli Mary.

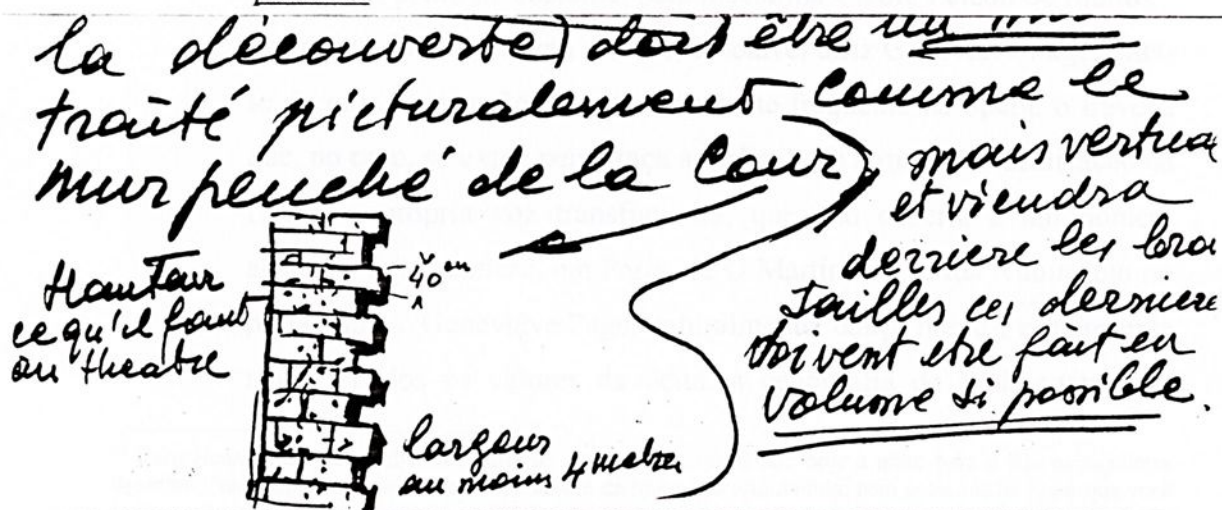
Encontramos nos arquivos de Henri Doublier uma carta de Georges Wakhevitch, enviada de Palermo, em 9/12/1964. Nela descreve o que ele está preparando para os cenários do *Martyre* e ilustra com alguns desenhos:

Cher Henri je reçois à l'instant votre lettre du 5. Je vous envoie ce soir à Rio les dessins suivants: tulle avec le bois de lauriers. L'arbre, le laurier, lui-même. Il sera très bien placé là où vous l'indiquez. Les idoles, il faut les suspendre de cette façon-ci sur le fond de cyclorama:



⁶⁷ Georges Wakhevitch nasceu em Odessa, na Ucrânia em 1907, imigrando para a França aos 14 anos de idade. A partir de 1927 participa de peças de teatro em pequenos papéis e passa no concurso para entrar na *Ecole Nationale Supérieure des Décoratifs* em Paris. Seu primeiro cenário é para o *Théâtre de l'Oeuvre* numa encenação de Lugné-Poe *Le roi Camelot*. A partir daí faz inúmeras maquetes de Jean Renoir, Jean Epstein e também para o teatro. É para *Carmen* de Bizet que cria seu primeiro cenário para ópera em 1942. Trabalha para a *Opéra de Lyon*, o *Théâtre du Vieux Colombine*, o *Royal Opera House* de Londres e outros. Conhece Paul Claudel em 1950 e faz os cenários da peça *L'échange*, com encenação de Jean Louis Barrault, no *Théâtre Marigny*. Seu prestígio cresce e continua a trabalhar com o cinema, o teatro dramático e o teatro lírico. A partir dos anos 60, participa das montagens dramáticas e líricas de Henri Doublier. Faz os cenários das peças por este encenadas e todos os anos o acompanha ao Rio de Janeiro e, em 1961 e 1966, para as montagens de *Jeanne au bûcher* e *Le martyre de Saint Sébastien* no Teatro Colón de Buenos Aires. Realizou cenários, durante sua vida, de 300 peças de teatro, 200 óperas e 140 filmes. Falece em 1984. A Fundação Wakhevitch está situada em Louviers, na Normandia.

Je suis tout à fait d'avis qu'il faut ajouter le grand praticable pour l'Empereur, et le tapis rouge est aussi une très bonne idée, mais il faut qu'il soit de couleur rouge bordeaux. J'envoie ces maquette, à Rio car je crains qu'avec la grève du 11 décembre qui commencera avant, et finira peut-être le 12, Cécile n'aura pas le temps de les recevoir avant le départ de Lifar à Rio. Le tulle pour le gémeaux (1^{er} ouverture musicale) doit être gris si possible ou noir à la rigueur, il vous sera plus facile de détacher les gémeaux du reste, et ensuite les gémeaux disparus. Tout s'éclairera normalement mais sera un peu embrumé (comme une brume de chaleur, si l'éclairage du théâtre est bon, bien entendu). Le second plan jardin (pour la découverte) doit être un mur traité picturalement comme le mur penché de la cour, mais viendra derrière le broussailles, ces dernières doivent être faites en volume si possible.



Pour le feu, cher Henri faites ce que veut Tcherina, elle a l'habitude de la chose et ainsi vous serez tranquille.

Décor du II. Je vous ferai un dessin du trône. Je suis content que mon idée des Dieux-Mobiles plaise. Laissez les lauriers pour le paradis, changez seulement les éclairages, je pense que l'ambiance bleue sera bonne, mais, vous êtes un maître d'éclairage et je n'ai pas de conseils à

*vous donner. Je vous enverrai tout ce qu'il sera possible pour moi de faire en ce qui concerne les costumes. Je les commencerai demain.*⁶⁸

Em seu livro, *A temporada musical no IV Centenário*, Eurico Nogueira França comenta:

A música de Debussy emoldura magnificamente o mistério de D'Annunzio. Como já acontecera na sua ópera *Pelléas et Mélisande*, Debussy evita cantar demais. Só canta quando julga necessário. A música surge como uma sublimação dos sentimentos, em extravasamento emocional. Temos aqui teatro unido à música. Teatro, excelente, ao qual a música se acrescenta. No palco, apenas as partes faladas e os bailarinos. As solistas cantoras em uma frisa. No fosso da Orquestra do Municipal, admiravelmente regida pelo maestro Jacques Pernoo, o coro misto da Associação de Canto Coral, muito bem preparado, como de costume, pela maestrina Clêofe Person de Mattos... Quanto ao Santo ser uma mulher, a notável atriz Geneviève Page, trata-se de uma convenção de teatro, bastante freqüente na ópera: o travesti que, no caso, se exige pela graça angelical das atitudes, a idealização da figura, a própria voz transfigurada, que não caberia a um homem alcançar... A *première*, em Paris, de *O Martírio*, teve Ida Rubinstein no protagonista. Geneviève Page, naturalmente, dança menos, e representa mais... Todos os valores da *récita*, a cenografia de Wakhewitch, os

⁶⁸ Caro Henri acabo de receber sua carta do dia 5. Estou mandando hoje a noite para o Rio os seguintes desenhos: tute como o bosque de louros, a árvore de louro que estará muito bem colocada no lugar que você indicou. Os ídolos, é necessário suspendê-los do modo que estou fazendo neste desenho sobre o fundo do ciclorama. Estou absolutamente de acordo com você que é necessário acrescentar o grande praticável para o Imperador e o tapete vermelho é também uma boa idéia. Porém, é necessário que ele seja de cor vermelha bordô. Estou mandando estas maquetes para o Rio porque tenho medo que, com a greve do dia 11 de dezembro que vai começar antes e acabará talvez no dia 12, a Cécile não terá tempo de as receber antes da partida do Serge Lifar para o Rio. O tute para os gêmeos (primeira abertura musical) deve ser cinza se possível ou, em último caso, preto. Será mais fácil para você destacar os gêmeos do resto e em seguida fazê-los desaparecer. Tudo isto poderá ser iluminado normalmente, entretanto que tenha um pouco de névoa (uma névoa de calor, se a iluminação do teatro for boa, bem entendido). O segundo plano do *Jardin* (para descoberta) deve ser um muro tratado de forma pictural como o muro inclinado da *Cour*, porém ... e que estará atrás das moitas, que devem ser feitas com volume, se possível. Para o fogo: caro Henri faça o que pede a Ludimilla Tcherina, porque ela está habituada com isso e assim você ficará mais tranquilo. O cenário do segundo ato: farei para você um desenho do trono. Fiquei contente que a minha idéia dos deuses móveis lhe agrada. Deixe os louros para o paraíso e troque somente as luzes, penso que o ambiente azul ficará bom, porém você é um mestre na iluminação e não tenho conselhos para lhe dar. Vou lhe enviar tudo que me será possível fazer a propósito dos figurinos. Vou começá-los amanhã.



Cena final de *O martírio de São Sebastião* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.

indumentos coloridos, a orquestra do Teatro Municipal, o coro da Associação do Canto Coral, as quatro cantoras solistas, a regência de Pernoo, a interpretação dramática emocionante de Geneviève Page, de Doublier, no imperador, de Cécile Demay, na donzela doente de febre, de Simone de Moura, na mãe dolorosa, de Claude Hagenauer e outros, a mencionada coreografia e respectivo desempenho se completaram em uma unidade poderosa... A riqueza de elementos com que joga a *récita* é perfeitamente equilibrada, e lhe assegura uma vivaz variedade expressiva. No final, o tom aleluiático, depois que São Sebastião tem o corpo coberto de flechas - ele próprio, no decurso da representação, atira para as alturas uma flecha que *ne tombe pas* - se obtém, no coro e na orquestra com magnificência empolgante. (NOGUEIRA FRANÇA, 1966, p.5 e 6)

Henri Doublier apresentaria o *Martyre de Saint Sébastien* no ano seguinte no Teatro Colón de Buenos Aires (quatro vezes), em Wiltz (duas vezes), em Toulouse (quatro vezes). No ano seguinte, em Monte Carlo (duas vezes), em Paris (nove vezes) e em Marselha (duas vezes) totalizando vinte cinco apresentações.

Dialogues des carmélites (em 1965)

Já apresentamos a ópera quando foi encenada por Henri Doublier no *Opéra Comique* em 1963/64 e sua grande repercussão porém fora com cenários de Suzanne Laliue e a famosa Denise Duval no papel de *Blanche de la Force*.

Para a apresentação no Rio de Janeiro, Henri Doublier traz vários cantores do *Opéra de Paris*, maquete de Georges Wakhevitch realizados sob a direção de Mário Conde. No elenco, Jacques Mars, o *Marquês*. Christiane Stutzmann, *Blanche*. André Turp, o *Cavalheiro*. Michele Grancher, a *2ª Priora*. Maria d'Apparecida, *Madre Marie*. Mady Mesplé, *Irmã Constança*. Constante Moret, o *Sacerdote*. No elenco brasileiro, Carmen Pimentel, a *1ª Priora*. Fernando Teixeira, o *Carcereiro*. Lídia Podorolski, *Madre Joana*. Maria Riva Mar, *Irmã Matilde* e outros. Direção cênica Henri Doublier. Orquestra e coro do Teatro Municipal do Rio de Janeiro com regência de Jacques Pernoo.

Comenta, Nogueira França:

Dos cenários, que são de Wakhevitch, o espectador aprende elementos fortemente simbólicos, e sua linha divisória com o palco se esbate, naquelas zonas de sombra e luz que envolvem as personagens, levando-o a comungar muito mais substancialmente com a ação cênica. O teatro se inviabiliza, enquanto o drama realça... E tudo se encaminha, se articula, passa a viver no palco, com uma verdade cênica que, se facilita pelos mencionados efeitos cenográficos, depende naturalmente da conduta dos artistas subordinada a Henri Doublier a qual, na dupla condição de intérpretes dramáticos e cantores, é, via e regra, ótima... Mas, principalmente, temos a brasileira Maria d'Apparecida. Na co-produção, não se saberá bem se ela entra do lado de lá ou do lado de cá. É contribuição dos dois lados, mas nem por isso queremos deixar de reivindicá-los, com muito orgulho. Nossa cantora Maria d'Apparecida, dos grandes teatros da França, cria, quer pela compenetração cênica, quer pelo rendimento vocal, uma inolvidável

Domingo, dia 29 de agosto de 1965, às 19,30 horas

TEMPORADA LÍRICA INTERNACIONAL
ÓPERA DE PARIS
"DIÁLOGO DAS CARMELITAS"

Ópera em 5 atos e 12 quadros

Libreto de Georges Bernanos

Música de FRANKOIS POULENC

Personagens e Intérpretes

O Marquês JACQUES MARS
Idembo CHRISTIANE STOTZMANN
O Cavalheiro ANDRÉ TURP
Mme. Liliou (2ª filha do Carmelo) MICHELINE GRANCHER
Madre Marie MARIA d'APPARECIDA
Irmã Constança MARY MESPIE
L'Aumonier COSTANTE MORET
Mme. Croissy (filha do Carmelo) CARMEN PIMENTEL
O Cardeiro FERNANDO TELHEIRA
Madre Jean LIDIA PODOROLSKI
Irmã Matilde MARIA RIVA MAR
Oficial e Lacaio Thierry AMILTON MOREIRA
1º Conde NEWTON FERRUGINI
2º Conde JOSE ROQUE
Dr. Javeliot AURORA MORENO
Irmão Marthe

ORQUESTRA E CORO DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Quinta Técnica

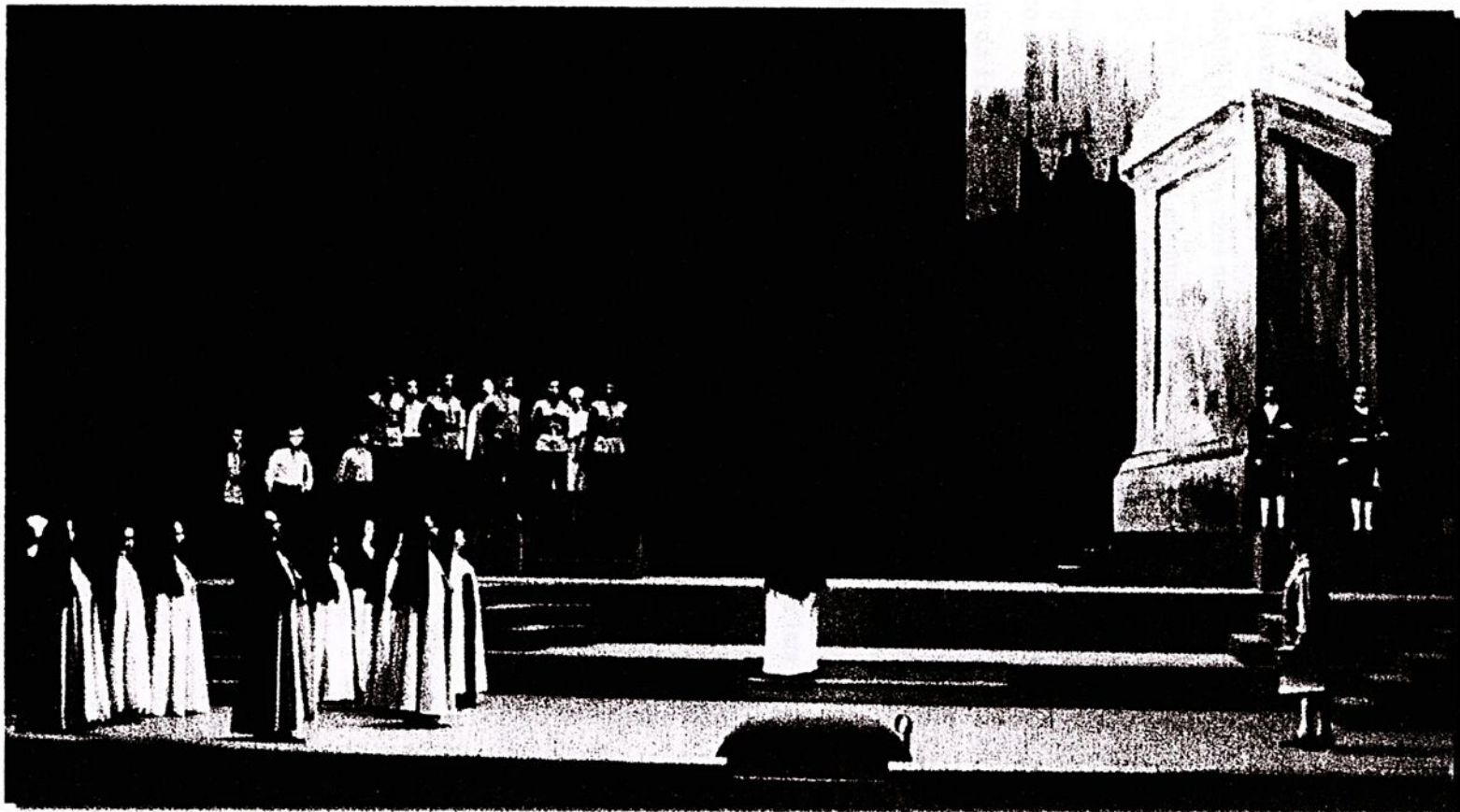
Iluminação: JOSE BERTELLI Auxiliar da Direção: ERNESTO DE MARCO --
Maquiagem: JOSE GONÇALVES -- Montagem Cênica: USMAR PEREIRA -- Contro-
Regra: JORGE NADER Ateliê de Costura: MARIA ROCHA e ALBERTO
GUERCI -- Ateliê de Sapatos: JOAQUIM COELHO -- Ateliê Fotográfico: CLAU-
DIO M. DE ALBUQUERQUE -- Chefe da Montagem do Palco: WALDOMIRO LOU-
RENÇO -- Arquivista: GENTIL DIAS -- Inspetor Técnico da Orquestra: AMÉR-
CO PEREIRA -- Cabeleireiro: GALVÃO Administradora do Palco:
IVETTE ROSOLEM

Regente M. JACQUES PERNOD
Régisseur HENRI DOUBIER
Assistente de Régisseur MARIO DE OLIVEIRA
M. do Coro SANTIAGO GUERRA
M. Preparador ROBERTO SCHLAEPFER
M. Intérprete ELLA PODOROLSKI e OTTO JORDAN
Ponto M. ROBERTO SCHLAEPFER
Diretor da Cena M. MANGIONE J.
Centros de GEORGES WAKHEVITCH, realizados pela Cenotécnica do Teatro
Municipal sob a direção de MARIO CONDE
M. Assistente da Orquestra MARIO TAVARES
M. Adjunto HENRIQUE MOREIRA
M. Assistente do Coro CELSO CAVALCANTI
Chefe dos Serviços Artísticos M. ARLINDO PENTEADO
Assistente da Chefe dos Serviços Artísticos M. MANGIONE J.
Condutor dos Maestros Preparadores M. CLAUDIA MORENA

Madre Maria da Encarnação. Ninguém dá mais do que ela em cena a sensação de estar ungida pelo grave e poderoso sentimento místico, movendo-se com uma espécie de doçura tranqüila e solene. (NOGUEIRA FRANÇA, 1966, p.109, 110,111)

A apresentação pela primeira vez no Brasil teve muita repercussão no Rio de Janeiro. A presença da Maria d'Apparecida, ausente do Brasil durante quinze anos, agitou muito o público carioca.

Cena final de *Os diálogos das carmelitas* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.



Jeanne au bûcher (em 1967)

Por um levantamento que fizemos na *Bibliothèque de l'Opéra de Paris*, descobrimos que em 1962, Henri Doublier, já tinha se apresentado em *Jeanne au bûcher* noventa e oito vezes, isto só na *Opéra de Paris*. Tinha encenado também a ópera em concerto inúmeras vezes na França, mas também no exterior: Madrid (1957 e 1971), Buenos Aires (1961), Lausanne (1964), Atenas (1964), Berlin (1968), Perugia (1973).

A qualidade de suas encenações e de sua interpretação em *Frère Dominique*, ao lado de Claude Nollier em *Jeanne d'Arc*, lhe valeram muitos aplausos do público. Por que Jeanne assombra de tal maneira? Por ser um mito e também a heroína da história da França. Paul Claudel acentuou o paralelismo entre a Paixão do Cristo e o sacrifício de *Jeanne*. Ele a colocou, desde o começo da peça, na fogueira (ainda apagada) porque ele sabe que, no momento da morte todas as imagens da vida, desfilam diante de nós. São as reminiscências... O que causa admiração nessa rapariga é a sua juventude, força e determinação. Ela vê diante de si, sua infância, sua luta contra os ingleses, seu processo e sua condenação. Na montagem no Rio de Janeiro apresentado no dia 11 de agosto de 1967, o elenco é o seguinte: Claude Nollier, *Jeanne*. Henri Doublier, *Frère Dominique*. Raphael Romagnoni, *Porcus*. Cécile Demay, *Le Prologue* e *La mère aux Tonneaux*. Aracy Bellas Campos, *La Vierge*. Leda Coelho de Freitas, *Sainte Marguerite*, Carmen Pimentel, *Sainte Catherine* e outros. Direção de cena, Henri Doublier. Coreógrafo, Dennis Gray. Cenários, Felix Labisse. Coro dos Canarinhos de Petrópolis. Orquestra e Corpo de Baile, regidos por Jacques Pernoo.

Henri Doublier para o *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro (13.08.1967 "Minha visão de Jeanne") esclarece seus pontos de vista:

Jeanne au Bucher realizou em poucos anos, fulgurante carreira na *Ópera de Paris*, onde atingiu rapidamente a centésima representação. Tivemos também inúmeras oportunidades de representá-la na França e no mundo inteiro. Após a criação de *Jeanne* no *Festival de Atenas* em 1964, Pierre Claudel solicitou-me um artigo sobre a *mise-en-scène* da obra. Esse artigo foi publicado no *Bulletin de la société Paul Claudel*, sob o título: *Propos du metteur-en-scène*, do qual transcrevo aqui o essencial. Embora em algumas obras, o *metteur-en-scène* possa se desviar um pouco das intenções do autor, eu penso e a experiência o

Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Sexta-feira, dia 11 de agosto de 1967, às 20.45 horas

Com Artistas da Ópera de Paris

«JEANNE D'ARC AU BÛCHER»

Música de ARTHUR HONEGGER

Poema de PAUL CLAUDEL

Personagens e Intérpretes

Jeanne d'Arc	CLAUDE NOLLIER
Frère Dominique	HENRI DOUBLIER
Porcus	RAPHAEL ROMAGNONI
Le Prologue et La Mère aux Tonnerres	CECILE DEMAY
La Vierge	ARACY BELLAS CAMPOS
Sainte Marguerite	LIEDA COELHO DE FREITAS
Sainte Catherine	CARMEN PIMENTEL
Le Clero	COSTANTE MORET
Héraut I	GERALDO CRAGAS
Héraut II	PEDRO STUMPER

Recitantes

Heurlebise	CLAUDE HAGUENAUER
L'âne Greffier	GUY BRYTYGIER
Le Héraut	HENRY LÉTERRIER
Pierrot	JEAN SOUBLIN

ORQUESTRA E CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Regente: JACQUES PERNOU

Régisseur: HENRY DOUBLIER

Assistente de Régisseur: ROBERT JEANTET

CORO MISTO DA ASSOCIAÇÃO DE CANTO CORAL sob a direção de CLEOFÉ PERSON DE MATTOS

Coreógrafo: DENNIS GRAY

Cenários de FELIX LABISSE

Executados no atelier de Cenografia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro
COCO DOS CANARINHOS DE PETROPOLIS (Dir. Fco Biennias Leto)

ALUNAS DA ESCOLA DE DANÇAS CLASSICAS DO TEATRO MUNICIPAL

Mús. Preparadores e Substitutos: ELLA PODOROLSKI, ROMEU FOSSATI,

MOZART BRANDÃO, ROBERTO SCHLAEPFER, JENSON MARTINELLI

E ANDRÉ VIVANTE

«Maquillages» de SELMA E ARNALDO GLECH

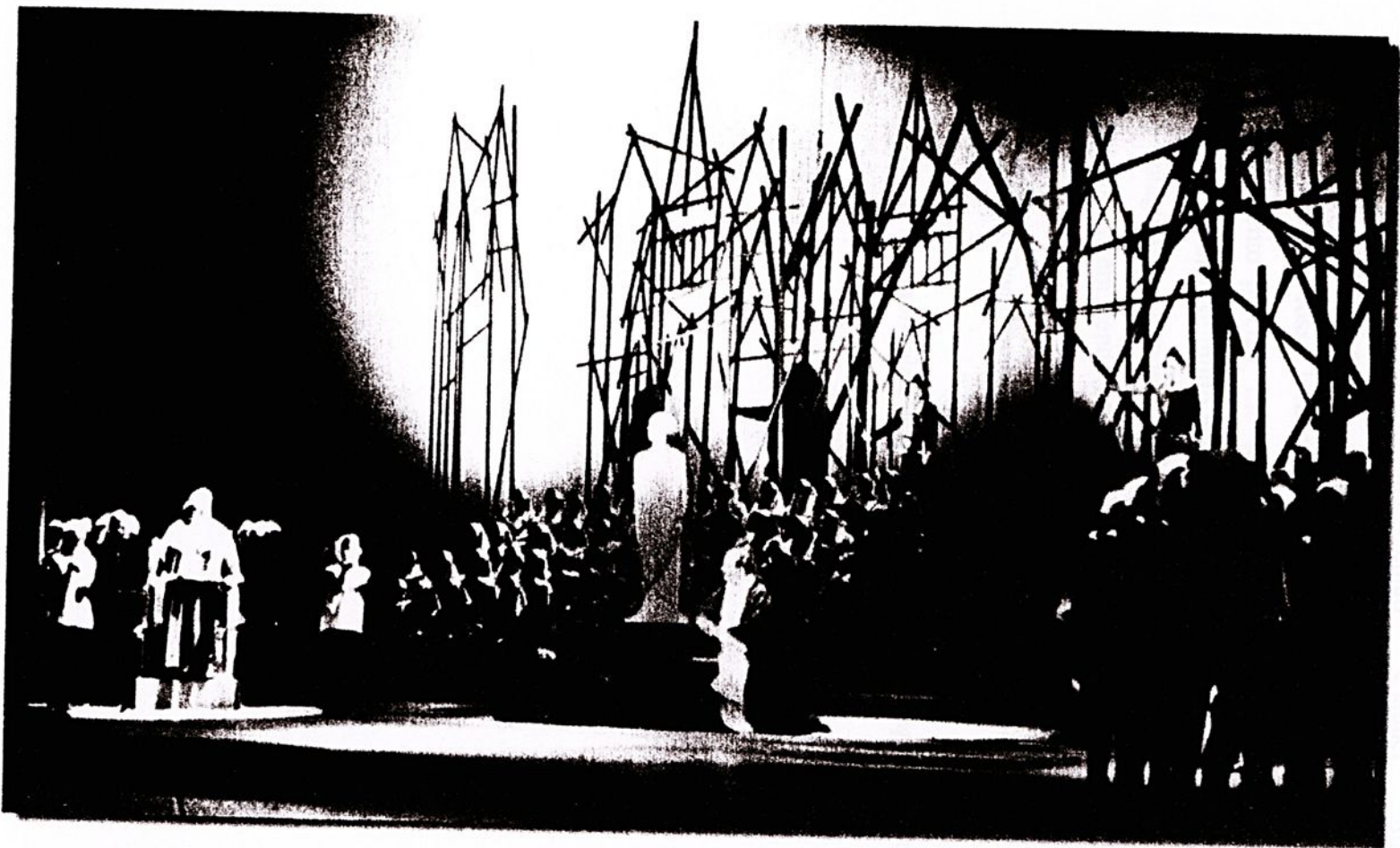
Quadro Técnico

Serviço Médico: DR. LUIZ FERNANDO DE CARVALHO -- Chefe das Sub-Secções:
EDMUNDO DE SOUZA CARLHO -- Inspetor Técnico da Orquestra: AMÉRICO PEREIRA -- Auxiliar Técnico: ERNESTO DE MARCO -- Arquivo Musical: GEN-
TIL DIAS -- Montagem Cênica e Efeitos de Luz: JOSÉ BERTELLI -- Maquinaria:
JAYME DE ALMEIDA -- Eletricidade Cênica: CLOVIS BAPTISTA DE MORAIS
-- Mecânica de Palco: WALDEMIRO LOURENÇO -- Contrá-Regra: JORGE NA-
DER -- Atelier de Sapatos: JOAQUIM COELHO -- Cabelleiro: GALVÃO -- Até-
lier de Fotografia: CLAUDIO MENDONÇA DE ALBUQUERQUE -- Atelier de
Costum: MARIA LECIA ROCHA.

Jeanne d'Arc au bûcher, 1967. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

provou que *Jeanne* só poderá atingir sua verdadeira significação se a concepção original do poeta for respeitada. Tive a grande ventura de conhecer Paul Claudel e a enorme honra de me haver o poeta explicado sua visão de *Jeanne*. Encontrei anotações feitas após nossa conversações de 1951 e 1954, menos de um ano antes de sua morte. A obra foi concebida a partir de uma Jeanne acorrentada. A partir de um sinal da Cruz. Gesto realizado, não por mãos em liberdade, mas por dois braços subjugados... No centro da cena principal, há uma segunda cena, onde se encontra Jeanne D'Arc atada com correntes à fogueira. Frei Dominique virá sentar-se a seu lado, para ler o livro de sua vida. Todo o espetáculo se desenrola diante e em torno de Jeanne e Frei Dominique... A luz deverá representar um papel importantíssimo na peça. É a luz que determinará os diversos planos cênicos, será ele que criará o encadeamento entre os quadros... Podemos lembrar-nos do prefácio da edição de Claudel: Para se compreender uma vida, como para se compreender uma paisagem, deve-se escolher um ponto de vista, e não há melhor ponto de vista do que o cume. O cume da vida de Jeanne foi sua morte, foi a fogueira de Rouen. É desse cume que ela evoca toda a série de acontecimentos que a ele a conduziram, desde os mais longínquos até os mais próximos, desde o suplício até sua evocação e sua missão. Dizem que os moribundos, em seus últimos instantes, vêem se desenrolar todas as passagens de sua vida, à qual a iminente conclusão confere um sentido definitivo. Numa sequência tudo se explica num olhar que perpassa de um horizonte a outro do fim à partida. E os cenários, estarão eles irreversivelmente fixados? Poderá o *metteur-en-scène* afastar-se de diretrizes tão precisas, sem deturpar a obra? Não o creio... E se por um lado, a presença em cena de numerosos comparsas, seria, a meu ver, de mau gosto, a utilização de dançarinos me parece muito próxima dos símbolos claudelianos. Quanto a luz, sou sempre muito sensível a indicações como essa que figura na edição de antes da guerra: refletor sobre Frère Dominique, precedendo *Ne me*





Encenação de *Jeanne au bûcher* com cenários de Felix Labisse no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1967.

reconnais-tu pas? já então Claudel imaginava cinematograficamente seu espetáculo. Ele desejava que o espectador fosse levado a ver o que era necessário ver, e no momento preciso. Ele sentia a importância da luz no teatro e antecipando-se muito nas pesquisas contemporâneas nesse âmbito, imaginava grandes planos cinematográficos para um só personagem, sendo o restante da cena mantido em obscuridade isto é, fora de tela! JEANNE D'ARC, oratório dramático definem os autores. Que preciosa indicação para o *metteur-en-scène*.

Je portais moi-même mon étendard quand j'attaquais, pour éviter de tuer personne. Jamais je n'ai tué personne.

Paroles de Jeanne

(Publication Opéra de Paris, 1992)⁶⁹

⁶⁹ Eu carregava sozinha meu estandarte quando atacava, para evitar de matar alguém. Nunca matei ninguém. Palavras de Jeanne. Publicação Ópera da Paris, 1992.



Le fou (em 1970)

Marcel Landowski (1915-1999) compôs e escreve o libreto de seu drama lírico *Le fou*, em três atos e cinco quadros. Foi criado no *Théâtre de Nancy* em setembro de 1956. No Rio de Janeiro, primeira apresentação nas Américas, gosta de sublinhar Doublier, foi em abril 1970. No elenco, Henry Peyrottes, *Peter Bel*. Géori Boué, *Isadora*. Marc Vento, *o príncipe*, Albert Lance, *Artur* e algumas outras vozes. Françoise Deslogères, *Ondes Martenot*, Coreografia de Dennis Gray. Cenários de Georges Wakhevitch, executado por Mário Conde. Figurinos de Jeanne Renucci. Direção cênica de Henri Doublier. Orquestra, Coro e Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro com regência de Jacques Pernoo.

Le fou, de Marcel Landowski, ópera inédita no Brasil, montada em abril de 1970, é um drama lírico em três atos e sete quadros; do espetáculo participam os cantores da Ópera de Paris.

Esta ópera, foi retomada no *Théâtre des Champs Elysées*, em 1957, torna-se um grande evento em sua primeira montagem do Rio de Janeiro. Por vários motivos, Marcel Landowski, como Wagner, compõe e escreve os seus próprios libretos, o que dá uma profunda unidade à obra. Ademais, o compositor é o primeiro a tentar uma nova performance, colocando a técnica a serviço da arte, utiliza o som estereofônico que tem uma nova dimensão, como meio acústico de alta fidelidade e a emissão sonora vem dar um certo relevo à música. Esta vida dramática do som que brota de um dispositivo técnico faz parte integrante da obra. Isso permite misturar o realismo ao maravilhoso. A fusão do *play back* da orquestra, dos coros, das vozes, engrandece o espaço dramático e o público percebe como um todo integrado, a gravação magnética fundida ao desempenho da orquestra ao vivo.

Cita Eurico Nogueira França, no jornal *O Correio da Manhã* do Rio de Janeiro (13/03/1970, "A explosão da ópera sem amor"):

o instrumento de ondas Martenot é uma das conquistas de eletrônica no



GIORI ROUE



HENRY PEYROTTE



MARC VENTO



ALBERT LANCE



FRANÇOISE DESLOGÈRES



**Restaurante Panorâmico
MESBLA**

REFEIÇÕES — SALÕES PARA BANQUETES,
ANIVERSÁRIOS, CASAMENTOS, CONVENÇÕES, ETC.
AR CONDICIONADO, ESTACIONAMENTO GRATIS
VISTA PANORÂMICA DA BAIJA DA GUANABARA
RUA DO PASSEIO, 42-56 — TEL.: 222.0945

Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Sábado, dia 1 de abril de 1970, às 20.45 horas

Domingo, dia 2 de abril de 1970, às 16.00 horas

PRIMEIRA APRESENTAÇÃO NAS AMÉRICAS DO SUL E DO NORTE

«LE FOU»

Drama Lírico em 3 atos e 7 quadros

Libreto e música de MARCEL LANDOWSKI

Regente: Maestro JACQUES PERNOU

Regisseur: HENRI DOUBLEUR

Contatos da Ópera de Paris:

GIORI ROUE — Isolda

HENRY PEYROTTE — Peter Rei

MARC VENTO — O Príncipe

ALBERT LANCE — Artista

ANITA CLAUDIA — Uma voz

REGINALDO VAZ — O Reflexo

JOÃO TRINTA — Um velho

LILIA DUFECH — Branca

GILBERTO TOZZI — O bebado

ATAIDE BECK — Um homem

DALVA SEMUTZ — Um menino

ORQUESTRA, CORO E CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL
DO RIO DE JANEIRO

Orquestra: Maestro — FRANÇOISE DESLOGÈRES

Partitura coreográfica de DENNIS GRAY

Coordenador: Centro — MAESTRO MANGIONE J.

Contrôles de WAKHEVITCH — executados por MARIO CONDE

Figurinos de Mme. JEANNE RENUCCI

Mestres do Coro — HENRIQUE MORELENBAUM E NELSON NILO HACK

Mestres Informes — ELLA FODOROLSKI — MOZART BRANDAO

ROMEU FOSSATI E GENZON MARTINELLI

Iluminação — JOSE BERTELLI

BALLET

O Fogo — MARLENE BARROSO

1.ª Cita — MIRIAM GENOIRE

2.ª Cita — NIDIA CHIARELLO

O Lavo — BEATRIZ MELUCCI

La Gata — ANTONIO BARROS

Chefe do Corpo de Baile — SEBASTIAO DE ARAUJO

Mestre de Baile — ARTHUR FERREIRA

Coreógrafo — HELLA NOGUEIRA — DENNIS GRAY

Coreógrafo convidado — JUREK SHABELEWSKY

campo da renovação instrumental que não aparecem como instrumento destacado e sim integrado no conjunto sinfônico. O Martenot, que recebe o nome de seu inventor francês, tem hoje uma classe no Conservatório de Paris. Sua forma é, aproximadamente, a de um pequeno piano ligado a um amplificador e alto-falante. Dispõe de sonoridade diáfana, transparente, mas pode se intensificar até a agressividade. Seu registro é praticamente ilimitado e se presta excelentemente a lances virtuosísticos, de rapidez, agilidade e notas repetidas, além de dispor de um *cantabile* expressivo.

No jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro (01/04/1970 -), foram publicados comentários. De Jacques Pernoo, sobre o compositor:

Landowski é um compositor especializado nos gêneros sinfônicos e líricos, e essa sua ópera ... escrita em linguagem independente, não vanguardista, moderna, pois utiliza as mais recentes conquistas da música contemporânea.

E de Henri Doublier, sobre o libreto:

o texto não é *engagé*, como foi divulgado, no sentido político que o termo tem no Brasil. O seu compromisso é mais profundo. Trata-se da responsabilidade do homem para com a humanidade. *Le fou* não tem ação como as óperas tradicionais. O que há nessa obra prima de Landowski é o impulso dramático derivado dos problemas psicológicos do protagonista.

O público reage de forma variada: alguns a acham demasiado moderna; outros, convencional, sem remédio.

O crítico A. H. (só assina as iniciais) define, no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro (06/04/1970, "*Le fou* e o sensato compositor Landowski"):

Moderníssimo ou convencional, de qualquer maneira, *Le fou* é um trabalho sério. A orquestração tem um certo esplendor francês, as possibilidades de brilho dos cantores solistas são excelentes, as partes corais e os trechos carismáticos revelam a mão de um mestre e o aspecto talvez mais admirável, a aliança música - teatro funciona bem,

apesar da evidente superioridade do libretista em relação ao compositor ... Sem pontos de referência em que apoiar o julgamento, o trabalho dos intérpretes pareceu admirável de um modo geral. Jacques Pernoo, já bastante familiarizado com as limitações da orquestra, obteve um rendimento artístico interessante ... Plenamente merecidos foram os aplausos, especialmente aqueles que o Maestro Jacques Pernoo transferiu para o coro e para Henri Doublier, o poético diretor de luzes e de sombras, de quietudes e de movimentos que povoaram o palco do Teatro Municipal nessa tentativa de reanimação da ópera um gênero agonizante, segundo Arthur Honegger.

Em conversação com Marcel Landowsky em 1998, Antoine Lívio recolhe essas palavras do mestre:

Peter Bell entend une corde qui chante, dans le vent. Il s'interroge sur ce qui déclenche ce son: la corde? Le vent? Ou son esprit qui perçoit ce chant?

Qui chante ce chant,

Qui chante,

Qui?

C'est cette corde?...

C'est le vent?

C'est mon esprit qui chante.

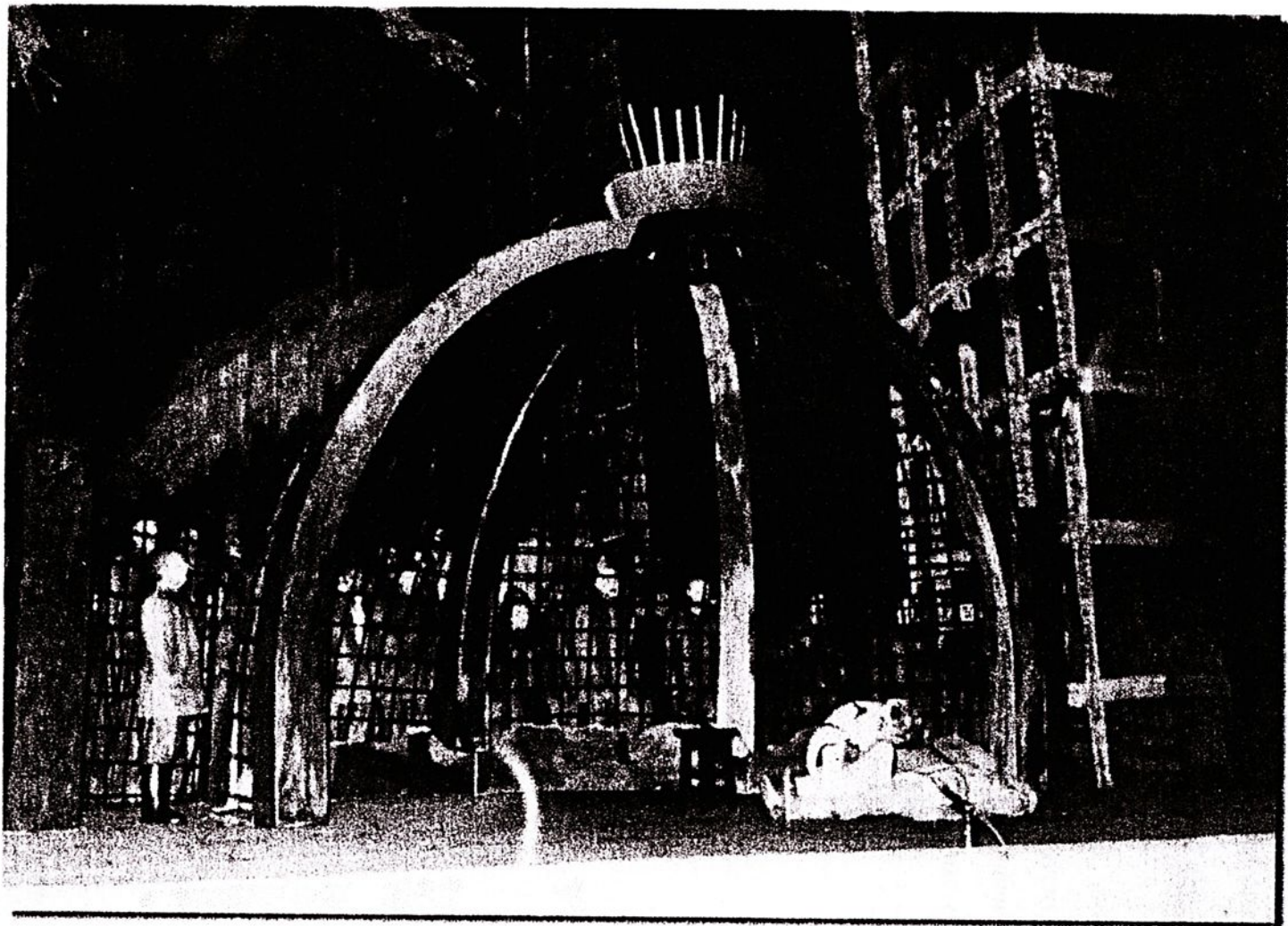
C'est mon esprit qui fait chanter.

C'est mon esprit qui fait vivre ce chant.

Non, c'est le vent...

Non c'est la corde...

Il n'y a pas de réponse. Et parce qu'il n'y pas de réponse, il touche le fond du mystère de tout, sous la forme de cette image, mais pour bien marquer qu'on n'a pas le droit de décider des choses. Il faut que



Cenário de Georges Wakhevitch de *Le fou* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1973.

l'esprit soit là toujours le plus fort. Et l'esprit ne peut exister vraiment en profondeur que si on est en totale harmonie avec soi-même, avec sa conscience. En essayant de comprendre le pourquoi de notre passage sur la terre. Je pense que c'est le grand drame de mon savant, et de tous les savants du monde,...Je pense que c'est un des grands problèmes de notre temps, vu le développement des moyens de destruction, des moyens de transformation biologique. L'homme de science, le chercheur...quand il trouve, s'il ne maîtrise pas cette connaissance, le danger est immense. (LÍVIO, 1998, P.62,63)⁷⁰

⁷⁰ Peter Bell ouve uma corda que canta no vento. Ele se interroga sobre a origem desse som: a corda? o vento? ou é seu espírito que ouve esse canto: "quem canta esse canto/quem canta/quem/é esta corda/é o vento/é meu espírito que canta/é meu espírito que faz cantar/ é meu espírito que faz viver esse canto/não, é o vento/não, é a corda"...Não há resposta. E por esse motivo ele toca o fundo do mistério de tudo, sob a forma dessa imagem para apontar que não temos o direito de decidir as coisas. É necessário que o espírito seja sempre forte e mais forte. E ele só pode existir em profundidade se estivermos em total harmonia com nós mesmos, com a nossa consciência. Tentando compreender o porque de nossa passagem na Terra. Penso que isto é o grande drama de minha personagem, Peter Bell e de todos os cientistas do mundo...Penso que é um grande problema de nosso tempo, visto o progresso dos meios de destruição, de meios biológicos. O homem de ciência, o pesquisador... quando ele descobre, se ele não domina esse conhecimento, o perigo é enorme. (LÍVIO, 1998, p.62.63)

Saint Louis, roi de France (em 1972)

Em 1970, aos setecentos anos da morte do rei São Luiz, Edmond Michelet, Ministro da Cultura da França, quer um espetáculo sobre a vida do monarca e Henri Doublier sugere a encomenda pelo governo francês de uma ópera oratório composta por Darius Milhaud. O ministro simpatiza com essa idéia e é assim que ocorre o encontro Milhaud/Doublier para esta criação. Logo depois, Doublier obteria de Pierre Claudel, filho de Paul Claudel, a autorização para utilizar o poema *Saint Louis, roi de France*, da obra *Feuille des Saints*, escrita durante a estadia do autor na embaixada do Rio de Janeiro, em 1917. Henri Doublier adapta o poema, fragmentando-o e criando diálogos com esses trechos, confiando uma parte deles ao *Poeta* que, em cena, imagina a vida do rei, a comenta e a transfigura; e outra à *Joinville*⁷¹, que a relata. Utiliza também, para o morte do rei, escritos do próprio santo. Joël Marie Fauquet, na revista *Arion Information* de Paris (maio de 1972 - "Pour le quatre - vingtième anniversaire de Darius Milhaud - *Saint Louis: son dernier ouvrage lyrique, à la conquête du Brésil*") pergunta à esposa de Doublier se essa obra é uma ópera histórica ou um oratório. Cécile Demay responde: "é uma obra teatral, porém nem uma ópera histórica, nem um oratório, no sentido tradicional do termo. A obra é de concepção moderna e transporta o século treze ao nosso tempo."

A ópera é dividida em duas partes e onze quadros: *Première partie: I. Prologue. II. Saint Louis et les pauvres. III. Saint Louis et la France. IV. La justice du Roi. V. Dieu est charité. VI. Annonce de la mort de la reine Blanche. VII. Les deux épouses du roi Louis. Deuxième Partie: VIII. Le conseil du roi. IX. Le roi captif de l'Amour. X. Celui qui est devenu le Lys. XI. La mort du roi.*⁷²

⁷¹ Jean Joinville (1224-1317) participou da sétima cruzada (1248) dirigida por Luiz IX (São Luiz) e foi o historiador do rei no livro *Le livre des saintes paroles et des bons faits de notre Saint Roi Louis* (1309).

⁷² Primeira parte: I. Prólogo. II. São Luiz e os pobres. III. São Luiz e a França. IV. A justiça do rei. V. Deus é Caridade. VI. Anúncio da morte da rainha Blanche. VII. As duas esposas do rei Luiz. Segunda parte: VIII. O conselho do rei. IX. O rei cativo do amor. X. Aquele que se tornou o lírio. XI. A morte do rei.

TEATRO MUNICIPAL

TEMPORADA OFICIAL DE 1972

Sexta-feira, 14 de abril, às 21 horas

Domingo, 15 de abril, às 18 horas

SAINT LOUIS ROI DE FRANCE

Ópera-Oratório em duas partes

Música de DARIUS MILHAUD
Texto de HENRI DOUBLIER

O poema "Saint Louis", de PAUL CLAUDEL

Personagens

SÃO LUIZ
JOINVILLE
A RAINHA MARGARIDA
A FRANÇA
O POETA
O ANJO
O CRONISTA

Interpretes

PIERRE THAU
MICHEL CARON
FRANÇOISE GARNER
MICHELINE GRANCHER
ROBERT MONCADE
CÉCILE DEMAY
RENE BRUN

ORQUESTRA E CORO DO TEATRO MUNICIPAL

Regente — Mo. JACQUES PERNOO

Régisseur: HENRI DOUBLIER

Maestro do Coro — SANTIAGO GUERRA

Coordenador Cênico — Mo. MANGIONE J.

Cenários — G. WAKHEVITCH

Figurinos — JEANNE RENUCCI

Orquestra de Cena

ALFREDO VIDAL — I Violino
ALVARO VETERE — II Violino
NELSON BATISTA DE MACEDO — Viola
ALCEU DE ALMEIDA REIS — Violoncelo
SANDRINO SANTORO — Contrabaixo
MARIA CELIA MARQUES MACHADO — Harpa
LENIR SIQUEIRA — Flauta
KLEBER DE SOUZA VEIGA — Oboé
JOSE CARDOSO BOTELHO — Clarinete
ANGELO FERREIRA PESTANA — Fagote
HAMILTON PEREIRA CRUZ — Trompete
EDMUNDO MACIEL PALMEIRA — Trombone
EDGARD NUNES ROCCA — Percussão

CORO DO MADRIGAL

☆ Ruth Staerke — Maria Vanda Spinelli — Dulce Pessanha Ramos — Antonieta Panfili Amorim
☆ Siênia Maria Couto Jeanrenaud — Leonina Maria Costa de Paula — Léda Cintra — Elder de Noronha
☆ Luigi Santoro — Nicolino Cupello — Mário Paulo de Tolla Filho — Sérgio da Silva Araújo Ferreira
☆ Jonas Travassos — Waldyr Tambasco — Josué Ferreira Martins da Silva — João Carlos Dittert



Saint Louis roi de France, 1972. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Essa ópera oratório⁷³ foi criada sob forma de concerto em 18/03/1972, no *Auditorium del Foro Itálico*, com o coro da *Camara da Radiotelevisione Italiana*, Orquestra Sinfônica e Coro de Roma da *Radiotelevisione Italiana*. No elenco, Henri Doublier, como poeta e o historiador. Cécile Demay, como recitante. Lou Ann Wyckoff, a França. Doroty Dorow, a rainha Marguerite. Renato Cesari, Saint Louis. Franco Bonisolli, Joinville. Coro da *Camara da Radiotelevisione Italiana*, Orquestra Sinfônica e Coro de Roma da *Radiotelevisione Italiana*. Armando La Rosa Parodi, regente.

No Rio de Janeiro, criação mundial da encenação em 14/04/1972 com seguinte elenco: Pierre Thau é *São Luis*. Michel Caron, *Joinville*. Françoise Garner, a rainha Margarida. Micheline Grancher, a França. Robert Moncade, o poeta. Cécile Demay, o Anjo. René Brun, o Cronista. Cenários de Georges Wakhevitch. Figurinos, Jeanne Renucci. Direção cênica, Henri Doublier. Direção do coro, Santiago Guerra. Orquestra e coro do Teatro Municipal com regência de Jacques Pernoo.

Seria ouvida, mais uma vez, em Rouen (04/02/1973), sob forma de concerto com Michèle Grancher, Françoise Garner, Pierre Thau, Henri Doublier, Jean Chevrin, Cécile Demay, Hervé le Molec, Paul Dupuis. Direção musical de J.S. Bereau. Direção dos coros, Stephane Caillat et Lucien Brasseur. Cairia no esquecimento após a doença de Henri Doublier, em 1973 e o falecimento de Milhaud em 1974, não tendo sido nem lembrada na ocasião do centenário de Darius Milhaud, em 1992. Deve ser salientado, porém, que em carta endereçada a Doublier, em 18/09/ 71 de Nova York, o Maestro Eleazar de Carvalho escreve:

Le 18 septembre, 1971. M. Henri Doublier. Hotel Glória, Rio de Janeiro, GB. Mon très cher ami, J'ai été très intéressé par la partition du dernier opéra-oratorio de Darius Milhaud, Saint Louis et comme je

⁷³ É incrível o desconhecimento dessa última obra do mestre e de Henri Doublier por parte do público e dos pesquisadores, inclusive o pouco material ou nenhum, nas bibliotecas onde pesquisamos. Fora o belo texto de J. Drake em *Dictionnaire des oeuvres de l'art vocal*. (BORDAS, 1972, p.1840). Não consta do *Tout l'Opéra* do Gustave Kobé. R. Laffont, 1991. Nem do *Dictionnaire Chronologique de l'Opéra, Livre de Poche*, 1994. Nem do último livro que achamos na *Médiathèque de Chambéry* denominado *Portrait(s) de Darius Milhaud, Bibliothèque Nationale de France, Imprimerie Service à Aurillac*, 1998 (não consta o nome do autor do libreto)



Darius Milhaud e Henri Doublier, na França. 1972.

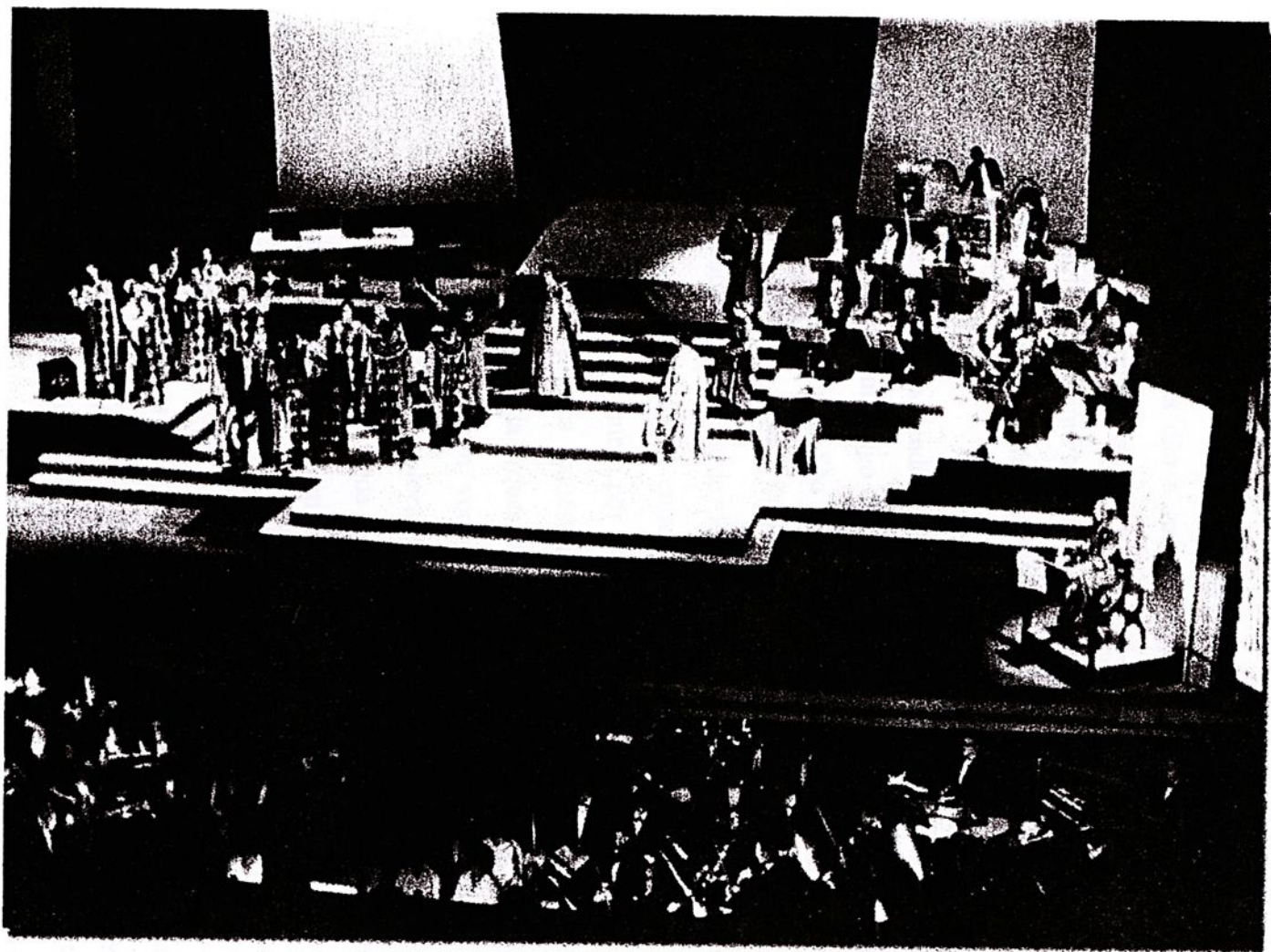
vous l'ai dit de vive voix, j'accepterais volontiers d'en faire la création en Amérique du Nord l'année prochaine. Je viens même d'en parler à mon manager à New York, Mr. Herbert Barrett (1860 Broadway, New York, N.Y. 10023) qui est également très intéressé et pourrait organiser une importante production aux USA mais il est indispensable pour qu'il entreprenne aussitôt les démarches nécessaires qu'une exclusivité nous soit consentie au moins jusqu'à la date du 31 décembre 1972. Mr. Barret envisage déjà la possibilité de la présentation de l'oeuvre au Festival Berkshire, avec la Boston Symphony Orchestra pendant l'été prochain et sa reprise pendant le dernier trimestre de 1972, dans la série de concerts d'abonnements. Je vous en remercie par avance et je vous prie de croire, cher ami, à l'assurance de mes sentiments les meilleurs. Eleazar de Carvalho. 18 West 70th Street. New York, N.Y. 10023. USA⁷⁴

Henri Doublier, em 27/09/1971, transmite o desejo de Eleazar de Carvalho à Darius Milhaud, porém não se sabe porque esse apelo não se concretiza. Em todo caso, o sucesso foi grande na sua estréia, no Rio de Janeiro.

O crítico A.H. comenta no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro (15/04/1972, "Saint Louis - o sucesso de um clássico"):

Quinze minutos de aplausos, numa estréia mundial de obra de compositor vivo, são expressivo sinal de sucesso. Um a um, em ordenada *mise en scène*, foram chamados ao palco todos os responsáveis pela execução, e o calor do público, que parecia consciente do valor histórico desses momentos, não diminuiu ... Tudo é sóbrio, pensado, sentido como religiosidade. A obra seduz pelo interesse espiritual que despertam seus ambientes camerísticos, do coro madrigalista e do conjunto instrumental que, instalado no palco,

⁷⁴ Fiquei interessado pela partitura da última ópera - oratório de Darius Milhaud, *Saint Louis* e como já lhe disse de viva voz, eu aceitaria com prazer de fazer a criação na América do Norte no ano que vem. Já falei com meu "manager" em Nova York, Sr. Herbert Barrett ... que também está interessado e poderia organizar uma importante produção nos Estados Unidos. Porém é indispensável que ele inicie as preparações necessárias para que uma exclusividade nos seja garantida até 31/12/1972. Ele já pensa na possibilidade da apresentação da obra no Festival Berkshire com a *Boston Symphony Orchestra* durante o verão próximo.



Encenação de *Saint Louis roi de France* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1972.

desenvolveu-se em diálogos ultra refinados a musicalidade natural, a linguagem, essas novas *notes sans musique*, os longos recitais e trechos falados que às vezes dão a impressão de *Comédie*, mas que estão carregados de intenções musicais.

Eurico Nogueira França, no jornal *O Correio da Manhã* do Rio de Janeiro (15/04/1972, "*Darius Milhaud dá no Rio estréia mundial de ópera*") declara:

O que se ouviu e aplaudiu não é ópera, nem oratório, segundo os critérios correntes, mas algo de concepção musical e dramática diversa: a história e a legenda de São Luiz, rei da França, transportados para a cena pela música de Darius Milhaud, o libreto e a direção dramática de Henri Doublier, a poesia de Paul Claudel, que ele concebeu quando morou no Rio de Janeiro, entre 1917/1918, quando Milhaud foi seu secretário ... A obra começa por uma fase exclamada: "*Saint Louis, Roi de France!*" E a música orquestral, fluente, saborosamente dissonante, principia. Os acordes da orquestra são de rudeza incisiva, primitiva. O coro canta belamente em vocais lentos. As vestes, as atitudes, a centralização abstrata, a colocação da pequena orquestra no palco, do lado oposto do madrigal, toda a concepção de Doublier vem marcada pelo requinte e instinto dramático certo.

O programa do Teatro Municipal apresenta uma carta de Milhaud que transcrevo:

Comme pour tous mes ouvrages, je travaille dans le recueillement et m'adapte au sujet à traiter. Chaque oeuvre amène son style. Henri Doublier a fait un texte très habile en mêlant des fragments d'un poème de Claudel, d'un vibrant lyrisme, à un texte d'action pour la structure dramatique de l'oeuvre dans le style du XIII^e siècle. Ce qui me permettait une plus grande variété d'expression. Sans compter la joie de me retrouver soutenu par le souffle claudélien qui m'a épaulé toute ma vie depuis 1912, sans compter les deux années merveilleuses que j'ai passé avec lui en 1917 et 1918 à Rio de Janeiro. Autrement je ne

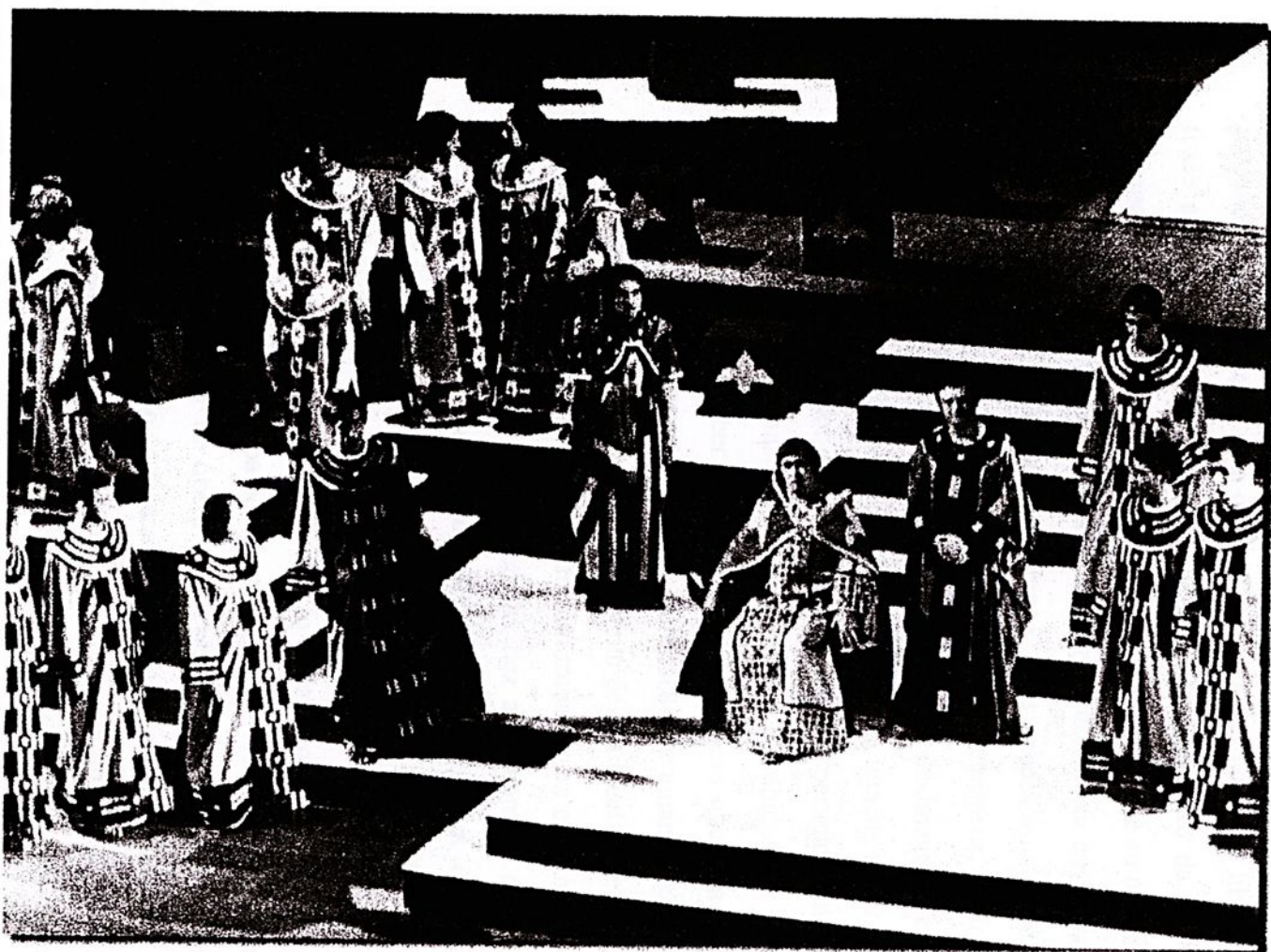
*puis rien vous dire de la partition sinon qu'elle est de Darius Milhaud.*⁷⁵

Declara Henri Doublier, no programa do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, (16/04/72, *Saint Louis, roi de France*):

Como se explica a criação mundial de uma obra lírica, no Teatro Municipal? Jacques Pernoo e eu próprio criamos e mantemos, há cerca de dez anos, graças à confiante direção do primeiro teatro carioca e ao apoio da Embaixada da França, uma temporada lírica francesa, no Rio de Janeiro. Apresentamos grande número de obras do repertório francês. Montamos também muitas obras contemporâneas. Tivemos mesmo a oportunidade de dar algumas partituras em primeira audição no Brasil, como *Jeanne au bûcher*, de Honegger ou *Dialogues des carmélites*, de Francis Poulenc. Outras obras constituíram até primeiras audições na América, como *Le fou*, de Marcel Landowski; ou ainda estréias universais, como a adaptação do *Martírio de São Sebastião* de Claude Debussy, que hoje se encontra no repertório da Ópera de Paris. Nosso trabalho apresenta a originalidade de ser o fruto de uma amigável e vigilante colaboração artística entre o Brasil e a França. E é o mesmo espírito que anima a criação de *Saint Louis, roi de France*, que continua e amplia, magnificamente, o que tem sido feito nesse sentido. A criação é oferecida à França pelo Brasil, a obra, oferecida ao Brasil, foi encomendada pelo governo francês. Esse *Saint Louis* é o resultado de um voto emitido conjuntamente, há justamente dois anos, pelas autoridades culturais francesas e brasileiras. Por que, no quadro da temporada lírica francesa, não apresentar obra escrita especialmente para Rio de Janeiro? A idéia era tentadora. Pareceu-nos então que a realização deveria ser ao máximo franco-brasileira. Restava pedir a

⁷⁵ Como para todas as minhas obras, trabalho no recolhimento e me adapto ao tema a tratar. Cada obra traz o seu estilo. Henri Doublier fez um texto muito hábil misturando fragmentos de um poema de Claudel, de vibrante lirismo a um texto de ação para o estrutura dramática da obra em estilo do século XIII. Isto me permitiu uma maior variedade de expressão, sem contar a alegria de me sentir a vida toda levado pelo sopro Claudeliano desde 1912, sem contar os dois anos maravilhosos que passei com ele em 1917-1918 no Rio de Janeiro. Sem mais a dizer senão que a partitura é de Darius Milhaud.





Encenação de *Saint Louis roi de France* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1972.

Darius Milhaud, um mestre da música francesa e sempre brasileiro de coração, que escrevesse uma ópera. Restava aguardar que o libreto me fosse encomendado por M. Edmond Michelet, Ministro da Cultura. Dependíamos também de que Pierre Claudel aceitasse que eu utilizasse, para o Saint Louis no qual meditava, o poema que seu pai havia escrito no Rio, quando ministro da França. Era necessário também, evidentemente, recusar a obra a muitos teatros europeus, a fim de reservar a estréia para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Restava agrupar, sob a direção musical de Jacques Pernoo, graças ao Sr. José Mauro Gonçalves, Diretor do Teatro Municipal, em perfeita comunhão artística, os intérpretes brasileiros e os franceses escolhidos por Darius Milhaud. Resta fazer saber aos espectadores cariocas que essa ópera-oratório foi escrita para o Brasil por franceses que amam e admiram muito o Brasil. Este espetáculo é a resultante de um ideal entre os mais nobres - a amizade unida à arte - e sem um trabalho em comum, e uma colaboração perfeita que se prolonga há dez anos com os artistas e técnicos brasileiros, jamais uma obra de tão ambiciosa inspiração poderia ser imaginada, encomendada, escrita, editada, ensaiada e criada em primeira audição mundial a 14 de abril de 1972 sobre um palco de ópera, o palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Em 1967, seu trabalho é amplamente reconhecido quando recebe o título de melhor diretor de ópera e o Prêmio Arte Musical Lírica e Coreografia da Secretaria do Estado da Educação e Cultura do Rio de Janeiro.

Na encenação, Henri Doublier, com o assentimento de Jacques Pernoo, colocou uma pequena orquestra de 12 músicos no palco, os coros e o grosso da orquestra no fosso, e um pequeno madrigal de 8 homens e 8 mulheres no palco. Um colega, Valdo Rezende, a quem mostrei as fotos da encenação me disse o seguinte:

Observo planos compostos, praticáveis e luzes, poucos elementos complementam os cenários: bancos e estantes apenas. Os músicos em cena, coisa mais ou menos rara. Tornam-se elementos estranhos à

concepção visual. O figurino da cantora foge ao padrão. Os outros figurinos, alegóricos, se distinguem entre superiores, clérigos e o povo (o coro).

O diretor deseja que, na sua encenação, as principais cenas da vida do rei sejam apresentadas como seriam na Idade Média, no centro de uma cidade, na esquina de uma rua ou na entrada de uma igreja, com o povo feliz envolvendo os principais protagonistas e participando de sua ação. O povo é representado pelo coro, pelo madrigal e pelos músicos. Seu constante trabalho com Milhaud dá unidade cênica e musical à obra.

Joel Marie Fauquet, do jornal *Arion Information* de Paris (maio 1972 “*Pour le 80^e anniversaire de Darius Milhaud*”) entrevista Henri Doublier sobre o libreto de sua autoria que diz:

J'ai obtenu de la famille Claudel l'autorisation d'utiliser le Saint Louis, roi de France de Paul Claudel, un poème paru dans Feuilles de Saints et que j'aime beaucoup. - Mais de quelle manière avez-vous utilisé ce texte qui n'est pas destiné à la scène? - La difficulté était de dépasser le lyrisme pour atteindre l'action. J'ai donc agi en fragmentant ce poème et ces fragments, en les dialoguant, en confiant une partie au Poète, un récitant qui, sur scène, imagine la vie du roi, la commente et la transfigure, et au chroniqueur, Joinville vieux, un autre rôle de récitant, qui la relate. Il faut ajouter que dans cette vision claudélienne, étaient sous-entendue une suite de tableaux de la vie de Saint Louis. Ces tableaux, je les ai développés dramatiquement, soit comme point de départ, soit comme aboutissement de l'oeuvre. Pour la mort du roi, je m'inspire de ses propres écrits et, pour le reste, des chroniques de Joinville.⁷⁶

⁷⁶ Consegui da família Claudel a autorização para utilizar o *Saint Louis roi de France* de Paul Claudel, poema em *Feuilles des Saints* que gosto muito. A dificuldade era passar além do lirismo e atingir a ação. Fragmentei então o poema, utilizando em diálogos, confiando uma parte ao poeta, um recitante que no palco, imagina a vida do rei, a comenta e a transfigura, e ao cronista Joinville quando velho, um outro recitante que relata essa vida. É preciso acrescentar que, nesta visão Claudeliana, estava subentendido uma sequência de quadros sobre a vida de São Luiz. Estes quadros, eu os desenvolvi dramaticamente, seja como um ponto de partida, seja como resultado da obra. Para a morte do rei, eu me inspirei em meus próprios textos e para o resto, nos textos de Joinville.

Terminaremos com a concepção da obra por Doublier:

*J'ai voulu un saint qui soit un homme,
J'ai voulu un homme qui soit un mythe,
J'ai voulu que tout fut authentique,
Mais cependant comme irréel
J'ai voulu un être nourri de foi,
Un roi que essayait d'agir selon l'appel de Dieu.⁷⁷*

⁷⁷ Quis um santo que fosse um homem/ Quis um homem que fosse um mito/ Quis que tudo fosse autêntico/
Entretanto como se fosse irreal/Quis um ser nutrido de fé/ Um rei que tentasse agir conforme o apelo de Deus.



**Encenações de obras líricas já apresentadas no Brasil
(*Saison Lyrique Française*) no Teatro Municipal do Rio de
Janeiro: *Carmen*, *Manon*, *Faust*, *Werther*, *La damnation de
Faust***

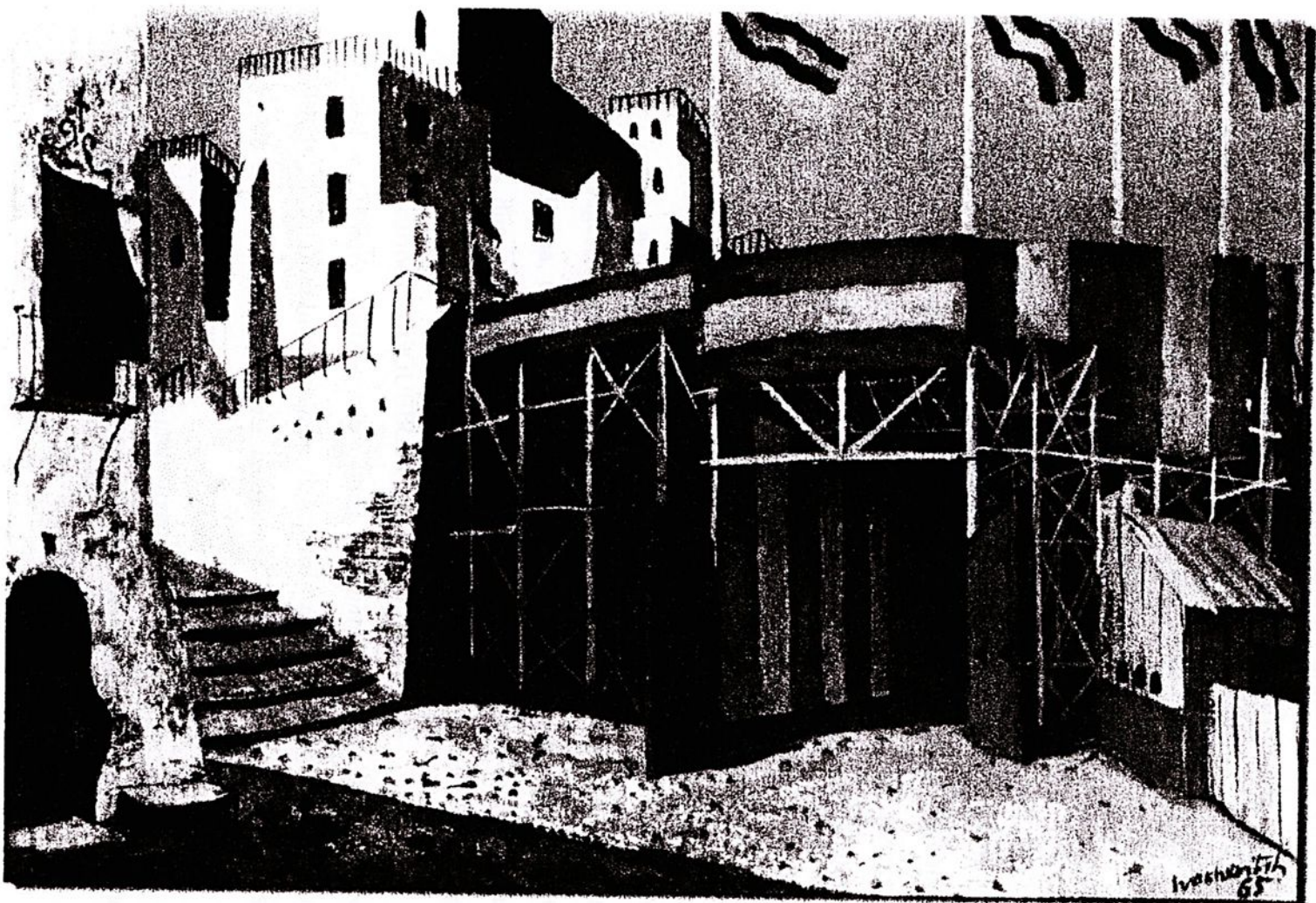
***Carmen* (em 1965)**

Nossas pesquisas nos arquivos de Henri Doublier confirmaram uma só montagem sua de *Carmen* e foi no Brasil. Essa ópera, a mais encenada no mundo tem uma história trágica. Georges Bizet (1838-1875) começa a trabalhar a partitura em 1873 sobre o libreto de Henri Meilhac (1831-1897) e Ludovic Halévy (1834-1908) inspirado da obra de Prosper Mérimée, escrita em 1745. A primeira representação realiza-se no *Opéra Comique* de Paris em 30/03/1875. O público não aprecia essa história trágica e violenta, repleta de contrabandistas, operárias e ciganos, apesar dos autores terem se empenhado a mostrar uma Espanha colorida e exótica, com suas danças e seus coros. Introduzem a figura de Micaela, moça recatada e doce, em oposição à Carmen, violenta e apaixonada. Mesmo assim a ópera é criticada violentamente sendo designada como imoral, obscena e de mau gosto... Era, entretanto, uma obra prima e Bizet não saberia do seu sucesso mundial, pois faleceria com 36 anos, depois da trigésima terceira apresentação... Curiosamente seu sucesso começaria no estrangeiro e só teria sua consagração em Paris, em 1904.

Entrevistada por Maria Cláudia, da Revista Manchete (agosto, 1965, "*Quando Carmen é carioca...*") Maria d'Apparecida, a interprete do papel título, comenta:

Gosto de Carmen. Gosto da brejeira, apaixonada, violenta Carmen. Gosto do caráter popular da ópera: é muito pouco piegas e com todos os seus dramas não deixa de ser viva e otimista. E Carmen poderia ser carioca: é tão ... *sapeca*!

E também em uma entrevista ao *O Figaro Littéraire*, de Paris (10/9/1965, "*Une Carmen brésilienne*"), a artista acima relata:



Cenário de Georges Wakhevitch para *Carmen* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.

*Le personnage de Carmen est un rôle bâtard, Carmen est un être fuyant et compliqué comme le sont souvent les gens simples. Tout le monde, pense-t-on peut être Carmen, et pourtant personne depuis 1875 ne s'est encore accordé pour la tessiture, la couleur des voix, l'interprétation. La guerre des Carmen n'est pas terminée.*⁷⁸

Nogueira França, a respeito de Carmen escreve:

O espaço cênico, suscitado pelos cenários originais de Georges Wakhevitch, povoa-se de figuras que nos transmitem, dentro de modernas concepções teatrais, que são no caso, as de Henri Doublier, a sensação da vida, de uma realista, e mesmo verista, para acentuar o caráter do libreto inspirado em Merimée, e da música do mestre que veio antecipar os grandes momentos do verismo italiano. Luzes e guarda-roupa contribuíram para esses efeitos de vestir a nudez do palco com a calidez, a graça nervosa, o sentido imanente de tragédia da *Carmen*, a fascinação de uma ópera onde os raros momentos de dança, aliás sugestivamente feitos, parecem brotar tão naturalmente como uma redundância, tanto que tudo aqui vive em função do ritmo, a começar pelas duas páginas vocais mais célebres da partitura, com as quais Maria d'Apparecida, no I ato, travou seus primeiros contatos com a platéia carioca. (NOGUEIRA FRANÇA, 1966, P.106)

Pierre Dufour, do jornal *Dauphiné Libéré*, de Chambéry (27/10/1965 “*Henri Doublier a préparé le festival sacré d'Annecy et s'apprête à clôre à Rio les fêtes du quatrième centenaire*”) em conversa com o artista, recolheu as seguintes palavras:

C'est un plaisir de travailler avec Murilo Miranda, le directeur de l'Opéra. On a carte blanche ce qui arrange bien un metteur en scène...

⁷⁸ a personagem de *Carmen* é um papel bastardo, *Carmen* é um ser fugidio e complicado, como são frequentemente as pessoas simples. Pensa-se, em geral, que qualquer cantora pode ser *Carmen*, entretanto, ninguém, desde 1875, entrou em acordo para definir a tessitura, a cor das vozes, a interpretação. A guerra das *Carmens* ainda não está terminada. (trad. da autora)

*quant au succès: l'Opéra a 2.300 places... et il a fallu accepter en plus 600 spectateurs debout pour la première de Carmen.*⁷⁹

Infelizmente não achamos o programa de *Carmen*, porém sabemos que foi com o mesmo elenco de cantores que em *Dialogues des carmélites*; ambos foram apresentados em fins de agosto, começo de setembro de 1965. A grande novidade é Maria d'Apparecida no papel título junto com Albert Lance, como *Don José*. Jacques Mars, *Escamillo*. Aracy Bellas Campos, *Micaëla* e outros. Cenários de Georges Wakevitch. Direção cênica, Henri Doublier. Coro, Balé e Orquestra do Teatro Municipal com regência de Jacques Pernoo. É interessante a carreira de Maria d'Apparecida, que até hoje vive em Paris. Ex-rainha das mulatas e locutora de rádio, no Rio, parte para a Europa com a disposição de fazer carreira como cantora lírica. Frequenta o curso de arte dramática de Jean Louis Barrault e os meios artísticos franceses. Começa a cantar num recital de composições brasileiras no *Théâtre de France*, em 1961, em Paris e logo depois integra o elenco da *Opéra de Paris*, onde conquista uma posição internacional, interpretando o repertório clássico e destacando-se em *Carmen*, de Bizet. 1965 marcaria sua volta ao Brasil, depois de 15 anos de ausência. Henri Doublier a convidara para vários espetáculos; entre outros, *Dialogues de carmélites* e *Carmen* (1965), *Récital Manuel Bandeira* (1967), *Villegagnon* (1971 e 1973); com ela gravou também um disco *Les fleurs du mal*, poemas de Charles Baudelaire, acompanhamento ao piano de Jack Diéval, em 1968.

Achamos nos arquivos de Henri Doublier algumas notas sobre sua encenação de *Carmen* que ele julga inovadora, porém respeitando a tradição francesa. Faz ressaltar que seu trabalho com Jacques Pernoo e Georges Wakhevith lhe permite concepções novas quanto a arte do teatro e da dança. Para ele, a dança é um prolongamento, uma transposição da ação e é um meio de atingir a "ópera total" tão solicitada nos anos 60. A iluminação também revoluciona a ópera, pois com a luz, ele vai à procura de um ambiente visual que deve corresponder ao

79 É um prazer trabalhar com Murilo Miranda o diretor do Teatro Municipal. Tem-se liberdade o que facilita bem para um encenador... quanto ao sucesso: o teatro tem 2.300 lugares... e tivemos que aceitar 600 espectadores a mais, em pé, para a estréia de *Carmen*. (trad. da autora)





Maria d'Apparecida e André Turp em *Carmen* no
Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1965.

ambiente musical e que permite uma seleção de imagem como no cinema. Para ele a luz não é só decorativa, mas serve a criar a atmosfera e a dar ritmo à ação.



Manon (em 1967 e 1971)

Ópera trágica em cinco atos e seis quadros de Jules Massenet (1842-1912), com libreto de Henri Meillac (1831-1897) e Philippe Gille (1831-1901), inspirada no romance do Abade Prévost (1697-1763), *Histoire du Chevalier des Grieux et de Manon Lescaut*. Criada em Paris, na *Opéra Comique*, em 19/01/1884, a obra é a mais conhecida de Massenet que, apesar de uma crítica bastante severa, teve sucesso de público a partir da primeira representação. Marca o apogeu da ópera romântica francesa.

Na montagem de 1967, o elenco é formado de Diva Perianti, *Manon*. Georges Licioni, *Des Grieux*. Paulo Fortes, *Lescaut*. Henry Peyrottes, *Comte des Grieux*. Ella Podorolsky, *Poussette*. Maria Riva Mar, *Javotte* e outros. Cenários de Mário Conde. Coreografia de Dennis Gray. Direção cênica, Henri Doublier. Orquestra, Coro e Corpo de Baile com regência de Jacques Pernoo.

O jornal *O Globo* do Rio (19/08/1967 “*Altos e baixos na Aliança Vocal Franco-Brasileira*”) registra:

...O balanço geral, porém, favorece o espetáculo que será repetido amanhã em vespéral, no quadro da breve temporada lírica franco-brasileira, graças especialmente à encenação inspirada, transbordante de vitalidade, devida ao bom-gosto de Henri Doublier, e à regência autorizada de Maitre Pernoo que transformou a Orquestra do Teatro num conjunto sério, obtendo um resultado musical de nível raramente atingido no Rio, em espetáculos operísticos... Voz densa, rica em vibrações, perfeitamente colocada, sem o menor desfalecimento, Henri Peyrottes fez uma interpretação magistral do pai de *des Grieux*. Com suas duas breves intervenções assinalou os momentos mais perfeitos da noite. Diva Pieranti elevou consideravelmente o nível de suas exibições anteriores. Ganhou em firmeza e afinação... Conquistou a platéia com

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

SEXTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 1971, AS 21 HORAS
DOMINGO, 29 DE AGOSTO DE 1971, AS 16 HORAS

EMPRESA VIGGIANI, APRESENTA

MANON

MÚSICA DE JULES MASSENET

LIBRETO DE HENRY MEILHAC E PHILLIPE GILLES
BASEADO NO ROMANCE DE A. F. PREVOST

PERSONAGENS E INTERPRETES

Manon	Lúcia Barroca
Des Grieux	Georges Liccioni
Lescaut	Fernando Teixeira
Conde Des Grieux	Henry Peyrottes
Pousette	Lauricy Prochet
Javotte	Ruth Staerke
Rosette	Glisele Pereira
Criada	Wanda Spinelli
Guillot de Morfontaine	Geraldo Chagas
De Brétigny	Antonio Skibin
Hoteleiro	Carlos Dittert
1.º Guarda	Nicolino Cupello
2.º Guarda	Gilberto Tozzi

ORQUESTRA, CÔRO E CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Regente:	JACQUES PERNOO
Regisseur	HENRI DOUBLIER
Coordenador Cênico:	M. MANGIONE J.
M.º do Côro:	MARIO DE BRUNO
Ponto:	Ella Podorolsky

Os Costumes de Lúcia Barroca são de ARLINDO RODRIGUES

Seu Cabelereiro é DEMOAR JAMBERT COIFFURE

Peruca Gentileza de VERA PERUCAS

Cenários de Mario Conde

M.º Preparador e Substitutos: Frederico Egger, Genson
Martinelli, Romeu Fossatti

Coreógrafo: Denys Grey — Iluminação: José Bertelli

Maquilagem e Caracterizações: Arnaldo Glech

Cabeleiras de Galvão

Manon, 1971. Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

belíssimos tons de cabeça e com as suas excelentes qualidades de intérprete. O papel de *Manon* ajusta-se a ela melhor do que o de *Violeta*. Paulo Fortes foi, como sempre, de extrema correção, honesto e sério, pronunciando muito bem o francês.

Em 1971, é apresentada nos dias 27 e 29 de agosto, com o seguinte elenco: Lúcia Barroca, *Manon*. Georges Liccioni, *Des Grieux*. Fernando Teixeira, *Lescaut*. Henry Peyrottes, *Conde Des Grieux*. Lauricy Prochet, *Poussette*. Ruth Staerke, *Javotte* e outros. Cenários de Mário Conde. Coreografia de Dennis Gray, direção cênica de Henri Doublier. Orquestra, Coro e Corpo de Baile do Teatro Municipal, com regência de Jacques Pernoo.

Um jornal do Rio de Janeiro (s/n) (24/08/1971 "*Manon é atração no Municipal*") anota:

O empresário Viggiani apresentou ontem, no Hotel Glória, os artistas que participarão da ópera *Manon*, que contará no seu elenco com quatro artistas franceses: o maestro Jacques Pernoo e Henri Doublier, o Tenor Georges Liccioni e o Barítono Henry Peyrottes. Entre os brasileiros destacam-se a soprano Lúcia Barroca, que interpretará a personagem título e Fernando Teixeira, no papel de *Lescaut*. Além destes, a ópera contará com mais nove destacados cantores do Teatro Municipal, onde ela será apresentada. A orquestra, o coral e o corpo de baile também serão daquele teatro. Os artistas franceses são da ópera de Paris e já estiveram aqui em 1967, representando a mesma ópera, *Manon*, no mesmo teatro. Além do Brasil, estiveram na Argentina, Canadá, Estados Unidos e diversos países da Europa. A ópera, que vai ser apresentada nos dias 27 e 29, conta a história de uma moça que, vindo de um convento onde estudava, encontra-se numa estalagem, com um seminarista e os dois se apaixonam, sendo aquele ídolo marcado por sofrimento, até a morte de *Manon*.

Não foi encontrado nada mais sobre a encenação.

***Faust* (em 1971 e 1972)**

Drama lírico de Charles Gounod (1813-1893) com libreto de Jules Barbier (1825-1901) e Michel Carré (1819-1872), inspirado do *Faust* de Goethe. Sua estréia foi em 19/03/1859 no *Théâtre Lyrique* de Paris. A ópera, que se inspira no poema de Goethe, é centralizada sobre a personagem de Margarida, ao contrário da obra de Gounod, que é mais direcionada sobre Fausto. A encenação de Henri Doublier difere da forma habitualmente apresentada. Ele divide a ópera em dois atos e seis quadros. A obra é apresentada em 01/09/1967. No elenco: Albert Lance, *Fausto*. Suzanne Sarroca, *Margarida*. Boris Carmelli, *Mefistófeles*. Henry Peyrottes, *Valentin*. Kleuza de Pennafort, *Marta*. Vistor Prochet, *Siebel*. Fernando Teixeira, *Wagner*. Cenários e figurinos de Mário Conde. Direção cênica de Henri Doublier. Direção do coro, Santiago Guerra. Coreografia de Eugênia Feodorova. Orquestra, Coro e Corpo de Baile do Teatro Municipal com regência de Jacques Pernoo.

Ao contrário de *Manon*, que não teve muita repercussão, *Faust* foi muito aplaudido.

Eurico Nogueira França, no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro (03/09/67 - "*Triunfa o Fausto no Municipal*"), comenta:

Há muita verdade e intensidade dramática, além de beleza propriamente musical e de canto lírico, na versão de *Faust*, que um harmonioso elenco de cantores franceses apresentou anteontem no Teatro Municipal, com extraordinário sucesso ... Devo dizer o atual *Faust* do Teatro Municipal é superior, sob certos importantes aspectos, ao que vi em Paris. E o sentimento da autenticidade goetheana, na visão dos personagens em cena, me tocou bastante, agora, a me fazer lembrar a coleção de gravuras de *Faust* na casa de nascimento de Goethe, em Frankfurt, transformada em museu. Além dos valores musicais e vocais que revestem essa récita, a sua maior força e também a sua principal fraqueza se encontram na audaciosa concepção de montagem. Os cortes que Henri Doublier inflige a *Faust* são profundos

Teatro Municipal do Rio de Janeiro

Sexta-feira, dia 1 de setembro de 1967, às 20,15 horas.

"FAUSTO"

OPERA EM 4 ATOS E 7 QUADROS

Drôma lírico de J. BARBER e M. CAIRE

Baseado no drama de W. GOETHE

Música de CHARLES GOUNOD

(Nota: a música e o texto de Fausto, na concepção do regisseur Henry Duvellier, ora encenada, difere da habitualmente apresentada e está dividida em 2 atos e 6 quadros)

Personagens e Interpretes

Fausto	ALBERT LANCE
Margarita	SUZANNE BARROCA
Metastofeles	BORIS CARMELLI
Valentin	HENRY PEYROTTE
Marta	KLEUZA DE PENNAFORT
Sichel	VICTOR PROCHET
Wagner	FERNANDO TEIXEIRA

ORQUESTRA, CORO E CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

Regente: M. JACQUES PERNOU

Regisseur: HENRY DUVELLIER

M. do Coro: SANTIAGO GUERRA

Coreografia de: EUGENIA PEDOROVA

Director de Cena: M. MANGIONE J.

Cenários, Costumes e Cenotecnia de: MARIO CONDE

Ponto: ELIA PODOROLSKI

Mos. Preparadores e Substitutos: ANDRÉ VIVANTI, ELIA PODOROLSKI, ROMEL FOSSATI, MOZART BRANDPAU, ROBERTO SCHLAETTER e JENSON MARTINELLI

Maquiagem de: SELMA e ARNALDO GLECH

Quadro Técnico

Serviço Médico: DR. LUIZ FERNANDO DE CARVALHO - Chefe das Subseções
EDMUNDO DE SOUZA CARIO - Inspetor Técnico da Orquestra AMÉRICO
PEREIRA - Auxiliar Técnico: ERNESTO DE MARCO - Arquivo Musical: GEN-
TIL DIAS - Montagem Cênica e Efeitos de Luz: JOSÉ BERTELLI - Auxiliar Téc-
nico da Montagem: LUIZ CARLOS SILVA - Maquiagem: JAYME DE ALMEIDA
Eletricidade Cênica: CLOVIS BAPTISTA DE MORAIS - Mecânica de Palco:
WALDEMIRO LOURENÇO - Contador Regia: JORGE NADE - Atelier de Sapo-
tus: JOAQUIM COELHO - Cabeleireiro: GALVÃO - Atelier de Fotografia:
CLAUDIO MENDONÇA DE ALBUQUERQUE - Atelier de Costuras:
MARIA LUCIA ROCHA



BANQUETES

RESTAURANTE PANORÂMICO

MESBLA

DIVERSOS SALOES - TEL.: 22.0945 - SR. ALIEVI



ALBERT LANCE



SUZANNE BARROCA



BORIS CARMELLI



HENRY PEYROTTE



KLEUZA DE PENNAFORT

ROUPAS
SPORT
CAMISAS



Adonis

AVEN. DA P. BRANCO, 14
LADO DA CORREIOGA 912

e substanciais ... Cabe decidir, entretanto, se essas transformações resultam dramaticamente eficazes, por um processo natural de síntese ... A responsabilidade dos cortes atuais, em suma, pertence inteiramente a Henri Doublier, e ele que se avenha com a memória de Gounod, que parece defender da melhor maneira. De tudo que se vê e se ouve, se conclui que esse é um *Faust* com bastante fausto, teatralmente rico, inscrito vigorosamente em espaços cênicos de sugestiva modernidade que se valorizam pelos efeitos de luz, e que adota também a disposição *suis generis* de dividir a massa coral nas duas primeiras frisas de cada lado, -as mulheres- e no fundo da orquestra -os homens- ... Ao contrário do que costuma acontecer em nossas representações habituais de óperas com cantores italianos (o próprio *Faust* tinha sempre um *Mefistófeles* hipertrofiado), não há primadonismo vocal algum no elenco de cantores franceses, que formam um quadro de alta homogeneidade, quanto a soprano Sarroca, o tenor Albert Lance e o barítono Peyrottes, no Valentim. E movida por uma orquestra magistralmente regida pelo maestro Pernoo, com o ótimo concurso do coro, a representação lírica só fez engrandecer-se, ao caminhar para o clímax.

Em manuscrito de 1967 Henri Doublier comentaria sua adaptação e seu modo de ver essa ópera:

Le propre d'un mythe, tel que celui de Faust, c'est d'offrir à de nombreuses générations une image frappante d'un destin dans lequel d'innombrables individus pourront incarner sinon leur personne réelle, du moins leurs rêves et leurs désirs... Il nous a paru intéressant de partir de la pièce de Goethe, et de situer dans son déroulement dramatique exact, les inspirations si diverses qu'elle a suscitées chez les plus grands musiciens du Romantisme, des précurseurs aux derniers tenants d'un mouvement qu'il est si difficile, d'ailleurs, de définir ou de limiter dans le temps... nous avons donc souhaité suivre la rame du



Encenação de *Faust* com Albert Lance (Fausto) e Suzanne Sarroca (Margarida)
no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. 1967.

*récit dramatique, tel que Goethe l'a conçu, quitte à laisser alterner les scènes uniquement parlées avec celles qu'un grand compositeur a vêtues de musique. Nous avons choisi de préférence les pages musicales qui nous semblaient à la fois, artistiquement remarquables et fidèles au texte de Goethe... Le type de présentation que nous avons imaginé devrait d'ailleurs offrir, par rapport à l'esthétique nouvelle d'un "théâtre total" si prôné aujourd'hui, un support particulièrement intéressant pour une production réunissant l'art dramatique, l'art lyrique et l'art chorégraphique.*⁸⁰

Não achamos o programa de *Fausto* de 1972. Porém uma pequena nota em *O jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro (28/3/1972 "Henri Doublier") podemos ler:

O diretor da ópera *Fausto*, de Gounod, que estreará dia 7 de abril, no meio dos ensaios, armações e ordem em francês, explica, confiante, que "este Fausto é mais dinâmico, estilizado, vibrante."...Tive minha companhia teatral, fui membro do júri do Conservatório de Música de Paris, gravei mais de 40 discos e dei recitais de poesia. Não é a primeira vez que trabalho com Jacques Pernoo. Juntos, ganhamos o prêmio da Secretaria da Educação e Cultura, como diretor e maestro de óperas. No dia 14, quando estreará *Saint Louis*, de Milhaud, ele completará seu trabalho no Brasil: "será então hora de regressar à França".

⁸⁰ É natural de um mito, como o de *Faust*, oferecer a numerosas gerações, a imagem forte de um destino no qual indivíduos poderão encarnar, senão sua própria personalidade, pelo menos seus sonhos e desejos ... Pareceu-nos interessante partir da peça de Goethe e situar no seu desenrolar dramático exato, as inspirações tão diversas que ela suscitou nos mais importantes músicos do Romantismo, dos precursores aos mais chegados a nossa época de um movimento que é difícil, aliás de definir ou limitar no tempo ... nós quisemos seguir a trama do conto dramático, tal qual Goethe a concebeu, aceitando o risco de deixar alternar as cenas unicamente faladas com aquelas que o grande compositor vestiu de música ... Escolhemos as páginas musicais que nos pareciam as mais notáveis e fiéis ao texto de Goethe ... Esse tipo de apresentação que imaginamos devia oferecer, em relação a uma estética nova de um teatro total, tão falado nos dias de hoje, um suporte particularmente interessante para uma produção reunindo arte dramática, arte lírica e arte coreográfica. (trad. da autora)

***Werther* (em 1968-1971)**

Drama lírico em três atos e cinco quadros de Jules Massenet (1842-1912) com libreto de Eduard Blau e Georges Hartmann, baseado na obra de Goethe, *Die Leiden des Jungen Werther*. Estréia em Viena em 16/02/1892, em versão alemã e no *Opéra Comique* de Paris, em 16/2/1893. O tema muito romântico de Goethe convinha a Massenet que foi até Wetzlar onde a história se desenrola. Voltou de lá transtornado. Essa viagem lhe confirmou também a admiração que sentia pela música de Wagner. No fim do século XIX, a sua obra recebeu muitos aplausos do público, porém foi um pouco esquecido em nosso século. Entretanto no Teatro Municipal, foi apreciada pelas qualidades de sua apresentação, em 1968 com o seguinte elenco: André Turp, *Werther*. Josephine Veazey, *Charlotte*. Robert Savoie, *Albert*. Antêia Cláudia, *Sophie* e outros. Cenários e figurinos de Mário Conde. Direção cênica, Henri Doublier. Diretor do coro, Santiago Guerra. Orquestra e Coro do Teatro Municipal, com regência de Jacques Pernoo.

Eurico Nogueira França, em *O Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro (18/08/1968, "*Quadro francês encena Wether*"), começa assim seu comentário:

Musicalmente, a tradução de *Werther* está muito bem cuidada pelo maestro Jacques Pernoo, que obtém fiel concurso da Orquestra do Teatro Municipal. Há, porém, mais do que isso. Não raras vezes, o teatro lírico francês tem todas as virtudes, menos uma, a generosidade vocal. As grandes vozes francesas são, notoriamente, muito menos comuns do que na Itália, e por isso há quem prefira a versão de certas óperas francesas, como o *Werther* ou a *Carmen*, em italiano. Temos a surpresa, agora, no Teatro Municipal, de encontrar três vozes ótimas, o tenor André Turp, no *Werther*, o meio soprano Josephine Veasey, na *Carlota*, e barítono Alberto Savoie, no *Albert*. Além de verdadeiramente teatrais, são vozes de excelente escola e principalmente, puras.

Edino Krieger, do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro

(18/8/1968 "*Werther um bom início de temporada*") dá seu parecer:

O elenco de intérpretes, encabeçado por três excelentes cantores franceses, garantiu por sua vez um nível elevado na parte vocal e cênica do espetáculo. André Turp, com sua voz tão sensível quanto volumosa, tão expressiva quanto afinada, e sua presença tranqüila e segura, foi o melhor Werther que se poderia exigir, aplaudido com entusiasmo ao término de quase todas as suas intervenções. A qualidade dramática da bela voz de Josephine Veasey fez prodígios de beleza musical e interpretativa em sua intensa *Charlotte*. O barítono Robert Savoie e a brasileira Antéia Cláudia completaram o quarteto principal, coadjuvado por um grupo de cantores brasileiros que muito se beneficiará dessa convivência com a equipe francesa. Os novos cenários de Mário Conde e a direção cênica de Henri Doublier contribuíram para a qualidade homogênea desse primeiro espetáculo da temporada lírica francesa, que prosseguirá com a *Danação de Fausto*, de Berlioz, e *Manon*, de Massenet.

Em 1971, o elenco se compõe de cantores brasileiros: Marisa Marizi, *Carlota*. Assis Pacheco, *Werther*. Paulo Fortes, *Alberto*, nos papéis principais. Na direção cênica, Henri Doublier. Cenários e figurinos Mário Conde. Orquestra e coro sob a regência de Henrique Morelenbaum. E participação do Coro Infantil da Escola Israelita Brasileiro Eliezer Steimberg, dirigida por Cecília Conde.

Renzo Massarani, em *O Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro (18/09/71, "*Werther de Massenet*") diz:

O espetáculo de ontem deve ter encontrado sérios elementos de autenticidade na colaboração do encenador Henri Doublier, atento e respeitoso conhecedor do repertório francês. A outro "Henri", o maestro Henrique Morelenbaum, devemos, porém, o sucesso da apresentação, com a mão cada vez mais firme e com seguro intuito melodramático, animou a orquestra, freou o alegre coro natalino das ótimas meninas, controlou o grupo dos cantores, obtendo uma execução equilibrada e

romanticamente generosa. Entre os cantores, eu colocaria em primeiro lugar Marisa Maris, na sua voz continuam alguns defeitos de impostação, sua atuação cênica parece um pouco fria, porém, enfim, se *Carlota* tivesse sido menos controlada, *Werther* nunca teria morrido, e então adeus ópera ... mas as suas qualidades compensam, ao ponto que o papel "massenetiano" parece escrito sob medida para ela .



***La damnation de Faust* (em 1968)**

Lenda dramática em quatro atos e dez quadros de Hector Berlioz (1803-1869), com libreto do compositor em parceria com Almere Gandonnière, inspirado no *Faust*, de Goethe, traduzido em francês por Gérard de Nerval. A estréia realizou-se no *Opéra Comique* de Paris, em 6/12/1946. Em 1893, Raoul Gunsbourg fez uma adaptação cênica da obra apresentada por ele no Cassino de Monte Carlo em fevereiro de 1893.

A idéia de compor a obra, cujo tema o tinha fortemente impressionado, lhe veio em 1828, na época em que ardia de paixão pela atriz shakesperiana, Harriett Smithson, que logo se tornaria sua esposa. Infelizmente a estréia foi um fiasco. Berlioz ficou muito afetado com isto, ainda mais que se deparava com uma dívida de 10.000 francos, o que representava muito nessa época. A adaptação de Gunsbourg, que suprimiu algumas passagens e mudou a encenação, trouxe a consagração da obra.

Em 6/9/1968, dia da estréia, o elenco é o seguinte: Suzanne Sarroca, *Margarida*. André Turp, *Faust*. Ernest Blanc, *Mefistófeles*. Robert Savoie, *Brander* e Lidia Padorolsky, *uma voz*. Cenários e figurinos de Mário Conde. Coreografia de Johnny Franklin. Orquestra, Coro e Corpo de Baile do Teatro Municipal com regência de Jacques Pernoo.

Henri Doublier adapta a obra. Vera Rachel da *Revista Manchete* do Rio de Janeiro (set. 1968 "*A montagem de uma ópera ainda exige gastos fabulosos*") explica:

...Um dos encenadores de ópera que adotaram as facilidades da técnica moderna para aplicá-las na renovação da montagem tradicional foi Henri Doublier. Embora na própria *Ópera de Paris*, da qual é membro titular, ele ainda não tenha tido a oportunidade de inovar da forma que pretende, em Bordéus, Atenas e mesmo aqui no Rio, onde vem todos os anos para a Temporada Lírica Francesa, ele aplica as novas tendências de cenário e marcação. Foi o que fez há poucos dias para a apresentação da *Danação de Fausto*, de Berlioz, que já fora montada no Teatro

Municipal em 1921, 1922 e 1923, ocasião em que se respeitou rigidamente as formas tradicionais. Este ano, para as vinte cenas da ópera, apresentadas na íntegra, foram criados apenas quatro cenários, mesmo assim formados por uma única peça – uma árvore com grade – suficiente para sugerir o ambiente. As restantes 16 cenas utilizaram apenas efeitos de iluminação, o principal recurso da montagem moderna.

Diversas vezes, Doublier prova as suas qualidades de adaptador de obras líricas. Podemos citar suas adaptações na *Opéra Comique*, de *Zoroastre*, que lhe vale o Prêmio de Melhor Espetáculo Lírico de 1964; de *Les noces de Figaro*; de *Le martyr de Saint Sébastien*, criado no Rio de Janeiro, em 1965, apresentado no Teatro Colón de Buenos Aires em 1966, e incluído no repertório da *Opéra de Paris*, em 1969. Ainda adapta textos de São Francisco de Sales e cria o diálogo dramático *L'Evangile Salésien* (1967), com apresentação inédita no Festival de Annecy e gravado em disco. Sua adaptação, em jogo dramático e coreografia, *Les fleurs du mal*, de Baudelaire, lhe vale várias turnês pela Europa e pelo mundo.

Eurico Nogueira França, do Jornal *Correio da Manhã* do Rio (31/8/1968 “*A danação de Fausto no Municipal*”) explica:

A associação do *régisseeur* Henri Doublier e do maestro Jacques Pernoo, efetuada no Municipal, já há anos, com cantores franceses e brasileiros, não poderia dar melhores e mais significativos resultados do que ocorreu na noite de ontem, quando foi trazida ao conhecimento da platéia carioca, no seu certo prestígio goetheano. *A danação de Fausto*, de Berlioz. Nosso público, que se encantou com a música e a cena, aplaudiu, vibrantemente, depois de aprovações calorosas a vários aspectos da récita, aquele final de bastante grandiosidade, em que se lançam luzes rútilas no palco, as sombras de figurantes se agigantam, e uma aura sobrenatural coroa a cena, em cujos praticáveis serafins transitam, empunhando suas longas e finas trombetas e melodiosas

harpas, enquanto sobe aos céus, na interpretação do soprano Suzanne Sarroca, a Margarida, que *a beaucoup aimé*.

Em sua crítica, Ayres de Andrade, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro (01/09/1968, "A danação de Fausto"), define:

No tocante à montagem propriamente dita, nela é que se teve o melhor da colaboração de Henri Doublier. Demonstrou ele ter sido sensível à lição de Wieland Wagner. Nada de árvores que não são árvores, de rochedos que não são rochedos, de céus que não são céus etc... Tudo ali obedecia a uma estética salutar, vazada em cubos de madeira, em degraus, em planos inclinados, tudo realçado por um pensamento tendente a conferir dignidade e relevo efetivo aos personagens, que eram submetidos, ainda, a bem engendrados efeitos de luz, que os faziam parecer irmãos gêmeos dos heróis "wagnerianos".

Guilherme Figueiredo, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro (04/09/1968, "A danação de Fausto"), comenta:

Por isso mesmo, agradou-me, na recente apresentação do Teatro Municipal, a fórmula cênica adotada por Jacques Pernoo e Henri Doublier, com os coros visíveis, postos nas frisas do teatro, o cenário de praticáveis com uma simples magia de luzes, e a comparsaria, a mais irrealística possível, transformada em bailes quase totalmente despojados de adereços. O sonho "fáustico" se despegou, assim, das personagens, que retomaram quase, e repito quase, a imaterialidade de símbolos. Berlioz poderia repetir aos dois artistas franceses, *mutatis mutandis*, o cumprimento de Goethe a Nerval. Não imaginou ele sua obra cênica tal como uma cantata? A concepção de Henri Doublier não deve ser válida apenas para *La damnation de Faust*, mas para muitas outras criações líricas não "veristas" que, no entanto, se perdem por dificuldades de montagem.

Andrade Muricy, do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro (7/9/1968 "A Danação de Fausto") escreve uma longa crítica da qual só citamos um trecho:

Um pouco mais de mordente, de nervosidade, teriam dado maior adequação ao canto, aliás excelente do *Mefistófeles*, Ernst Blanc, de bela voz macia e inflexões expressivas. *Fausto*, foi André Turp, artista de categoria, à altura do papel. A Sra. Suzanne Sarroca, soprano, foi uma bonita e comovente *Margarida*, - apesar do timbre um tanto estridente de sua voz. Como era de esperar em Berlioz, criador da orquestra que até há pouco chamávamos moderna, a do Municipal esteve de completa eficiência, e até, dirigida com segurança e evidente interesse pelo Maestro Jacques Pernoo, brilhante, como no magnífico instrumental da *Marcha de Rakoczy*, ou no da *Dança dos Silfos*. Os coros, nos camarotes e na orquestra, esforçaram-se bastante.



Recital Baudelaire em turnê pelo Brasil

Conhecemos o trabalho de Henri Doublier através do professor Roger Cotte em novembro 1987, que nos fez ouvir o seu disco *Les Fleurs du Mal*. Contou que esperava a chegada de um grande amigo, conceituado ator anteriormente e que se achava na desgraça por ser paralítico e afásico. Mas não queria que conhecêssemos Henri Doublier desta maneira. Colocou o disco e ficou nos observando enquanto os poemas começavam a fluir... O tempo parou, as palavras germinavam e um *frisson* tomava conta da atmosfera. Compreendemos... O professor queria nos apresentar o artista em plena posse de seus dons de recitante... Depois disso, ao passar dos anos, quantas vezes a questão subira em nossa mente? O que teria levado Doublier a *personalizar* tão intimamente este poeta maldito? Desde o centenário de *Les fleurs du mal* (1957), o artista se dedicara de corpo e alma à retomada dessa obra tão criticada pelos *bien pensants* e colocada no *Índex* pela Igreja. Sentiria o artista que seu destino seria o mesmo que o Baudelaire (1821-1867) fixado em cadeira de rodas, paralítico e afásico nos últimos anos de sua vida? Ele dizia tão bem o verso do poeta: *Sois sage, ô ma Douleur, et tiens-toi plus tranquille...*⁸¹

Pascal Bonetti, Presidente do *Comité National du Centenaire des Fleurs du mal* em 1957, na época da gravação do primeiro disco (*Club National du Disque*) que acompanhava o livro de Louis Aguetant *Lecture de Baudelaire*, comenta:

Dans l'entremêlement somptueux de ses multiples activités artistiques, Henri Doublier a donné une place de choix à la poésie car elle est pour lui essentielle, vitale. Et parmi les poètes, le plus aimé, le plus célébré, le plus cherché par lui: BAUDELAIRE. Par un de ses innombrables récitals poétiques qui n'ait compris plusieurs poèmes des Fleurs du Mal jusqu'à cette année 1957 où vit enfin le jour son grand projet d'un disque entièrement consacré à Baudelaire. C'était l'année anniversaire: cent ans que les Fleurs du Mal étaient nées en floraison brûlante à la vie de l'art. C'était un bouquet de ces jeunes, ardentes et modernes Fleurs qu'Henri Doublier allait offrir aux amateurs de poésie. Il a demandé à son ami Pierre Maillard-Verger, le Grand prix de Rome, admirable et subtil musicien, de composer une musique qui créerait le lien entre les poèmes et en

⁸¹ Cala-te, ô minha Dor, e fiques mais tranqüila...(trad. da autora)



Recital Baudelaire. Les fleurs du mal no Festival des Jeux de Théâtre de Sarlat, na França, com Henri Doublier e Marpesa Dawn. 1972.

*accompagnant certains d'un discret et mouvant commentaire... Ce disque, composé de 17 poèmes fut une véritable performance et connu un éclatant succès. Jamais disque de texte ne provoqua tant de réactions, de passions, de commentaires...*⁸²

Claude Baignères, do jornal *Le Figaro* de Paris (1972 s/t) conta:

*Mais ce fut en 1967, que Henri Doublier put enfin réaliser la présentation, au Festival International de Provins, de son spectacle poétique LES FLEURS DU MAL. La musique, composée par Jean-Claude Pelletier, prit une place plus importante que dans le disque de 1957 car elle devait, non seulement rendre plus évocatrice la confidence méditative, voluptueuse ou douloureuse murmurée à l'oreille de l'auditeur, mais servir de support à un spectacle visuel et chorégraphique...*⁸³

Orlando Miranda nos contou, em 1992, o que tinha significado para ele a apresentação de *Les fleurs du mal*, no Teatro Princesa Isabel que ele dirigia. Havia um cenário montado no qual não se podia mexer. Como faria o artista? Doublier não se molestou. Algumas horas antes da apresentação circulou nas várias partes do palco e a noite, utilizou o espaço de tal forma que esse cenário parecia feito para ele... Tal foi o sucesso no dia 9 de setembro de 1968 que, depois de sua turnê pelo Brasil, voltaria a se apresentar em 28 de setembro. É assim que percorre Manaus, Brasília, Belém, Fortaleza, Recife e São Paulo, com *Les fleurs du mal*, em que atua sozinho. Em carta de Celi Ribeiro, publicada por Adeth Leite no jornal *Diário de Pernambuco* - Recife (18/01/1968, "Teatro quase sempre"), consta:

Mas não é só de fracassos que eu tenho notícia, que alegria para mim ter assistido ao *Recital Baudelaire*, dito por Henri Doublier, meu amigo pessoal, por quem eu

⁸² No entrelaçamento suntuoso de suas múltiplas atividades artísticas, Henri Doublier deu um lugar especial à poesia, por ela ser essencial, vital para ele. E dentre dos poetas, o mais amado, o mais célebre, o mais inquirido por ele: é o Baudelaire. Não há nenhum dos seus numerosos recitais que não contenha alguns poemas das *As flores do Mal* até o ano 1957 onde seu projeto de disco não fosse totalmente dedicado a Baudelaire. Era o ano de aniversário: 100 anos que *As flores do Mal* tinham florescidas à vida ardente da arte. Era um buquê de jovens, ardente e modernas Flores que Doublier ia oferecer aos amadores de poesia. Pediu a seu amigo Pierre Maillard-Verger, primeiro do *Grand Prix* de Rome, admirável e sutil músico, para compor uma música que ligaria os poemas uns aos outros, acompanhando alguns de um discreto e móbil comentário... Este disco, composto de 17 poemas foi uma verdadeira performance e teve muito sucesso. Nunca um disco tinha provocado tantas reações, paixões, comentários...

⁸³ Porém foi em 1967 que Henri Doublier pode realizar a apresentação, no *Festival International de Provins*, seu espetáculo poético *Les fleurs du Mal*. A música de Jean-Claude Pelletier tomou um lugar mais importante do que no disco de 1957 pois devia, não somente tornar a confidência meditativa mais evocativa, voluptuosa ou dolorosa no ouvido do auditor porém, servir também de suporte a um espetáculo visual e coreográfico

tenho a mais profunda admiração. Henri Doublier viajou e além de Brasília e Salvador, eu acho que irá a Recife também, segundo suas próprias palavras. Caso ele realmente, chegue até aí, eu pediria que você o ajudasse o mais possível. Ele é o que se pode chamar de maravilha e tudo o que o programa diz sobre ser ele um dos maiores *diseurs* do nosso tempo, é mais do que verdade. Você ouvirá a sua voz de veludo, de modulações as mais profundas, sobretudo escolhendo Baudelaire, poeta sensualíssimo, nessa poesia dos sentidos é ainda mais marcante o poder “pele” de sua voz. Henri Doublier é ainda pessoa muito acessível e simpática, como todas as pessoas de valor real e será fácilimo para você um contato pessoal com ele. Espero que você aprecie Henri Doublier como eu, e reconheça nele não um *diseur* a mais, como tantos outros. Ele dá uma interpretação personalíssima da poesia de Baudelaire, a notar em *Fleurs du mal*, *Les aveugles* e *Les petites vieilles* e a inteligentíssima, sóbria descoberta de *mise-en-scène*, para o poema *L'horloge*, na segunda parte, onde, com sutilíssimo movimento pêndula com o corpo, de forma a estar ora na luz, ora na sombra, ele dá um sentido ainda maior, acrescenta uma compreensão cósmica do poema.

Em 1967, no Festival de Provins, já tinha feito e, em 1971, no Festival de Sarlat, Henri Doublier faria uma nova apresentação de seu recital, mais elaborada, com um jogo dramático e uma coreografia inspirada em Baudelaire com os *Ballets Modernes de Paris*, de François e Dominique Dupuy, e a atriz principal do filme *Orfeu do Carnaval*, Marpessa Dawn, a cantora Maria d'Apparecida e o compositor pianista Jack Diéval participariam desse espetáculo que reuniria em volta do poeta a música, o canto e a dança. Como esse espetáculo faria grande sucesso junto à crítica e ao público, Henri Doublier e Jack Diéval decidiram gravá-lo, recriando a atmosfera do espetáculo, com as várias nuances e delicadezas do doloroso e voluptuoso pensamento de Baudelaire.

Um jornal paraense (s/n, s/d) registra também a passagem do artista com o seguinte título *Público paraense aplaudiu recital de Henri Doublier*:

Apresentou-se, ontem à noite no auditório do Conservatório Carlos Gomes o artista francês Henri Doublier, recitando o *Les Fleurs du Mal*, de Charles Baudelaire, sob o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada da França e das Alianças Francesas do Brasil... Acaba de gravar um disco em Paris,

interpretando poesias de Manuel Bandeira, em versão francesa de Michel Simon, a ser editado por iniciativa da UNESCO.

Em Manaus, o *Jornal do Comércio* (14/9/1968 “*Recital de Henri Doublier hoje no Teatro*”) informa:

O recital poético de Henri Doublier se realizará hoje as 21:00 horas, no TA. Será patrocinado pela Fundação Cultural do Amazonas e especialmente dedicado aos estudantes tendo entrada franca. O ator e diretor francês, Henri Doublier, encenará e interpretará no original *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire... Este recital está enquadrado nas comemorações do centenário da morte do grande poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867). A obra poética de Baudelaire está toda contida em dois volumes *Les Fleurs du Mal* e *Petits Poèmes en Prose* e, na avaliação de Manuel Bandeira é caracterizada pela inteligência crítica do destino humano e do seu próprio destino, pelo sentimento agudo da vida de Paris de seu Tempo. Há no poeta uma profunda noção da presença do pecado original na humanidade. Os poemas mais significativos escolhidos por Henri Doublier, suscitaram os comentários como este: Encenados por H. Doublier (os poemas) se tornaram um drama de inúmeras personagens. E, no entanto, no palco, somente havia Baudelaire, fêrvido e duvidando de tudo, torturado e aclamado, desesperado e cheio de esperança e sempre procurando além do humano, o inacessível. É impossível esquecer a impressionante doçura da sua voz dizendo *A une Charogne* ou *Les petites vieilles* ou *L'Horloge* ou a extraordinária sensualidade de *La chevelure*.

Adeth Leite do *Diário de Pernambuco* (20/9/1968 “*Poemas de Baudelaire pelo diseur Henri Doublier, hoje no Teatrinho de AIP*”) acrescenta:

A Associação de Cultura Franco-Brasileira do Recife (*Alliance Française*) promoverá hoje uma noite poética no Teatrinho da Associação da Imprensa de Pernambuco, à avenida Dantas Barreto, 576, 13º andar, a partir das 21 horas, com versos de *Les fleurs du mal* (*As flores do mal*) a cargo do diseur Henri Doublier. *As flores do mal* alcançaram grande êxito na sua primeira publicação em 1857 sendo então Charles Baudelaire condenado e multado pela justiça pelo crime de ultraje à moral, sendo inclusive obrigado a retirar do volume seis

poemas. Essas simples poesias, trabalhadas de uma maneira tão curiosa quanto inteligentes, de uma extrema concentração de pensamento, onde as mais repugnantes descrições se confundem com trechos de uma gracilidade pouco vulgar, colocaram-no imediatamente entre os primeiros poetas de sua época. Alguns processos judiciais que lhe foram intentados por causa de algumas peças um tanto ou quanto livres, como as *Mulheres Danadas* ou de uma certa impiedade como a *Negação de São Pedro* acentuaram o êxito das *Flores do Mal* e contribuíram para a sua maior difusão. Charles Baudelaire nasceu em 1821 e faleceu em Paris em 1867. Foi um dos maiores poetas de todas as literaturas. O crítico Marcel Raymond assim definiu o poeta: concorda-se hoje em considerar *Les fleurs du mal* uma das fontes vivas, a principal sem dúvida do movimento poético contemporâneo. Os poemas que constituem *As flores do mal*, acentua Afrânio Coutinho foram compostos em várias datas, trabalhadas e aperfeiçoadas longamente, para as sucessivas edições (1857-1864 e 1868). Pelas características formais emocionais, denotam, contudo, unidade e coerência. Traduzem a solidão de espírito de que o poeta sofreu agudamente. Sentimento de solidão desde a infância.



Segunda-feira, dia 9 de setembro de 1968 — 21 horas

TEATRO PRINCESA ISABEL

apresenta

Les Fleurs du Mal

de Baudelaire

Mises-en-scène par HENRI DOUBLIER

Sob o patrocínio dos Serviços Culturais da Embaixada
da França e das Alianças Francesas do Brasil.

PROGRAMA

1a. PARTE

LES FLEURS DU MAL

Epigraphe pour un livre condamné
Correspondances
L'invitation au voyage
A une dame créole
Le serpent qui danse
Tristesse de la lune
Les bijoux
La vie Antérieure
Les aveugles
La Beauté
A une passante
Le chat
Les petites vieilles

2a. PARTE

Le mort joyeux
Les chats
Le beau navire
A une Madone
Spleen
Obsession
Une charogne
Le jet d'eau
L'horloge
La chevelure
Recueillement

Recital Baudelaire. Les fleurs du mal, 1968. Teatro Princesa Isabel.

***O avaro*, de Molière no Teatro Princesa Isabel do Rio de Janeiro**

Em vista do sucesso do recital *Les fleurs du mal*, de Baudelaire, em 1968, no Teatro Princesa Isabel no Rio de Janeiro e outras capitais brasileiras, Henri Doublier é convidado, junto com a esposa, a atriz Cécile Demay, para a *mise en scène* de *O avaro*, de Molière, pelos diretores do citado teatro, Orlando Miranda e Pedro Veiga, tradutor da peça.

O Globo, do Rio de Janeiro (18/1/1969 “*Doublier moderniza Molière para obter maior comichão*”) registra momentos de uma entrevista com o recitante:

....Doublier disse ontem que vai imprimir à peça características modernas, tornando-a mais leve e procurando destacar mais a parte cômica do personagem central. Após dizer que a juventude francesa dá preferência às peças clássicas, afirmou que a falta de interesse pelo teatro no Brasil pode ser explicada pela concorrência da televisão, pois na França o povo continua fiel ao teatro e a televisão divulga intensamente o bom teatro, levando periodicamente ao vídeo peças de autores clássicos, que têm excelente audiência. Além disso, a realização de festivais de teatro incentiva e motiva o povo a procurar os bons espetáculos...

É uma nova experiência para Henri Doublier, pois não estará apresentando teatro lírico francês no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e sim, teatro dramático em língua portuguesa, com elenco de atores brasileiros, encabeçados por Procópio Ferreira. *O Globo* do Rio de Janeiro (20/02/69 “*Trinta anos depois, Procópio volta a ser O Avaro*”), registra:

Essa peça já tinha sido um dos maiores êxitos de sua carreira, tanto no Brasil, como no exterior, por volta de 1940. Está gostando muito dos ensaios, ele tem todo o texto na cabeça ... elogia o trabalho de Henri

1969

ORLANDO MIRANDA e PEDRO VEIGA

APRESENTAM

"O AVARENTO" MOLIÉRE

TRADUÇÃO DE PEDRO VEIGA

DIREÇÃO: HENRI DOUBLIER

Assistente: CECILE DEMAY

Cenário de PERNAMBUCO DE OLIVEIRA

Figurinos de OLAVO SALDANHA

Personagens por ordem de entrada em cena:

Valério	ALVIM BARBOSA
Elixa	THAIS MONIZ PORTINHO
Cleanta	ERICO DE FREITAS
Harpagon	PROCÓPIO FERREIRA
La Flèche	CELSO CARDOSO
Mestre Simão	LUIZ CARLOS LABORDA
Frosine	ISOLDA CRESTA
Mestre Jacques	PAULO PADILHA
Bridavoine	LUIZ CARLOS LABORDA
La Merluche	NELSON MARIANI
Cláudia	NILSON REZENDE
Mariana	MARIA LUCIA DAHL
Comissário	NELSON MARIANI
Anselmo	JORGE CHAIA - (Part. Especial)

Adegaço: Leo Laqui

Centro-Regia: Nilson Rezende — Eletricista: Manoel Azevedo

Camareira: Zilda Fernandes — Montagem Cenário: Linau

Execução figurinos: Nair Corda e Edgard Pinheiro

Fotos: Carlos — Cortazes; Rubens Aroujo — Publicidade; Publi-
cidade Certa

SECRETARIO: ALVIM BARBOSA

GERENTE: DAVID MACHADO

Ethel A MODA EM MEIAS Ethel

O avarento, 1969. Teatro Princesa Isabel.

Doublier, que dirige os ensaios em francês, com a ajuda de intérprete. Muitos detalhes que escapam a outros diretores são valorizados por Henri Doublier. Sem acrescentar nada no texto, ele sabe conduzir a peça de maneira a criar maior interesse por parte do público atualizado e exigente.

No elenco, encontram-se Alvim Barbosa, *Valério*. Thais Moniz Portinho, *Elisa*. Érico de Freitas, *Cleanto*. Celso Cardoso, *La Flèche*. Isolda Cresta, *Frosine*. Paulo Padilha, *Mestre Jacques*. Maria Lúcia Dahl, *Mariana*. Jorge Chaia, *Anselmo* e outros; o cenário é de Pernambuco de Oliveira e os figurinos são de Olavo Saldanha.

A redação do jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro (23/3/1969 "*Procópio só aceita crítica do público*") comenta:

O monstro sagrado do teatro, como o chama Henri Doublier, afirmou que, ao contrário dos seus colegas de profissão, gostaria que todos os seus filhos fossem atores e se sente feliz com o trabalho de Bibi Ferreira, no teatro e na televisão, acrescentando que os seus 52 anos de palco foram uma carreira coroada de sucesso. Procópio Ferreira disse que a primeira vez que viveu no palco Harpagon o fez sob sua própria direção e que escolheu aquela peça para dirigir e representar depois que a assistiu em Paris, em 1935, em que Dullin vivia o personagem central e que também a viu interpretada por De Feraudy, não se lembrando do nome dos diretores franceses... O veterano ator falou que embora achasse que conhecia tudo sobre Molière, ficou espantado com tudo aquilo que lhe foi acrescentado por Henri Doublier, pois, apesar de conhecer bastante o texto e de já ter representado, agora lhe foram mostradas muitas outras coisas inclusive o lado, humorístico desse texto.

Henri Doublier, no programa do espetáculo apresentado no Teatro Princesa Isabel (04/03/1969, "*O avarento*") declara:

Encontrar o intérprete, o artista capaz de trazer o riso ao público sem concessão a artifícios e recursos superficiais, teria sido um problema, se

não houvesse no Brasil um ator chamado Procópio Ferreira. O homem é o único animal que ri. Por isso é que os burros não gostam de teatro cômico (citação de Procópio Ferreira). A comicidade de Harpagon é, mais do que em qualquer outro papel, uma questão de inteligência. E Procópio Ferreira tem a condição essencial ... Relativo ao cenário e figurinos, considero-me plenamente satisfeito com as soluções encontradas, foi possível fazer inovações, sem deixar de guardar fidelidade ao autor .

A peça fica em cartaz um ano, depois viaja durante outro ano pelo Brasil.

O crítico Van Jafa, no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro (10/04/1969 "*O avaro*"), comenta:

A montagem é louvável e, certamente, o mais Molière que tivemos nesses últimos tempos ... uma curiosa modernização na cenografia e nos figurinos, bastante equilibrada com a *mise-en-scène* de Henri Doublier, que soube dosar seu espetáculo dentro de uma linha clássica exata, com alguma criação no quinto ato, onde orquestrou, com brilho, possibilidades e impossibilidades. O elenco comandado por Procópio Ferreira funciona equilibradamente. Ele dá uma aula estupenda de interpretação para todos os jovens que queiram aprender o essencial sobre a arte de interpretar. Extraordinário na sua criação de Harpagon, que ele recriou e acresceu, Procópio Ferreira mostra claramente ao longo de duas horas o que é rendimento cênico de um personagem, o que é *timing* dramático, além de dar aquela lição de Hamlet quanto ao gesto e à palavra. Afinal qual fosse o adjetivo para qualificar Procópio Ferreira, diante de sua interpretação seria pequeno e diria pouco. Thais Moniz Poritinho e Maria Lúcia Dahal emprestam suas figuras essenciais e sua formosura. Isolda Cresta defende com absoluta autoridade cênica sua Frosine. Alvin Barbosa e Érico de Freitas funcionam nos galãs da intriga amorosa. Celso Cardoso, Nelson Mariani, Nilson



Encenação de *O avaro*, no Teatro Princesa Isabel,
com Procópio Ferreira. 1969.

Rezende e Luís Carlos Laborda, todos bons nos seus desempenhos. Paulo Padilha convincente no mestre Jacques e Jorge Chaia, como Anselmo, muito bom. Pernambuco de Oliveira tem a melhor cenografia de sua carreira premiada e com atmosfera os figurinos, de Olavo Saldanha. O *metteur-en-scène* Henri Doublier devolveu-nos um *Molière comme il faut*, exatamente divertido.

Henri Doublier, nessa experiência, consegue o que almejava e declara a Júlio Niskier na revista *Jóia*, do Rio de Janeiro (março 1969, "Henri Doublier dirige Procópio"):

Apesar de já ter montado *O Avarento*, preferi repensá-lo, pois nada é definitivo em teatro. O meu objetivo é levar, por todos os meios, o espectador a participar ao máximo da ação da peça, suprimindo o convencional. E levar a juventude ao teatro é a minha maior aspiração.





As apresentações de
autores brasileiros
por Henri Doublier
no exterior



Maria d'APPARECIDA



Henri DOUBLIER



Cécile DEMAY

présentés par Michel SIMON

interprètent
MANUEL
BANDEIRA



Manuel BANDEIRA

**un disque 33 tours,
enregistré au Festival National de Provins**

Poèmes interprétés par Cécile DEMAY, Henri DOUBLIER et Michel SIMON qui assure la présentation :

Exécution de Beethoven — Songe d'un Mardi-gras — Pension de Famille —
Irene au ciel — Marchand de ballons — Bando des 3 Femmes du Savon
Araxa — Dernière chanson de l'Impasse — Dernier Poème — Mozart au
ciel — La Réalité et l'Image — Ciel — A Mario de Andrade absent —
Le Cactus — Programme pour après ma mort — Vers de Noël — Tra-
gédie brésilienne — Je m'en vais à Passargada.

Poèmes chantés par Maria d'APPARECIDA accompagnée à la guitare par
Bernard PIERROT

Imagem, musique de Francisco Mignone

Cantiga, musique de W. Henrique

Modinha, musique de Jayme Ovalle

et Poema para Bandeira, de Murilo Miranda, musique de Francisco Mignone.

Recital Manuel Bandeira, 1967. Provins, França.

AS APRESENTAÇÕES DE AUTORES BRASILEIROS POR HENRI DOUBLIER NO EXTERIOR

Henri Doublier, em seu contato constante, ano após ano, com o público carioca, os artistas brasileiros a gingada da música do carnaval, não pode ficar neutro e como dizia a jornalista Maria Luíza de Castro Andrade, quando ele desembarcava, parecia “um carioca disfarçado de francês”, pois a malícia, a extroversão, a exuberância, tudo nele se encaixava como uma luva no astral do Rio!

Recital Manuel Bandeira

Em 1965, as Edições Seghers, em Paris, publicam, na coleção *Poètes d'aujourd'hui*, a tradução de poemas de Manuel Bandeira (1885-1968) escolhidos pelo autor da obra, Michel Simon. No mesmo ano, Henri Doublier promete a Murilo Miranda, o diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, gravar um disco com os poemas do poeta em homenagem ao centenário de seu nascimento. Michel Simon e Doublier escolhem os poemas, convidam o violonista francês Bernard Pierrot e a cantora Maria d'Apparecida para a gravação. Os poemas são ditos por Doublier, Cécile Demay e Michel Simon. Bernard Pierrot toca músicas de Francisco Mignone, Jayme Ovalle e Waldemar Henrique. O lançamento do disco acontece no *Festival de Provins*, no *Caveau du Saint Esprit*, em 2 de julho de 1967. Assis Villela Neto, do jornal *Correio Brasiliense* de Brasília (30/07/1967, “Manuel Bandeira de Provins para a França inteira”) comenta:

Henri Doublier teve agora, no quadro do *Festival de Provins*, o cuidado de não deixar que *les séduisantes sonorités portugaises*⁸⁴ - sobretudo as da pronúncia carioca - fossem perdidas para sempre na transposição do grande poeta para outra língua e pediu à cantora Maria d'Apparecida que se juntasse à duas vozes francesas faladas do seu recital-disco, à sua

⁸⁴ As sedutoras sonoridades portuguesas (trad. da autora)





Recital Manuel Bandeira no Festival de Provins, na França, com Henri Doublier, Cécile Demay, Michel Simon e Maria d'Apparecida. 1967.

própria e à da declamadora Cécile Demay. Maria d'Apparecida foi elemento autenticamente brasileiro da noite francesa Manuel Bandeira, domingo passado em Provins, cantando três poemas do homenageado: *Imagem* (música de Francisco Mignone)⁸⁵, *Cantiga* (Waldemar Henrique)⁸⁶, *Modinha* (Jayme Ovalle)⁸⁷ e um *Poema para Bandeira* de Murillo Miranda, com música de Mignone. Cécile Demay e Henri Doublier se revezaram nos poemas *Evocation de Recife*, *Songe d'un matin gras*, *Pension de famille*, *Irène au ciel*, *Marchand de ballons*, *Rondó des 3 femmes du savon Araxá*, *Dernière chanson de l'impasse*, *Dernier poème*, *Mozart au ciel*, *La réalité et l'image*, *Ciel*, *A Mario de Andrade absent*, *Le cactus*, *Programme pour après ma mort*, *Vers de Noel*, *Tragédie brésilienne*, *Je m'en vais à Pasargada*.

No programa do festival, citado, com o título de *Poésie et musique du Brésil*, Doublier comenta: "Amo a poesia fina, delicada, sensível e autêntica de Manuel Bandeira, grande poeta ... e não existe festival mais apropriado do que o de Provins para homenagear o poeta, o Brasil e sua música."

⁸⁵ Francisco Mignone (1897-1986) compositor paulista, regente e pianista esteve várias vezes na Europa e nos Estados Unidos a partir de 1920. Em Milão aperfeiçoou-se com um mestre italiano de escola francesa (método Dubois). Compôs óperas, *Contador de diamantes* (1924), *L'innocente* (1928), *Chalça* (1973), *O sargento de milícias* (1978) e uma substancial obra vocal da qual 10% com textos franceses. Mignone tinha grande amizade com Mario de Andrade e Manuel Bandeira tendo musicado vários de seus poemas. A partir de 1933, Mignone foi morar no Rio de Janeiro, sucedeu a Walter Burle-Marx na cadeira de regência, no Instituto Nacional de Música, dirigiu concertos em Berlim e Roma. Em 1942, dirigiu concertos pelo rádio nos Estados Unidos. É considerado um dos mais importantes compositores brasileiro contemporâneos. Vasco Mariz enumera vários poemas dado ao compositor pelo poeta, entre eles *Imagem* que não tem caráter nacional (MARIZ, 2000, p.237)

⁸⁶ Waldemar Henrique (1905-1995) paraense, foi estudar em Portugal de 1911 a 1917. Em 1930, entrou no Conservatório de Belém, veio para o Rio três anos depois. Atuou como pianista no rádio, em cassinos, boates e teatros do Rio de Janeiro. Viajou por todo o Brasil, à Europa e América do Sul como acompanhador de sua irmã Mara, cantora de gênero folclórico. Suas lendas amazônicas foram escritas a maneira do folclore da região, mas com temas próprios. Escreveu também mais de 120 canções, muitas arranjadas para coro. Gravou dois discos *long-play* em Paris, em 1955. Dirigiu o *Teatro da Paz*, em Belém a partir de 1966, durante muitos anos. Sua obra é essencialmente vocal. Fez música para o teatro, rádio e novelas. Obteve o *Prêmio Jornal do Comércio* em 1958, com sua música-tema de *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto. Compôs a música para *Essa nega fulô* (1948), sobre o poema de Jorge de Lima. Em 1981, foi eleito para a *Academia Brasileira de Música* e festejou no Rio de Janeiro, em 1983, seu jubileu "cinquenta anos de viração musical" (MARIZ, 2000, pg. 271).

⁸⁷ Jaime Ovalle (1894-1955), compositor paraense, estudou piano e outros instrumentos. Amigo íntimo de Villa-Lobos freqüentava também os "chorões" do Rio de Janeiro. Viveu em Londres e Nova York onde escreveu grande parte de sua obra. Compôs música de macumba sobre textos folclóricos. Uma das canções do *bouquet* do compositor é a *Modinha* (opus 5), com texto de Manuel Bandeira, tocado durante o festival em Provins, em 1967. Outro grande sucesso do compositor é *Azulão* (opus 21), obra em parceria com o poeta também, que foi celebrizada pela cantora Bidu Sayão, sua amiga, em Nova York.

Maria Luíza Lage do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro (10/08/1967 “*A conquista de uma noite*”) comenta esse recital:

Hoje, Provins é sede de um festival anual da maior importância, dirigido por Henri Doublier, o diretor teatral que se encontra no Rio para montar as óperas francesas a serem apresentadas no Teatro Municipal. Graças a Alain Peyrefitte, prefeito de Provins, o festival vem assumindo, de ano para ano, maior destaque, abrangendo os meses de junho e julho. Os espetáculos têm lugar, ao ar livre, no *Théâtre des Remparts*, talhado nas muralhas medievais que circundam a cidadela. Este ano, o Brasil ocupou uma das noites do festival, ou melhor, a Poesia e a Música do Brasil, nos versos de Manuel Bandeira e na voz de Maria d’Apparecida. Tratava-se da gravação pública do disco Manuel Bandeira, realizada num dos muitos recintos medievais onde se desenrola o festival o *Caveau du Saint Esprit*, antigo hospital edificado em 1177, isto é, há quase 800 anos!

**APRESENTAÇÃO DE JEF À L'ÂNE OU LA PAROLE
DONNÉE (O PAGADOR DE PROMESSAS) DE DIAS
GOMES**

Gostaríamos de destacar o relacionamento profissional e amistoso entre Doublier e Dias Gomes. Tivemos a ventura de conhecer pessoalmente esse importante dramaturgo e telenovelistas brasileiro, desde 1989, junto com sua jovem esposa, Bernadete, quando Doublier retoma contato com ele a fim de realizar um projeto que tinha em mente, há muitos anos.

Em 1969, Dias Gomes, amigo do ator Procópio Ferreira, assiste a peça *O avarento* e conhece o diretor francês. Os dois ficam amigos. Interessado em traduzir e montar *O pagador de promessas* na França, entende-se com o autor. A tradução é feita por Doublier, com a colaboração de Elisabeth Jaquier. Em meados de 1973, é apresentada de forma radiofônica na *Radio France Culture* com grande repercussão. É a primeira vez que uma obra de Dias Gomes é traduzida para o francês, com o título *Jef à l'âne ou la parole donnée*.

Infelizmente após seu derrame em setembro de 1973, Doublier não pode encenar a peça. Anos depois, em 1979, já casado com Elisabeth Jaquier e morando em Agadir, no Marrocos, monta a peça com um grupo de professores do liceu francês. Apesar de enfermo, consegue dirigir os atores e fazer sucesso. A redação do jornal *Sahara*, de Agadir (27/03/1979 “*Événement théâtral à Agadir*”) comenta:

Les 18 et 19 mars 1979, les gadiris ont eu la chance de pouvoir assister, dans une mise en scène d'Henri Doublier, à la représentation de Jef à l'âne ou la parole donnée, de l'auteur brésilien Alfredo Dias Gomes, l'une des figures de proue du nouveau théâtre brésilien... Cette tragi-comédie qui aurait pu n'être que prétexte à une peinture satirique de la société moderne, pose en définitive la question essentielle de la fidélité à un engagement profond en nous peignant un personnage de paysan aux idées sans doute trop pures et généreuses. La mise en scène

*a été assurée par Henri Doublier. Il a su tirer parti d'un texte puissant dont c'était, dimanche soir, la création de la version en langue française d'Elisabeth et Henri Doublier. Le décor, épuré jusqu'à la suggestion, et la troupe de comédiens amateurs qui ont fait montre, sur la scène de la Municipalité d'Agadir, d'un réel talent, ont été l'occasion pour Henri Doublier de nous rappeler qu'il a toujours été et restera un grand homme de théâtre.*⁸⁸

Em abril de 1995, o seu filho Dominique Doublier, diretor do Centro Cultural Francês de Brazzaville (Congo), decide montá-la também. Com o grupo de atores congoleses do *Théâtre de l'Imaginaire*, a obra, em francês, faz o maior sucesso entre a população que fala e entende correntemente essa língua e que, de certa forma, se identifica com o povo baiano. Doublier fica lá um mês, assistindo aos ensaios e dando suas diretrizes e conselhos. A peça permanece durante trinta dias em cartaz em Brazzaville.

Em fins de 1995, quando Doublier vem pela última vez ao Brasil, fomos buscá-lo no Rio de Janeiro. Telefonamos a Dias Gomes, que veio nos encontrar no Hotel Glória, muito ansioso para receber a cópia do vídeo feito durante o espetáculo. Alguns dias depois, em conversa telefônica, comenta sua curiosidade e sua admiração por essa montagem congolesa, falada em francês.

Gostaríamos acrescentar que, em 1992, foi elaborada e concluída a versão em ópera do *O pagador de promessas*. Doublier sempre desejou realizar o projeto. Dias Gomes sempre reservou a ele esse empreendimento. Vários compositores são consultados por Doublier: Cláudio Santoro (que falece quinze dias após ter recebido o libreto), Marcel Landowski (França) e José de Almeida Prado. Nenhum deles pôde levar o projeto adiante.

⁸⁸ Em 18 e 19 de março de 1979, os *gadiris* (habitante de Agadir) tiveram a sorte de assistir a uma encenação de Henri Doublier na representação de *Jef à l'âne ou la parole donnée*, do autor brasileiro Alfredo Dias Gomes, uma das figuras da proa do novo teatro brasileiro. Essa tragi-comédia que poderia ter sido uma pintura satírica da sociedade moderna, expõe, em verdade, a questão essencial da fidelidade a uma promessa profunda apresentando uma personagem camponesa, com idéias, sem dúvida, puras demais e generosas. A direção é de Henri Doublier. Ele soube tirar proveito de um texto poderoso o qual estava sendo criado em versão francesa de Elisabeth e Henri Doublier, domingo a noite. O cenário, sóbrio até a sugestão, e a trupe de comediantes amadores de Agadir, um talento verdadeiro e isto foi a ocasião para Henri Doublier de nos lembrar que ele foi sempre e continuará um grande homem de teatro.

D'après l'oeuvre de Dias Gomes
 Dans une traduction et une adaptation de Henri Doublier et Elisabeth Jacquier

JEF-A-L'ANE OU LA PAROLE DONNÉE

QUAND L'INNOCENCE TRIOMPHE DE LA MORT

par
 LE THEATRE DE L'IMAGINAIRE

mise en scène
 ERIC MAMPOUYA



JEUDI 6
 VENDREDI 7
 SAMEDI 8
 AVRIL
 19H

Espace André Malraux - Centre Culturel Français

Cartaz de *Jef à l'âne ou la parole donnée* (*O pagador de promessas*)
 apresentado pelo *Théâtre de L'Imagerie* no Centro Cultural Francês de
 Brazzaville no Congo. 1995.

Finalmente, graças ao professor Roger Cotte professor do I.A. – UNESP, é apresentado a Doublier o compositor Eduardo Escalante,⁸⁹ professor do mesmo instituto. Este aceita essa tarefa com entusiasmo. Era a pessoa adequada para esse fim, pelos conhecimentos que tinha da Bahia, sua cultura e sua música, pois em 1990, tinha composto um poema sinfônico sobre a obra de Euclides da Cunha e pesquisara "*in loco*" para realizá-lo⁹⁰. Doublier o apresenta a Dias Gomes que aceita de pronto a indicação. O libreto em francês e em português é de nossa autoria, sob a orientação de Henri Doublier e com tradução para o espanhol de Eduardo Escalante. Em janeiro de 1992, nós nos reunimos, durante um almoço no Rio de Janeiro para festejar o término da obra.

A obra não pode ser montada nem na França nem no Brasil, apesar de nossos esforços e contatos... Em 1999, Dias Gomes vem a falecer de acidente fatal em São Paulo e não veria o despontar do ano 2000. O compositor Eduardo Escalante resolve propor a um de seus alunos, Wendell Kettle, estudante de composição e regência, a difícil tarefa de montar a ópera. Este, com o ardor dos seus 25 anos e o apoio incondicional do compositor e do seu professor, o maestro Samuel Kerr, levanta o estandarte e arrasta consigo um jovem elenco de músicos, cantores, artistas e técnicos. Bernadete, a viúva de Dias Gomes e seus herdeiros dão sua autorização. Wendell Kettle inicia os contatos com a direção do *Teatro São Pedro* e o *Ministério da Cultura* para obter a aprovação através da *Lei de*

⁸⁹ Nasceu em Buenos Aires em 1937. Radicado no Brasil desde 1949. É naturalizado brasileiro. Fez curso de composição e regência na Escola Superior de Música Santa Marcelina em São Paulo e diplomou-se em piano em 1960, tendo com professores F.J. Conserino e V. Del Nero Gomes. Estudou percepção e composição com Souza Lima, harmonia, análise e contraponto com Oswaldo Lacerda, regência com Emmerich Csammer e Diogo Pacheco. Foi fundador de inúmeros corais, entre eles, o Coral da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo. Foi professor de folclore de vários conservatórios e faculdades. Foi também redator da coluna "Música Erudita" da Folha da Tarde de São Paulo tendo publicado em volta de 250 artigos. Em várias ocasiões regeu a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a convite do maestro Eleazar de Carvalho. Foi fundador da Associação de Músicos e Compositores do Estado de São Paulo, presidiu a Sociedade Pró-Música Brasileira e presidiu por três vezes a Comissão Estadual do Folclore da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo. É professor no I.A. UNESP, no curso de bacharelado em composição e regência. Recebeu vários prêmios e títulos: Troféu João de Barros como compositor do ano (1969), prêmio Silvio Romeiro (1º lugar) do Ministério da Educação e Cultura, com monografia sobre o folclore nacional: *A festa de Santa Cruz da aldeia de Carapicuíba*, São Paulo, MEC/Secretaria da Cultura, 1974 e o prêmio APCA pela melhor obra sinfônica do ano em 1990. Escalante "já adquiriu direitos de figurar na história da música brasileira... como compositor evitou ser rotulado de nacionalista, mas nem por isso consegue escapar da classificação, uma vez que é um estudioso do folclore, com vários trabalhos publicados." Compôs em torno de 300 obras, entre elas a ópera *O pagador de promessas*, a ser encenada em 2001, com libreto de Henri Doublier e Marie Jeanne Calasans, e tradução para o espanhol do compositor.

⁹⁰ Recebeu o Grande Prêmio da Crítica - música erudita - os melhores de São Paulo em 1990, por sua obra sinfônica - *Os Sertões* (poema sinfônico encomendado pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha).



Incentivo à Cultura. O compositor dá os últimos retoques à ópera com seguinte depoimento sobre a obra em 3 de outubro:

...Elaborei *O pagador de promessas* como um ópera de câmara tendo em vista o aspecto regional concebido por Dias Gomes; em vez de uma orquestra completa, a partitura consta de quatro instrumentos de sopro, cordas, três percussionistas e piano, além de capoeiristas (com atabaques e berimbaus) que atuam no próprio palco. A dramaticidade crescente da cena, Dias Gomes alternou momentos de descontração e jocosidade a cargo de figuras como a *Beata*, o *Sacristão*, o *Bonitão* (o gigolô) e *Dedé Cospe-Rima* (o poeta popular), nos quais os ritmos próprios da cultura espontânea foram introduzidos. Meus quarenta anos de pesquisa e de folclore e minhas viagens constantes à Bahia, registrando a cultura popular local, permitiram que me entrosasse no estofa da peça. Assim é que o teor melódico e rítmico da composição musical foi moldado sobre uma constância tonal/modal característica, com vistas, inclusive, a se manter a unidade da obra que se passa num único cenário: as portas de uma das igrejas da cidade de Salvador. O modalismo constante da música nordestina estão sempre presente em todos os diálogos, nas árias e mesmo no discurso instrumental. Musicalmente, são claramente definidos os aspectos do conformismo pungente do *Pagador*, da ansiedade e insatisfação de *Rosa*, do burlesco do *Bonitão*, do caricato da *Marli* (a prostituta), da doçura da *Minha Tia* (Mãe-de-Santo), da intransigência do *Padre*, da jocosidade do *Dedé Cospe-Rima*. Enquanto comenta, é o próprio povo (o coro) que se envolve nos tratos dramáticos, caracterizados pelo *dogmatismo* do *Padre* – que não aceita o sincretismo – em contraposição a arraigada religiosidade do *Pagador*, moldada em conceitos morais próprios na classes sociais mais humildes. Cada personagem caracteriza-se musicalmente por seu próprio *leitmotiv*, com exceção do coro que vai se amoldando aos caracteres de cada cena e em especial o próprio *Pagador*, cujo o motivo musical condutor é quase um *ostinato*. As seis

figuras principais tiveram suas tessituras vocais bem definidas: *Rosa* é um soprano (dramático), o *Pagador* um barítono (com extensão para o agudo), o *Padre* um barítono baixo, o *Dedé Cospe-Rima* um tenor, o *Bonitão* um baixo, e a *Marli* meio soprano. Assim somando-se à *Minha Tia* contralto, o eixo melódico passa, sem repetição pelas seis tessituras das vozes costuradas pela amplitude do coro. Quanto ao estilo musical, corroborando o que acima esclareço, poderia afirmar tratar-se de uma obra nacional, embora livre de dogmatismos, e na busca do aspecto gestáltico e emocional que o texto requer. Portanto, deixo claro que o ato da criação não partiu de qualquer envolvimento técnico, mas puramente musical e programático.

Guy Etiévent do jornal *Le Dauphiné Libéré*, de Chambéry, França (23/10/2000, “*Le drame de la parole donnée*”) comenta:

... Toutefois, c'est en 1987 qu'a lieu la rencontre déterminante entre le grand artiste chambérien et un dynamique professeur de français à l'Alliance française de São Paulo: Marie Jeanne Calasans. Cette Brésilienne d'origine française est tout de suite subjuguée par la personnalité et la vie exceptionnelle d'Henri Doublier. Elle s'aperçoit aussi que la passion de celui-ci pour son projet d'opéra n'est pas éteinte. Deux ans après, de retour au Brésil, Henri Doublier présente sa nouvelle collaboratrice et biographe (elle prépare sur lui une thèse universitaire à l'Institut de Artes de Sao Paulo) à son ami Dias Gomes... Ainsi la promesse faite 16 ans auparavant tenait toujours! Les librettistes sont tout trouvés: Marie Jeanne Calasans travaillera sous la direction d'Henri Doublier pour réaliser la version portugaise et française du livret d'opéra. Quant au compositeur brésilien choisi par Doublier, il décèdera peu de temps après... Ce n'est qu'en 1991 qu'est définitivement retenu Eduardo Escalante, compositeur imprégné de culture musicale populaire et grand connaisseur du folklore brésilien. Mais le destin frappe encore. Dias Gomes victime d'un accident de voiture meurt en 1999. Décidément, le sort semble multiplier les

*épreuves pour contrecarrer les efforts des hommes. Et pourtant, ceux-ci, Doublier le premier n'ont de cesse qu'il n'aient vu enfin achevée une oeuvre qui, au fil du temps se transforme en défi. De plus la réalisation prochaine de cet opéra serait l'occasion d'un bel hommage au grand écrivain disparu. En 1999, le directeur artistique est désigné: c'est le jeune Wendell Kettle (24 ans) disciple talentueux d'Eduardo Escalante qui assurera la direction musicale de l'oeuvre. Cette fois les choses sont en bonne voie, d'autant plus que cette création lyrique bénéficiera du soutien officiel du Ministère de la Culture brésilien. D'ailleurs dans sa lettre du 23 mai 2000 à Henri Doublier, Wendell Kettle précise les modalités de la sortie de l'opéra "O pagador de promessas" neuf représentations au Théâtre São Pedro de São Paulo, ainsi qu'un enregistrement sur CD. Et il ajoute: "ce serait pour moi un grand bonheur de pouvoir compter sur votre présence pour la première. Mais si cela vous est impossible, ne vous préoccupez pas: qui sait, nous irons peut-être bientôt en France, après la saison brésilienne". Acceptons-en l'augure, car ce serait là une bien belle récompense pour le grand artiste qu'est toujours Henri Doublier qui, malgré son handicap, continue à vivre courageusement et à tenir ses promesses.*⁹¹

⁹¹ Entretanto é em 1987 que acontece o encontro determinante entre um grande artista de Chambéry e uma dinâmica professor de francês da Aliança Francesa de São Paulo: Marie Jenne Calasans. Esta brasileira de origem francesa é logo subjugada pela personalidade e a vida excepcional de Henri Doublier. Ela percebe também que a paixão deste para seu projeto de ópera não se apagou. Dois anos depois, Henri Doublier apresenta sua nova colaboradora e biógrafa (ela prepara sobre ele uma tese universitária no Instituto de Arte da Unesp de São Paulo) a seu amigo Dias Gomes....Assim a promessa feita 16 anos antes ainda estava valendo! Os libretistas já foram achados: Marie Jeanne Calasans trabalhará sob a direção de Henri Doublier para realizar a adaptação em português e em francês do libreto de ópera. Quanto ao compositor brasileiro escolhido por Doublier, ele faleceria pouco tempo depois... É somente em 1991 que Eduardo Escalante será escolhido, sendo um compositor impregnado de cultura musical popular e grande conhecedor do folclore brasileiro. Porém o destino ataca de novo. Dias Gomes é vítima de um acidente de carro e falece em 1999. Parece que a sorte multiplica as provações para ir contra os esforços dos homens. Entretanto, e Doublier o primeiro não param enquanto não vem terminada uma obra que se torna um desafio com o passar do tempo. Ademais a realização próxima desta ópera seria a ocasião para uma bela homenagem a um grande escritor desaparecido. Fim 1999, o diretor artístico está designado: é o jovem Wendell Kettle (24 anos), discípulo talentoso do Eduardo Escalante que cuidará da direção musical da obra. Desta vez as coisas estão em bom andamento principalmente porque essa criação terá o benefício da ajuda do ministério da cultura brasileira. Aliás numa carta escrita em 23/05/2000 a Doublier, Wendell Kettle explica as modalidades das apresentações da ópera *O pagador de promessas*: nove representações no Teatro São Pedro de São Paulo e uma gravação em CD. E acrescenta "Seria para mim uma grande felicidade de poder contar com sua presença para a apresentação inaugural. Mas se isso não for possível, não se preocupe, quem sabe, se iremos

Só resta esperar aprovação e concretização do projeto que integra, além da primeira montagem mundial da ópera, a sua gravação completa em CD, edição também em CD Room com a documentação histórica de sua concepção e primeira montagem, como registro e homenagem ao consagrado escritor Dias Gomes.

logo na França depois da temporada brasileira” Devemos aceitar esse presságio porque seria uma bela recompensa para o grande artista que é Henri Doublier que, apesar de sua deficiência, continua a viver corajosamente e a cumprir as suas promessas. (trad. da autora)



Henri Doublier, Eduardo Escalante, Dias Gomes e a autora deste trabalho, festejando o término da ópera *O pagador de promessas*. 1992.

Eduardo Escalante, Marie Jeanne Calasans, Samuel Kerr reunidos.

Ajustes para a ópera *O pagador de promessas*. 25/08/2000.



Conclusão

CONCLUSÃO

Para concluir o nosso trabalho e justificar a validade do mesmo, gostaríamos de retomar três pontos que consideramos fundamentais: o intercâmbio cultural França/Brasil; as qualidades de liderança do jovem diretor; as relações entre o artista e o palco.

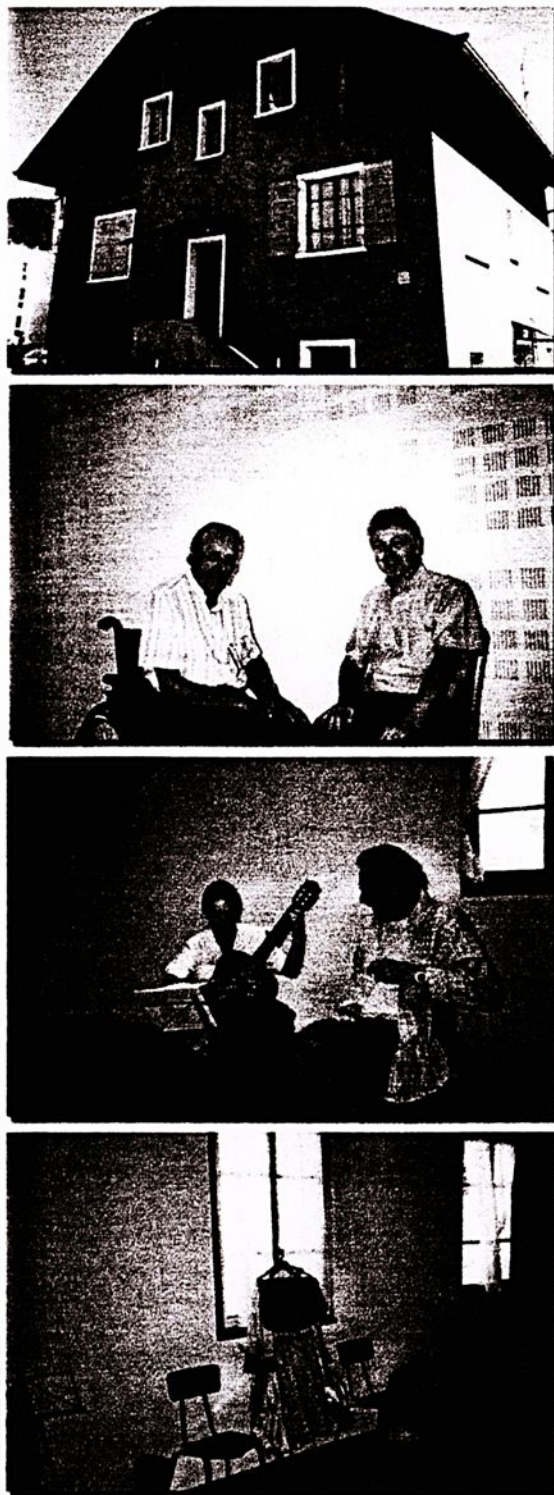
O intercâmbio cultural França/Brasil, que floresceu durante os anos 60, deve-se ao presidente Charles de Gaulle e seus ministros André Malraux e Edmond Michelet que utilizaram a máquina administrativa para difundir a cultura francesa, quer seja no domínio do ensino da língua e da filosofia, quer no domínio das artes: arquitetura, pintura, música, teatro... Em 1962, estiveram no Brasil Sartre e Simone de Beauvoir; em 1964, De Gaulle, isso sem contar as inúmeras companhias teatrais que se apresentaram no Rio de Janeiro e em São Paulo. A *Association d'Action Artistique* fomentava a vinda dos artistas e as respectivas embaixadas facilitavam a permanência e movimentação dos mesmos. Os diretores do Teatro Municipal, destacando-se Murilo Miranda e Antônio Vieira de Melo, favoreciam o trabalho de Henri Doublier. Em suma, todos esses fatores foram importantes para o sucesso desse artista.

As qualidades de liderança do jovem diretor são devidos ao fato de que, desde os anos 50, disseminava a cultura francesa, no exterior, nas esferas do teatro, da poesia e da música. Isso ocorria principalmente na Alemanha e nos países da África do Norte, como já foi explicado. O prestígio alcançado é incontestável, pois nesse período a juventude ansiava por um intercâmbio cultural entre as nações. No Brasil, seu objetivo foi além disto: quis preservar uma unidade artística de qualidade, valorizando a vinda de cantores franceses da *Opéra de Paris* para um trabalho conjunto com os artistas brasileiros. Desejou, e conseguiu, desenvolver laços entre esses dois mundos separados pelo Atlântico. Soube valorizar o potencial dos artistas brasileiros montando espetáculos com elenco exclusivamente nacional. Sua diplomacia com os responsáveis nos diversos organismos, com os artistas e com os técnicos, lhe valeu resultados

positivos e concretizou seus intentos. Com isso, estimulou o gosto do público carioca para o Teatro Lírico Francês e aproveitou para trazer à tona certos laços de artistas franceses com a terra brasileira, apresentando obras de Milhaud, Claudel, Bernanos e Landowsky.

As relações entre o artista e o palco: sua experiência do palco, seja do teatro dramático ou do teatro lírico, tinha sido desenvolvida com sucesso e lhe permitiu escolher, decidir, coordenar e criar o espetáculo tal qual almejava. Para ele, o teatro era uma espécie de coroamento, e ele aspirava atingir o *teatro total*, onde todas as artes pudessem se agrupar. Alcançou seus objetivos no palco, onde cada gesto, cada olhar, cada movimento do ator tinha seu significado e levava diretamente a sua mensagem ao cérebro do espectador e aos seus sentidos. Soube criar vida como no cinema, e a poesia imperava no palco. Seu respeito ao *Verbo* era inigualável. Foi considerado o mágico das luzes e sabia, com elas, criar uma atmosfera sobrenatural. Tudo isso com firmeza, aliada a uma especial delicadeza, isto é, *uma mão de ferro numa luva de pelica*, que conseguia extrair de cada um, o sumo de suas qualidades artísticas. Pensamos que, apesar de não termos assistido a nenhuma de suas obras, os comentários e escritos sobre seu trabalho artístico confirmam que Henri Doublier merece sair das brumas do esquecimento e ser reconhecido, como será feito em 7 de dezembro do corrente ano com a inauguração oficial da *MAISON HENRI DOUBLIER*, em Annecy, França, como um artista de talento e de valor. Jean Cocteau o denominou *l'Ambassadeur des Poètes*, e eu gostaria de finalizar designando-o como *l'Ambassadeur du Théâtre Lyrique Français au Théâtre Municipal de Rio de Janeiro*.





Maison Henri Doublier, em Annecy. Doublier com Henri Murgier, diretor do Centre de Pratique Musicale d'Annecy. Classe de violão. Sala de Artes Cênicas. Junho 2000.

1. **Introduction**



REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- BALAZARD, Simone. *Le guide du théâtre*. Paris: Ed. Syros, 1989.p.36.
- BERNANOS, Georges. *Oeuvres Romanesques suivies de Dialogues des carmélites*. Coll. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Ed. Gallimard, 1961.p.1613.
- CLAUDEL, Paul. *Mes idées sur le Théâtre*. Paris: Ed. Gallimard, 1966.p.10.
- DHOMME, Sylvain. *La mise en scène contemporaine d'André Antoine à Bertolt Brecht*. Paris: Ed. Fernand Nathan, 1959.p.161.
- JOUVET, Louis. *Ecoute, mon ami*. Paris: Ed. Flammarion, 1952.p.18-9.
- LIMA, Reynuncio Napoleão de *Teatro Oficina: da encenação realista à épica*. 1980. (Dissertação de Mestrado apresentado ao Departamento de Teatro, Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Orientador: Professor Doutor Sábato A. Magaldi).
- LIVIO, Antoine. *Conversation avec Marcel Landowsky*. Paris: ed. Denoël, 1998.p.78,79.
- MARIZ, Vasco. *História da Música no Brasil*. Rio de Janeiro: ed. Nova Fronteira, 2000. p.214,237,270,398.
- MILHAUD. *Portrait(s) de Darius*. Paris: Bibliothèque National de France, 1998. p.62,63.
- MOCH-BICERT, E. *Louis Jouvet, notes de cours*. Paris: Ed. Librairie Théâtre, 1989.p.12.
- MUNIZ NETO, José Viegas. *Comunicação gestual na regência de orquestra*. 1ª edição. São Paulo: Annablume Ed. Comunicação,1993.p.70.
- NOGUEIRA FRANÇA, Eurico. *A temporada musical no ano do IV centenário*. Rio de Janeiro: ed. de Imprensa Nacional, 1966.p.5,6,106,109,110,111.
- NORONHA, Lina Maria Ribeiro de. *Politonalidade: discurso de reação e transformação*. São Paulo: FAPESP: Annablume Ed. Comunicação,1998.p.26.
- Petit Robert 2. *Dictionnaire*, Canada. 1990.p.949.



SIMON, A. *Dictionnaire du Théâtre français contemporain*. Paris: Ed. Librairie Larousse, 1970.p.106.



Jornais e periódicos

Jornais

- A. H. *Le fou e o sensato compositor Landowski*. Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 06 abril 1970.
- A.H. *Saint Louis, o sucesso de um clássico*. Jornal *O Globo* do Rio de Janeiro, 15 abril 1972.
- ANDRADE, Ayres de *A danação de Fausto*. *O jornal*, Rio de Janeiro, 01 setembro 1968.
- ANDRADE, Ayres de *Um acontecimento Jeanne au bûcher* do Municipal. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 04 outubro 1960.
- AS COÉFORAS ESTRÉIA AMANHÃ. Rio de Janeiro. 19 setembro 1969.
- BAIGNÈRES, Claude. S/t. Jornal *Le Figaro de Paris*. 1972.
- D'Or *Temporada de ópera francesa Dialogues des carmélites*. Jornal *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 agosto 1965.
- DUFOUR, Pierre *Henri Doublier a écrit et créé à Provins une geste franco-brésilienne*. Jornal *Dauphiné Libéré*, Chambéry/França, 18 julho 1971.
- DUFOUR, Pierre. *Henri Doublier a préparé le festival sacré d'Annecy*. Jornal *Dauphiné Libéré*. Chambéry. 27 outubro 1965.
- DUFOUR, Pierre. *Un chambérien à l'Opéra*. Jornal *Dauphiné Libéré*, Chambéry, 1951, s/d.
- DUMESNIL, René. *Le Zoroastre de Rameau, Salle Favart*. Jornal *Le Monde*. 4 junho 1964.
- DUMESNIL, René. *Reprise de Jeanne au bûcher*. Jornal *Le Monde*, Paris, 18 outubro 1962.
- ETIÉVENT, Guy. *Le drame de la parole donnée*. Jornal *Le Dauphiné Libéré*. Chambéry. 23 outubro 2000.
- FERJAC, Pierre. *Eloges et Critiques*. Jornal *Cols Bleus*. 28 dezembro 1963.
- FIGUEIREDO, Guilherme *A danação de Fausto*. *O Jornal* do Rio de Janeiro, 04 setembro 1968.

GOTTELAND, Pierre. *Une belle fête de l'art lyrique*. Jornal *Le Dauphiné Libéré*. Chambéry. Dezembro 1996.

JAJA, Van. *O avarento* Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 abril 1969.

JORNAL DIÁRIO *de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 abril 1970.

JORNAL DO BRASIL. *Henri Doublier*. Rio de Janeiro. 28 março 1972.

JORNAL DO COMERCIO. *Minha visão de Jeanne*. Rio de Janeiro. 13 agosto 1967.

JOURNAL MUSICAL FRANÇAIS. *La mise en scène de Pelléas au Festival de Metz*. 18 outubro 1962.

JOURNAL OUEST FRANCE. *Henri Doublier au revoir Copacabana...bonjour Saint Malo*, 7 julho 1969.

KRIEGER, Edino. *Werther um bom início de temporada*. Jornal *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 18 agosto 1968.

LA MISE en scène de "*Pelleas*" au Festival de Metz. *Journal Musical Français*, Paris, 18 outubro 1962.

LAGE, Maria Luiza. *A conquista de uma noite*. Jornal *do Brasil*. Rio de Janeiro. 10 agosto 1967.

LE ROI David, *50 ans plus tard!*. Jornal *Le Dauphiné-Libéré*, Chambéry/França, 18 novembro 1999.

LEITE, Adeth. *Teatro quase sempre*. Jornal *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 janeiro 1968.

MASSARANI, Renzo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 outubro 1973.

MASSARANI, Renzo. *Werther de Massenet*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 setembro 1971, 1º Caderno.

MURICY, Andrade. *A danação de Fausto*. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 7 setembro 1968.

NOGUEIRA FRANÇA, Eurico. *A danação de Fausto no Municipal*. *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 31 agosto 1968.

NOGUEIRA FRANÇA, Eurico *A explosão da ópera sem amor*. Jornal *O Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 março 1970.

NOGUEIRA FRANÇA, Eurico *Darius Milhaud dá no Rio estréia mundial de ópera*. Jornal *O Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 abril 1972, 1º Caderno.

NOGUEIRA FRANÇA, Eurico *Quadro francês encena Wether*. Jornal *O Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 agosto 1968.

NOGUEIRA FRANÇA, Eurico *Triunfa o Fausto no Municipal*. Jornal *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 03 setembro 1967.

O GLOBO. *Altos e baixos na Aliança Vocal Franco Brasileira*. Rio de Janeiro. 19 agosto 1967.

O GLOBO. *Doublier moderniza Molière para obter maior comicidade*. 18 janeiro 1969.

PROCÓPIO FERREIRA *Interpreta O avarento*. Jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 fevereiro 1969.

PROCÓPIO *só aceita crítica de público*. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro. 23 março 1969.

RAS, George. *Henri Doublier metteur en scène à Sarlat*. Jornal *Sud-Ouest*. 3 agosto 1970.

RECITAL de Henri Doublier hoje no teatro. Jornal *do Correio*, Manaus. 14 setembro 1968.

ROLLOT, Jean. *Comment sauver l'Opéra Comique*. Jornal *de Nouvelles Littéraires*. 20 junho 1963.

ROSTAND, Claude *Un rêve dessiné par Jean Cocteau*. Jornal *Le Figaro Littéraire*, Paris, 25 setembro 1962.

ROSTAND, Claude. *Les Carmélites entrent à l'Opéra Comique*. Jornal *Figaro Littéraire*. 15 de abril 1964.

SAHARA. *Evénement théâtral à Agadir*. 27 março 1979.

VANDEL, Jacqueline *Une Carmen noire et brésilienne à l'Opéra de Paris*. Jornal *Le Figaro Littéraire*, Paris, 10 setembro 1965.

VILLELA NETO, Assis. *Manuel Bandeira de Provins para a França inteira.*
Jornal Correio Brasiliense. Brasília 30 julho 1967.



Revistas

CLAUDIA, Maria. *Quando Carmen é carioca*. Revista *Manchete*. Rio de Janeiro agosto 1965.

DAWALIBI, Nadia. *L'ambassadeur des poètes, Henri Doublier*. Revista *Cinés d'Orient* de Beirute (Líbano), v.35, 1962.

FAUQUET, Joel Marie. *Pour le 80^e anniversaire de Darius Milhaud*. *Arion Information*. Paris maio 1972.

NISKIER, Júlio. *Henri Doublier dirige Procópio*. Revista *Jóia* (Rio de Janeiro), 1969.

RACHEL, Vera. *A montagem de uma ópera ainda exige gastos fabulosos*. Revista *Manchete*. Rio de Janeiro. Setembro 1968.

BIBLIOGRAFIA GERAL

Livros

- ABBAGNANC, Nicola - *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- ADORNO, Teodor W. & HORKHEIMER, Max - *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1944.
- ANDRADE, Mário de. *Música, doce música*. São Paulo: Ed. Martins, 1963 (Obras Completas, v. VII)
- ANDRADE, Mário de. *Pequena história da música*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Martins, 1967. (Obras Completas, v. VIII)
- ARRABAL, José; LIMA, Mariângela Alves de; PACHECO, Tânia. *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa Emp. Graf. e Edit. Ltda, 1979,1980.
- BARCA, Pedro Calderon de La. *La dévotion a la croix*. (Tradução para o francês Albert Camus) Paris: Ed. Librairie Gallimard, 1953.
- BERLIOZ, Hector *La damnation de Faust. L'Avant Scène-Opéra*. Paris: nº 22, julho-agosto, 1976.
- BERNANOS, Georges. *Dialogues des carmélites. L'Avant Scène-Théâtre*. Paris: nº 337, julho, 1965.
- BERNOVILLE, Gaetan. *Les religieuses de l'Assomption*. 3ª ed. Paris: Ed. Bernard Grasset, 1948.
- BERRETTINI, Célia. *O Teatro ontem e hoje*. Col. Debates nº 166. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1980.
- BERTRAND, Dominique; HAQUETTE, Jean-Louis; HÉLIX, Laurence; HUBERT, Marie-Claude; MARCHAL, Sophie; MARÉCHAUX, Pierre e TERNAUX, Jean-Claude. *Le théâtre: littérature*. Collection Grand Amphi, Paris: Ed. Bréal, 1996.
- BIZET, Georges *CARMEN. L'Avant Scène-Opéra*. Paris: nº 26. março-abril 1980.
- BLANCHART, Paul. *Histoire de la mise en scène*. Col Que sais-je? nº 309. Paris: Ed. Presses Universitaires F, 1948.

- BLANCPAIN, Marc; BRUNSVICK, Yves; GINESTIER, Paul. *Les Français à travers leur théâtre*. Paris: Ed. Clé International, 1984.
- BOLL, André. *L'Opéra: spectacle intégral*. Paris: Ed. Olivier Perrin, 1963.
- BORGAL, Clement. *Metteurs en scène*. Paris: Ed. Fernand Lanore, 1963.
- BOURY, François. *Louis Jouvet*. Paris: Ed. Gilco, 1953.
- BRANDÃO, J. de S. *Teatro Grego-Tragédia e Comédia*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1985.
- Cahiers de Théâtre Jeu: Scénographie*. n° 62. Montreal: Ed. Les cahiers de Théâtre, 1992.
- CALABRESE, Omar. *A linguagem da arte*. Trad. Tânia Pellegrini. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 1987.
- CARVALHO, Ênio. *História e formação do ator*. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- CHAILLEY, Jacques. *Histoire musicale du Moyen Age*. Paris: Ed. Presses Universitaires de France(PUF), 1950.
- CHAILLEY, Jacques. *Précis de musicologie*. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1984.
- CHAVES JR., Edgard de Brito. *Diário do Municipal: 1971-1990*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 1993.
- CHAVES JR., Edgard de Brito. *Memórias e glórias de um teatro: sessenta anos de história do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Companhia Ed. Americana, 1971.
- CHESNAIS, Pierre. *l'acteur*. Col. Statuts Professionnels. Paris: Ed. Librairies Techniques, 1957.
- CHORÉGIES D'ORANGE (1869-1988). *L'Avant Scène-Opéra*. Paris: n° 111, julho 1988.
- CLAUDEL, Paul. *L'Otage. L'Avant Scène-Théâtre*. Paris: n° 356, 1950.
- CLAUDEL, Paul. *Jeanne D'Arc au bûcher*. 24ª ed. Paris: Ed. Gallimard, 1951.
- COCTEAU, Jean. *Le sang d'un poète. Le testament d'Orphée. L'Avant-Scène Cinéma*. Paris: n° 307/308, 1983.

- COELHO MACHADO, Lauro. *A ópera na França*. 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999.
- CORVIN, Michel. *Le Théâtre Nouveau en France*. 53ª ed. Coll. Que sais-je? nº 1072. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1995.
- COTTE, Roger Joseph Victor. *Musique et symbolisme*. St-Jean-de-Braye: Ed. Dangles, 1988.
- COUPRIE, Alain. *Le théâtre*. Paris, Ed. Nathan, 1995.
- DESCOTES, Maurice. *Le public de Théâtre et son histoire*. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1964.
- DEVAUX, Patrick. *La Comédie Française*. Coll. Que sais-je? nº 2736. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1993.
- DIGAETANI, JOHN LOUIS. *Convite à ópera*. 1ª ed. São Paulo: Jorge Zahar Editor. 1988.
- DOAT, Jan. *Architecture et décors de Théâtre*. Paris: Ed. Billaudot. s.d.
- DOAT, Jan. *L'expression corporelle du comédien*. 2ª ed. Paris: Ed. Bordas Frères, 1944.
- DORT, Bernard. *Théâtre public 1953-1966*. Paris: Ed. Seuil, 1967.
- DORT, Bernard. *Théâtre réel (1967-1970)*. Paris: Ed. Seuil, 1971.
- DUFRENNE, M. *A estética e as ciências da Arte*. vol. I e II, Livr. Bertrand, Lisboa, 1976.
- Enciclopédia da música brasileira: popular, erudita e folclórica*. PubliFolha. 2 ed. São Paulo: Art Editora Ltda. 1998.
- Encyclopédie de La Pléiade. Histoire des spectacles*. Direção de Guy Dumur. Paris: Ed. Gallimard, 1965.
- Encyclopédies d'aujourd'hui sous la direction de Jacqueline de Jomaron. Le théâtre en France du Moyen Age à nos jours*. Paris: Ed. Armand Colin, 1992.
- FAINSILBER, Samson. *l'Acteur de Théâtre*. Monaco: Ed. S.P.E.M., 1944.
- FOUQUIÈRES de, LOUIS BECQ. *L'art de la mise em scène: essai d'esthétique théâtrale*. 1ª ed. Marselha, França: Editora Entre/Vues. 1998.

FRANÇA, Eurico Nogueira. *A temporada musical no ano do IV Centenário da Fundação da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Conselho Nacional de Cultura, 1966.

GARCIA, Silvana. *Teatro da militância: a intenção do popular no engajamento político*. Col. Estudos nº 113. São Paulo: Ed. Perspectiva e Ed. da Universidade de São Paulo (Edusp), 1990.

GASSET, J. O. *A idéia do teatro*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1991.

GAVOTY, Bernard. *La musique adoucit les mœurs?* Paris: Ed. Librairie Gallimard, 1959.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

_____. *A paixão terna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

GOLEA, Antoine. *Pelléas et Mélisande: analyse poétique et musicale*. Paris: Ed. Martin Frères, 1952.

GOMES, Dias. *Jef à l'âne ou la parole donnée*. Versão de Henri Doublier et Elisabeth Jaquier, 1973. (volume datilografado)

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.

GOUNOD, Charles. *FAUST. L'Avant Scène-Opéra*. Paris: n. 2. março-abril 1979.

GOUNOD, Charles. *FAUST*. Opéra de Paris Bastille. Paris: 1992.

HAMELIN, Jeanne. *Le théâtre chrétien*. Coll. Je sais-Je crois. Paris: Ed. Fayard, 1957.

HODEIR, André. *Les formes de la musique*. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1951.

HOFMANN, Rostislav. *Serge Lifar et son Ballet*. Paris: Ed. du Journal Musical Français, 1953.

HOFMANNSTHAL, H.V. *Jedermann*. Paris: Ed. Delachaux & Niestlé S.A., 1944.

HONEGGER, Marc e CLAUDEL, Paul. *Jeanne d'Arc au bûcher*. Paris: Ed. Opéra de Paris, 1992.

- HONEGGER, Marc. *Dictionnaire de la musique*. Paris: Ed. Bordas. vol. I (A-K), vol. II (L-Z), 1986.
- HOROWICZ, Bronislaw. *Le Théâtre d'Opéra: Histoire-Réalisations Scéniques possibilités*. Paris: Ed. de Flore, 1946.
- HUISMAN, Denis. *A estética*. (Difusão Européia do Livro, 1961).
- IMBERT, Charles. *J'aime l'Opéra*. Paris: Ed. Denoel, s.d.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. S. Paulo, Cultrix, 1970.
- JOINVILLE. *Histoire de Saint Louis*. Coll. Les Classiques Pour Tous n° 147. Paris: Ed. Librairie Hatier, 1926.
- JOUVET, Louis. *Prestiges et Perspectives du Théâtre Français: quatre ans de tournée en Amérique Latine - 1941-1945*. 19^a ed. Paris: Ed. Gallimard, 1945.
- KOBBÉ, Gustave. *Tout l'Opéra de Monteverdi à nos jours*. 11^a ed. Paris: Ed. Robert Laffont, 1991.
- KOWZAN, Tadeusz. *Sémiologie du théâtre*. Paris: Ed. Nathan, 1992.
- LA KATOS, Eva Maria e Marina de Andrade Marconi. *Fundamentos de metodologia científica*. 3^a ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1991.
- LANDOWSKI, Marcel. *Le fou. Drame en un prologue et cinq tableaux*. Paris: Ed. Choudens, 1956.
- LANDOWSKI, Marcel. *Le Fou. L'Avant Scène-Opéra n° 2 (Hors Série)*. Paris: Ed. Premières Loges, setembro, 1991.
- LARTHOMAS, Pierre. *Technique du théâtre*. 12^a ed. Coll. Que sais-je? n° 859. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1992.
- LECLERC, Guy. *Le T.N.P. de Jean Vilar*. Col.10/18 n° 538. Paris: Union Générale d' Editions, 1971.
- LERY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil (1556-1558)*. São Paulo: Ed. da USP, 1972.
- LIEBERMANN, R. *Dictionnaire chronologique de l'Opéra*. Paris: Ed. Ramsay, 1979.
- LIGNY, C. de e ROUSSELOT, M. *La littérature française*. Coll. Repères Pratiques Nathan n° 17. Paris: V, Ed. Sedag, 1996.

- LIMA, Reynuncio Napoleão de. *A devoração de Brecht no Teatro Oficina*. São Paulo. 1988 (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Artes Cênicas (CAC) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Sábato A. Magaldi).p.5.
- MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao teatro*. São Paulo: Ed. Ática, 1965.
- MAGALDI, Sábato. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1998.
- MAGALDI, Sábato. *O cenário no avesso*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1991.
- MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. 3ª edição. São Paulo: Global Ed.,1997.
- MAGALDI, Sábato. *Um palco brasileiro: O Arena de São Paulo*. Col. Tudo é História nº 85. São Paulo: Ed. Brasiliense,1984.
- MANON, Jules. *Massenet. L'Avant Scène-Opéra*. Paris, nº 123. setembro, 1989.
- MANTOVANI, A. *Cenografia*. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1989.
- MARINHO, Pedro. *A pesquisa em Ciências Humanas*. Petrópolis: Ed. Vozes,1980.
- MARIVAUX. *Le jeu de l'amour et du hasard*. Col. Classiques. Paris: Ed. Larousse, 1934.
- MARIVAUX. *Le jeux de l'amour et du hasard*. Par la Compagnie Henri Doublier. Paris: Ed. Club National du Disque, s.d.
- MEYLAN, P. *René Morax et Arthur Honegger au Théâtre du Jorat*. Paris: Ed. Librairie E. Ploix, 1966.
- MIGNON, Paul-Louis. *Le théâtre contemporain*. Paris: Ed. Hachette, 1969.
- MIGNON, Paul-Louis. *Le théâtre d'aujourd'hui*. Paris: Ed. Michel Brient, 1966.
- MILHAUD, Darius. *Notes sans musique*. Paris: Ed. René Julliard, 1963.
- MOLIÈRE. *L'avare*. Par la Compagnie Henri Doublier. Paris: Ed. Club National du Disque, s.d.



- MOLIÈRE. *Le malade imaginaire*. Par la Compagnie Henri Doublier. Paris: Ed. Club National du Disque, s.d.
- OLIVEIRA, Jocy de. *Dias e caminhos seus mapas e partituras*. Rio de Janeiro: Imprinta Gráfica e Ed., 1984. pg 80.
- OSTER, Louis. *Les opéras du répertoire courant: contenant l'analyse de 110 opéras de 58 compositeurs*. Paris: Ed. du Conquistador, 1951.
- PARIS, Gaston. *Récits (extraits) des poètes et prosateurs du Moyen Age mis en français moderne*. Paris: Ed. Hachette, 1936.
- PAVIS, PATRICE. *Dicionário de teatro*. Trad. J. Guinsburg e M.L.Pereira. 1ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999.
- PEIRCE, Charles Sanders. *La ciência de la Semiótica*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1974.
- PEIXOTO, F. *O que é Teatro?* São Paulo: Ed. Nova Cultura/Brasiliense, 1986.
- PIERRON, Agnès. *Le Théâtre, ses métiers, son langage*. Paris: Ed. Hachette, 1994.
- PIGNARRE, Robert. *Histoire du Théâtre*. 99ª ed. Coll. Que sais-je? nº 160. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1995.
- PISTONE, Daniele. *Le Théâtre Lyrique Français, 1945-1985*. Coll. Musique-Musicologie. Paris: Ed. Honoré Champion, 1987.
- Popper, Karl R. *Universo aberto*. 1988.
- POULENC, Francis. *Dialogues des carmélites. L'Avant Scène-Opéra*. Paris: nº 52 maio, 1983.
- PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro brasileiro moderno*. 2ª edição. Col. Debates. 211. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1996.
- PRADO, Décio de Almeida. *Procópio Ferreira*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- RATTO, Gianni. *Antitratado de cenografia: variação sobre o mesmo tema*. 1ª ed. São Paulo: Editora Senac. 1999.
- Revue L'Avant Scène Opéra. Pelléas et Mélisande/Opéra*. Compositor Debussy, Paris, 1977.
- ROPS, Daniel. *Claudiel tel que je l'ai connu*. Paris: Ed. Le Roux, 1957.

- ROSTAND, C. *Darius Milhaud: em pauta*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.
- ROUBINE, Jean-Jacques. *A Arte do Ator*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990.
- ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral 1880-1980*. Trad. Yan Michalski. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.
- ROY, Jean. *Le groupe des six: Poulenc, Milhaud, Honegger, Auric, Tailleferre, Durey*. Coll. Solfèges. Paris: Ed. Seuil, 1994.
- Rudio, F.V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.
- RYNGAERT, J.-P. *Introdução à análise do teatro*. (Tradução para o português de P. Neves) Livr. Martins Fontes Ed. S.A., 1995.
- Santa Teresa do Menino Jesus - "*Não morro... entro na vida*". (Últimos Colóquios). S.Paulo: Ed. Paulinas, 1982.
- SENECHAUD, Marcel. *Le nouveau répertoire lyrique. Opéra, Opéra-Comique, Opérette*. 2ª ed. Paris: Ed. Librairie Théâtrale, 1952.
- SILVA, Armando Sérgio da. *Oficina: do Teatro ao Te-Ato*. Col. Debates nº 175. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1981.
- SIMON, M. Manoel Bandeira. *Poètes d'aujourd'hui*. Paris: Ed. Seghers, 1965.
- SOLEIL, JEAN JACQUES & LELONG, GUY. *As obras primas da música*. Trad. E. Brandão. 1ª ed. São Paulo: Martins fontes Editora. 1992.
- SONREL, Pierre. *Traité de scénographie*. Paris: Ed. Libr. Théâtrale, 1944.
- SOURIAU, Etienne. *A correspondência das artes: elementos de estética comparada*. Trad. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1983.
- SOURIAU, Etienne. *Chaves da estética*. Trad. Cesarina Abdalla Belém. Col. Chaves da Cultura Atual. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1973.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Trad. Ingrid Dormien Kondela e Eduardo José de Almeida Amos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1987.
- SURER, P. *Le Théâtre français contemporain*. 5ª edição. Paris: Société d' Ed. et d'Enseignement Supérieur, 1964.

- Théâtre Populaire? *Les années Vilar*. Paris: Bibliothèque de travail second degré, n° 169, 1984.
- THORAVALL, J. *Les grandes étapes de la civilisation française*. Paris: Bordas, 1978, (capítulo: *Le mouvement Dada et le Surréalisme*, pg.504)
- TIEGHEM, Philippe Van. *Technique du Théâtre*. Coll. Que sais-je? n° 254. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1960.
- TOSI, G. *Debussy et D'Annunzio*. Correspondance Inédite. Paris: Ed. Denoël, 1948.
- UBERSFELD, Anne. *Les termes clés de l'analyse du Théâtre*. Paris: Ed. du Seuil, 1996.
- VAN TIEGHEM, Philippe. *Les grands acteurs contemporains (1900-1960)*. Coll. Que sais-je? n° 887. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1960.
- VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de Teatro*. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM Editores S/A, 1987.
- VIEGNES, M. *Le Théâtre. Problématiques essentielles*. Paris: Ed. Hatier, 1992.
- VILAR, Jean. *De la tradition théâtrale*. Paris: Ed. l'Arche, 1955.
- VILLIERS, André. *L'Art du Comédien*. Coll. Que sais-je? n° 600. Paris: Ed. Presses Universitaires de France (PUF), 1953.
- WARNOD, André. *Yves-Bonnat: La technique au service de la personnalité*. Coll. Les décorateurs de Théâtre. Paris: Ed. Presses Littéraires de France, 1954.
- WEBER, Edith. *La recherche musicologique: objet méthodologie normes de présentation*. Col. Guides Musicologiques, Paris: Ed. Beauchesne, 1980.
- WEISWEILLER, Carole. *Je l'appelais Monsieur Cocteau*. Paris: Ed. du Rocher, 1996.
- WERTHER, Jules Massenet. *L'Avant Scène-Opéra*. Paris: n° 61. março, 1984.
- WOLFFLIN, H. *Conceitos Fundamentais da História da Arte*. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

Entrevistas

Edgard de Brito Chaves Junior, autor de *Memórias e Glórias de um Teatro e Sessenta Anos de História do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*, conheceu Henri Doublier no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, admira seu trabalho. Dos espetáculos apresentados assistiu, em forma de concerto ou oratório: *Jeanne au bûcher*, *Les Choéphores*, *Villegagnon*, *Thérèse l'Amour de Dieu*; de encenações líricas (criações no Brasil) assistiu: *Le martyre de Saint Sébastien*, *Dialogues des carmélites*, *Le fou*, *Saint Louis, roi de France*; assistiu outras encenações líricas: *Carmen*, *Manon*, *Faust*, *Werther*, *La damnation de Faust*. Sobre os espetáculos ele considera as encenações "despojadas, mas Doublier sabe aproveitar e redimensionar o espaço cênico", a interpretação dos artistas, cantores e músicos é "muito boa, havia uma chama interna que animava os artistas, que os levaria perto da perfeição com destaque para Claude Nollier"; a direção musical de Jacques Pernoo é "discreta, sem comprometer nunca a partitura"; a cenografia e os costumes de George Wakhewitch são "bem lançados, dentro da concepção histórico - social do espetáculo"; a interpretação de Henri Doublier quando recitante ou ator é "excelente, um dos maiores atores a que já assisti". Edgard de B. Chaves Junior acrescenta "tenho 60 anos de idade, e desde os doze frequento teatro de modo geral: prosa, ópera, ballet, concertos, recitais. Henri Doublier foi uma das maiores expressões cênicas a que já assisti. Possuo uma grande panóplia, com várias fotos de diversas fases de minha vida. Entre estas fotos, há duas, de 1961, após uma representação de *Jeanne au bûcher*, ainda noivo de minha esposa, com Henri Doublier, Claude Nollier e Jacques Pernoo. Até hoje guardo na memória as vozes mágicas de Doublier e Nollier "*Jeanne, Jeanne.... - Qui m'appelle?*" são sensações que acompanham por toda a vida. Espero que o bom Deus cubra Henri Doublier com suas bençãos".



Orlando Miranda de Carvalho, diretor do Teatro Princesa Isabel, conheceu Henri Doublier no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com quem teve um relacionamento pessoal e profissional. Dos espetáculos apresentados, assistiu em forma de concerto ou oratório: *Jeanne au bûcher*, *Le Roi David*, *La danse des morts*; de encenações líricas (criação no Brasil): *Le martyre de Saint Sébastien*, *Jeanne au bûcher*; de encenações teatrais *L'avare* e *Recital Baudelaire*. Participou como diretor do Teatro Princesa Isabel quando foi apresentado, em 1968 o recital *Baudelaire* e em 1969 *O avarento*. Sobre os espetáculos de Henri Doublier, ele diz que "Doublier sempre se mostrou um diretor com ampla visão cênica acompanhada de uma sensibilidade que o tornam um perfeito diretor do espetáculo total"; que a interpretação dos artistas, cantores e músicos "são os reflexos de um diretor que se faz entender com facilidade"; que Doublier quando recitante ou ator é "um poeta da palavra. Diz como ninguém um texto. Valoriza palavra por palavra". Acrescenta que Doublier "adorando o Brasil, seus espetáculos eram escolhidos com amor e com amor os apresentava"; o diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, relacionado com intercâmbio cultural Brasil/França é Murilo Miranda "o maior animador cultural que tenho conhecimento. Foi o que mais propiciou intercâmbio cultural entre Brasil e França".

José Antônio Rezende de Almeida Prado, compositor dos oratórios *Villegagnon* ou *Les isles fortunées* (1971) e *Thérèse l'amour de Dieu* (1973) em parceria com Henri Doublier, comenta que "Henri Doublier é uma pessoa de grande cultura e um grande humanista". Afirma que seus trabalhos com Henri Doublier "foram experiências absolutamente geniais para minha vida de compositor" e que as interpretações de "Maria D'Apparecida, Cécile Demay, foram impressionantes. Victoria Kerbaux e Lenice Prioli, em *Thérèse*, no Rio, também foram maravilhosas". Considera que a direção musical de Jacques Pernoo foi "muito eficaz, excelente músico" e que a interpretação de Henri Doublier quando recitante ou ator foi "inesquecível. A atuação de Henri era o ponto alto do espetáculo. *Le grand seigneur!*". Acredita que a permanência de Doublier no Brasil deve-se a "receptividade do público, ao calor humano que Henri dizia encontrar aqui". Destaca Murilo Miranda como foi o mais relacionado com intercâmbio cultural Brasil/França. E observa "o trabalho artístico de Henri Doublier sempre foi voltado para a beleza, a harmonia do texto e música. Nunca encontrei outro Henri Doublier. Ele é único".



Marina Marques, chefe de coro, conheceu Henri Doublier no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Dos espetáculos apresentados assistiu *Jeanne au bûcher*, *Dialogues des Carmélites*, *Carmen*, *Manon*, *Faust*, *Werther*, *La damnation de Faust*. Participou como chefe de coro dos espetáculos líricos e considera as encenações de Doublier "excelentes, trabalho bastante sério, me recordo também do Sr. Jacques Pernoo"; a interpretação dos artistas, cantores e músicos "bastante profissional"; a direção musical de Jacques Pernoo "muito boa, me lembro do trabalho em conjunto"; a interpretação de Doublier quando recitante ou ator era excelente". Os diretores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro que são relacionados com intercâmbio cultural Brasil/França são Murilo Miranda e Antonio Vieira de Mello. E observa "o tempo em que assisti aos espetáculos de Monsieur Doublier, realmente o Teatro Municipal estava numa fase muito boa. Foi uma época de grandes espetáculos, destacando-se os excelentes franceses".



Maria Luíza de Castro Andrade, conheceu Doublier na Associação de Canto Coral (ACC) e como jornalista do jornal *O Globo*, em 1960. Teve um relacionamento com o artista através de trabalho no coral e de amizade, que dura até hoje, pois acredita que o diretor conquista a todos com sua jovialidade contagiante. Dos espetáculos apresentados no Brasil, assistiu *Jeanne au bûcher*, em 1960 e em 1961, *Le Roi David* em 1962 e em 1964, *La danse des morts*; *Le martyre de Saint Sébastien*, *Dialogues des Carmélites*, e novamente *Jeanne au bûcher*. De todos os espetáculos em forma de concerto ou oratório e do primeiro em forma de encenações líricas participou no coro da ACC. Ela considera Henri Doublier "um grande talento a serviço do teatro. Conhecia a fundo o *métier*"; a interpretação dos artistas, cantores e músicos "da melhor qualidade, dando aos espetáculos homogeneidade e grandeza". Descrevia a direção musical de Jacques Pernoo como "excepcional. Meticuloso nos ensaios, não deixava passar nada. Grande empatia com o coro e a orquestra. Até hoje é lembrado por todos que o conheceram"; a cenografia e os costumes de George Wakhewitch manifesta "grande criatividade e originalidade". Diz que Henri Doublier quando recitante ou ator tinha "uma bela voz, uma bela figura, um grande domínio no palco. Hipnotizava a plateia". Na sua opinião o que trouxe Henri Doublier ao Brasil foi o desejo de unir as duas culturas, de divulgar o melhor do gênio francês. Acredita que Murilo Miranda foi o diretor do Teatro Municipal do Rio e Janeiro que propiciou um dos maiores intercâmbio cultural França/Brasil, pois era um admirador da cultura francesa. Segue a observação "o contato com os franceses em 1960-65 impulsionou muitos membros do coral a se interessar mais pela França. Alguns se tornaram bolsistas do Governo Francês (eu inclusive, no Centro de Formação de Jornalista em Paris). Cada ano, era uma festa a chegada dos franceses, sobretudo de Henri Doublier e de Jacques Pernoo. Festas, jantares, passeios e excursões eram programadas carinhosamente pelos membros da Associação de Canto e Coral. Eram como familiares que morassem no exterior. Até hoje me correspondo com Jacques Pernoo. Lembro-me de um dia de ensaio em que Cleofe Person de Mattos, diretora da ACC, recém-chegada da Europa (1960) nos comunicou "conheci um excelente regente francês nesta viagem.

Conversamos sobre a possibilidade de ele vir reger alguns oratórios à frente da associação. Ele se interessou muito e tem grande vontade de conhecer o Brasil. Vamos batalhar para trazê-lo. Seu nome é Jacques Pernoo".



Yedda Braga Miranda, esposa de Murilo Miranda, conheceu Henri Doublier em sua casa, em 1965, manteve um relacionamento muito amigável. Assistiu as encenações líricas de *Le martyre de Saint Sébastien*, *Dialogues des Carmélites*, *Jeanne au bûcher*, e *Carmen*. Teve maravilhosas impressões das encenações de Henri Doublier, com as excelentes interpretações dos artistas, cantores e músicos. Achou perfeita e completa a direção musical de Jacques Pernoo, e majestosa a cenografia e os costumes de George Wakhewitch. Quanto a Henri Doublier como recitante ou ator, sua impressão era que chegava a perfeição. A seu ver Henri Doublier escolhia os espetáculos a serem apresentados no Brasil por conhecer a platéia. Comentou ao telefone o quanto o marido se empenhou para trazer, ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, espetáculos de qualidade em intercâmbio cultural França/Brasil, proporcionando à platéia nacional obras inéditas.



Osmar Ferreira conheceu Doublier e Jacques Pernoo no Rio de Janeiro por ocasião da segunda apresentação de *Le Roi David*, em 1962. Teve um relacionamento belíssimo de amizade, tornou-se seu *compère*, padrinho do filho de Henri Doublier, Dominique. Assistiu *Jeanne au bûcher* em 1960 e em 1961, *Le Roi David* em 1962 e em 1964, *La danse des morts*, *Les Choéphores*, *Villegagnon*, *Thérèse l'amour de Dieu*, *Le martyr de Saint Sébastien*, *Dialogues des Carmélites*, *Jeanne au bûcher*, *Saint Louis*; *Carmen*, *Manon* em 1967 e em 1971, *Faust* em 1967 e em 1972, *Werther* e *La damnation de Faust*. Participou como cantor da Associação de Canto Coral (ACC) dos quatro primeiros espetáculos de oratórios, e dos tres primeiros de encenações líricas. Sobre as encenações de Henri Doublier esclarece que "posso dizer pouco porque fazia parte do espetáculo, no coro. Repito o que a crônica especializada escreveu, sempre enaltecendo o trabalho do artista". Informa que "grande parte dos artistas vieram da França, com o apoio das *Affaires Culturelles*. A ACC estava em grande forma, bem como a Orquestra Sinfônica Brasileira e Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro". Considera Jacques Pernoo "grande *métier*, músico muito seguro." Comentou a lembrança de quase todos os momentos do espetáculo *Le martyr de St. Sébastien*." Comenta que a cenografia e os costumes de George Wakhewitch tem "grande qualidade e perfeição" e que Doublier é um "grande ator e recitante". Na sua opinião o que trouxe Henri Doublier ao Brasil foi a grande influência de Cleofe Person de Mattos, diretora da ACC, bem como de Jacques Pernoo; a escolha de *Le martyr de Saint Sébastien* se deveu à comemoração do IV Centenário do Rio de Janeiro, cujo patrono é São Sebastião. Diz que os diretores do Teatro Municipal do Rio de Janeiro que realizaram maior intercâmbio cultural França/Brasil foram Rodrigo da Silva Torres, Murilo Miranda, Antônio Vieira de Mello e Henrique S. Morelebaum.



DEPOIMENTOS

Depoimento de **Pierre Claudel** 19/10/70 (após leitura do livreto de Saint Louis, rei da França)

C'est remarquable. C'est génial. C'est hautement inspiré. L'oeuvre ne quitte jamais les sommets. Je vous faisais pleine confiance mais tout ce que j'attendais est dépassé. Pour Milhaud c'est un sujet d'inspiration extraordinaire. Il doit être fou de joie, car il a enfin le grand sujet d'oratorio qu'il cherchait depuis tant d'années. A la seule lecture, je suis bouleversé. C'est la grande oeuvre qu'on attendait. L'année 1971 sera celle de la création de Saint Louis? Je suis enthousiasmé. Je vous félicite. Il n'y a rien à dire. C'est parfait. Vous avez trouvé une parfaite vérité dans l'équilibre de l'oeuvre. C'est formidable. C'est génial. C'est extraordinaire. Les dialogues que vous avez écrits sont souvent d'une étonnante poésie et la poésie de mon père acquiert, dans la bouche de nos personnages, une étonnante vérité dramatique. La scène des "Deux épouses du Roi" m'apparaît comme la plus belle scène d'amour que je connaisse. L'inspiration que vous avez eu pour "Le grand air" de la Reine Marguerite peut souffrir la comparaison avec le texte de mon père que vous avez consacré pour les "grand air" du Roi et de la France. L'équilibre entre ces 3 passages est parfait. Le rythme de chaque partie est excellent. On sent un but, une contraction, une maîtrise, un équilibre, malgré les oppositions et les diversités. Votre sens du rythme, de la musique à faire est un atout considérable pour la composition. Telle quelle, l'oeuvre a une vie, déjà! Nous vivons là une très grande chose. Je suis heureux. Je vous félicite. Mon père penserait qu'il a bien rempli sa mission puisque son inspiration a su donner naissance à votre inspiration et a su si parfaitement vous inspirer. Je vais écrire aussitôt à Milhaud mon enthousiasme. C'est Jeanne au bûcher, c'est Christophe Colomb. L'oeuvre va faire le tour du

*monde. C'est l'oeuvre qu'on attend. C'est d'une modernité! Je viens de vivre un grand moment! Tout y est grand!*¹

¹ É notável. É genial. Altamente inspirada. A obra não deixa nunca o ápice. Eu tinha plena confiança no seu trabalho, mas está melhor do que esperava. Para o Milhaud, isto é um tema de inspiração extraordinário. Deve estar muito feliz pois é um grande oratório que ele desejava há muito tempo. Só a leitura do texto já me deixou transtornado. É a grande obra que nos todos aguardávamos. O ano de 1971 será o ano da criação de Saint Louis ? Estou entusiasmado e o felicito. Não há nada a acrescentar. É perfeito. É genial. É extraordinário. Os diálogos que você escreveu são de uma espantosa poesia e a poesia de meu pai adquire, na fala de suas personagens, uma poderosa verdade dramática. O quadro das "duas esposas" do Rei me parece a mais bela cena de amor que já conheci. A sua inspiração para *le grand air* da rainha Marguerite pode ser comparado como o texto do meu pai que você consagrou para os *grand air* do Rei e da França. O equilíbrio entre essas três passagens é perfeito. O ritmo de cada parte é excelente. Sente-se um objetivo, uma contração, um domínio, um equilíbrio, apesar das oposições e diversidades. Seu senso do ritmo, da música é um trunfo considerável para a composição. Tal qual, a obra já tem vida! Nos estamos vivenciando um grande momento. Estou feliz. Felicito-o pois meu pai acreditaria que cumpriu bem a sua missão já que a inspiração dele deu luz a sua inspiração e soube perfeitamente inspirá-lo. Vou escrever já ao Milhaud para dizer do meu entusiasmo. É como *Jeanne au bûcher*, como *Christophe Colomb*. A obra fará a volta ao mundo. É a obra que todos nos esperávamos. É de uma grande modernidade! Estou vivendo um grande momento. Tudo isso é uma grandeza! (trad.autora)

Depoimento de **Dominique Besse** em 24/06/93 (Adida Cultural no Consulado da França em São Paulo)

Henri Doublier, né em 1926, à Chambéry, a commencé ses études théâtrales sous l'orientation de Louis Jouvet et de René Simon, entre 1946 et 1949. Acteur, metteur en scène, auteur, il est particulièrement connu par son interprétation de Jeanne au bûcher, par ses mises en scène dramatiques et lyriques, (il a travaillé avec Montherlant, Claudel, Cocteau, dont il a reçu l'hommage), ses créations comme Villegagnon et Thérèse l'amour de Dieu avec le compositeur brésilien José Almeida Prado. Depuis 1960, son action en matière de création et de présentation théâtrale est intimement liée au Brésil; invité chaque année, il y a présenté les grandes pièces du répertoire français, et a travaillé en constante collaboration avec les artistes brésiliens. Malgré la maladie qui l'éloigne de la vie artistique, depuis 1973, Henri Doublier, après avoir présenté sur France Culture une adaptation radiophonique de la pièce Jef à l'âne, de l'auteur brésilien Dias Gomes, a réalisé une adaptation de cette pièce em opéra em 2 actes sur une musique de Eduardo Escalante, compositeur d'origine argentine et avec la collaboration de Marie Jeanne Calasans, intitulé La parole donnée, ou Le pagador de promessas. Henri Doublier a donc à la fois marqué la culture brésilienne et très fortement contribué, par son action, à la diffusion de la culture française au Brésil. Je souhaite vivement que l'oeuvre citée ci-dessus, qu'il présente dans sa version française et portugaise, puisse être étudiée dans une perspective de production.²

² Henri Doublier nasceu em 1926, em Chambéry. Começou os seus estudos teatrais sob orientação de Louis Jouvet e de René Simon, entre 1946 e 1949. Ator, diretor, autor, é conhecido pela sua interpretação de *Jeanne au bûcher*, por suas direções dramáticas e líricas, (ele trabalhou com Montherlant, Claudel, Cocteau do qual foi homenageado), por suas criações como *Villegagnon* e *Thérèse l'amour de Dieu* e com o compositor brasileiro José Almeida Prado. Desde 1960, sua ação na criação e apresentação teatral está ligada intimamente com o Brasil; convidado cada ano, ele apresentou peças clássicas e óperas do repertório francês e trabalhou em constante colaboração com artistas brasileiros. Apesar da doença que o afastou da vida artística desde 1973, Henri Doublier, após ter apresentado na France Culture, uma adaptação radiofônica da peça *Jef à l'âne* (O pagador de promessas), de Dias Gomes, realizou uma adaptação dessa peça em ópera, em dois atos com uma música de Eduardo Escalante, compositor de origem argentina, com a colaboração de Marie Jeanne Calasans, intitulada *Jef à l'âne, ou la parole donnée*. Henri Doublier difundiu a cultura brasileira na França e a cultura francesa no Brasil. Desejo muito que a obra, acima citada, que ele apresenta em versão francesa e portuguesa, seja estudada numa perspectiva de produção. (trad. autora)

Depoimento de **Madame Chamousset** em julho de 1994 (amiga, vizinha e locatária de Henri Doublier)

Je suis venue à Chambéry en 1934. Il y avait alors, une population d'à peu près 35.000 habitants, celle ci plutôt riche. Je n'avais pas beaucoup de relations. Monsieur Doublier, père, était un homme très travailleur, serrurier de son métier, un peu autoritaire et aimait la vie en famille. Madame Doublier, sa femme, était une personne très aimable, aimant le contact avec ses amis. Ils avaient deux fils, Roger et Henri. Roger, l'aîné avait suivi des études de notaire, puis était parti dans le Midi de la France. Marié, divorcé, il était parti dans les colonies, en mission, comme conseiller du Roi du Cambodge. Il a vécu beaucoup de péripéties dans sa vie. Henri, né en 1926, était un très bon étudiant. Ses parents, surtout sa mère, étaient contents qu'il se dirige vers le théâtre. Son frère n'avait pas d'influence sur lui. Pendant la guerre 1940-45, la famille n'a pas souffert trop de privations car elle vivait du commerce du père. Après le lycée, Henri a suivi le Conservatoire où il a fait la connaissance de Cécile Hurtu et de sa famille en 1942. Leurs goûts communs les ont dirigés vers les mêmes projets. A la fin de la guerre, en 1946, Henri et Cécile sont partis à Paris pour continuer leurs études et leurs projets. Il n'y avait pas beaucoup de commentaires sur les jeunes à ma connaissance, à Chambéry, mais je me souviens bien de Jeanne au bûcher et du Dialogues des carmélites. Tout allait très bien pour les deux et ils avaient beaucoup d'avenir. Par la suite, ils ont fait des tournées un peu partout en Europe. Après la guerre, la ville de Chambéry a prospéré. Les parents Doublier sont restés seuls dans la villa mais quand leurs enfants étaient libres, ils venaient y passer leurs vacances. Ensuite, Madame Doublier mère, malade, est décédée en février 1961 à Cap d'Aïl. Henri a été très affecté par la mort de sa mère. Sur l'accident de Cécile, survenu en 1971, je n'ai pas trop de renseignements. Henri a fait la connaissance d'Elisabeth, ensuite tracassé d'avoir à prendre une décision entre Cécile et sa petite amie, très jeune, il est tombé malade en 1973. Le dénouement de cela fut le divorce d'avec Cécile en juillet 1975 et le remariage avec Elisabeth, à Chambéry, en décembre 1975, contre le gré d'Henri qui tenait

*toujours à Cécile et n'était pas capable de faire autrement. Henri et Elisabeth sont restés à Chambéry, dans la villa avec Monsieur Doublier père, mais comme il n'y avait pas d'entente, ils sont partis à Agadir. Henri ne supportant pas la vie qu'ils y menaient est parti au Brésil en 1979 chez des amis qu'il avait. Ensuite, il est revenu à Chambéry vers son père, mais vu son état, il ne pouvait pas s'occuper de lui et sur les insistances d'amis, Cécile l'a repris à Nice où elle habitait (après son divorce d'avec Elisabeth). Monsieur Doublier père est décédé en 1985. Henri et Cécile sont venus habiter la villa mais pas remariés. Henri a beaucoup de mérite et de volonté pour son métier, malgré son état de santé. Cécile, également en a beaucoup, car elle s'occupe de ses papiers et de tout ce qui le concerne et ce dont il ne peut s'occuper lui-même.*³

³ Cheguei em Chambéry em 1934. Existia, então, uma população em torno de 35.000 habitantes, de classe rica em sua maioria. Eu não tinha muitos contatos. O Senhor Doublier, pai, era um homem muito trabalhador, chaveiro e serralheiro de profissão, um pouco autoritário e que gostava da vida em família. A Senhora Doublier, sua esposa, era pessoa muito amável, de fácil contato com os amigos. Tinham dois filhos, Roger e Henri. O primogênito estudou Direito e trabalhava como tabelião. Depois partiu para o sul da França. Casado, divorciado, foi embora para as colônias francesas e durante algum tempo foi conselheiro do rei do Camboja. Viveu várias aventuras durante sua vida. Henri, nascido em 1926, era um excelente estudante. Seus pais, principalmente sua mãe, estavam felizes em vê-lo dirigir-se para a vida teatral. Seu irmão não tinha influência sobre ele. Durante a guerra 1940-1945, a família não sofreu muitas privações, pois vivia do comércio do pai. Depois do Liceu, Henri estudou no Conservatório onde conheceu Cécile Hurtu e sua família, em 1942. Suas inclinações os encaminhavam em direção aos mesmos projetos. No fim de guerra, em 1946, Henri e Cécile foram para Paris para continuar seus estudos. Não se fazia muitos comentários sobre os jovens naquela época, em Chambéry, porém lembro-me bem de *Jeanne au bûcher* e de *Dialogues des carmélites*. Tudo estava indo bem e parecia que teriam um bom futuro. Fizeram várias turnês pela Europa. Depois da guerra, a cidade de Chambéry prosperou. Os pais ficaram só em sua casa, entretanto quando seus filhos podiam, vinham passar as férias. Depois a Senhora Doublier ficou doente e faleceu em fevereiro de 1961 em Cap d'Ail. Henri ficou muito abalado com a morte da mãe. Sobre o acidente ocorrido com Cécile em 1971, tenho poucas informações. Henri conheceu a Elisabeth e tempos depois, atormentado de ter que tomar uma decisão entre Cécile e a sua namorada que era muito jovem, ficou doente em 1973. O desfecho foi o divórcio de Cécile, em julho de 1975 e o casamento com Elisabeth, em Chambéry, em dezembro do mesmo ano, contra a vontade de Henri que ainda gostava da Cécile, mas não podia fazer de outro modo. Henri e Elisabeth ficaram em Chambéry com o Senhor Doublier pai, porém como o relacionamento era difícil, os dois partiram para Agadir, no Marrocos. Henri, tendo dificuldades em adaptar-se à vida que levavam lá, foi embora para o Brasil em 1979, para a casa de amigos. Voltou depois para a casa do pai, em Chambéry, mas como este não podia cuidar dele e aconselhado por amigos, voltou a viver com Cécile em Nice, onde ela morava, isto após o seu divórcio com a Elisabeth. O Senhor Doublier, pai, faleceu em 1985. Henri e Cécile vieram morar na propriedade em Chambéry. Henri tem muita força de vontade e mérito em sua profissão apesar do seu estado de saúde. Cécile também, pois cuida dele, de suas coisas e de tudo o que lhe diz respeito e do que ele não pode cuidar sozinho.

Depoimento de **Maria d'Apparecida** (cantora) em 14/09/1992) em Paris

Chère Madame, c'est bien vrai que j'ai eu la joie! De travailler très souvent avec Henri Doublier – on a même créé le très beau oratorio d'Almeida Prado et Henri Doublier à plusieurs Festivals, en France au Municipal de Rio. Jadis j'ai chanté dans le aussi dans le “Roi David” et “Jeanne au bûcher d'Honegger, avec Henri Doublier qui a été le moteur de l'entreprise, au “Mai Musical de Bordeaux”. Bien sûr! Que je suis tout a fait disposée à rendre hommage à ce Grand Artiste, mais... que voulez-vous exactement de moi? Que voulez- vous que je fasse? Ayez la bonté de me faire savoir quoi et j'attends donc de vos nouvelles. ⁴

⁴ Prezada Senhora, é verdade que tive a alegria de trabalhar freqüentemente com Henri Doublier. Apresentamos juntos o belo oratório de Almeida Prado e Henri Doublier em vários festivais na França e no Municipal do Rio. Outrora, cantei também no *Roi David* e *Jeanne au bûcher* de Honegger com Henri Doublier que foi o motor desse empreendimento, no *Mai Musical de Bordeaux*. Naturalmente, estou disposta a homenagear esse Grande Artista, porém ... que devo fazer exatamente? Queira me dizer o que. Espero notícias.

Depoimento de **Roger Cotte** (professor e musicólogo) em setembro de 1992

Ce fut en 1973. L'Association de Amis de Mozart et des Maîtres Classiques projetant une reconstitution du célèbre Ballet Comique de la Reine (XVI^e siècle) que j'avais déjà réalisé pour l'Opéra de Liège quelques années auparavant, nous présenta l'un à l'autre. Je fus immédiatement conquis par ce collaborateur "parachuté" d'une courtoisie et d'une patience infinies, dont tout le monde attendait un travail de tout premier ordre, autant sur le plan théâtral qu'historique. Comme toujours, avec les organisations, très vite devenues confiantes et amicales, nous entraînaient vers d'autres projets, chers à tous deux. Le brutal accident de santé de Henri nous sépara provisoirement. Sitôt remis sur pied, il reprit ces nouveaux projets, qui furent alors présentés en France et à l'étranger, en Europe, puis enfin au Brésil avec bonheur. Roger Cotte.⁵

⁵ Foi em 1973. A *Association des Amis de Mozart et des Maîtres Classiques* estava projetando uma reconstituição do célebre *Ballet Comique de la Reine* (século 15) que eu já tinha realizado para o *Opéra de Liège* alguns anos antes. Esse fato nos aproximou. Eu fui imediatamente conquistado por esse colaborador "descido de pára-quedas" e de uma cortesia e paciência infinitas, do qual todos esperavam um trabalho de primeira ordem, tanto no plano teatral quanto no plano histórico. Como de costume, com o trabalho conjunto, ficamos logo amigos e isto nos levou a outros projetos que nos eram caros. O brutal acidente de saúde do Henri nos separou provisoriamente. Logo que o estado dele melhorou, foram elaborados novos projetos apresentados na França, na Europa e outros países, assim como no Brasil, com sucesso.

Depoimento de **Cleofe Person de Mattos** (Diretora Artística da Associação de Canto Coral) Rio de Janeiro, outubro de 1992

Entre 1960 e 1973, o Rio de Janeiro teve o privilégio de contar com a atuação periódica de artistas franceses na apresentação de um repertório da mais alta qualidade. Vinham por iniciativa da Associação de Canto Coral e tinham o apoio da Embaixada da França, do Itamarati ou do Teatro Municipal da cidade. Compunham o grupo: Jacques Pernoo, regente, Claude Nollier, atriz, e Henri Doublier, que este mês estará completando 50 anos de carreira artística. A presença de Henri Doublier foi sempre marcante: sua bela voz, a figura inconfundível, uma concentração artística total, que levou Jean Cocteau a chamá-lo *L'ambassadeur des poètes*. Gavoty classificou-o como *des meilleurs diseurs de notre époque*. Entre as obras que Henri Doublier apresentou no Brasil deve-se salientar o papel de *Frère Dominique* - da *Jeanne d'Arc au bûcher*, musique de *Arthur Honegger sur texte de Paul Claudel* - por ele criado na *Opéra de Paris*. Três vezes foi repetido esse Oratório no Rio de Janeiro, em 1960 (com regência de Lamberto Baldi), e as outras duas já com Jacques Pernoo. Henri Doublier será o protagonista de outras obras do mesmo compositor: *Le roi David* (texto de René Morax) e *La danse des morts*, com texto de Paul Claudel. Ambas em 1964. Em 1965, o Rio de Janeiro festejava o 4º Centenário da cidade. Novamente vêm os artistas franceses - entre os quais figurou a Cécile Demay - para a apresentação de *Le martyre de St. Sébastien*. Música de Debussy sobre texto de D'Annunzio. Era a primeira apresentação mundial do texto do poeta italiano, em versão conjunta de Jacques Pernoo e Henri Doublier. Da execução do oratório participou, como São Sebastião, a bailarina Geneviève Page. Mas a figura de Henri Doublier, como César, vestido com imperial manto escarlate, ao descer a escadaria construída no palco do Teatro Municipal é inesquecível para quem assistiu à peça. Apresentou-se Henri Doublier pela última vez com seu grupo de artistas franceses em 1969, na apresentação de *Les Choéphores*, oratório de Darius Milhaud - compositor de quem se comemora este ano o centenário - com texto, uma vez mais, de Paul

Claudel, baseado em Esquilo. É o que temos a dizer ao ensejo do cinquentenário de Henri Doublier, lembrando como foi importante, no Rio de Janeiro, a contribuição desses artistas na difusão da Cultura Francesa no Brasil. A contribuição de Jacques Pernoo, tanto quanto a de Claude Nollier, deixou um rastro de admiração que se junta à figura de Henri Doublier para torná-la mais expressiva.



Depoimento de Orlando Miranda de Carvalho (1993)

Acusamos recebimento de sua carta, onde nos é informado estar em andamento a promoção de justa homenagem a cargo da municipalidade de Chambéry, comemorativa dos 50 anos de atividade artística do Sr. Henri Doublier. Nós desfrutamos do prazer de conviver, aqui no Brasil, com o Sr. Henri Doublier, por ocasião da montagem de *O Avarento*, de Molière, interpretado pelo grande ator brasileiro, Procópio Ferreira. Foi uma conjunção de talentos! Somaram-se às qualidades do texto, a direção segura que o Sr. Henri Doublier imprimiu ao espetáculo, a interpretação de Procópio Ferreira e o apoio de um elenco de grandes méritos artísticos, o que assegurou o grande sucesso alcançado. Em outras ocasiões, o Sr. Henri Doublier dirigiu a parte artística de espetáculos de ópera, apresentados no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sempre merecedores da consagração do público e da crítica especializada. A par do conhecimento e da grande sensibilidade demonstradas, o Sr. Henri Doublier cativou-nos por sua extraordinária personalidade, espírito de camaradagem e a rapidez com que se integrou ao nosso meio artístico e à nossa cultura, dos quais sempre se manifestou admirador. Acreditamos que o material que dispomos para registrar sua passagem aqui no Brasil por ocasião da montagem de *O Avarento*, ele também o possui: programas, registros em jornais etc. Em todo o caso, colocamo-nos à disposição para colaborar. A carta que a senhora nos enviou veio de encontro a um projeto que vimos elaborando com o propósito de fazer justiça ao valor de contribuição às artes prestada pelo Sr. Henri Doublier, em especial por sua atividade dentro do movimento teatral carioca, objetivando propor à Assembléia do Estado do Rio de Janeiro que lhe seja concedido o Título de Cidadão Carioca. Para tanto, fazem-se necessárias algumas informações a respeito da pessoa do Sr. Henri Doublier (dados pessoais: nome completo, local e data do nascimento etc) aspectos de sua carreira e também informes mais detalhados a respeito das óperas das quais participou como diretor, aqui no Brasil, material este que não dispomos. Se a senhora tiver oportunidade de se comunicar com o Sr. Henri Doublier ou, ao menos, fornecer-nos seu endereço, muito lhe agradeceríamos. Em anexo,

enviamos um folheto distribuído por ocasião de homenagem idêntica prestadas pela Assembléia do Estado do Rio de Janeiro, a fim de proporcionar uma idéia geral das informações necessárias. Valemo-nos de oportunidade para solicitar-lhe que transmita ao Sr. Henri Doublier nossos parabéns pela brilhante carreira e, mais uma vez, nossos agradecimentos por sua participação no movimento artístico brasileiro.



Depoimento de **Maria Luiza de C. Andrade** (jornalista) em 12/09/1992) no Rio de Janeiro.

Conheci Henri Doublier na década de 60, quando o jornal em que eu trabalhava me mandou entrevistar o “jovem diretor de teatro francês”. A primeira impressão que guardo desse encontro só fez se confirmar com o passar dos anos: “É um carioca disfarçado de francês.” A malícia, a extroversão, a exuberância, tudo nele se encaixava como uma luva no astral do Rio. Até hoje, quando o vejo desembarcar no aeroporto de nossa cidade tenho a sensação de que ele está chegando em casa.



Depoimento de **Eduardo Escalante** (compositor) em 29/09/1992) em São Paulo

Doublier, Ator e Autor. Conheci Henri Doublier há pouco tempo. Na verdade já tomara contato com algo do seu trabalho, quando o compositor José Antonio de Almeida Prado, retornando da França, nos apresentava o seu *Villegagnon*, que muito nos impressionou. Anos passaram-se antes de poder conhecer Doublier pessoalmente aqui em São Paulo e tomar contato com outras facetas da sua personalidade artística, ao lado de grandes nomes da música francesa. Foi então que, por caprichos do destino, nossos caminhos se encontraram para polarizarmos nossos esforços no intuito de elaborarmos um novo universo artístico para um dos mais importantes textos da dramaturgia do Brasil: *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. O entusiasmo, a dedicação, a sensibilidade são alguns dos melhores predicados que ao lado de uma profunda percepção do texto do escritor brasileiro, possibilitaram a adaptação excelente da temática, dos costumes, do ambiente característico da Bahia para a dramaturgia francesa. Já tendo realizado um primeiro trabalho para o rádio, agora Doublier emoldura o texto para o lirismo da ópera, mostrando, mais uma vez, o teor da sua arte. E a partir daí que a música tem o seu sustentáculo, para o início de uma parceria que, para mim, é um enorme desafio além de uma grande honra. A homenagem que atualmente está se prestando a Henri Doublier é o reconhecimento do valor de um grande homem que dedicou toda a sua vida ao palco e deixou a marca da sua sensibilidade no acervo dos seus textos e da sua contribuição à arte do seu tempo. São Paulo, 29/09/92. Eduardo Escalante.



Depoimento de **Dias Gomes** (autor) em 14/09/1992) em São Paulo

Recebi sua prestimosa carta de 10 do corrente e fiquei feliz em saber que a municipalidade de Chambéry vai prestar uma justa homenagem a Henri, à qual terei o maior prazer em me associar.

Acuso também o recebimento do cassete com as primeiras cenas, já musicadas, do Pagador. Ainda não dá para formar um juízo da ópera como um todo, mas os trechos que escutei são da maior qualidade. Aliás, essa versão operística do Pagador tem sido muito badalada pela imprensa carioca. Vamos ver se transformamos esse sonho do nosso Henri em realidade.

E aí vai o meu testemunho:

“Estou ligado a Henri Doublier, há mais de dez anos, por um sonho comum: a divulgação de minhas obras em língua francesa, especialmente *O pagador de promessas*, projeto que se torna cada vez mais ambicioso com a versão operística dessa mesma peça. Henri é um sonhador nato, como todo homem de teatro. É um guerreiro, nada o abate, nem mesmo a maior das adversidades, na perseguição de seus objetivos. Não poderia deixar de associar-me a essa comemoração de seus 50 anos de teatro deixando aqui o meu testemunho de sua luta. Por tudo que fez, por tudo que faz, por tudo que fará, parabéns, Henri. Dias Gomes”

Levantamento da presença francesa no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1914 a 1990)

Inauguração oficial em 14 de julho de 1909

1909 - 15 de julho a 31 de julho, Teatro Dramático Francês - Companhia
Dramática Francesa do Teatro Réjane

2 de agosto - Conferência de Anatole France

1910- Companhia Dramática Francesa Marthe Régnier

1911- Companhia Dramática Francesa L'Aiglon

Companhia Dramática Francesa Lucien Guitry

1912- Companhia Dramática Francesa Lucien Guitry

1913- Companhia Dramática Francesa Félix Huguenet

Companhia Dramática Francesa Marthe Régnier

1914- Companhia Dramática Francesa André Brûlé

1915- Companhia Dramática Francesa Félix Huguenet- Georgette Lemeunier

1916- Conferência de Madame Marguerite Chenu

Conferência de Lucien Guitry

Conferência de Jean François Fonson

1917- Conferência de André Brûlé

1918- Companhia Dramática Francesa André Brûlé

1919- Companhia Dramática Francesa Henry Burguet

1920- Companhia Dramática Francesa Félix Huguenet (com Vera Sergine)

1921- Companhia Dramática Francesa do Teatro de "Athénée de Paris"

1922- Companhia Dramática Francesa do Teatro de "Vaudeville de Paris"

Companhia Dramática Francesa du Grand Guignol de Paris

1923- Companhia Dramática Francesa Gabrielle Dorzat

Companhia Dramática Francesa Théâtre de la porte de Saint Martin de
Paris

- 1924- Companhia Dramática Francesa Marie Thérèse Piérat
- 1925- Companhia Dramática Francesa Victor Francen
- 1926- Companhia Dramática Francesa Gretiliat - Tessier
- 1927- Companhia Dramática Francesa Vera Sergini
- 1928- Companhia Dramática Francesa Germaine Dermo
- 1929- Companhia Dramática Francesa Maurice de Feraudy
Companhia Dramática Francesa Victor Boucher
- 1930- Companhia Dramática Francesa André Brûlé
Companhia Dramática Francesa de la Comédie Spinelly
Companhia Dramática Francesa Victor Francen
- 1931- Companhia Dramática Francesa Vera Sergine
Companhia Dramática Française de Comédie - Beatriz Bretty
- 1932- Companhia Dramática Française de Comédie Gaby Morlay
Companhia Dramática Française de Comédie - Delia Col
- 1933- Conferência de Madame Lucie Delorme Madrus
Companhia Dramática Francesa de Comédias Germaine Dermo
- 1935- Companhia Dramática Francesa de Comédias - Trovarich
- 1936- Companhia Dramática Francesa de Théâtre du Vieux Colombier
- 1936- Companhia Dramática Francesa de Espetáculos Musicados: *Le vrai mystère de la Passion* e outros.
- 1937- Companhia Dramática Francesa de Espetáculos Musicados: *Le vrai mystère de la Passion* e outros.
- 1938- Companhia Dramática Francesa de Comédie - Théâtre des quatre saisons
- 1939- Companhia Francesa de Comédias
Comédie Française
Grand Gala de Bienfaisance
- 1940- Théâtre du Vieux Colombier
- 1941- Théâtre Louis Jouvet
- 1942- Théâtre Louis Jouvet
- 1944- Companhia Francesa de Comédias
- 1945- Companhia Francesa de Comédias



- 1946- Companhia Francesa de Comédias
Récital poético de Henri Rollan e Julien Bertheau
- 1947- Companhia Francesa de Comédias Marie Belle
Conferência de André Maurois
- 1948- Companhia Francesa de Comédias
- 1950- Companhia Francesa de Comédias Madeleine Renaud - Jean Louis Barrault
- 1951- Récital Maurice Chevalier (cantor)
- 1952- Comédie Française
Companhia Henriette Morineau
- 1954- Companhia Madeleine Renaud - Jean Louis Barrault
- 1955- Théâtre National de Belgique (de língua francesa)
- 1957- Théâtre National Populaire - Jean Vilar
Companhia Marcel Marceau
- 1959- Comédie Française
- 1961- Companhia Madeleine Renaud - Jean Louis Barrault
Companhia Marcel Marceau
- 1962- Maria Casarès e Pierre Brasseur em Cher menteur
Les Comédiens des Champs Elysées
- 1963- Maurice Chevalier (cantor)
- 1965- Companhia Francesa de Comédias Jacques Charon e Robert Hirsch
Companhia Marcel Marceau
- 1967- Comédie Française
- 1970- Companhia Francesa de Comédia Jacques Mauclair
- 1971- Companhia Marcel Marceau
- 1973- Théâtre National Populaire - Roger Planchon
- 1987- Companhia Marcel Marceau
- Até o começo de 1990, não há mais teatro francês.



Théâtre Louis Jouvét no Teatro Municipal do Rio de Janeiro

1941

- *L'école des femmes*
- *Knock*
- *La jalousie du Bartouillé*
- *La folle journée*
- *La Coupe Enchantée*
- *Ondine*
- *Monsieur de Trouhadec*
- *Saisi par la débauche*
- *Electre*
- *Spectacle de Joujoux et Balangandans*
- *La Guerre de Troie n'aura pas lieu*
- *Je vivrai un grand amour et la folie*

1942

- *Tessa ou la nymphe au coeur fidèle*
- *On ne badine pas avec l'amour*
- *L'amour et l'Apollon de Massac*
- *L'annonce faite à Marie*
- *Ondine*
- *Le médecin malgré-lui*
- *La belle au Bois*
- *Léopold, le Bien-Aimé*
- *Judith*
- *Récital poétique*
- *L'école des femmes*

Ballet no Teatro Municipal do Rio de Janeiro (presença francesa)

- 1913- Ballets Russes - Serge Diaghilew, Pierre Montreux com Nijinski e outros
(empresa teatral de Walter Mocchi)
- 1917- Ballets Russes - Serge Diaghilew, Ernest Ansermet et Henri Defosse. Com
Nijinski e Lydia Lopokova (empresa teatral de Walter Mocchi)
- 1934- Ballet de l'Opéra de Paris - Serge Lifar
- 1941- Georges Balanchine (Sociedade Musical Daniel)
Ballet Madeleine Rosay
- 1942- Ballets Russes
- 1947- Ballet Madeleine Rosay
- 1948- Le Grand Ballet du Marquis de Cuevas - Monte Carlo
- 1949- Ballets des Champs Elysées
Corpo de baile do Teatro Municipal com coreografia de Madeleine Rosay
- 1950- Ballet de l'Opéra de Paris - Serge Lifar
- 1952- Le Grand Ballet du Marquis de Cuevas - Monte Carlo
- 1954- Le Grand Ballet du Marquis de Cuevas - Monte Carlo
- 1955- Ballet Madeleine Rosay
- 1956- Yvette Chauviré e o corpo de baile do Teatro Municipal
- 1957- Ballet Nina Verchimina com Jean de Beausacq e o corpo de baile do Teatro
Municipal
Ballet des Etoiles de Paris com Janine Monin e Colette Marchand
- 1959- Ballet Jean Babilée
- 1960- Le Grand Ballet du Marquis de Cuevas - Monte Carlo
- 1962- Ballet des Etoiles de Paris com Claude Bessy e Claire Motte
- 1963- Ballet Madeleine Rosay
- 1964- Ballet du XX^e siècle - Maurice Béjart
Ballet Madeleine Rosay
- 1966- Ballet des Etoiles de Paris com Claude Bessy e Claire Motte
- 1967- Margot Fonteyn e Rudolf Nureyev com o corpo de baile do Teatro
Municipal



1971- Rudolf Nureyev com o corpo de baile do Teatro Municipal

Ballet Théâtre Contemporain - Jean Albert Cartier

1972- Grand Ballet classique de France

1974- Ballet de l'Opéra de Paris

1979- Ballet du XX^e siècle - Maurice Béjart

Ballet des Etoiles de Paris - Janine Charat

1980- Ballet du Silence - Jacques Garnier e Brigitte Lefèvre

1981- Ballet du XX^e siècle - Maurice Béjart

1989- Le Jeune Ballet de France - Maurice Ranchet

Ballet de Lausanne - Maurice Béjart

Prix Molière no Teatro Municipal de 1973 a 1990

1973 - Participação de Charles Aznavour

1974- Participação de Gilbert Bécaud

1981- Participação de Mireille Mathieu

1984- Participação de Sylvie Vartan

1985- Consta o Prix Molière, porém não consta o nome do cantor

1986- Participação de Nicole Croisille

1988- Participação de Claude Luter

1989- Participação de Juliette Gréco e Bibi Ferreira

1990- Participação de Charles Trenet

Alguns grandes momentos da presença francesa de músicos franceses no Teatro Municipal

1962- Oratório *Le Martyre de Saint Sébastien* - regência de Jacques Pernoo

1965- *Festival Mozart com O.S.B* - regência de Jacques Pernoo com a soprano Michèle



Grancher da Ópera de Paris

1969- *Berlioz - La Symphonie Fantastique* - regência de Jacques Pernoo

1972- Orchestre National de la RTF (Radio Télévision Française) regência de Jean Martinon

1985- Jean Luc Ponty (violonista)

1988- Orchestre Nationale de France - regência de Lorin Maazel

1989- *La Grande Ecurie et la chambre du Roi* - regência de Jean Claude Malgoire

Fontes

Chaves Jr, Edgard de Brito - *Memórias e Glórias de um teatro: sessenta anos de história do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Companhia Editora Americana, 1971.

Chaves Jr, Edgard de Brito- *Diário do Municipal: 1971-1990*. Rio de Janeiro. Ed Gryphus. Rio de Janeiro. 1993

Levantamento de discografia e gravações de Henri Doublier

Compact Disc (CD)

Le Roi David - Honegger - Accord, Musidisc, 1985.

Le Roi David - Honegger - ed. Atlas, 1996.

O gravação do disco da *Orquestre National de l'Opéra de Paris*, 1962, com Henri Doublier, como recitante foi regravado em CD nas datas acima.

Discos

Henri Doublier, diretor da Companhia Henri Doublier, gravou discos de peças dramáticas, de poesias e de contos em várias gravadoras (André Charlin, Club National du Disque, Trianon-Pathé Marconi, Pastoral et Musique, Mondiphonie, Guilde Internationale du Disque na França, Intituto Internazionale del Disco em Milano e Linguaphone Institute em Londres).

L'Otage (Paul Claudel) *Grand Prix du Disque de l'Académie Charles Cros*, 1965.

Dialogues des carmélites (Bernanos) *Grand Prix du Disque français*, 1963.

Le malade imaginaire (Molière).

Electre (Sophocle) - Música de J. Pernoo, 1967.

La Dévotion à la Croix (Calderon) - Música de J. Kosma.

Les fleurs du mal (Baudelaire) - 1957.

Les fleurs du mal (Baudelaire) - Música de Jack Dieval, Henri Doublier (recitante), Maria d'Apparecida (canto), Jack Dieval (piano) - 1968.

Le jeu de l'amour et du hasard (Marivaux) participação de Cécile Demay.

La palette orchestrale (E. Vuillermoz), 1968.

Le malade imaginaire (Molière), participação de Cécile Demay.

L'avare (Molière), participação de Cécile Demay.

Poésie de 1850 à nos jours.

Poésie du Moyen-âge et de la Renaissance.

L'épreuve (Marivaux).

La présentation de la Beauce à Notre Dame de Chartres (Péguy).

La mule du pape, les vieux (A. Daudet).

Les 3 messes basses (A. Daudet).

Le sous-préfet aux champs (A. Daudet).

Le curé de Cucugnan (A. Daudet).

La chèvre de M. Seguin (A. Daudet).

L'elixir du révérend Père Gaucher (A. Daudet).

Poèmes mystiques (Paul Claudel).

Poèmes mystiques (Corneille).

Poètes du 16^{ème} siècle.

Récital Doublier - Instituto Internazionale del Disco - Milão- Itália.

Doublier dice Baudelaire- Instituto Internazionale del Disco - Milão- Itália.

Piccola Antologia Francese - Instituto Internazionale del Disco - Milão- Itália.

French verse (5 discos), Linguaphone Institute, Londres.

Un caprice (Musset) participação de Cécile Demay, Disques Pléiade.

Malbrough s'en va t'en guerre (Marcel Achard), participação de Cécile Demay -
Música de Georges Auric, Mondiphonie, 1966.

Le Roi David (Honegger), Guilde Internationale du Disque.

*Hommage à Manoel Bandeira - Festival National de Provins, 1968, com Henri
Doublier Michel Simon, Cécile Demay, Maria d'Apparecida. Musica de Mignone,
Jayme Ovalle e Waldemar Henrique (Radiodiffusion Française).*

Discos nos quais Henri Doublier participou como recitante:

François d'Assise (René Pontet), participação de Cécile Demay - *Pastorale et
Musique.*



Thérèse D'Avila (Jean François Noël e Sophie Brunet), participação de Cécile Demay - *Pastorale et Musique*.

Musique et poésie au Moyen-Age et sous la Renaissance (Realização de Pierre Maillard Verger). Club National du Disque.

Cassetes

Villegagnon ou les Isles Fortunées. (Doublier/Almeida Prado) Chartres-França, 1971.

Thérèse, l'amour de Dieu. (Doublier/Almeida Prado) Teatro Municipal do Rio de Janeiro, 1975.

Saint Louis, Roi de France - Roma-Itália, 1971 (RAI).

Antigone, (Sophocle) no Festival International de Théâtre Sacré d' Annecy, 1964.

Le fou, (Landowski), Teatro Municipal do Rio de Janeiro, 1971.

Dialogues des carmélites. Bernanos. Festival International de Théâtre Sacré d' Annecy, 1961.

Jef à l'âne ou la parole donnée. (Dias Gomes. Tradução de Henri Doublier e Elizabeth Jaquier) - Radio France-Culture, 23/6/1973.

L'évangile Salésien - Saint François de Sales - Cantores da igreja de Saint Eustache - Orquestra e cântico do Révérend Père Martin de l'Oratoire.

O Avarento (Molière), com Procópio Ferreira no Teatro Princesa Isabel, Rio de Janeiro, 1969. Direção Henri Doublier.

Les voyelles (Henri Doublier), XXI Festival des Jeux du Théâtre de Sarlat, 1972.

Les lettres de mon moulin (A. Daudet) Contos copiados dos discos gravados pela Cia. Henri Doublier no Club National du disque.

Gravação da reunião para festejar o término da ópera O Pagador de Promessas (livreto em francês e português) Henri Doublier e a autora do trabalho (autores dos livretos), Dias Gomes, (autor da peça) e Eduardo Escalante, (compositor da ópera) no Rio de Janeiro, janeiro de 1973.

Hommage à Henri Doublier, Chambéry, Théâtre de Charles Dullin, 1992.

Une voix retrouvée, Château d'Annecy, 1994.

Allegro e Vivace (Henri Doublier e Almeida Prado) na residência de Marie Jeanne Calasans, São Paulo, 1996.

Fine amours des troubadours (Roger Cotte e Henri Doublier) MASP, 1989.

Várias Cassetes com conversas telefônicas entre Henri Doublier e: Darius e Madeleine Milhaud, Jacques Pernoo, Michel Simon, Henri de Montherlant, Suzanne Sarroca, Pierre Thau e outros.

Cassetes em fita grande

Henri IV - (Pirandello) no XV Festival de Théâtre de Saint Malo, 1970.

Georges Dandin (Molière) no XX Festival des Jeux du Théâtre de Sarlat, 1971.

Les fleurs du Mal (Baudelaire) no XX Festival des Jeux du Théâtre de Sarlat, 1971.

Le Martyre de Saint Sébastien (Debussy/d'Annunzio) Teatro Colon, Buenos Aires, 1966.

OBS: Todas as outras gravações em fita grande foram doadas por Henri Doublier a Henri Murgier, Diretor do *Centre de Pratique Musicale d'Annecy* (CPMA).



LEVANTAMENTO DAS PARTICIPAÇÕES EM ORATÓRIOS OU DIREÇÕES OU OBRAS
DE HENRI DOUBLIER NA AMÉRICA DO SUL

DATA	AUTORES			
MÊS/ANO	TÍTULO	COMPOSITOR/AUTOR	NÚMERO DE VÊZES EM QUE FOI APRESENTADO	LOCAL
9/1960	Jeanne au bûcher	Honegger/Claudé	2	T.M.Rio de Janeiro
5/1961	Jeanne au bûcher	Honegger/Claudé	5	T.Colon, Buenos Aires
6/1961	Jeanne au bûcher	Honegger/Claudé	2	T.M.Rio de Janeiro
5/1962	Le roi David	Honegger/René Morax	1	T.M.Rio de Janeiro
10/1964	La danse des morts	Honegger/Claudé	1	T.M.Rio de Janeiro
10/1964	Le roi David	Honegger/René Morax	1	T.M.Rio de Janeiro
1/1965	La martyre de St. Sébastien	Debussy/D'Annunzio	2	T.M.Rio de Janeiro
8/1965	Carmen	Bizet Meillac/Halevy(libreto) Mérimée(obra)	4	T.M.Rio de Janeiro
9/1965	Dialogues des carmélites	Poulenc/Bernanos	2	T.M.Rio de Janeiro
4/1966	Le martyre de St. Sébastien	Debussy/D'Annunzio	4	T.Colon, Buenos Aires
8/1967	Jeanne au bûcher	Honegger/Claudé	2	T.M.Rio de Janeiro
8/1967	Manon	Massenet Meillac/Gilles (libreto) Abbé Prévost (obra)	2	T.M.Rio de Janeiro
9/1967	Faust	Gounod Barbier/Carré (libreto) Goethe (obra)	2	T.M.Rio de Janeiro
8/1968	Werther	Massenet Blanc/Milliet (libreto) Goethe (obra)	2	T.M.Rio de Janeiro
8/1968	La damnation de Faust	Berlioz/Guisbourg	3	T.M.Rio de Janeiro
9/1968	Les fleurs du mal (recital)	Baudelaire	8	T.P.I. Rio de Janeiro Teatros em: Manaus, Brasília, Belém, Fortaleza, Recife e S.Paulo
2/1969	O avarento	Molière Procópio Ferreira (ator)	No período de um ano	T.P.I. Rio de Janeiro e teatros de outras capitais do Brasil
9/1969	Les Choéphores	Milhaud/Claudé	1	T.M.Rio de Janeiro
9/1969	Les fleurs du mal (recital)	Baudelaire	2	Teatros do Chile em Valparaíso e Santiago
4/1970	Le fou	Landowski/Landowski	2	T.M.Rio de Janeiro
8/1971	Manon	Massenet Meillac/Gilles (libreto) Abbé Prévost (obra)	2	T.M.Rio de Janeiro
8/1971	Werther	Massenet Blanc/Milliet (libreto) Goethe (obra)	2	T.M.Rio de Janeiro
DATA	AUTORES			
MÊS/ANO	TÍTULO	COMPOSITOR/AUTOR	NÚMERO DE VÊZES EM QUE FOI	LOCAL

APRESENTADO				
4/1972	Faust	Gounod Barbier/Carré (libreto) Goethe (obra)	2	T.M.Rio de Janeiro
4/1972	Saint Louis roi de France	Milhaud/Doublier	2	T.M.Rio de Janeiro
9/1973	Willegagnon ou les Isles Fotunées	Almeida Prado/Doublier	2	T.M.Rio de Janeiro
7/1975	Thérèse l'amour de Dieu	Almeida Prado/Doublier	1	T.M.Rio de Janeiro

APRESENTAÇÕES DE AUTORES BRASILEIROS POR HENRI DOUBLIER NO
EXTERIOR

DATA	AUTORES			
MÊS/ANO	TÍTULO	COMPOSITOR/AUTOR	NÚMERO DE VÊZES EM QUE FOI APRESENTADO	LOCAL
7/1967	Recital Manuel Bandeira	Michel Simon (tradutor)	1	Festival National d Provins, França
6/1973	Jef à l'âne ou la parole donnée (O pagador de promessas)	Doublier/Jaquier (tradutores)	1	Radio Televisão Francesa. Program France Culture
9/1979	Jef à l'âne ou la parole donnée (O pagador de promessas)	Doublier/Jaquier (tradutores) Doublie (adaptador/encenador) Dias Gomes (autor)	(?)	Agadir no Marrocc
4/1995	Jef à l'âne ou la parole donnée (O pagador de promessas)	Doublier/Jaquier (tradutores) Doublie (adaptador) Dias Gomes (autor)	No período de trinta dias	Encenado pelo grup do Théâtre de l'Imaginaire no Centro Cultural Francês de Brazzaville no Cong

Condecorações de Henri Doublier

1963 *Chevalier des Arts et des Lettres*.

1964 *Grand Prix de la Critique - Zoroastre (Opéra Comique)*.

1965 *Grand Prix International du Disque - L'Otage, de Claudel*.

1967 *Grand Prix International du Disque - Dialogues de Carmélites, de Bernanos*.

1967 Prêmio de Arte Musical Lírica e Coreografia - Melhor diretor de Ópera do Rio de Janeiro.

1970 *Officier des Arts et des Lettres*.

Lista de faixas do C.D.
Fontes: C.D., discos LP, fitas cassetes.
Gravação: total 75 minutos.

1. HONEGGER, Arthur. *Le roi David* (CD). Henri Doublier, recitante. Jacqueline Brumaire, Denise Scharley, cantores. *Orchestre Nationale de l'Opéra de Paris*. Serge Baudo, regente. Accord Musidisc, 200822, 1989. Primeira gravação em 1962. Primeira parte (início). 3'27.
2. APOLLINAIRE, Guillaume. *Sous le pont Mirabeau*. Poema (fita cassete). Henri Doublier, recitante. Música de Pierre Maillard Verger. Turnês com J.M.F. (*Jeunesses Musicales de France*). s.n.t.2'05.
3. MARIVAUX, Pierre. *Le jeu de l'amour et du hasard* (long play). Henri Doublier, Cécile Demay, atores e outros. Música de Pierre Maillard Verger. França. *Club National du Disque. Microsillon 33 1/3 tours*. (ca.1960). Ato II, (cena IX). 4'35.
4. HONEGGER, Arthur. *Jeanne au bûcher* (fita cassete). Henri Doublier, Claude Nollier, recitantes. Serge Lifar, coreografia. Yves Bonnat, cenários e figurinos. Jan Doat, encenação. *Orchestre Nationale de l'Opéra de Paris*. Louis Fourestier, regente. Paris s.n.t. (ca.1960). Primeira e Segunda cenas. 4'52.
5. GRÉBAN, Arnoul. *La passion. Musique et poésie au Moyen Age* (long play). Henri Doublier e Vera Korène, recitantes. Paris. *Club National du Disque. Microsillon 33 1/3 tours*. (ca.1950). 2'10.

6. BERNANOS, Georges. *Dialogues des carmélites* (long play). Henri Doublier, Maurice Escande, atores e outros. Paris. Disques André Charlin. 1964. *Grand Prix National de l'Académie du Disque français. Microsillon 33 1/3 tours*. Quinto quadro, (cenas XIII, XIV, XV, XVI). 5'33.

7. BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Recital de poesia (fita cassete). Henri Doublier, recitante. Música de Pierre Maillard Verger. *VI Festival International de Metz*. 1963. s.n.t. *Invitation au voyage, La chevelure*. 5'26.

8. DEBUSSY, Claude e ANNUNZIO, Gabriele d'. *Le martyr de Saint Sébastien* (fita cassete). Ludmila Tcherina, *Saint Sébastien*. Henri Doublier, *empereur*. E outros. Milenko Banovitch, coreografia. Henri Doublier, diretor. Orquestra, coro e corpo de baile do Teatro Colon. Jacques Pernoo, regente. Buenos Aires. 1966. s.n.t. Primeira parte, (2º quadro). 2'20.

9. RECITAL Manuel Bandeira (long play). Henri Doublier, Cécile Demay e Michel Simon, recitantes. Maria d'Apparecida, soprano. Música de Francisco Mignone, Jaime Ovalle e Waldemar Henrique. *Festival National de Provins*, França. Disques André Charlin. 1967. *Microsillon 33 1/3 tours. Rondo des trois femmes du savon Araxá*, 2'.

10. MOLIÈRE. *O avarento* (fita cassete). Procópio Ferreira, Maria Lúcia Dahl, Isolda Cresta, Paulo Padilha, Jorge Chaia e outros atores. Henri Doublier, direção. Cécile Demay, assistente. Pernambuco de Oliveira, cenário. Olavo Saldanha, figurinos. Orlando Miranda e Pedro Veiga, produção. *Teatro Princesa Isabel* do Rio de Janeiro. 1969. s.n.t. Ato IV (parte). 1'.

11. LANDOWSKI, Marcel. *Le fou* (fita cassete). Géori Boué, Henry Peyrottes, Marc Vento, Albert Lance, cantores da Opéra de Paris. Henri Doublier,

diretor. Françoise Deslogères, *Ondes Martenot*. Dennis Gray, coreografia. Georges Wakhevitch, cenários. Jeanne Renucci, figurinos. Orquestra, Coro e corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Jacques Pernoo, regente. 1970.s.n.t. Prólogo. 7'50.

12. ALMEIDA PRADO, José e DOUBLIER, Henri. *Villegagnon ou les Isles Fortunées* (fita cassete). Henri Doublier e Cécile Demay, recitantes. Maria d'Apparecida, soprano. Stéphane Caillat, direção do coro. Almeida Prado, ao piano. Criado no *Festival International de Provins* em 04/07/1971 sob a direção de Roland Douatte e gravada no Festival de Chartres, França, com a *Orchestre de Chambre de l'O.R.T.F.* (Orquestra da Rádio e Televisão Francesa). Jean Jacques Werner, regente. Em 09/10/1971. s.n.t. Primeira parte: *De l'irrésistible appel des Isles Fortunées*. 5'44.

13. DARIUS, Milhaud e DOUBLIER, Henri. *Saint Louis roi de France* (fita cassete). Henri Doublier, o poeta e o historiador. Cécile Demay, recitante. Lou Ann Wyckoff, a França. Doroty Dorow, a rainha Marguerite. Renato Cesari, Saint Louis. Franco Bonisolli, Joinville. Coro da *Camara da Radiotelevisione Italiana*, Orquestra Sinfônica e Coro de Roma da *Radiotelevisione Italiana*. Armando La Rosa Parodi, regente. No *Auditorium del Foro Itálico* em 18/03/1972. s.n.t. Quadro 11. *Celui qui est devenu le lys*. 4'15.

14. GOMES, Dias. *O pagador de promessas* (fita cassete). Peça traduzida para o francês por Elisabeth Jaquier e Henri Doublier *Jef à l'âne ou la parole donnée*, apresentada em versão radiofônica na *Radio France Culture*, Paris. Realização de Georges Peyrou, em emissão de Lucien Attoun, em julho de 1973. Henri Doublier no papel de Padre Olavo.s.n.t. Primeiro ato (2º quadro, parte). 6'05.

15. ALMEIDA PRADO, José e DOUBLIER, Henri. *Thérèse l'amour de Dieu* (fita cassete). Helena Pader. Santa Terezinha. Sérgio Britto, a Palavra. Victoria Kerbaudy, soprano. Lenice Prioli, contralto. Coro e Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Isaac Karabtchevski, regente. Teatro Municipal do Rio de Janeiro em julho de 1975.s.n.t. Avocação: prelúdio, o apelo, a possessão. 5'.

16. *JEUX d'amour des Trouvères et Troubadours* (fita cassete). Espetáculo de poesia e música medieval. Henri Doublier, escolha de textos e direção. Roger Cotte, direção musical. Oswaldo Barreto e Maria Jeanne Calasans, recitantes. Simira Gonçalves e Debora Batista, cantoras. Tiche Puntoni, coordenadora. Conjunto de Instrumentos Antigos do Instituto de Artes da Universidade do Estado de São Paulo (I.A.-Unesp). No Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 26/03/1989.s.n.t. Primeira parte: Organum, fanfares, règles d'amour. 2'20.

17. ALMEIDA PRADO, José e DOUBLIER, Henri. *Chansons d'amour. Je dis je t'aime* (fita cassete). Primeira audição mundial. Victoria Kerbaudy, cantora. Marie Jeanne Calasans, recitante. José Almeida Prado, ao piano. Na residência de Marie Jeanne Calasans, em 07/02/1996 por ocasião do septuagésimo aniversário de Henri Doublier.s.n.t. 4'32.

As faixas foram selecionadas pela autora do trabalho, Marie Jeanne B. Calasans, dentre o farto material fonográfico resultante da obra de Henri Doublier para ilustrar a dissertação de mestrado: As encenações de Henri Doublier no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Todos os direitos reservados. Venda proibida.



Thérèse

Je ne crains qu'une chose,
c'est de garder ma volonté,
prenez-la,
car "Je choisis tout"
ce que vous voulez !

Thérèse,

Je ne crains qu'une chose, c'est de garder ma volonté, prenez-la car "Je choisis tout" ce que vous voulez.

Thérèse, 1873 Doublie, 1973.



Thérèse

Só receio uma coisa, é preservar a minha vontade, tome-a, pois "Escolho tudo" que quiseres.

Thérèse, 1873... Doublie, 1973.

4.1.0312

Formatação do texto

Estilo: Normal

Fonte: Times New Roman

Tamanho da fonte: 12

Tamanho da fonte do rodapé: 9

Alinhamento: Justificado

Entrelinhas: 1,5

Papel A4 210x297mm

Margem esq. 4cm

Margem dir. 3cm

Margem sup. 4cm

Margem inf. 3 cm

Parágrafo 3 cm

